

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

NATANIA NERES DA SILVA

**Injúrias, ressentimentos e glórias: usos políticos de biografias na construção da memória
de Elisa Lynch**

Versão Corrigida

São Paulo
2019

NATANIA NERES DA SILVA

Injúrias, ressentimentos e glórias: usos políticos de biografias na construção da memória de Elisa Lynch

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Stella Maris Scatena Franco

São Paulo
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S586g Silva, Natania Neres da
Injúrias, ressentimentos e glórias: usos políticos de biografias na construção da memória de Elisa Lynch / Natania Neres da Silva; orientadora Stella Maris Scatena Franco. – São Paulo, 2019.
206 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Memória. 2. Gênero. 3. América Latina. 4. Paraguai. 5. Guerra da Tríplice Aliança. I. Franco, Stella Maris Scatena, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Natania Neres da Silva

Data da defesa: 13/06/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Stella Maris Scatena Franco Vilardaga

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 07/02/2020



(Assinatura do (a) orientador (a))

SILVA, Natania Neres da. **Injúrias, ressentimentos e glórias: usos políticos de biografias na construção da memória de Elisa Lynch**. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Em memória de Tatiane

Agradecimentos

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP), pela bolsa concedida, processo nº 2016/01458-9, que viabilizou a realização desta pesquisa.

Este trabalho certamente não seria possível sem o apoio e seriedade da minha orientadora, Stella Maris Scatena Franco, com quem tive a oportunidade de dialogar e aprender muito ao longo desses anos tão intensos.

Agradeço a Marcela Cristina Quinteros e a José Alves Freitas Neto pela leitura atenta, pelas críticas e conselhos em meu exame de qualificação.

Às professoras e aos colegas do LEHA, especialmente Maria Lígia Coelho Prado, por sua dedicação e profissionalismo exemplar, e Gabriela Pellegrino Soares, quem me introduziu à História da América Latina. A Mariana Martins Villaça e a José Carlos Vilardega, do LAPHA.

Não poderia também deixar de agradecer aos meus colegas de orientação e aos integrantes do GRUPEG – Hist, principalmente Júlia Glaciela da Silva Oliveira, uma pessoa muito querida, com quem troquei ideias e angústias. A Romilda Costa Motta e Edméia Aparecida Ribeiro pela confiança e gentileza.

Agradeço também a Emílio Colmán, que sempre viu meu trabalho com entusiasmo, e a Brigitte Colmán, que me acolheu de forma hospitaleira em Assunção.

Agradeço a Jandira Barroco e Daiane Neres, pela paciência e afeto. A Ivania Motta, Lucas Koroku, André e Fernando Marques Fraga, pela amizade sincera e carinhosa. A Livia Barros, meus mais sinceros agradecimentos.

Agradeço também aos meus colegas e alunos da EMEF Ministro Calógeras e da EMEF Prof^ª. Elza Maia Costa Freire, que me proporcionaram um precioso crescimento pessoal e profissional, me instigando a olhar para além dos muros acadêmicos.

E, sobretudo, agradeço à pessoa mais especial e generosa que cruzou meu caminho, Gabriela Xabay. Sua paciência, amor e companheirismo foram fundamentais para que eu conseguisse canalizar minhas energias para as coisas certas. Agradeço profundamente pelas inúmeras leituras, conselhos, críticas e por acreditar em meu potencial. Obrigada por ter sempre permanecido ao meu lado nos momentos mais difíceis que precisei enfrentar ao longo da vida. Por ser minha grande e melhor amiga desde quando estudávamos juntas na ETESP e não tínhamos a menor ideia do que o futuro poderia nos reservar. Obrigada por sempre ter estado presente, me impulsionando a realizar mais do que eu acreditava ser capaz. Você é inestimável e eu espero que possamos seguir caminhando e amadurecendo lado a lado.

Resumo

SILVA, Natania Neres da. **Injúrias, ressentimentos e glórias: usos políticos de biografias na construção da memória de Elisa Lynch**. 2019. 206 f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Esta pesquisa tem por objetivo o estudo das construções de memórias sobre a irlandesa Elisa Alicia Lynch, companheira de Francisco Solano López, presidente do Paraguai entre 1862 a 1870. Por ter se envolvido diretamente na Guerra da Tríplice Aliança (1864–1870), um dos principais alicerces da narrativa nacional paraguaia, Elisa Lynch teve a sua trajetória reconstruída em dezenas de obras biográficas que se relacionam com os distintos revisionismos historiográficos sobre o conflito armado. Além de procurar explorar tais relações, esta pesquisa também procurará refletir sobre os possíveis posicionamentos e interesses políticos que se escondem por trás do enaltecimento ou rechaço de Madame Lynch entre o final da Guerra da Tríplice Aliança e a ditadura chefiada por Alfredo Stroessner.

Palavras-chave: Memória, Gênero, América Latina, Paraguai, Guerra da Tríplice Aliança.

Abstract

SILVA, Natania Neres da. **Defamation, resentment and glories: political uses of biographies in the construction of Elisa's Lynch memory.** 2019. 206 f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

This research aims to analyze the construction of memories of Elisa Lynch, an Irish woman, and the mistress-wife of Francisco Solano López, president of Paraguay from 1862 to 1870. By being involved directly in the War of the Triple Alliance (1864–1870) in South America, one of the main foundations of the Paraguayan national narrative, Elisa Lynch had her life trajectory rewritten in several biographical works that relates to the different historiographical revisionisms about the armed conflict. Besides exploring this aspect, this research will examine the positions and political interests that hide behind the exaltation or rejection of Madame Lynch between the end of the War of the Triple Alliance and the dictatorship led by Alfredo Stroessner.

Keywords: Memory, Gender, Latin America, Paraguay, War of the Triple Alliance.

Resumen

SILVA, Natania Neres da. **Injurias, resentimientos y glorias: usos políticos de biografías en la construcción de la memoria de Elisa Lynch.** 2019. 206 f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Este estudio tiene como objetivo el estudio de las construcciones de memorias sobre la irlandesa Elisa Alicia Lynch, compañera de Francisco Solano López, presidente de Paraguay entre 1862 a 1870. Por haber participado directamente en la Guerra de la Triple Alianza (1864-1870), uno de los principales cimientos de la narrativa nacional paraguaya, Elisa Lynch tuvo su trayectoria reconstruida en decenas de obras biográficas que se relacionan con los distintos revisionismos historiográficos sobre el conflicto armado. Además de buscar explorar tales relaciones, esta investigación también procurará reflexionar sobre los posibles posicionamientos e intereses políticos que se esconden detrás del enaltecimiento o rechazo de Madame Lynch entre el final de la Guerra de la Triple Alianza y la dictadura de Alfredo Stroessner.

Palabras clave: Memoria, Género, América Latina, Paraguay, Guerra de la Triple Alianza.

Lista de Figuras

Imagem 1 – Litografia publicada no Semana Illustrada	39
Imagem 2 – Túmulo de Elisa Lynch no cemitério La Recoleta em Assunção	154
Imagem 3 – Estátua de Elisa Lynch no cemitério La Recoleta em Assunção.....	155
Imagem 4 – Lápide de Elisa Lynch no cemitério La Recoleta em Assunção	155

Sumário

Introdução	13
Capítulo 1 – A polêmica Elisa Lynch	28
1.1 A personagem histórica Elisa Lynch	30
1.1.1 Elisa Lynch e o <i>ethos</i> burguês no Paraguai	31
1.1.2 Elisa Lynch e a guerra nas páginas dos jornais dos países aliados	37
1.2. Memórias de um portenho vaidoso: as imagens de Héctor Florencio Varela sobre a Madame Lynch e o governo paraguaio	43
1.2.1 Buenos Aires como civilização, Assunção como barbárie	49
1.2.2 A imperatriz do Paraguai	53
1.3 O retorno de Elisa Lynch e os reclames jurídicos de <i>Exposición y Protesta</i>	59
Capítulo 2 – Elisa Lynch e o revisionismo paraguaio: tensões familiares e ressentimentos	78
2.1 Em defesa de um “fantasma ensanguentado”	78
2.2 <i>Elisa Lynch de Quatrefages</i> : imagens sobre uma “mulher histórica e prostituída”	90
2.3 O pleito das “três mil léguas de terras paraguaias”: uma refutação radical de <i>Exposición y Protesta</i>	106
Capítulo 3 – A instrumentalização da memória de Elisa Lynch durante o <i>stronismo</i>	118
3.1 A “restauração histórica” das mulheres na Guerra da Tríplice Aliança	127
3.2 Elisa Lynch como heroína nacional paraguaia	129
3.2.1 Memórias e contradições de um camponês francês	130
3.2.2 “ <i>Tu pátria será la mia</i> ”: submissão e domesticidade em <i>Madama Lynch</i>	133
3.2.3 <i>A repatriação</i> das cinzas.....	151
3.3 Elisa Lynch como ícone no movimento sufragista.....	157
3.3.1 A reivindicação de direitos das mulheres e a “coloradização” do sufragismo ..	158
3.3.2 A constituição de Elisa Lynch enquanto “um ser pensante”	165
Conclusão	185
Epílogo	191
Fontes	196
Bibliografia geral da pesquisa	198
Anexo A	205

Introdução

O Paraguai, assim como outros países, possui uma exitosa narrativa da nação. Exitosa não por ser um enredo repleto de glórias e vitórias; pelo contrário, o interessante da narrativa paraguaia é que ela logrou produzir uma cosmogonia repleta de heróis e histórias fantásticas mesmo em um cenário desfavorável, com a perda de uma guerra e a dizimação de parte de sua população. A Guerra da Tríplice Aliança (1864–1870) — que os brasileiros conhecem como Guerra do Paraguai — é o episódio principal dessa trama. Todos os demais acontecimentos da história do país foram interpretados à luz dessa tragédia e a todo o momento os paraguaios se referem a ela. Os personagens do combate estão espalhados na capital do país: seus nomes batizam importantes avenidas e ruas, e seus rostos estão cunhados nas moedas. Museus, monumentos e outros lugares de memória relativos ao conflito estão espalhados pela cidade. A guerra está presente no cotidiano dos paraguaios, é mobilizada em protestos estudantis, reencenada em peças teatrais e lembrada em feriados nacionais.

A Guerra da Tríplice Aliança, que envolveu Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, foi o maior conflito armado irrompido na região do Cone Sul, tanto por conta do expressivo número de perdas humanas, quanto por sua longa duração. Segundo o historiador José Murilo de Carvalho, as histórias militar, política e diplomática desse embate são relativamente conhecidas; porém, o esforço para conhecer a história social do conflito e suas consequências ainda é pequeno.¹ Isso é particularmente notável em relação à participação das mulheres na guerra, apesar de existirem registros históricos importantes sobre sua presença entre os aliados e, principalmente, entre os paraguaios.² Se há poucos trabalhos que discutem a atuação das mulheres de forma crítica, as pesquisas que procuram analisar de que forma a memória coletiva incorporou seu envolvimento são ainda mais raros.

Em seu estudo denominado *Nação e imaginação na Guerra do Pacífico*, Laura Janina Hosiasson se propôs a estudar a forma como a Guerra do Pacífico (1879–1883) — que envolveu Chile, Bolívia e Peru —, foi discutida por meio de narrativas variadas que reinterpretaram inúmeras vezes o confronto internacional no processo de construção das identidades nacionais dos países envolvidos.³ De forma semelhante e indo ao encontro das

¹ CARVALHO, José Murilo de. Um voluntário na Guerra do Paraguai. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 08 de julho de 2001, Caderno Mais. <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0807200108.htm>>. Acesso em: 25/02/2016.

² DOURADO, Maria Teresa Garritano. *Mulheres comuns, senhoras respeitáveis. A presença feminina na Guerra do Paraguai*. 2002. 131 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados.

³ HOSIASSON, Laura Janina. *Nação e imaginação na Guerra do Pacífico*. São Paulo: EDUSP, 2011.

lacunas historiográficas mencionadas acima, esta pesquisa se propõe a estudar Elisa Alicia Lynch, personagem influente e intrigante na Guerra da Tríplice Aliança, companheira do Marechal Solano López e cuja trajetória foi escrita e reinventada por biógrafos desde o final do embate. Cabe ressaltar que o objetivo desse trabalho não é escrever uma nova biografia sobre Madame Lynch, e sim estudar a construção de memórias sobre essa mulher ao longo de diversos momentos da história do Paraguai, através de alguns materiais biográficos específicos que tiveram uma ampla circulação no Paraguai ou influência significativa nos debates a seu respeito.

No entender de Francisco Doratioto, um dos principais historiadores brasileiros que se dedicou ao tema da Guerra da Tríplice Aliança, a geração daqueles que viveram o confronto, aliados e paraguaios liberais, não analisava positivamente os atos de Solano López, tanto no desencadeamento do conflito, com a invasão do Mato Grosso, como em sua estratégia militar. Segundo este autor, foi a partir desta geração que surgiu a historiografia tradicional sobre o confronto, que simplificava as causas da guerra ao atribuir toda a responsabilidade possível à suposta incompetência militar e megalomania de Solano López.⁴ Nesse contexto, o ódio ao Marechal López se estendia também a Elisa Lynch, que deixou o país após a morte de Solano e de seu filho Panchito.⁵

A primeira biografia sobre Elisa Lynch, escrita imediatamente após o conflito, traz exatamente essa leitura. Aproveitando-se do apelo comercial com o término da guerra, o jornalista portenho Héctor Florencio Varela escreveu *Elisa Lynch por Orion* (1870), uma biografia que produziu imagens negativas sobre a personagem que circularam por todo o rio da Prata. Diante do confisco das propriedades que reivindicava e das imagens críticas que se propagavam a seu respeito, Elisa Lynch escreveu em seu texto autobiográfico *Exposición y Protesta* (1875) uma resposta às acusações que lhe eram imputadas. Nele, a irlandesa defendeu vigorosamente sua atuação e a de seu companheiro Solano López no Paraguai.

Após esses primeiros impulsos biográficos, a trajetória de Elisa Lynch foi reconstruída em dezenas de obras de cunho variado, que vão desde biografias, até romances históricos e filmes. Os remanejamentos da memória da personagem, que em sua maioria procuram também atingir um “efeito de verdade”,⁶ parecem constituir-se, grosso modo, em cima de uma dualidade curiosa: enquanto em alguns textos ela é compreendida como uma mártir, a grande companheira

⁴ DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002a, p. 17-21.

⁵ PLÁ, Josefina. *La infortunada (Elisa Alicia Lynch)*. Asunción: Criterio Ediciones, 2007, p. 20.

⁶ GOMES, Angela de Castro (Org.). “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

de Solano López, que adotou o Paraguai como uma segunda pátria, em outras abordagens é apresentada como uma cortesã ambiciosa, sedenta por sangue e com influência decisiva sobre os atos políticos do Marechal. Essas imagens duais se constituem em cima de representações de gênero, que ajudam os biógrafos a emitir pareceres a respeito da relação afetiva que a irlandesa nutria com o paraguaio, cujas nuances pretensamente se estendiam para a esfera pública. Como demonstrarei ao longo dos capítulos, essas leituras sobre Elisa Lynch e seu relacionamento com Solano López possuem uma correlação com a historiografia sobre a Guerra da Tríplice Aliança e com os interesses de agentes históricos variados, que instrumentalizaram a trajetória da irlandesa para tentar atingir determinados objetivos políticos.

Nas primeiras décadas do século XX, surgiu um revisionismo historiográfico na bacia do rio da Prata que questionava as narrativas historiográficas liberais e que representou um esforço de parte da intelectualidade platina na busca de uma identidade nacional/continental.⁷ Na Argentina, por exemplo, o movimento de revisão parece ter surgido na década de 1910, estando bastante atrelado a iniciativas ofensivas para dismantelar as bases do liberalismo, operando uma inversão de significados na interpretação histórica então dominante. O revisionismo fundamentou suas bases em correntes de memórias sobre o passado das províncias argentinas e o governo de Rosas, valorizando os caudilhos, denunciando o cosmopolitismo portenho e valorizando a defesa da soberania nacional. Se na década de 1930, a época do governo de Juan Manuel de Rosas foi amplamente reivindicada como uma “idade de ouro” a ser recuperada no país, as referências ao passado argentino se aprofundaram e ofereceram provimentos importantes ao *peronismo* posteriormente.⁸

No caso do Paraguai, os questionamentos à narrativa liberal aconteceram já na primeira década de século XX. De forma ainda dissidente, alguns setores tentaram criar uma “nova consciência histórica”, baseada na valorização da Primeira República Paraguaia (1811–1870) e na glorificação do heroísmo paraguaio na Guerra da Tríplice Aliança. Enquanto a guerra era interpretada como uma desastrosa consequência dos anseios anexionistas do Brasil e da Argentina sobre o Paraguai,⁹ a derrota do país foi também entendida como o fim de uma “época de ouro” e o início da época liberal, “caracterizada pela rendição, a humilhação e a traição”.¹⁰

⁷ MOREIRA, Luiz Felipe Viel. “Os intelectuais brasileiros e o revisionismo histórico platino”. In: MOREIRA, Luiz Felipe Viel (Org.). *Instituições, fronteiras e política na história sul-americana*. Curitiba: Juruá, 2007.

⁸ QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. *Los males de la memoria. Historia y política en la Argentina*. Buenos Aires: Emecé, 1995.

⁹ DORATIOTO, Francisco. El nacionalismo lopizta paraguayo. *América sin nombre*, n. 4, p. 18-22, 2002b.

¹⁰ LAMBERT, Peter. “El discurso nacionalista en el Paraguay: Desde lo disidente a lo hegemónico”. In: CASAL, Juan Manuel; WHIGAM, Thomas L. (Orgs.). *Paraguay: Investigaciones de historia social y política. III Jornadas*

Houve uma inversão clara nos significados atribuídos ao passado pelos novos escritores paraguaios, guardando semelhança com os revisionistas argentinos. Isso não significa, no entanto, que o discurso histórico nacionalista tenha tido desde o início a preocupação em reabilitar a memória do Marechal López e de Elisa Lynch. Embora tenha ocorrido uma convergência *lopista* já nos anos 1920, o ex-presidente não seria aclamado como herói nacional antes de 1936, quando houve um contexto político mais favorável para isso, após décadas de comprometimento de escritores engajados.¹¹ Embora seja possível argumentar que os antigos argumentos contrários a Elisa Lynch foram relativizados por setores revisionistas nos anos 1920, a ela não eram dedicados os mesmos esforços que a reabilitação do Marechal recebeu. Nesse contexto, foi escrita a terceira obra analisada neste trabalho, *Elisa Lynch de Quatrefages* (1939). De autoria do paraguaio Héctor Decoud, cuja família vivenciou a Guerra da Tríplice Aliança de forma trágica, a biografia é, provavelmente, o material mais maledicente publicado a respeito da irlandesa até a atualidade.

Diferente de Solano López, Elisa Lynch foi apenas reabilitada durante o governo do General Alfredo Stroessner (1954–1989). O ditador se apoiou enormemente na recuperação da personagem e se apresentou como herdeiro político de López, o grande símbolo do nacionalismo sob o qual o regime ditatorial se assentou.¹² Esse nacionalismo *lopista* se impôs com farto apoio de instituições estatais, através da perseguição do pensamento crítico nas universidades, pela censura à imprensa e por meio de grande propaganda ideológica.¹³ Em relação a Elisa Lynch, foram publicadas duas biografias durante a ditadura *stronista* e que também fazem parte do corpo documental selecionado para esta pesquisa: *Madama Lynch* (1958) de Henri Pitaud e *Madame Lynch: Evocación* (1957) de María Concepción Leyes de Cháves, apesar de terem diferenças importantes que serão discutidas, trazem leituras nacionalistas que exaltam a irlandesa.

A partir do final dos anos 1980, especialmente após a queda de Stroessner, houve uma renovação historiográfica a respeito da Guerra da Tríplice Aliança, que além de manifestar um vigoroso esforço para superar as leituras nacionalistas sobre o confronto, ainda abriu espaço para o estudo de temas considerados controversos. É possível afirmar que a chamada *nova*

Internacionales de Historia del Paraguay en la Universidad de Montevideo. Asunción: Tiempo de Historia/Universidad de Montevideo, 2013, p. 348.

¹¹ CAPDEVILA, Luc. “Los populistas del recuerdo o el revisionismo paraguayo”; “La apoteosis de Francisco Solano López, la convergencia *lopista* de outra post guerra”. *Una Guerra total: Paraguay, 1864–1870. Ensayo de historia del tiempo presente*. Buenos Aires: Editorial Sb, 2010.

¹² LAMBERT, Peter, op. cit., 2013.

¹³ DORATIOTO, Francisco, op. cit., 2002b.

historiografia sobre a Guerra da Tríplice Aliança incitou novos métodos de investigação, atribuindo diferentes significados políticos ao confronto sul-americano, e ainda estimulou a pesquisa sobre a presença de certos grupos sociais nos campos de batalha que não haviam sido estudados até então, como escravos, comerciantes e as mulheres. Observando este movimento historiográfico, a historiadora Liliana Brezzo reconheceu um impulso à superação das interpretações nacionalistas e o crescimento de pesquisas que trabalham com as conexões possíveis entre guerra e cultura.¹⁴

A Guerra da Tríplice Aliança tornou-se o “centro nervoso”¹⁵ de toda história nacional paraguaia; constantemente estudada, seus personagens mais importantes também despertaram e ainda despertam muita atenção e interesse, como é o caso da irlandesa Elisa Lynch. Ao longo desta pesquisa foi possível localizar cerca de trinta livros, entre biografias e livros com pretensões ficcionais, que discorrem largamente sobre a sua trajetória;¹⁶ a quantidade de publicações é mais um indício da centralidade da temática no país e do protagonismo que a irlandesa recebeu em narrativas que dialogam com a história paraguaia. Nas obras analisadas, a memória da personagem é reivindicada de diferentes maneiras, que possuem uma relação importante com posicionamento político e ideológico de cada autor e com sua visão particular sobre as causas e desdobramentos da Guerra da Tríplice Aliança.

Construídas em um campo em disputa, essas obras definitivamente não são dotadas de imparcialidade, por mais que os textos biográficos possam dispor de um grande respaldo documental. É razoável afirmar que Elisa Lynch tornou-se uma personagem muito significativa dentro do Paraguai, o que nos indica a sua permanência na memória coletiva paraguaia, como também o grande manejo político e ideológico de sua memória. Por causa disso, nenhuma escrita biográfica produzida em torno da personagem deve ser lida acriticamente, pois sua trajetória é evocada e ressignificada para atender a determinados objetivos políticos.

Apesar da importância de Elisa Lynch no Paraguai e da renovação historiográfica produzida no final dos anos 1980, poucos historiadores acadêmicos se interessaram em discutir criticamente a participação da personagem na Guerra da Tríplice Aliança, os usos políticos de sua memória e a própria pretensão de objetividade dos escritos que fazem referência a ela. Segundo Maria Gabriella Dionisi, professora de Literatura Hispano-americana na Universidade de Tuscia, na Itália, apenas os biógrafos e os romancistas se debruçaram no estudo da

¹⁴ BREZZO, Liliana. “La historiografía paraguaya: del aislamiento a la superación de la mediterraneidad”. *Diálogos*, v. 7, 2003.

¹⁵ *Ibidem*, p. 160.

¹⁶ A lista com as referências de todos os livros localizados está no Anexo A.

personagem.¹⁷ Os poucos trabalhos que utilizam biografias da personagem como fontes primárias, não exploraram a relação entre estes materiais, seus autores e os diferentes contextos políticos nos quais foram produzidos. Não foi possível identificar também nenhum trabalho que tenha feito discussões sobre gênero a partir desses materiais. Nem, tampouco, nenhum estudo que se preocupe em analisar as biografias de Lynch de forma conjunta, procurando compreendê-las como construções que se originaram a partir de um embate de memórias sobre a personagem, ou ainda sobre a própria Guerra da Tríplice Aliança.

Além disso, na historiografia brasileira, há um significativo desconhecimento sobre a relevância que Elisa Lynch teve e, de certa forma, ainda tem no Paraguai. Alguns trabalhos sobre a Guerra da Tríplice Aliança mencionam vagamente a personagem e, quando muito, fazem alguma descrição de Lynch a partir do uso acrítico das fontes. No estudo de Francisco Doratioto, por exemplo, o historiador a apresenta como uma cortesã de luxo irlandesa, que havia se separado de um oficial francês e que passou a viver “no *demi-monde* de Paris, povoado por mulheres indiferentes à moral da época, refinadas e capazes de agradar os homens também com conversas inteligentes”.¹⁸ Essa inferência foi feita a partir do relato de viagem denominado *Retrato de un dictador: Francisco Solano López (1865–1870)*, de Robert Bontine Graham, um jovem inglês que chegou ao Paraguai em 1871, ou seja, pouco após o final da guerra e a saída de Elisa Lynch do país. Nessas condições, não é sem razão que o viajante tivesse semelhante opinião sobre essa personagem.

Em um estudo mais recente, Nanci Leonzo concluiu que a figura de Elisa Lynch jamais foi reabilitada na memória latino-americana, embora os revisionismos paraguaios e brasileiros tenham poupado a irlandesa de algumas críticas.¹⁹ De fato, houve resistência à inserção de Lynch ao cânone paraguaio, mas afirmar que ela simplesmente foi “poupada” de críticas implica em minimizar significativamente todo o esforço de reabilitação promovido por importantes escritores paraguaios e, mesmo, pelo *stronismo*.

A historiadora Maria Teresa Dourado, por outro lado, fez uma curta, porém interessante discussão, na qual afirmou que Elisa Lynch se tornou uma “mulher de muitas faces”. Reconhecendo a dificuldade para entender “como foi, realmente, a verdadeira Elisa Lynch”, a

¹⁷ DIONISI, Maria Gabriella. “Novelando se escribe la historia: De lo dramático a lo espectacular”. In: CASAL, Juan Manuel; WHIGAM, Thomas L. (Orgs.). *Paraguay en la historia, la literatura y la memoria. II Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay en la Universidad de Montevideo*. Asunción: Tiempo de Historia/Universidad de Montevideo, 2011.

¹⁸ DORATIOTO, Francisco, op. cit., 2002a, p. 29.

¹⁹ LEONZO, Nanci. “A cortesã Lynch e o tirano do Paraguai”. In: BORGES, Fernando Tadeu de Miranda; PERARO, Maria Adenir (Orgs.). *Brasil e Paraguai – Uma releitura da guerra*. Cuiabá: Edufimt; Entrelinhas, 2012.

autora utilizou diferentes textos biográficos para mostrar as transformações na memória sobre a irlandesa e o fascínio dos autores em relação à personagem. Diferente de Leonzo, Dourado reconheceu a apropriação nacionalista de Lynch durante o governo de Stroessner, como parte da estratégia do ditador para conseguir apoio político.²⁰ Apesar do esforço, Maria Teresa Dourado apenas indicou essas transformações em sua memória, sem fazer relações entre as biografias estudadas e os respectivos contextos de publicação.

Apesar do sintomático embate de memórias e ressignificações da trajetória de Elisa Lynch ao longo da história paraguaia, essa temática ainda não foi plenamente explorada por historiadores. Sendo assim, este trabalho procura estudar a construção de memória sobre Elisa Lynch em diferentes momentos da história do Paraguai, desde o final da Guerra da Tríplice Aliança até a ditadura Stroessner, através da seleção de textos biográficos específicos. A opção por este recorte histórico tem o objetivo de compreender as biografias em diálogo com a historiografia da Guerra da Tríplice Aliança, durante o predomínio da interpretação liberal, o crescimento do revisionismo e a sua ascensão enquanto história oficial.

Analisar criticamente os escritos sobre Lynch permite que observemos os usos políticos de sua memória, além de vasculhar as relações entre a personagem e o nacionalismo (*lopista*) paraguaio. A pesquisa, portanto, tem um diálogo direto com a questão da memória sobre a Guerra da Tríplice Aliança e de que forma as narrativas sobre o conflito se espraiaram pela política paraguaia e pela a historiografia do país. Conforme anunciado acima, como as fontes também fazem leituras específicas a respeito dos papéis de gênero supostamente desempenhados pela irlandesa e o presidente paraguaio, este viés de análise também será privilegiado ao longo da Dissertação, já que este aspecto recebe bastante destaque nas narrativas analisadas.

* * *

As relações entre História e biografias foram conturbadas durante um longo período de tempo, em razão do caráter híbrido do gênero biográfico e de sua vocação supostamente pouco científica, muitas vezes aberta excessivamente à subjetividade.²¹ Os esforços para renovação da historiografia francesa da década de 1970, resultantes da crise dos grandes modelos explicativos e da necessidade de superar a história quantitativa, e que deram origem à Nova

²⁰ DOURADO, Maria Teresa Garritano, op. cit., 2002.

²¹ DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

História, ainda não contemplavam as biografias.²² Somente na década seguinte, em 1980, com o desenvolvimento da *Nova História Política*, ocorreu o chamado “retorno da biografia”; isto é, a inserção tardia desse gênero na academia.²³ A abertura das universidades às biografias implicou que os intelectuais reconhecessem os limites e possibilidades desse gênero, para que pudessem escrevê-las ou analisá-las como fontes primárias.

As biografias e autobiografias enquanto gêneros de escrita surgiram há pouco mais de três séculos e estiveram indissociavelmente ligadas à consolidação do capitalismo e do mundo burguês. Para Leonor Arfuch, em *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*, as escritas de si nascem justamente na tensão entre o mundo privado — esse conceito histórico moderno²⁴ — e o espaço público, sendo fundamentais para a criação de um lugar de autorreflexão e subjetividade.²⁵ Arfuch ainda aponta a existência de um “espaço biográfico”, que refletiria uma disposição cada vez maior das pessoas em consumirem biografias e produzirem reflexões sobre si mesmas.²⁶

Para Angela de Castro Gomes, as sociedades modernas produzem relatos de memórias subjetivos e fragmentados. Embora as “escritas de si” — tais como biografias, autobiografias, diários e cartas — anunciem a busca por um “efeito de verdade” que se afirmaria pela intenção de revelar aspectos íntimos do indivíduo, este não se esgota em uma noção de “verdade factual”. As “escritas de si” estão plenamente vinculadas à subjetividade daquele que escreve, por isso há uma pluralidade de memórias e sentidos atribuídos à vida. Assim, ao analisar esse tipo de fontes:

está descartada *a priori* qualquer possibilidade de se saber “o que realmente aconteceu” (a verdade dos fatos), pois não é essa a perspectiva do registro feito. O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de “dizer o que houve”, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento.²⁷

As escritas de si se constituem através de uma voz referencial, a promessa de um relato fidedigno e a percepção do outro como destinatário. Leonor Arfuch entende que importa menos

²² BORGES, Vavy Pacheco. “Grandezas e misérias da biografia”. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.

²³ LEVILLAIN, Philippe. “Os protagonistas: da biografia”. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

²⁴ Utilizando o estudo de Philippe Ariès e Georges Duby, *História da vida privada*, ela argumenta que a ideia de privacidade foi forjada no final do século XVII.

²⁵ ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2010, p. 36.

²⁶ *Ibidem*, p. 60.

²⁷ GOMES, Angela de Castro (Org.), *op. cit.*, 2004, p. 15.

o conteúdo do relato em si, e mais as estratégias de representação, que criam laços de identificação, catarses entre autores e públicos.²⁸

Um dos pressupostos do trabalho com biografias é compreender que esses textos não atingem a totalidade da vida do biografado, por mais que a pesquisa seja muito bem documentada. Nesse sentido, o sociólogo francês Pierre Bourdieu, em *A ilusão biográfica*, mostrou que as biografias são concebidas a partir da preocupação em dar um sentido retrospectivo e prospectivo, além de esgotar incoerências entre diversos acontecimentos considerados importantes na vida de um indivíduo, de forma a costurá-los, dando-lhes uma determinada harmonia. Por isso, não é possível escrever a vida de uma pessoa, mas criar, artificialmente, uma determinada personalidade, que se mostra através de manifestações sucessivas, que possuem uma determinada relação inteligível entre si.²⁹

Outra importante referência na temática das biografias é o historiador francês François Dosse. Segundo seu importante estudo, denominado *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*, os biógrafos preenchem lacunas documentais sobre os biografados e fazem escolhas dentro das inúmeras possibilidades de narrativas sobre um determinado personagem. Não existe possibilidade de atingir uma verdade profunda ou recuperar a totalidade de uma vida. Dessa forma, Dosse argumenta que todas as escritas de si são, em certa medida, romanceadas. Na verdade, as biografias têm o potencial de revelar questões mais importantes a respeito do escritor e do contexto no qual ele se insere, do que a respeito do biografado em si.³⁰

Como a pesquisa se debruçará no tema da construção de memórias sobre Elisa Lynch e também sobre a Guerra da Tríplice Aliança, os trabalhos de Paul Ricœur sobre a temática serão referenciais centrais. Em *A história, a memória e o esquecimento*, Ricœur procura entender o fenômeno da memória, sua natureza e especificidades. Para o filósofo francês, a memória pressupõe uma ação, um exercício — e, portanto, um uso — por parte de quem a evoca: “lembrar-se é não somente acolher, receber uma imagem do passado, como também buscá-la, ‘fazer’ alguma coisa”.³¹ A rememoração, o ato de lembrar, depende do que lhe é contemporâneo. Dessa forma, as interpretações sobre os acontecimentos passados são, em grande medida, transformadas por questões do presente.

²⁸ ARFUCH, Leonor, op. cit., p. 73.

²⁹ BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

³⁰ DOSSE, François, op. cit., 2009.

³¹ RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007, p. 71.

Para Paul Ricœur, as manipulações e abusos deliberados de memória coletiva pelos detentores de poder merecem uma categoria a parte, a da *memória instrumentalizada*. Ricœur aponta as relações entre memória e identidade coletivas como o cerne do problema:

As manipulações da memória devem-se à intervenção de um fator inquietante e multiforme que se intercala entre a reivindicação de identidade e as expressões públicas de memória. Trata-se do fenômeno da ideologia.³²

Para Ricœur as ideologias buscam justamente reafirmar e legitimar a autoridade da ordem ou do poder, entendido como a relação hierárquica entre governados e governantes.

Joël Candau, outra referência central à pesquisa, também defende que identidade e memória estão intimamente conectadas.³³ A primeira é entendida como uma construção social estabelecida através de uma relação dialógica com o *outro*. A segunda é compreendida como uma contínua reconstrução (atualização) do passado, mais do que uma reconstituição exata do mesmo. A memória participa da construção do sujeito, que também é capaz de negociar com seu passado, e fazer escolhas memoriais que produzirão novas representações sobre si. Candau afirma, dessa forma, que uma demanda identitária pode reativar e impulsionar a busca por memória.

Para o antropólogo, a grande questão presente nos estudos sobre memória é determinar como uma memória individual passa para formas coletivas. Não é possível afirmar que essa passagem de fato ocorra, se existe a formação de uma memória coletiva e se a memória individual se apresenta em algum momento livre de toda a influência social.

Para Paul Ricœur, esse *dilema paralisante* trata-se de uma falsa questão, que nasce de uma problemática da subjetividade na filosofia e da emergência do conceito de consciência coletiva na sociologia. Ricœur acredita que filósofos que estudaram o fenômeno da consciência como Descartes, Locke e Husserl pecam pela ênfase excessiva no indivíduo, não conseguindo extrapolar nenhuma teoria para o campo social. Por sua vez, a sociologia durkheimiana, da qual Maurice Halbwachs fez parte, apresenta a consciência coletiva como um “holístico ontológico”, que não é passível de ser questionado. Ao dar ênfase ao coletivo, Ricœur acredita que a abordagem de Halbwachs tira, em certa medida, a agência dos atores sociais, já que a ideia de espontaneidade da lembrança de um sujeito individual é percebida como mera ilusão.

Para Candau, a faculdade da memória (enquanto ação involuntária e biológica) é individual, portanto quanto falamos de memória coletiva estamos necessariamente falando de

³² Ibidem, p. 95

³³ CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2016.

representação, “quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo”.³⁴

Da mesma forma que a memória coletiva é uma representação, a identidade cultural ou coletiva também é. Benedict Anderson, em *Comunidades Imaginadas*, argumenta que os indivíduos se imaginam como membros de um grupo, produzindo diversas representações sobre sua origem, história e natureza.

No entanto, até que ponto os membros de uma sociedade compartilham exatamente das mesmas lembranças e representações sobre o passado, e, mais do que isso, de uma mesma identidade?

Candau acredita que tanto memória coletiva, quanto identidade cultural devem ser entendidas como retóricas holísticas, em outras palavras, discursos generalizadores. São também retóricas holísticas: classe operária, opinião pública, corpo social, etc. Mesmo que suponhamos que as representações sobre a memória sejam ostensivamente comunicadas e transmitidas, não devemos supor que as memórias são compartilhadas, pois nenhuma pessoa terá a mesma interpretação de um mesmo acontecimento. O discurso metamemorial não pode ser confundido com a existência de uma memória coletiva em si: quando alguém afirma recordar como os outros recordam, a única coisa atestada é a representação de uma memória que se diz coletiva. Nem mesmo a existência de atos públicos, como comemorações, construções de museus, mitos e narrativas são suficientes para atestar a existência de uma memória coletiva. A noção de uma memória compartilhada, na melhor das hipóteses, dará conta de explicar certos aspectos da realidade social e cultural, na pior delas, será um discurso vazio, sem nenhum fundamento empírico. Para Candau:

Essas generalizações parecem, no entanto, inevitáveis se não se quer impedir a possibilidade de qualquer teoria antropológica. É preciso admitir que essas retóricas possuem um estatuto científico extremamente frágil e, ao mesmo tempo, postular que são heurísticamente necessárias porque podem nos dizer “alguma coisa” da realidade”.³⁵

Cabe ao historiador questionar a pertinência dessas *retóricas holísticas* para cada grupo social estudado. No caso paraguaio, argumento que a Guerra da Tríplice Aliança é sim uma memória organizadora dentro do Paraguai, tornando-se um elemento importante para a identidade daquela sociedade.

Em relação às questões de gênero — que também constituem um importante eixo desta pesquisa — as contribuições trazidas pela chamada “História das mulheres” e as reflexões dos

³⁴ Ibidem, p. 24.

³⁵ Ibidem, p. 28-29.

estudos de gênero serão particularmente úteis. Os debates em torno de uma História que passasse a incluir as mulheres e outros grupos excluídos são relativamente recentes, datam da década de 1960, impulsionados pelo movimento francês da Nova História. Em *Minha história das mulheres*, Michelle Perrot faz um exercício autobiográfico para narrar o surgimento desta corrente historiográfica na França. Como fatores decisivos para este desabrochar, ela aponta: a aproximação do campo histórico com a antropologia, a presença cada vez maior de mulheres nas universidades francesas, a efervescência intelectual gerada pelo maio de 1968 e os movimentos de liberação feminina.³⁶

Essas mudanças na sociedade francesa moveram pesquisadores e pesquisadoras a buscarem um passado que justificasse e legitimasse o que acontecia no presente; era necessário criticar o conhecimento construído até então, que dava como naturais — e não, históricas — as assimetrias de poder observadas entre homens e mulheres na sociedade. Em sua busca por referenciais femininos, Michelle Perrot logo percebeu que seria muito difícil encontrar mulheres nas temporalidades convencionalmente estabelecidas. Os grandes marcos históricos foram forjados sob uma relação de poder — pensado aqui, em sua forma mais política/pública — cujos protagonistas eram em sua esmagadora maioria homens. Para encontrar as mulheres, os historiadores precisavam recorrer muitas vezes ao cotidiano, adentrar no mundo privado, nas relações familiares.

Nessa lógica, as fontes não poderiam ser as mesmas que a História tradicionalmente utilizava — como eram os documentos de atos públicos. Para escrever uma “História das mulheres” era preciso recorrer a outras fontes como, por exemplo, diários, correspondências, jornais, autobiografias, arquivos policiais, livros de literatura, etc. Essa empreitada abriu um leque de novas possibilidades de fontes e desafiou os historiadores a estabelecerem novas metodologias.

Em *Os excluídos da História*, Michelle Perrot apresenta as mulheres como agentes ativos na sociedade do século XIX. O poder das mulheres, na maioria dos casos, não se manifestava através da política tradicional, da gerência dos Estados, e sim por meio de uma influência significativa no mundo privado, familiar e social.³⁷ Era a mulher que organizava o orçamento familiar, a educação dos filhos e, em momentos de carestia, fazia motins populares. Discutirei, ao longo da Dissertação, como Elisa Lynch era um caso especial, já que ela circulava tanto na política, quanto na esfera doméstica.

³⁶ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2007, p. 17.

³⁷ PERROT, Michelle. “As mulheres, o poder, a história”. In: *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Para Perrot, os sexos — masculino e feminino — não se hierarquizam intrinsecamente. São, pelo contrário, relações construídas socialmente, “processo que se poderia imaginar reversível”.³⁸ Estas representações das mulheres como seres, ao mesmo tempo, maternais e maléficos ou, ainda, a forte divisão sexual, introduzida pela crença de que cada sexo possuiria mais aptidão para certas atividades, foram discursos produzidos por processos históricos e nada têm de naturais.

Joan Scott, em seu artigo *Gênero: Uma categoria útil para análise histórica*, introduz uma série de questões que movimentaram grande parte das recentes discussões na História das mulheres. Para ela, este primeiro momento da historiografia — do qual Michelle Perrot faz parte — supôs que o sexo feminino formava uma categoria homogênea (“mulheres”). Entretanto, dentro da disciplina — e do próprio movimento feminista — diversas vozes passaram a reivindicar a diferença como um fator a ser levado em consideração. Não era possível pensar em uma identidade única para todas as mulheres, já que suas etnias ou condições sociais também as separavam.

Dessa forma, a historiadora americana defende o conceito de relações de gênero, em detrimento de uma “História das mulheres”. No entender de Scott, o gênero é um elemento que compõe as relações sociais, e que é conduzido por distinções percebidas entre os sexos em momentos e situações distintas. Portanto, estudar as relações de gênero pressupõe o reconhecimento de que as categorias “homem” e “mulher” não possuem um significado definitivo e atemporal, mas se constituem e se reelaboram historicamente. Na Dissertação procuro não apenas estudar as representações sobre Elisa Lynch enquanto mulher, com também os papéis atribuídos a Solano López.

Esta preocupação em tratar as relações entre os gêneros como um jogo revela, também, outra preocupação da historiadora. Apesar da alta qualidade, os estudos sobre as mulheres não conseguiram causar um grande impacto na disciplina de História — isso se observa nos manuais didáticos, nos programas das universidades, nos currículos de ensino básico e na própria produção historiográfica. Colocar a história das mulheres num domínio separado, em última análise, significou que: “as mulheres têm uma história separada da dos homens, portanto deixemos as feministas fazer a história das mulheres, que não nos concerne necessariamente” ou “a história das mulheres trata do sexo e da família e deveria ser feita separadamente da história política e econômica”.³⁹

³⁸ Ibidem, p. 176.

³⁹ SCOTT, Joan W.. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995, p. 5.

* * *

Em relação às fontes selecionadas, a quantidade de materiais localizados é muito grande e possibilita inúmeros recortes analíticos, como demonstra a lista no Anexo A. Neste trabalho, optei por selecionar biografias que tiveram uma circulação importante dentro do Paraguai, ou, ao menos, que se tornaram influentes nos debates travados a respeito de Elisa Lynch. Privilegiando o diálogo das biografias com a historiografia paraguaia sobre a Guerra da Tríplice Aliança, selecionei escritos que foram publicados em momentos em que a interpretação liberal predominava, quando o revisionismo histórico crescia e, por último, quando nacionalismo decorrente do revisionismo se tornou hegemônico. Obviamente, este trabalho não tem a pretensão de esgotar a discussão sobre as transformações na memória sobre Elisa Lynch, mas oferecer contribuições para pensar a instrumentalização sucessiva dessa personagem, de acordo com diferentes usos políticos do passado.

Antes de apresentar a estruturação deste trabalho, uma pequena nota de esclarecimento: todos os excertos das biografias e demais fontes primárias e secundárias em espanhol, inglês e francês foram traduzidos por mim.

No primeiro capítulo, analiso Elisa Lynch enquanto figura histórica, sua chegada ao Paraguai e suas relações com a elite assuncenha. Acompanho os processos de construção de uma imagem negativa sobre a personagem, à medida que o conflito na Bacia do Prata avançava. Em seguida, examino a biografia *Elisa Lynch por Orion* (1870), escrita pelo jornalista portenho Héctor Florencio Varela imediatamente após a guerra, e o texto autobiográfico de Lynch *Exposición y Protesta* (1875). A partir desses materiais, discuto a formação de duas interpretações distintas a respeito de Elisa Lynch, uma maledicente, outra elogiadora, que serão fio condutor para as representações elaboradas nas biografias subsequentes.

No segundo capítulo, procuro discutir o surgimento de uma leitura revisionista sobre a Guerra da Tríplice Aliança, que passou a eximir Francisco Solano López da responsabilidade pelo conflito. Insurgindo-se contra essa memória, Héctor Francisco Decoud escreve *Elisa Lynch de Quatrefages* (1939), biografia que recolocou o casal nos papéis de vilões. Investigo qual lugar Héctor Decoud ocupava entre os intelectuais paraguaios e nos debates historiográficos sobre a guerra. Em seguida, analiso quais foram as estratégias adotadas por Decoud para representar Lynch e os possíveis motivos que o levaram a escrever esse livro, uma vez que ela ainda não era alvo específico dos setores revisionistas.

No terceiro capítulo analiso duas biografias publicadas nos anos da ditadura Stroessner (1954–1989). A primeira delas, *Madama Lynch* (1958) foi escrita pelo francês radicado no Paraguai, Henri Pitaud, que apresenta Elisa Lynch como mulher abnegada, mãe e companheira fiel e dedicada, contando com grande apoio do governo ditatorial. A segunda biografia, *Madame Lynch: Evocación* (1957), da paraguaia María Concepción Leyes de Cháves, também possui tons elogiosos. Neste livro, no entanto, Lynch é deslocada de um espaço privado para ocupar um protagonismo na cena política do país. Ambos escritos projetam a personagem no panteão dos heróis nacionais, mas o fazem de diferentes formas. Argumento que as possíveis razões por trás desse movimento de reabilitação de Elisa Lynch podem estar relacionadas às crescentes discussões sobre o sufrágio feminino no Paraguai nesse período.

Da Guerra da Tríplice Aliança até os dias atuais, a trajetória de Elisa Lynch foi apresentada e instrumentalizada por diferentes interesses sociais e políticos. Defendemos que as representações construídas em torno da personagem se modelaram conforme as necessidades e questões colocadas à época de cada uma das biografias. Lynch era má influência para o tirano Solano López, quando estrangeiros e liberais paraguaios os elegeram como causadores e perpetradores da então recente guerra. Tornou-se uma vilã maligna nos escritos de Decoud, com o objetivo de invalidar os reclames fundiários de seus descendentes. No período Stroessner, Lynch foi convertida em mãe e mulher abnegada. Buscou-se sua elevação ao cânone nacional justamente na mesma época em que o voto feminino no Paraguai era alcançado. A irlandesa, *devidamente domesticada*, virava então modelo para as mulheres paraguaias recém-emancipadas. Lynch seria ainda *redescoberta* mais uma vez, quando feministas *encontraram* na história paraguaia uma mulher forte, inteligente e de importante atuação política.

Mais do que uma busca por uma memória verdadeira ou fiel, essa multiplicidade de representação nos informa sobre a sociedade paraguaia, seus conflitos e política. A cada nova deformação e reconstrução, testemunhamos tentativas de ajustar o passado às demandas do presente.

Capítulo 1 – A polêmica Elisa Lynch

Companheira de López nas orgias de Paris, [Elisa Lynch] também o foi nas orgias de sangue do Paraguai, em meio das quais essas duas figuras sempre aparecem unidas, em cujas cabeças pairam as almas de milhares de vítimas. — Héctor Varela

Alheia aos fatos da administração do marechal López e à sua política, não me envolvi em qualquer coisa durante a guerra além de cuidar dos feridos e das famílias daqueles que acompanharam o exército, procurando diminuir seu sofrimento. — Elisa Lynch

As passagens acima trazem duas leituras muito distintas sobre a participação de Elisa Lynch na Guerra da Tríplice Aliança. Companheira do Marechal López, a figura da irlandesa Lynch está envolta em ficções, momentos emblemáticos e contradições que fincam raízes até os dias atuais. Recaem sobre essa personagem duas representações opostas cujas origens são praticamente simultâneas e remetem principalmente ao período pós-guerra, quando ela se tornou mais vulnerável às críticas de seus inimigos políticos. De um lado, temos escritos que a apresentam como uma mulher ambiciosa, sedutora, inescrupulosa e com influência quase absoluta sobre os atos políticos do chefe de Estado paraguaio. De outro, Lynch é tida como uma mulher absolutamente fiel ao Marechal López, que adotou o Paraguai como segunda pátria e se tornou vítima de difamadores oportunistas durante e após a guerra. Esses pares dicotômicos certamente não conseguem abarcar de forma absoluta todas as imagens veiculadas sobre ela, porém constituem moldes básicos que foram e ainda são sistematicamente mobilizados por seus biógrafos para elaborar interpretações a respeito dela e sobre sua participação na Guerra da Tríplice Aliança.

Em um estudo inovador a respeito do “culto” a Simón Bolívar na Venezuela, suas condições de gestação, manifestações e sentidos atribuídos historicamente, o historiador Germán Carrera Damas afirmou que era “impossível dar um passo pela vida venezuelana sem tropeçar na presença de Bolívar”.¹ Assim como a Guerra da Tríplice Aliança e seus personagens mais célebres inundam os livros de história no Paraguai, Simón Bolívar também é uma figura histórica essencial na Venezuela. No intuito de compreender melhor as imagens difundidas sobre o “herói”, Carrera Damas percebeu que era necessário distingui-lo em duas imagens históricas:

Uma, a visível e até cotidiana, produto de uma historiografia que oscilou entre a pura e simples apologética bolivariana e a injúria não menos infundada. A

¹ CARRERA DAMAS, Germán. *El culto a Bolívar. Esbozo para un estudio de la historia de las ideas en Venezuela*. Caracas: Universidad central de Venezuela, 1969, p. 21.

outra, a autêntica, que jaz sepultada em algum lugar, como já mencionamos, e só com muita dificuldade conseguimos vê-la.²

De igual modo, frente a uma produção discursiva muito extensa que afirma trazer a *verdade* sobre Elisa Lynch, se faz necessário distinguir a personagem em duas figuras históricas. A primeira delas, que aparece mais frequentemente, consiste nas duas representações opostas mencionadas anteriormente e é resultado de várias produções biográficas e culturais de modo geral. Por sua vez, a segunda figura remete à personagem histórica em si, aquela que de fato existiu e que está submersa em um passado já distante, pouco acessível. Esta foi insuficientemente estudada por historiadores profissionais.

A partir dessa distinção, este capítulo terá o objetivo de analisar Elisa Lynch enquanto figura histórica e as primeiras imagens que circularam a seu respeito. Evidentemente, não há aqui qualquer pretensão de escrever uma nova biografia de Elisa Lynch, de encontrar verdades absolutas sobre a sua trajetória ou de apontar indícios de veracidade ou falsidade dentro das representações opostas criadas sobre ela. A delimitação de Lynch enquanto figura histórica não pretende estabelecer um contraste com as interpretações criadas sobre ela, mas compreender, da forma mais objetiva possível, como foi sua relação com a elite assuncenha, sua participação na Guerra da Tríplice Aliança e as condições de sua saída do Paraguai. O objetivo aqui é investigar o cenário social e as circunstâncias que permitiram que narrativas dicotômicas sobre Elisa Lynch fossem criadas e se difundissem durante a guerra, para depois analisar detidamente a biografia *Elisa Lynch por Orion*, publicada em 1870 pelo jornalista Héctor Florencio Varela, e o texto *Exposición y Protesta*, publicado em 1875 por Elisa Lynch. As duas obras são fundamentais e tiveram profunda influência nos escritos subsequentes sobre a irlandesa, seja para depreciá-la ou para enaltecê-la.

² Ibidem, p. 39.

1.1 A personagem histórica Elisa Lynch

Elisa Alicia Lynch nasceu em 1834 na cidade irlandesa de Charleville, no condado de Cork.³ Possivelmente por causa da Grande Fome Irlandesa (1845–1849),⁴ a personagem dirigiu-se para Londres com a sua família ainda na infância e, quando completou dezesseis anos, casou-se com o militar do exército francês, Xavier Quatrefages.⁵ Por razões muito especuladas, mas nunca efetivamente explicadas, o casal se separou em 1853. Pouco após a separação, em 1854, Madame Lynch estava grávida do seu primeiro filho, e dirigia-se ao Paraguai, tornando-se companheira do então Ministro e General Francisco Solano López, futuro presidente do Paraguai. A forma como ela conheceu o paraguaio também foi alvo de várias especulações.

Os biógrafos e romancistas que se debruçaram sobre a personagem concordam que sua trajetória está envolta em uma série de polêmicas, ao menos desde o seu casamento com Quatrefages. Dado o protagonismo histórico que Madame Lynch obteria nos anos posteriores ao “divórcio”, especialmente com o despontar da Guerra da Tríplice Aliança, vários escritores afirmaram ter encontrado as reais motivações para a separação. Seus detratores geralmente alegam que a separação se deu porque ela não suportava as amarras do casamento e queria se relacionar com múltiplos homens, enquanto que aqueles que a defendem argumentam que ela não amava seu esposo, e somente encontrou o verdadeiro amor em Francisco Solano López.

Quando a irlandesa chegou à América do Sul, sua relação de concubinato com Solano López não era vista positivamente, especialmente pela elite assuncenha. A própria família do presidente Carlos Antonio López, pai de Solano López, se recusava a manter relações de convivência com Elisa, porque ela já havia sido casada anteriormente e tinha um passado que

³ A idade e a nacionalidade de Elisa Lynch são um dos aspectos que mais geraram curiosidade e discordância entre os biógrafos. Héctor Florencio Varela (1870), por exemplo, afirmou que Elisa Lynch provavelmente havia nascido entre 1829 e 1830 na Inglaterra. Jacinto Villa Vicencio (1874), afirmou que ela nasceu nas Escócia em 1822. Héctor Francisco Decoud (1939), por outro lado, alegou que ela nasceu na Irlanda em 1831. Na realidade, Madame Lynch nasceu na Irlanda, provavelmente entre 1833 e 1834, e há alguns documentos que ajudam a comprovar essa alegação, como o anúncio do casamento dos seus pais no jornal *Cork Constitution* em 1833 e o seu registro de batismo em 1834 em Charleville.

⁴ A Grande Fome irlandesa foi um desastroso episódio desencadeado por uma infestação agrícola — conhecida como “praga da batata” — que se espalhou por plantações de batata de várias regiões da Europa. No caso da Irlanda, a infestação trouxe consequências mais graves, como a emigração em massa, doenças e mortes, além da fome propriamente dita. Isso ocorreu porque a batata era a base alimentar das populações mais pobres da ilha. A Grande Fome é um dos episódios mais presentes na memória coletiva irlandesa e seu legado foi amplamente mobilizado pelo nacionalismo irlandês. Cf. KINEALY, Christine. *The great irish famine. Impact, ideology and rebellion*. Houndmills: Palgrave, 2002.

⁵ FANNING, Ronan; LILLIS, Michael. *Calúnia: Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Terceiro nome, 2009.

esses segmentos consideravam “nebuloso”.⁶ Apesar disso, Lynch teve sete filhos com Solano López e permaneceu ao lado dele até o fim da Guerra da Tríplice Aliança, quando o Marechal e o filho mais velho do casal, Juan Francisco López (Panchito), foram mortos pelo exército brasileiro.

A rejeição sofrida por Elisa pode ser entendida a partir de um conjunto de fatores políticos e econômicos pelos quais o Paraguai atravessava, e que possuem uma relação significativa com deliberações governamentais e componentes culturais anteriores à sua chegada ao país. Esses aspectos preexistentes nos ajudam, ainda, a compreender como foram se constituindo mitos e imagens absolutamente negativas sobre a personagem, que ultrapassaram as fronteiras nacionais e atingiram os demais países banhados pelo rio da Prata durante a Guerra da Tríplice Aliança, mas principalmente após a derrota paraguaia. Por outro lado, dentro desse mesmo contexto, é possível visualizar também a formação do modelo de abnegação, fidelidade e coragem que foi construído por ela mesma e que posteriormente seria mobilizado e severamente aprofundado durante o governo ditatorial de Alfredo Stroessner.

1.1.1 Elisa Lynch e o *ethos* burguês no Paraguai

Pouco após a independência do Paraguai, José Gaspar de Francia, primeiro ditador do país, tomou uma série de medidas políticas no intuito de desmanchar a ordem social e econômica do período colonial. Dentre as várias determinações do governante, que dirigiu o país entre 1816 e 1840, estavam o fechamento das fronteiras do Paraguai e a proibição de casamentos entre homens europeus e mulheres paraguaias de origem espanhola. Para Barbara Potthast, essa última proibição não implicou que as elites optassem por casamentos formais com pessoas de outros estratos da sociedade, mas que continuassem estabelecendo relações endógamas, agora marcadas pela informalidade do concubinato.⁷ Embora não surpreenda, é necessário sublinhar que a opção pelo concubinato não implicava que as mulheres paraguaias tivessem liberdade sexual; existiam regras sociais que determinavam limites comportamentais: “a relação não devia ser muito explícita e a mulher devia ser absolutamente fiel”.⁸

A proibição dos casamentos, por outro lado, gerava um problema de ordem prática para as elites. As uniões formais eram meios de estreitar laços econômicos e comerciais e de garantir a transmissão da herança aos herdeiros legítimos. Com a determinação de Francia, os bens não

⁶ POTTHAST, Barbara. ¿“Paraíso de Mahoma” o “País de las Mujeres”? - *El rol de la familia en la sociedad paraguaya del siglo XX*. Asunción: Fausto Ediciones, 2011, p. 220-255.

⁷ Ibidem, p. 70.

⁸ Ibidem, p. 189.

podiam ser transmitidos a filhos ilegítimos e se tornavam propriedade do Estado. A gestão de Carlos Antonio López (1844–1862), que modificou as regulamentações matrimoniais e reestabeleceu a formalização dos casamentos outrora restritos,⁹ foi positiva, em certo sentido, para as camadas mais altas da sociedade. Durante seu governo, teve início um projeto moralizador, que se apoiava em noções católicas para incentivar casamentos e descendência legítimos, e isso facilitava em muito a manutenção das heranças dentro dos núcleos familiares.¹⁰

Obviamente, afirmar que a manutenção das heranças dentro das famílias de elite se tornou mais fácil na gestão de Carlos López não implica sustentar que não existia oposição ao seu governo. Para Alberto Moby Ribeiro da Silva, algumas famílias paraguaias enriqueceram muito durante o governo de Carlos López, porém isso não foi suficiente para que todas elas estivessem satisfeitas em termos políticos.¹¹ Existia grupos de famílias paraguaias liberais e influentes, como os Iturburu e os Decoud, que se opunham à centralização do governo e que sofreram com o confisco de terras e bens diversos.¹² Para alguns, a oposição ao governo resultou em prisão, em exílio e, até mesmo, em morte. Existem documentos que confirmam que um grupo de exilados paraguaios chegou ao ponto, em 1851, de enviar uma carta a Juan Manuel de Rosas, apelando para que ele fizesse uma incursão militar ao Paraguai para anexá-lo à Argentina. A insatisfação com os governos da Primeira República Paraguuaia (1811–1870) era muito grande em alguns núcleos familiares, que chegaram a constituir associações políticas em Buenos Aires, que culminaram com a formação da Legião Paraguuaia.¹³

Quando Madame Lynch chegou ao Paraguai, em 1855, o país vivenciava também um processo de abertura ao comércio exterior e uma incipiente modernização, impulsionada a partir do governo de Carlos Antonio López, que trouxe transformações significativas aos modos e padrão de vida da elite de Assunção.¹⁴ A viagem diplomática do então General Francisco Solano López à Europa, onde ele a conheceu, foi parte integrante desse plano de abertura política e econômica do Paraguai. Segundo Barbara Potthast, após a contratação de técnicos europeus pelo governo paraguaio, parte desses grupos estrangeiros começou a ter um papel de

⁹ Ibidem, p. 77.

¹⁰ VALINOTTI, Ana Barreto. *Elisa Alicia Lynch*. Asunción: El lector, 2011, p. 24-26.

¹¹ SILVA, Alberto Moby Ribeiro. *La noche de las kygua vera. La mujer y la reconstrucción de la identidad nacional em la posguerra de la Triple Alianza (1867–1804)*. Asunción: Intercontinental, 2010, p. 95-96.

¹² A Primeira República do Paraguai foi constituída por três governos diferentes que, guardadas as devidas particularidades, eram caracterizados por uma grande centralização política e econômica, que rechaçava os princípios liberais. Cf. LYNCH, John. “As repúblicas do Prata: da independência à Guerra do Paraguai”. In: BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina. Da Independência a 1870*. São Paulo: EDUSP, 2014, v. 3.

¹³ LEWIS, Paul. “Los orígenes familiares”. *Partidos políticos y generaciones em Paraguay (1969–1940)*. Asunción: Tiempo de Historia, 2016.

¹⁴ POTTHAST, Barbara, op. cit., 2011.

destaque na difusão de conceitos burgueses de educação, moda, moralidade e sociabilidade pela capital do país.¹⁵

Para o historiador Peter Gay, a burguesia europeia do século XIX ansiava por definir a si própria, suas hierarquias internas, seu espaço na sociedade e seu relacionamento com as demais classes sociais, bem como suas características morais.¹⁶ A pretensão à erudição, à educação, ao refinamento cultural e aos “bons costumes” mobilizavam grande parte dos burgueses europeus, chegando a constituir, na opinião do historiador, a característica mais marcante para uma possível definição da burguesia: “Poucos lares burgueses estariam completos se não tivessem quadros nas paredes, música na sala de estar, clássicos nas estantes de portas envidraçadas”.¹⁷

Munidos da crença de que homens e mulheres possuíam diferenças biológicas que influenciavam a moral e o comportamento de ambos, a educação para as moças era distinta daquela oferecida aos rapazes. As mulheres eram orientadas, desde muito jovens, a serem mães dedicadas e esposas donas de casa; deveriam manter relações sexuais apenas com seus maridos e após o casamento. Dedicando-se à vida doméstica, deveriam assumir um papel mais comedido na sociedade; a timidez era vista como um atributo positivo e tipicamente feminino. Muitas moças aprendiam a cantar, tocar piano, desenhar, recitar poemas e a organizar saraus; essas atividades eram associadas ao refinamento cultural.¹⁸

A principal porta-voz desse programa de difusão da educação e dos costumes burgueses no Paraguai foi Purificación Jiménez de Bermejo, esposa do publicista e pedagogo espanhol Ildefonso Bermejo, contratado pelo governo paraguaio. Em 1855, pouco após chegar ao Paraguai, Purificación Bermejo, que se considerava guardiã da moral e da decência, publicou um livro intitulado *Deberes domésticos*, que era dirigido “às mães de família e às senhoritas que serão”, no qual aconselhava vigorosamente a opção pelo casamento formal.¹⁹ Para Potthast, as disposições de *Doña Pura*, como ela era sugestivamente conhecida, tiveram um alcance

¹⁵ POTTHAST, Barbara. “La mujer en la historia del Paraguay”. In: TELESCA, Ignacio (Org.). *Historia del Paraguay*. Asunción: Taurus, 2010.

¹⁶ Peter Gay reconhece a todo momento que a burguesia (ou a classe média, nos casos inglês e norte-americano) era uma categoria definida por exclusão, em outras palavras, abarcava todos aqueles que não eram aristocratas, operários ou camponeses. Era uma classe social, portanto, bastante heterogênea, especialmente em termos de riqueza. O historiador comenta que a burguesia estava ciente dessas diferenças e que é ela que cria as expressões como *grands bourgeois* (grande burguês) e *petits bourgeois* (pequeno burguês). GAY, Peter. “Esboços para uma definição”. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 23-41.

¹⁷ *Ibidem*, p. 31.

¹⁸ Peter Gay também analisa a vida romântica e sexual dos casais burgueses, as expectativas e pressões após o casamento. Sua análise questiona as representações de mulher frígida que recaíam sobre as burguesas. GAY, Peter. “Doces comunhões burguesas”, *op. cit.*, 1988, p. 87-127.

¹⁹ POTTHAST, Barbara, *op. cit.*, 2011, p. 237.

considerável entre o pequeno círculo que compunha a elite urbana.²⁰ Por outro lado, os matrimônios não eram e nem passaram a ser numericamente relevantes entre as camadas sociais mais baixas dessa época, nas quais as regras sociais talvez fossem um pouco mais elásticas. Por isso, Barbara Potthast argumenta que a relação de concubinato que Madame Lynch estabeleceu com Solano López só parecia efetivamente escandalosa para a elite assuncenha.²¹

A conhecida inimizade entre Elisa Lynch e Purificación Bermejo foi objeto de uma longa série de elucubrações por parte de escritores. Neste momento, importa ressaltar que essa hostilidade, aliada às dificuldades de relacionamento de Lynch com a elite assuncenha de modo geral, é representativa desse processo de moralização e de introdução de novos costumes ao Paraguai. Mesmo que fosse o desejo de ambos, Madame Lynch e Francisco Solano López não podiam se casar — uma vez que ela já era casada —, ela chegou ao Paraguai em um momento em que o concubinato já não era socialmente aceito entre as elites e os casamentos endógamos já haviam se reestabelecido. Elisa Lynch, portanto, transgredia uma série de expectativas exigidas a uma mulher da elite e primeira-dama: vivia uma relação de concubinato, não podia se casar com o homem com quem se relacionava, era uma figura exógena ao núcleo da elite assuncenha e certamente não era uma mulher discreta.

Para a historiadora Barbara Potthast, Elisa Lynch e Purificación Bermejo eram representativas do processo de modernização do Paraguai e de introdução de costumes e normas burguesas para o comportamento nos anos 1850.²² Vários biógrafos e historiadores afirmam que Lynch teve uma influência cultural significativa em Assunção, realizando tertúlias, bailes, influenciando na decoração de espaços públicos e incentivando a prática de esportes europeus, além do consumo de artigos de luxo importados.²³ É muito difícil precisar a profundidade de sua ingerência cultural, mas é possível assumir o consenso entre os escritores em relação à ideia de que Elisa Lynch não restringia suas atenções às tarefas tradicionalmente reservadas às mulheres, como o cuidado com o lar, os filhos e o homem com quem se relacionava, dedicando-se significativamente à esfera pública.

Há uma série de elementos que podem ajudar a explicar a rejeição sofrida por Elisa Lynch no Paraguai; diferente do que afirma Potthast, entendo que a inexistência de um casamento entre a irlandesa e Solano López é apenas um dos elementos dessa complexa equação. De outro modo, o reestabelecimento dos matrimônios endógamos parece ser uma das peças fundamentais

²⁰ Ibidem.

²¹ POTTHAST, Barbara. “La clase alta paraguaya: las doñas contra madama”, op. cit., 2011.

²² POTTHAST, Barbara, op. cit., 2010, p. 325.

²³ VALINOTTI, Ana Barreto. “Más que una primera dama”, op. cit., 2011.

para compreender o rechaço a Elisa Lynch, uma vez que essa formalização era o meio através do qual a transmissão de heranças podia ocorrer. Francisco Solano López era filho do então presidente e seria o futuro governante do Paraguai, então é provável que o procedimento esperado era que ele mantivesse seus bens herdados dentro do núcleo da alta sociedade assuncenha. Isso não significa, por outro lado, que Solano López estivesse à procura de uma esposa da alta elite paraguaia e que a relação com Lynch teria sido um desvio em seu caminho:

Sem dúvida, o filho do presidente já havia tido várias amantes no Paraguai, seus filhos ilegítimos eram conhecidos por todos e reconhecidos por ele informalmente; contudo, a chegada dessa europeia elegante, que tinha consciência de seus encantos e esperava também ser tratada a altura de seu amante, provocou um escândalo na classe alta e despertou a curiosidade do restante dos paraguaios. Em um momento em que o Estado tentava fortalecer os conceitos da moral católica-europeia e a classe alta se esforçava em obter, ao menos moralmente, a posição de liderança, a chegada de Madame Lynch deve ter sido uma enorme provocação.²⁴

A opção de Francisco Solano López por não contrair matrimônio com uma paraguaia e ainda se relacionar longamente com uma mulher exógena àquele meio, ajudaram a causar a inimizade entre Elisa Lynch e a elite assuncenha. A cristalização das leituras negativas sobre ela se deu, por outro lado, com o acréscimo de imagens absolutamente críticas de Lynch enquanto mulher, especialmente no que diz respeito à dissolução de seu casamento com Quatrefages, à possibilidade frequentemente sugerida de que ela teria sido prostituta, à sua relação com Francisco Solano López e à sua ingerência na cena pública paraguaia. As imagens negativas de Madame Lynch sempre a colocam enquanto uma mulher que subverteu profundamente certos padrões de conduta feminina, ao menos em todos os materiais que pude acessar para realizar esta pesquisa.

Muito embora os biógrafos não possam comprovar que Lynch foi prostituta, por exemplo, eles constantemente repetem essa informação, adicionando maior ou menor riqueza de detalhes à narrativa, como se isso fosse suficiente para comprovar as críticas que eles fazem a ela. A constituição do casal Lynch-López frequentemente aparece de forma complementar: enquanto os críticos de Solano López o percebem como um tirano dominado pelos desejos de sua concubina, Elisa aparece como uma mulher ousada, vaidosa e dominadora; de igual modo, as principais leituras nacionalistas sobre o casal — cujo ápice ocorreu durante o *stronismo* (1954–1989) —, enxergam Solano López como um herói nacional, destemido e íntegro, enquanto

²⁴ POTTHAST, Barbara, op. cit., 2011, p. 242.

Madame Lynch surge como a grande companheira do presidente, sendo absolutamente honrada, comedida e abnegada.

No entender da historiadora paraguaia Ana Barreto Valinotti, o mal-estar gerado entre Lynch e as mulheres da alta sociedade de Assunção foi diminuindo com o passar do tempo, porque a elite teria compreendido que a manutenção de heranças e fortunas tinha relação direta com o modo como as famílias mais tradicionais conviviam com os López.²⁵ Se esse argumento for válido, isso nos ajuda a entender por que Purificación Bermejo e Venancio Solano López foram os padrinhos de Enrique Venancio Solano López (1858–1917), terceiro filho de Elisa Lynch e de Francisco Solano López. *Doña Pura* podia ser guardiã da moral e da decência, e uma grande defensora do matrimônio, mas, por algum motivo, ela abriu uma exceção para o casal Lynch e López, ao menos nesse momento.

Por outro lado, se Madame Lynch não era uma figura bem quista entre grande parte da elite assuncenha, há escritores que afirmam que ela tinha uma relação mais positiva com o “povo”, notadamente as *kyguá verá*, também conhecidas como *peinetas doradas*, por causa de um adorno que essas mulheres utilizavam no cabelo. Assim como outros aspectos que estão sendo discutidos nesta parte do capítulo, as *kyguá verá* também estão cercadas por mistérios. Para o Coronel George Thompson, *kyguá verá* era “um nome dado para uma classe inventada quando os bailes entraram em moda, e que consistia em moças de terceira categoria, que pretendiam ser muito bonitas e que eram relaxadas em relação aos costumes morais (...). Eram utilizadas pelo governo para provocar as damas da alta sociedade, que majoritariamente se recusavam a dançar nesses lugares”.²⁶ Ana Barreto, por outro lado, afirma que elas já existiam antes da chegada da irlandesa ao Paraguai, mas foram grandes aliadas de Lynch; as *kyguá verá* eram mulheres que não pertenciam à elite, mas eram independentes economicamente, vivendo através do comércio ou mesmo da prostituição.²⁷ Esse suposto apoio do “povo paraguaio” foi mobilizado por Elisa Lynch e seus defensores, e veementemente negado por seus críticos.

²⁵ VALINOTTI, Ana Barreto, op. cit., 2011, p. 36-37.

²⁶ George Thompson foi um engenheiro britânico contratado pelo governo de Carlos López, que serviu o exército paraguaio durante a guerra e escreveu um livro de memórias em 1869. A ideia de que as *kyguá verá* eram intencionalmente utilizadas pelo governo para provocar as mulheres da alta sociedade soa pouco convincente; não parece haver uma razão plausível para que o governo paraguaio deliberadamente buscasse “provocar” as mulheres da elite. Apud: BOCCIA ROMANACH, Alfredo. *El Paraguay independiente*. Historia General del Paraguay. Tomo II. Asunción: Fausto Ediciones, 2013, p. 161.

²⁷ VALINOTTI, Ana Barreto. “Alianzas estratégicas”, op. cit., 2011.

1.1.2 Elisa Lynch e a guerra nas páginas dos jornais dos países aliados

Havendo ou não uma relativização da inimizade entre Madame Lynch e a elite de Assunção com o passar do tempo, ou ainda uma aproximação da irlandesa em relação às *kyguá verá*, os apontamentos anteriores são importantes, porque nos ajudam a compreender a transposição e aprofundamento das polêmicas em torno da irlandesa com o despojar da Guerra da Tríplice Aliança. A partir desse momento, à má reputação que ela já possuía entre a elite assuncencha, somava-se então o olhar repreensor da imprensa dos países aliados, que fazia um uso estratégico dessas polêmicas como uma maneira de depreciar o inimigo.²⁸ Durante o conflito armado, a imprensa liberal argentina, por exemplo, difundiu uma caracterização muito negativa do Paraguai, convertendo-o em um país bárbaro, em contraposição a uma Argentina civilizada; o país guarani, cujas instituições e governo eram vistos de forma muito crítica, era uma antítese bastante oportuna do modelo de nação Argentina que essa imprensa defendia durante a guerra. As representações do povo paraguaio, do seu líder e também de Elisa Lynch, enfatizavam o atraso do país, a tirania e a barbárie de López²⁹ e a imoralidade de sua concubina.

Os periódicos brasileiros e argentinos que atuaram acompanhando os desenlaces da Guerra da Tríplice Aliança são numerosos e possuem particularidades que não devem ser desprezadas. Observando-os em linhas gerais, contudo, o que se evidencia com maior clareza é uma adesão majoritária ao discurso oficial, que insistia na desvalorização de Solano López, de Elisa Lynch, do exército paraguaio e da nação guarani. Como afirma Liliana Brezzo, “a guerra ajuda a perpetuar a imagem do vizinho através da representação estereotipada dos adversários, que distorce a realidade, sendo elaborada nas instâncias de poder político ou religioso para servir de propaganda”.³⁰

De acordo com Hilda Sabato, a imprensa adquiriu um papel central no sistema político portenho a partir da década de 1850, passando a ser considerada a origem e o meio de expressão da opinião pública.³¹ Em relação à postura desses periódicos, os pesquisadores André Toral e

²⁸ Os periódicos que fizeram publicações, textuais e/ou iconográficas, que criticavam abertamente Elisa Lynch são múltiplos, então, sem pretensão de fazer uma listagem exaustiva, é possível citar os jornais cariocas *A vida Fluminense* e *Semana Ilustrada* e os periódicos argentinos *El Mosquito*, *La nación argentina* e *La Tribuna*. Quando a Guerra da Tríplice Aliança terminou, também surgiu uma imprensa independente no Paraguai e absolutamente crítica ao “despotismo” do Marechal López e de Elisa Lynch; dentre esses jornais, pode-se citar *La Reforma* e *La Regeneración*.

²⁹ BARATTA, Maria Victoria. “Representaciones de Paraguay en Argentina durante la Guerra de la Triple Alianza, 1864–1870”. *Revista SURES*, n. 74, 2014.

³⁰ BREZZO, Liliana. “La historiografía paraguaya: del aislamiento a la superación de la mediterraneidad”. *Diálogos*, v. 7, 2003.

³¹ SABATO, Hilda. “La sociedad civil y sus redes”. *La política en las calles. Entre el voto y la movilización. Buenos Aires, 1862–1880*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.

Mauro César Silveira, cada um à sua maneira, enxergaram a imprensa como uma arma, “como elemento *integrante* da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai”;³² o primeiro autor enfatiza o oportunismo dos periódicos ilustrados, que apesar de serem profundamente críticos ao Marechal López, também manifestavam posturas contrárias ao governo e à estratégia militar contra o inimigo;³³ o segundo autor, tratando especificamente da imprensa da Corte brasileira, prefere ressaltar o alinhamento dos periódicos ao discurso oficial, que centrava as responsabilidades do confronto no presidente paraguaio, quase sempre intitulado como um “tirano cruel”, sem deixar de atrelá-lo à noção de um Paraguai primitivo, povoado por índios ferozes, cujo exército era composto por homens miseráveis e facilmente manipulados.³⁴

No entender de Mauro César Silveira, Madame Lynch foi um dos alvos preferidos da imprensa brasileira, ainda que o espaço concedido a ela fosse, obviamente, muito menor do que as referências ao chefe de governo paraguaio, Francisco Solano López. As leituras sobre Lynch denunciavam a manipulação da irlandesa sobre o Marechal López, que supostamente o influenciava a perpetuar a guerra.³⁵ Além de ser responsabilizada pelo prolongamento do confronto, Madame Lynch ainda chegou a ser retratada em charges em periódicos da Corte, onde figurava com a fisionomia deformada, o nariz proeminente, as feições envelhecidas ou um olhar malicioso.³⁶ A charge abaixo, publicada pouco após os encouraçados brasileiros atravessarem a estratégica fortaleza de Humaitá e alcançarem a baía de Assunção, em fevereiro de 1868, é um exemplo pertinente desse tipo de representação:

³² ARIAS NETO, José Miguel; GARCIA, Gabriel Ignacio. “A imprensa como soldado da Tríplice Aliança e do Paraguai: Guerra total e a desumanização do inimigo”. In: SQUINELO, Ana Paula (Org.). *150 anos após – A Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*. Campo Grande: UFMS, 2016, v. 1, p. 253.

³³ TORAL, André. “Guerra das imagens: a imprensa ilustrada entre 1864–1870”. *Imagens em desordem. A iconografia da guerra do Paraguai (1864–1870)*. São Paulo: Humanitas, 2001.

³⁴ SILVEIRA, Mauro César. “O Paraguai de Solano López”. *A batalha de papel. A charge como arma na guerra contra o Paraguai*. Florianópolis: UFSC, 2015.

³⁵ SILVEIRA, Mauro César. “Madame Lynch e as mulheres nos campos de batalha”. *Adesão fatal: a participação portuguesa na Guerra do Paraguai*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

³⁶ SILVEIRA, Mauro César. “Desvairado e cruel tirano?”, op. cit., 2015.



Imagem 1 – Litografia publicada no dia 05 de maio de 1868 no periódico carioca *Semana Illustrada*.³⁷

A litografia acima foi publicada no periódico *Semana Illustrada*, um dos mais importantes da Corte brasileira na época da Guerra da Tríplice Aliança. Na imagem, podemos identificar o Marechal López à direita, com um cetro na mão, carregando sacos cheios de dinheiro. Elisa Lynch, à esquerda, leva o filho mais velho do casal, o Coronel Panchito López nas costas; o menino, que na época dessa publicação tinha cerca de treze anos de idade, é retratado como um bebê que veste os mesmos trajes do pai e também carrega um cetro em sua mão. Ainda na imagem, vemos Elisa Lynch sorrindo maliciosamente e montada nas costas de Manuel Antonio Palacios, bispo de Assunção, que aparece com um freio na boca. A imagem é acompanhada ainda de oito quadras poéticas e satíricas, que falam sobre o “horível trio infernal”, uma das quais afirma: “pode o satanás levá-los/ e nunca restitui-los,/ pode entre chamás lançá-los/ e a cinzas reduzi-los”. A litografia sugere e satiriza uma possível fuga do casal para a Bolívia após a passagem por Humaitá, um importante episódio para a vitória dos países aliados sobre o Paraguai.

No final das contas, o casal não fugiu para a Bolívia e a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai se estendeu até março de 1870, quando Solano López e Panchito foram mortos pelo exército brasileiro. Embora todos os países envolvidos no confronto tenham sofrido consequências drásticas, é indiscutível que a guerra trouxe danos ainda mais profundos para o

³⁷ O acesso a essa publicação e a várias outras da imprensa brasileira é facilitado graças à disponibilização gratuita de múltiplos periódicos na hemeroteca digital do site da Biblioteca Nacional brasileira. Cf. <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em: 01/09/2017.

Paraguai, que foi colocado sob a esfera de influência geopolítica dos seus adversários³⁸, viu seu território nacional diminuir consideravelmente e sofreu a perda de grande parte da população, que pereceu em batalhas militares, mas principalmente por fome e doenças.

Nesse contexto de forte influência política dos aliados, do retorno de exilados políticos³⁹ e da formação de um novo Estado que congregava agentes de origens diferentes — desde paraguaios que combateram Solano López no exílio, até membros do antigo governo —, a conciliação desses atores políticos se deu através da culpabilização consensual de Francisco Solano López por “seus crimes” e da “influência nociva” de sua amante estrangeira, Elisa Lynch.⁴⁰ Consequentemente, com a morte de López e o final da guerra, em 1 de março de 1870, Elisa Lynch foi presa pelo exército brasileiro, teve a grande maioria das suas posses confiscada e foi obrigada a deixar o Paraguai. Símbolo de um poder vencido, Madame Lynch logo foi vilipendiada no imaginário platino e acusada de incitar a Guerra da Tríplice Aliança.⁴¹

A apropriação generalizada da trajetória de Elisa e a produção discursiva e predominante de uma *identidade* para ela, se tornam mais claras quando se observa a quantidade expressiva de publicações de ordem testemunhal ou biográfica que tratam também sobre a personagem no período pós-guerra, dentro do Paraguai e nos países aliados.⁴² É necessário reforçar que esses textos biográficos e testemunhais foram produzidos principalmente durante e após a guerra, ou seja, num momento em que era bastante conveniente apresentar leituras críticas ao governo de Solano López. Em realidade, quase não existem materiais críticos a Elisa Lynch que tenham sido escritos antes da Guerra da Tríplice Aliança. Isso pode ter ao menos três significados, que não necessariamente se anulam: primeiro, existe a possibilidade de não ter existido uma rejeição tão profunda a Elisa Lynch no Paraguai nos anos anteriores à guerra quanto geralmente se

³⁸ Nas palavras de Francisco Doratioto, “entre 1869 e 1876, o Paraguai foi praticamente um protetorado do Império”. No entender do historiador, para garantir que a Argentina não concretizasse suas pretensões territoriais sobre o Chaco e nem que houvesse a ascensão de um presidente paraguaio que tivesse ligação com esses interesses argentinos, o Brasil interferiu deliberadamente na política paraguaia. DORATIOTO, Francisco. “Balanço da guerra”. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 464.

³⁹ LEWIS, Paul. “Los orígenes familiares”, op. cit., 2016.

⁴⁰ CAPDEVILA, Luc. *Una Guerra total: Paraguay, 1864–1870. Ensayo de historia del tiempo presente*. Buenos Aires: Editorial Sb, 2010, p. 173.

⁴¹ DINIZ, Alai Garcia. “O corpo feminino no imaginário da guerra do Paraguai”. *Travessia - Revista de Literatura*, Florianópolis, n. 32, p. 39, 1996.

⁴² Há uma quantidade razoável de materiais que poderiam ser citados, como por exemplo: MASTERMAN, George Frederick. *Siete años de aventuras en el Paraguay*. Buenos Aires: Imprenta Americana, 1870.; WASHBURN, Charles A.. *The History of Paraguay, with notes of personal observations and reminiscences of diplomacy under difficulties*. Boston: Lee and Shepard, 1871.; PAPELES de López o el tirano publicado por sí mismo y sus publicaciones. Papeles encontrados en los archivos del tirano – Tablas de Sangre y copia de todos los documentos y declaraciones importantes de los prisioneros, para el proceso de la tiranía; incluso de Madama Lasarre. Buenos Aires: Imprenta América, 1871.

supõe; ou então, que as críticas em torno da irlandesa circulavam mais de forma oral entre a elite assuncenha, por medo de possíveis represálias; ou ainda, que os inimigos políticos do casal Lynch-López sentiram-se mais à vontade em suas críticas após a morte do Marechal López. Embora não seja possível chegar a uma conclusão definitiva sobre isso, é plausível sugerir uma combinação das três possibilidades elencadas acima.

Em meio a esse amontoado de materiais, o livro *Elisa Lynch por Orion*, publicado pelo famoso jornalista portenho Héctor Florencio Varela em 1870, recebe bastante destaque por ter sido o primeiro livro a discorrer longamente sobre a irlandesa, além de ter inaugurado a extensa lista de biografias sobre ela. Esse escrito teve grande importância, ajudando a consolidar e difundir uma determinada interpretação a respeito de Madame Lynch e do Paraguai no pós-guerra, servindo de base fundamental para biografias posteriores. Em razão disso, optei por analisar esse material na próxima parte deste capítulo, para compreender as primeiras imagens veiculadas a respeito de Madame Lynch antes de ela ser alçada ao posto de heroína nacional paraguaia.

Obviamente, ainda que Solano López e Elisa Lynch fossem majoritariamente responsabilizados pela guerra, isso não significa que não houvessem vozes dissonantes. Ao investigar algumas das críticas à Tríplice Aliança, Thomas Whigham observou que vários argentinos influentes fizeram apelos à paz, criticando especialmente a política de aproximação ao Brasil empreendida pelo governo de Bartolomé Mitre. Dentre esses, é possível citar Juan Bautista Alberdi, cujas ideias inspiraram a Constituição da Confederação Argentina de 1853, e o poeta Carlos Guido y Spano, que fez críticas incisivas a Mitre no jornal *La Tribuna*. No caso do Brasil, Whigham identifica que a oposição à guerra foi tão forte quanto na Argentina, sobretudo nas regiões mais afastadas das grandes cidades, onde a população não demonstrava grande antipatia em relação ao Paraguai. No Uruguai, o processo foi semelhante e o número de dissidentes no Partido Colorado, que se voltaram contra o presidente Venancio Flores, também foi crescente durante os anos de prolongamento da guerra.⁴³ É importante lembrar, contudo, que embora existissem críticas aos aliados, isso também não significa que esses grupos dissidentes necessariamente apoiassem o Paraguai e, menos ainda, que acreditassem que as críticas a Elisa Lynch e Solano López eram infundadas.

⁴³ WHIGHAM, Thomas. “Protesta, desilusión y primeras tentativas de lograr la paz: La crítica a la Triple Alianza (1866)”. In: CASAL, Juan Manuel; WHIGHAM, Thomas L. (Orgs.). *Paraguay en la historia, la literatura y la memoria. II Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay en la Universidad de Montevideo*. Asunción: Tiempo de Historia/Universidad de Montevideo, 2011.

Para os biógrafos Michael Lillis e Ronan Fanning, um dos principais defensores da causa paraguaia na guerra foi o General Martin Thomas McMahon, Ministro Plenipotenciário dos Estados Unidos no Paraguai no final do confronto. Além de publicar um texto na *Harper's Magazine*, onde exaltava a atuação paraguaia e narrava episódios da guerra, o General irlandês McMahon também escreveu um conhecido poema denominado *¡Resurgirás Paraguay!* e testemunhou a favor de Elisa Lynch no Tribunal de Edimburgo, em 1871, quando ela reclamava a devolução de milhares de libras esterlinas, que afirmava ter confiado ao médico do exército paraguaio, William Stewart. McMahon foi escolhido por Solano López para cuidar de seu testamento, no qual nomeava Elisa Lynch como única herdeira de suas propriedades, se autodeclarou amigo de Lynch e se ofereceu para retirar os filhos do casal do país nos últimos momentos da guerra.⁴⁴

Além dos esforços de Thomas McMahon, Elisa Lynch também se preocupou em publicar um texto denominado *Exposición y Protesta*, onde ela se insurgiu para se defender das acusações de seus inimigos políticos e fez uso de uma argumentação com base jurídica para reivindicar a devolução das suas supostas propriedades confiscadas pelo Estado paraguaio. O texto de Madame Lynch é um dos raros materiais no pós-guerra que pretendem elaborar uma leitura positiva a respeito do Paraguai de Solano López, mas principalmente da atuação da irlandesa no país. Em diálogo direto com as leituras negativas a seu respeito, que circulavam com intensidade no pós-guerra, Elisa Lynch se esforçou para elaborar uma interpretação positiva de si mesma, para que pudesse suspender o embargo de seus bens e das propriedades herdadas do Marechal López. Como discutirei no terceiro capítulo, esse material foi muito importante para servir de base para a constituição de Elisa Lynch como uma heroína nacional.

Ainda hoje, os escritores que se debruçam sobre a trajetória de Elisa Lynch geralmente utilizam como referência esses dois modelos explicativos, ao menos inicialmente. Da mesma maneira que os escritores *antilopistas* constroem seus argumentos sobre a irlandesa a partir de imagens absolutamente críticas que circularam sobre ela e o Marechal durante e nos primeiros anos após a guerra, os apologistas de Madame Lynch se inspiram criativamente no folheto *Exposición y Protesta*, onde ela estruturou sua própria defesa frente aos seus inimigos políticos. Embora haja uma distância temporal considerável entre o final da guerra e a reabilitação política e nacionalista de Elisa Lynch no Paraguai durante o *stronismo* (1954–1989), os argumentos básicos que seriam desenvolvidos e aperfeiçoados já estavam colocados ainda na década de 1870.

⁴⁴ FANNING, Ronan; LILLIS, Michael, op. cit., 2009.

1.2. Memórias de um portenho vaidoso: as imagens de Héctor Florencio Varela sobre a Madame Lynch e o governo paraguaio

Apesar de Madame Lynch ter aparecido com bastante frequência na imprensa dos países aliados, o primeiro texto de caráter biográfico sobre ela veio a público em Buenos Aires poucos meses após a guerra terminar. A biografia *Elisa Lynch por Orion* foi escrita e publicada pelo jornalista portenho Héctor Florencio Varela (1832–1891), também conhecido pelo pseudônimo Orion. Junto de seu irmão, Mariano Varela, Héctor era dono do jornal *La Tribuna* (1853–1884)⁴⁵, um dos periódicos mais influentes e de maior continuidade e circulação em Buenos Aires nos anos 1860 e 1870.⁴⁶

Apesar de *La Tribuna* ser, inquestionavelmente, um dos diários bonaerenses mais importantes desse período, não foi possível localizar nenhum estudo específico sobre esse jornal, e os autores que trabalham com a imprensa argentina do século XIX geralmente se limitam a reafirmar o seu grande destaque no cenário político portenho. Assim como outros periódicos da época, *La Tribuna* procurava defender uma “postura independente”, reivindicando autonomia em relação ao poder político, no intuito de atingir um público mais amplo. No entanto, a classificação do *La Tribuna* como órgão de imprensa independente não se sustenta ao menor exame crítico, já que o jornal demonstrou, em determinados momentos, ter grandes afinidades com o *autonomismo*,⁴⁷ corrente política que defendia a não subordinação da província de Buenos Aires a um poder central.⁴⁸

No caso específico da guerra contra o Paraguai, há indícios de que o jornal apoiou intensamente as mobilizações que culminariam na assinatura do Tratado da Tríplice Aliança, com o Brasil e o Uruguai, em 1865.⁴⁹ Assim como ocorreu com o diário mitrista *La Nación*

⁴⁵ AMANTE, Adriana. *Poéticas y políticas del destierro. Argentinos em Brasil en la época de Rosas*. Buenos Aires: Fondo de cultura económica, 2010, p. 308.

⁴⁶ SABATO, Hilda. “La sociedade civil y sus redes”, op. cit., 1998.

⁴⁷ O *autonomismo* ou *alsinismo* foi uma tendência política que surgiu a partir de uma cisão no Partido Liberal (Buenos Aires) em 1864. Dessa divisão, surgiu o Partido Nacional, que defendia a subordinação da província de Buenos Aires ao poder central, e o Partido Autonomista, que defendia o oposto. Alguns anos mais tarde, os dois partidos se uniram e formaram o Partido Autonomista Nacional (PAN), porém, a partir de um setor do *autonomismo*, surgiu o Partido Republicano, que teve uma existência muito breve. Cf. SABATO, Hilda. “Buenos Aires, ciudad patricia”, op. cit., 1998.

⁴⁸ A historiadora Maria Helena Capelato afirma que a ideia de uma imprensa independente ou neutra não passa de uma ilusão. Dizer-se apartidário é uma estratégia utilizada pelos editores para ofuscar seus interesses particulares e lançar-se no espaço público como “tutores de uma verdade”. CAPELATO, Maria Helena. “O controle da opinião e os limites da liberdade: imprensa paulista (1920–1945)”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 12, n.º. 23/24, 1991.

⁴⁹ Em *Elisa Lynch por Orion*, Héctor Varela dedica algumas páginas para discutir a respeito de uma suposta manifestação popular em prol da guerra, quando ocorreu a invasão paraguaia a Corrientes. Segundo o jornalista,

Argentina, o periódico *La Tribuna* também reproduziu um discurso absolutamente crítico ao Marechal López, clamando pelo êxito da Argentina quando o exército paraguaio invadiu Corrientes.⁵⁰ Com o término da Guerra da Tríplice Aliança, *La Tribuna* também publicou uma série de artigos maledicentes sobre Elisa Lynch, assim como outros jornais argentinos, chegando a sugerir que ela seria apedrejada caso decidisse retornar ao Paraguai.⁵¹ Como procurarei demonstrar na última parte do capítulo, Madame Lynch tomou conhecimento dessas publicações e fez críticas incisivas ao *La Tribuna*.

Héctor Varela nasceu em Montevideu em 1832. Era filho do importante intelectual argentino Florencio Varela, que se encontrava exilado na região do Uruguai desde o começo dos anos 1830, quando o federalista Juan Manuel de Rosas tornou-se governante da Província de Buenos Aires.⁵² De tendência unitária, Florencio Varela estabeleceu contatos com vários outros intelectuais e políticos argentinos exilados, como Juan Bautista Alberdi, Esteban Echeverría e o ex-governante de Buenos Aires, Bernardino Rivadavia, e fez oposição ao governo Rosas. Em 1848, foi assassinado em Montevideu, provavelmente por ordens de Juan Manuel de Rosas e Manuel Oribe, em razão de sua notória militância política. O assassinato de Florencio Varela gerou certa comoção no Prata e sua família sofreu sérias dificuldades econômicas nos anos seguintes; seus filhos, no entanto, foram posteriormente reconhecidos como “órfãos da pátria” e, graças a isso, alguns deles conseguiram posições destacadas no espaço público portenho após a queda de Rosas.⁵³ Em 1853, os irmãos Héctor e Mariano Varela, filhos do “mártir da liberdade”, receberam a imprensa oficial do governo de Buenos Aires e fundaram *La Tribuna* (1853–1884).⁵⁴

ao tomar conhecimento do ataque, uma multidão de pessoas se dirigiu à sede do *La Tribuna* e, então, partiu à casa de Bartolomé Mitre. Ao chegar diante do então presidente, o povo teria pedido que Héctor fizesse um discurso, e ele o fez, afirmando veementemente que o governo não devia tolerar “a afronta sangrenta que a bandeira da Pátria acabava de receber”. Cf. VARELA, Héctor Florencio. *Elisa Lynch por Orion*. Buenos Aires: Imprenta de La Tribuna, 1870, p. 304.

⁵⁰ BARATTA, Maria Victoria, op. cit., 2014.

⁵¹ Em seu texto autobiográfico, *Exposición y Protesta*, Elisa Lynch faz algumas referências diretas a artigos do *La Tribuna* que a depreciavam. Cf. LYNCH, Elisa Alicia. “Declaração – Protesto que faz Elisa A. Lynch”. In: FANNING, Ronan; LILLIS, Michael, op. cit., 2009.

⁵² Após a independência argentina, as décadas seguintes foram marcadas por uma intensa disputa política entre unitários e federalistas. Em linhas gerais, os unitários defendiam um projeto liberal no qual Buenos Aires, por ser a província economicamente mais importante, teria amplas prerrogativas na gestão do Estado Nacional, como, por exemplo, na formulação de políticas alfandegárias. Os federalistas, por outro lado, defendiam a descentralização radical do Estado Nacional argentino e o protecionismo econômico. O federalismo ra um projeto encabeçado pelas elites das províncias do litoral (dos grandes rios) e do interior da Argentina, ainda que alguns membros da elite de Buenos Aires, como Juan Manuel de Rosas, fossem federalistas. Cf. PELLEGRINO, Gabriela; PRADO, Maria Lígia. *História da América Latina*. São Paulo: Contexto, 2014.

⁵³ AMANTE, Adriana, op. cit., 2010.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 308.

Héctor Florencio Varela, ao mesmo tempo em que era editor e proprietário de *La Tribuna*, se envolveu em iniciativas públicas que tinham o Estado e o poder público como interlocutores. Seja para organizar manifestações favoráveis à adesão da Argentina à guerra contra o Paraguai em 1865, seja para impulsionar a criação de uma Comissão Popular contra a febre amarela em 1871, ou mesmo para rechaçar a criação de impostos sobre bebidas alcóolicas e o tabaco em 1878, Héctor se preocupava em liderar atos públicos, proferir discursos e organizar celebrações diversas.⁵⁵ Todos esses episódios tornaram Héctor Varela uma figura muito conhecida pelo público portenho, e isso ajuda a explicar parcialmente o sucesso que sua biografia sobre Elisa Lynch teve na época de seu lançamento. Além do jornalista ser uma figura ilustre em Buenos Aires, não é possível ignorar que Lynch também se tornou uma personagem conhecida ao longo da Guerra da Tríplice Aliança, principalmente graças à imprensa dos países aliados.

Em relação à biografia, Héctor Varela tinha a intenção de escrever três volumes a respeito de Madame Lynch: o primeiro sobre uma viagem que ele fez a Assunção em 1855, quando teve a oportunidade de conhecer a personagem e o, então, General Francisco Solano López; o segundo sobre as aventuras de Lynch na Europa e os lugares que ela costumava frequentar; e o último sobre a participação dela na Guerra da Tríplice Aliança.⁵⁶ Por motivos desconhecidos, Héctor Varela publicou somente o primeiro tomo de sua obra, denominado *Elisa Lynch por Orion*.⁵⁷ Apesar do livro ter sido editado e impresso somente uma vez no século XIX,⁵⁸ ao que tudo indica o número de vendas foi bastante expressivo na época do lançamento.⁵⁹

Como a obra de Héctor Varela sobre Elisa Lynch não chegou a ser concluída, o único tomo publicado trata da trajetória dela de forma incompleta, considerando os objetivos totais elencados pelo autor. É necessário considerar, contudo, que ainda que o livro não trate

⁵⁵ SABATO, Hilda. “El pueblo en la calle”, op. cit., 1998.

⁵⁶ VARELA, Héctor Florencio. “La Heroína”, op. cit., 1870.

⁵⁷ Um motivo que pode ajudar a explicar o fato de Héctor Varela ter desistido de publicar o restante da obra é o seu interesse crescente nas ideias americanistas, que ganharam uma repercussão internacional na segunda metade do século XIX, especialmente a partir da década de 1870. Pouco após publicar *Elisa Lynch por Orion* em 1870, ele recorreu a vários países americanos em 1871 para tentar reunir fundos para criar um periódico que pudesse representar os interesses dessas repúblicas, levando a “sua civilização e letras” ao continente europeu. Embora Héctor não tenha se afastado definitivamente da cena pública portenha, suas viagens pela Europa e pela América, conjugadas com a sua entrada em outros circuitos intelectuais a partir dos anos 1870, podem ajudar a explicar a não concretização dos outros dois volumes de *Elisa Lynch por Orion*. Cf. BEIRED, José Luis Bendicho. “Hispanismo e latinismo no debate intelectual ibero-americano”. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 30, n. 54, set/dez 2014.; MARTINEZ, Frédéric. “El impacto del viaje”. *El nacionalismo cosmopolita. La referencia europea en la construcción nacional en Colombia, 1845–1900*. Bogotá: Banco de la república/ Instituto francés de estudios andinos, 2001, p. 259-260.; SABATO, Hilda. “El pueblo en la calle”, op. cit., 1998, p. 195.

⁵⁸ Posteriormente, o livro foi reeditado novamente em Buenos Aires em duas outras ocasiões, em 1934 e 1997. Cf. VARELA, Héctor Florencio. *Elisa Lynch por Orion*. Buenos Aires: L. J. Rosso, 1934.; VARELA, Héctor Florencio. *Elisa Lynch por Orion*. Buenos Aires: El Elefante Blanco, 1997.

⁵⁹ FANNING, Ronan; LILLIS, Michael, op. cit., 2009, p. 45.

exclusivamente e nem exaustivamente da trajetória de Madame Lynch, como uma biografia tradicional geralmente pretende fazer, esse material é central para discutir as imagens que mais circularam a respeito da personagem no pós-guerra. A biografia foi publicada ainda em 1870 e foi o primeiro livro que pretendeu tratar diretamente da trajetória dela. O material ganha relevância, também, por ter sido escrito e publicado pelo dono do *La Tribuna*, que ainda era o jornal mais influente de Buenos Aires nos anos 1870.⁶⁰ Por último, uma questão que precisa ser destacada é que *Elisa Lynch por Orion* influenciou consideravelmente as leituras posteriores a respeito da personagem; todas as biografias selecionadas para a análise nesta Dissertação, inclusive, fazem ao menos uma pequena menção, em geral crítica, ao trabalho de Héctor Varela.

Nas primeiras páginas do livro, Varela já deixou manifesta a sua tentativa de conferir maior credibilidade à obra. De forma explícita, o escritor reivindicou um estatuto de *verdade* para a sua narrativa, coroado por uma suposta neutralidade, por sua visita ao Paraguai alguns anos antes da publicação, mas também pelo prestígio que seu sobrenome e sua profissão lhe conferiam. A respeito dessa busca pela *verdade*, Héctor Varela transcreve um trecho de um diálogo que afirma ter tido com Madame Lynch após a guerra, quando ela se encaminhava a Buenos Aires. Nesse momento, a personagem afirma:

— Se o senhor não escrever um livro que me insulte, que me ultraje, em que me mostre como a mais perversa e sanguinária de todas as mulheres, *sua obra não irá encontrar eco*.

— Eu não penso em escrever – lhe respondi – um livro destinado a satisfazer aos desejos de ninguém: nem daqueles que acreditam que a senhora é a mais infame de todas as mulheres, nem a ambição daqueles que, pelo contrário, encontram uma desculpa para as suas faltas comedidas ao lado do General [Solano] López. Minha missão se limitará a *expor fatos* de uma autenticidade que ninguém poderá questionar. Esses fatos *são o que julgarão a senhora*.⁶¹
[Grifos originais]

Ao longo de todo o livro, Héctor Varela reafirma seu caráter equilibrado, respeitoso e sempre neutro diante das situações, de homem que dificilmente julga os atos dos outros, especialmente das mulheres que ele encontra em seu caminho. Reconhecido diversas vezes por causa de seu sobrenome e por sua atuação no *La Tribuna*, as mulheres normalmente enxergam-no como digno de confiança e revelam segredos de suas vidas pessoais ao jornalista. Assim

⁶⁰ Apesar do surgimento de novos periódicos portenhos em fins de 1860, como *La República* (1867), *La Prensa* (1869) e *La Nación* (1870), *La Tribuna* (1853) ainda era o principal diário de Buenos Aires em 1870, tanto por seu número de vendas, como por sua influência e por seu prolongado período de atividade. PASTORMELO, Sergio. “Sobre la primera modernización de los diarios en Buenos Aires. Avisos, noticias y literatura durante la Guerra Franco-Prusiana (1870)”. In: DELGADO, Verónica; ROGERS, Geraldine (Orgs.). *Tiempos de papel. Publicaciones periódicas argentinas. (siglos XIX-XX)*. La Plata: Universidad de Nacional de La Plata, 2016.

⁶¹ VARELA, Héctor Florencio, op. cit., p. XV.

acontece com a senhora espanhola Purificación Bermejo, que conta a Orion as desventuras de seu esposo, Ildefonso Bermejo por causa de sua inimizade com a “querida do López”; e, como não podia deixar de ser, Héctor também conhece a fundo Madame Lynch, que lhe faz revelações íntimas sobre a sua vida pessoal e o seu passado. Embora o jornalista sempre se mostre como alguém confiável, não deixa de ser irônico que, anos após essas mulheres supostamente terem confidenciado seus segredos para ele, Varela resolveu publicar um livro onde divulgava essas informações secretas para, pelo menos, todo o rio da Prata.

Apesar do livro ter sido destinado a tratar do momento em que o autor conheceu Elisa Lynch, Héctor Varela discorre sobre uma série de outros assuntos que parecem secundários ou até mesmo desnecessários em uma biografia sobre a personagem. *Elisa Lynch por Orion* possui onze capítulos distribuídos em mais de quatrocentas páginas e teve os argentinos, sobretudo, como público-alvo.⁶² Essa afirmação se justifica em razão das longas considerações de Orion a respeito de cidades de diferentes províncias argentinas nas quais o navio a vapor que o transportava precisou aportar, e por suas reflexões a respeito da história da Argentina e da “tirania” de Juan Manuel de Rosas. O livro é permeado por referências à Argentina dividida nos anos 1850 e por comparações entre Buenos Aires e o Paraguai. Ao escrever um parecer crítico sobre *Elisa Lynch por Orion* no periódico portenho *La República*, Manuel Bilbao reprovou veementemente as longas divagações de Héctor Varela, que fazem com que Madame Lynch não possua a centralidade que deveria ter em toda a biografia:

Este livro é a história de Elisa Lynch ou a história de uma viagem?
Para nós é a descrição novelesca de um passeio (...). Não conseguimos entender o que essa viagem tem a ver com uma introdução à vida de Elisa Lynch (...). Em uma biografia é admitida a reunião de acontecimentos ligados à história do herói. Porém jamais é permitido fazer da heroína uma personagem secundária, acessória e não dar centralidade a ninguém, deixando que cada cena possua seu herói, sua vida própria, seja um episódio isolado.⁶³

De fato, Héctor Varela faz uma série de divagações que não possuem, necessariamente relações entre si e que dão, à primeira vista, um caráter caótico ao livro. A obra poderia até

⁶² Como argumenta Leonor Arfuch, a produção de biografias não é um trabalho que pode ser descolado do seu público-alvo, “que busca nelas esse algo a mais que ilumine o contexto vital da figura de algum modo conhecida — dificilmente se lê a biografia de um personagem que se desconhece”. ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2010, p. 140.

⁶³ BILBAO, Manuel. *Elisa Lynch por Orion. Juicio crítico dado por el diario La República*. Buenos Aires: Imprenta, litografía y fundición de tipos, de la sociedad anónima, 1870, p. 12-14.

mesmo ser enquadrada como um tipo de relato de viagem, o que não a invalidaria como uma biografia.⁶⁴

Um dos aspectos que recebe bastante destaque nesse livro é a elegância, sensualidade e beleza que o escritor atribuía à Madame Lynch. Antes mesmo de conhecê-la pessoalmente, Héctor afirma que tinha alguma consciência dos encantos da misteriosa “dama inglesa” que se tornou “a querida do General López”,⁶⁵ posto que já havia sido alertado a esse respeito mais de uma vez. Apesar disso, o escritor expressa que ficou bastante surpreso com a aparência física e os traços de Lynch ao conhecê-la pessoalmente:

Se existem mulheres que possuem o privilégio de se *impor* desde o primeiro instante em que cruzam os olhares de seus semelhantes, digo aqui, com toda sinceridade e independência, que Elisa Lynch me pareceu uma dessas mulheres, ao entrar com desenvoltura e elegância no salão.⁶⁶ [Grifo original]

Visivelmente interessado na jovem europeia, o jornalista portenho a descreve com as seguintes palavras:

Sua estatura era alta; sua cintura era flexível e delicada, seus contornos eram belos e voluptuosamente desenhados, e apenas eram encobertos por um delicado tule branco que contrastava com a alvura de sua cútis (...); seus olhos eram de um azul que parecia roubado das tonalidades do céu, e tinham essa expressão inefável de doçura (...); sua boca não era de todo pequena, mas em seus lábios, muito finos, havia essa expressão indescritível de volúpia que o observador adivinha ou sente ao vê-los úmidos, como se com esse orvalho sublime, Deus quisesse apagar o fogo de certas bocas, que se transformariam em cálices de leite, nos festejos da paixão ardente.⁶⁷

Embora a personagem seja costumeiramente descrita como uma mulher bela, sedutora e luxuosa mesmo por seus inimigos políticos, nem todos os autores fazem isso de forma tão direta e acentuada como Héctor Varela o fez no trecho acima. Por mais que haja indícios que *Elisa Lynch por Orion* foi uma obra bem recebida em Buenos Aires na época da publicação,⁶⁸ o livro

⁶⁴ Segundo Jan Borm, o relato de viagem tem um status problemático, porque é um “gênero composto de outros gêneros”, podendo acomodar diários, ensaios, contos, poesias, autobiografias e etc. Segundo ele, o relato de viagem é “toda narrativa predominantemente não-ficcional que relata, quase sempre em primeira pessoa, uma viagem ou viagens que os leitores presumem terem acontecido, enquanto também assumem que o narrador e o protagonista são a mesma pessoa.” Em quase todas as referências localizadas a respeito de *Elisa Lynch por Orion* — exceto no artigo de Manuel Bilbao —, a obra é definida como uma biografia, assim como neste trabalho; apesar disso, é necessário destacar que esse material possui características que vão além de uma biografia tradicional e que enfatiza diversos aspectos relativos à viagem de Héctor ao Paraguai. Cf. BORM, Jan. *Defining Travel: On Travel Book, Travel Writing and Terminology*. In: HOOPER, Glenn; YOUNGS, Tim. *Perspectives on Travel Writing*. London: Ashgate, 2004, p. 13-26.

⁶⁵ VARELA, Héctor Florencio, op. cit., 1870, p. 233.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 260.

⁶⁷ *Ibidem*.

⁶⁸ Ao iniciar uma série de sete artigos profundamente críticos a respeito de *Elisa Lynch por Orion* no periódico *La República*, o escritor Manuel Bilbao fez uma digressão sobre a necessidade de se criticar as obras de forma justa, tanto para elogiá-las, como para depreciá-las, sem que a crítica seja tida como uma ofensa pessoal ao autor.

foi e ainda é intensamente criticado por outros biógrafos de Madame Lynch. No caso da citação acima, o uso excessivo de adjetivos e metáforas, a evidente atração física e o olhar curioso do jornalista sobre a personagem foram suficientes para que outros autores atribuíssem a Varela a alcunha de “seu destemido defensor”,⁶⁹ como foi o caso de Héctor Francisco Decoud, escritor paraguaio cuja biografia sobre a personagem será analisada no capítulo 2. Já durante o governo Stroessner, quando Elisa Lynch foi elevada à categoria de heroína nacional, Héctor Varela foi denominado como um “panfletista miserável e vil”⁷⁰ por Juan O’Leary, um dos autores mais reconhecidos do revisionismo paraguaio.

Ao longo do livro, Héctor Varela parece ter ficado realmente encantado com Elisa Lynch, porém isso não significa que ele tivesse uma leitura positiva sobre ela, muito pelo contrário. Para o jornalista, Madame Lynch era uma mulher sedutora e inteligente, porém com um caráter absolutamente questionável.

Contudo, para podermos compreender melhor o “maravilhamento” de Varela em relação a Elisa Lynch e as imagens que ele constrói a respeito dela, é necessário, primeiro, discutir as leituras elaboradas por Orion a respeito do Paraguai, bem como suas comparações com Buenos Aires. Diferente do que afirmou Manuel Bilbao, acredito que essas informações são fundamentais para ajudar Héctor Varela a conceber uma determinada interpretação a respeito do governo paraguaio e dos motivos que levaram Elisa Lynch “a deixar a vida na Europa, para compartilhar uma existência quase primitiva”⁷¹ em Assunção.

1.2.1 Buenos Aires como civilização, Assunção como barbárie

O cenário político e social paraguaio, governado à época por Carlos Antonio López, foi matizado por Varela em tons tenebrosos. Segundo o jornalista, o Paraguai era monitorado por um sistema intenso e coercitivo de espionagem, graças ao qual “uma mosca não entraria [no território nacional] sem aviso prévio”, e ninguém podia se manifestar publicamente de forma contrária ao presidente e seus familiares. Havia um rechaço profundo aos estrangeiros, especialmente aqueles das *provincias de baixo* (Argentina), mas também aos brasileiros,

Sugerindo que a obra de Orion foi elogiada cegamente por seus admiradores, Bilbao afirmou que essa reflexão era necessária “porque sendo essa obra aquela que mais tem circulado, que mais tem causado entusiasmo em nossa sociedade, merece, portanto, receber um parecer justo”. BILBAO, Manuel, op. cit., 1870, p. 9.

⁶⁹ DECOUD, Héctor Francisco. *Elisa Lynch de Quatrefages*. Buenos Aires: Librería Cervantes, 1939, p. 13.

⁷⁰ O’LEARY, Juan. “Prólogo”. In: PITAUD, Henri. *Madama Lynch*. 3ªed. Asunción: Editorial France-Paraguay, 1970.

⁷¹ VARELA, Héctor Florencio, op. cit., 1870, p. 270.

aqueles a quem o presidente supostamente designava de *cambás*.⁷² O regulamento policial que os estrangeiros deviam obedecer tinha determinações absurdas no entender de Orion, como a necessidade de se requerer uma autorização policial para comparecer a bailes ou eventos públicos, e a imposição dos transeuntes saudarem respeitosamente Carlos López sempre que a carruagem presidencial passasse. Tudo isso era absolutamente inadmissível para Héctor Varela, que se via como:

Homem jovem, *educado em meio à completa liberdade que sorria à minha Pátria*; filho de um povo, que, sejam quais forem seus defeitos (...), possuía, contudo, absoluta consciência de seus direitos e liberdade; alimentado em uma sociedade culta e ilustrada; acostumado ao movimento e agitação que nos são comuns, a fisionomia geral do Paraguai, sua moralidade, sua opressão, seus costumes, os caprichos e excentricidades dos governantes; todo esse conjunto singular e bizarro, no qual a farsa e a barbárie se misturavam, produzia uma impressão de tristeza e dor em meu espírito, dos quais eu não podia me libertar...⁷³ [Grifo meu]

Ao mesmo tempo em que ajuíza negativamente o despotismo paraguaio, Héctor Varela ressalta as qualidades de sua “Pátria”. O escritor emprega aqui uma retórica de alteridade, na qual Paraguai e Buenos Aires são retratados em oposição.⁷⁴ Evidentemente, Orion se autoidentificava muito mais como portenho do que como argentino, ainda mais considerando o período de divisão política pelo qual atravessava o país no momento em que ele foi ao Paraguai. E embora ele afirme que foi “educado em meio à completa liberdade” de sua Pátria, em realidade Héctor nasceu e cresceu no exílio, em Montevidéu. O retorno dos Varela a Buenos Aires ocorreu somente após a derrota de Rosas em 1852 e a sua viagem ao Paraguai teve início em setembro de 1855. A biografia *Elisa Lynch por Orion* foi publicada cerca de quinze anos depois do início da viagem, quando a Argentina já estava novamente unida e, então, sob a presidência de Domingo Faustino Sarmiento.

Tendo como referencial a história de seu país, a solução encontrada por Héctor Varela para demonstrar que o Paraguai era absolutamente primitivo e dominado pelo despotismo, foi afirmar que o governo do país era ainda pior do que a *tiranía* de Juan Manuel de Rosas:

⁷² Segundo Héctor Florencio Varela, Carlos Antonio López se referia aos brasileiros como negros, *cambá* (palavra em guarani que tem o mesmo significado) ou macacos.

⁷³ VARELA, Héctor Florencio, op. cit., 1870, p. 279.

⁷⁴ Como afirma o historiador francês François Hartog, em sua análise sobre a obra de Heródoto, os escritos que têm a preocupação de traduzir o *outro*, como os relatos de viagem, geralmente fazem uso de retóricas de alteridade. A retórica da alteridade funcionaria como um “espelho em negativo”: procurando entender o outro, acabamos levantando um espelho para nós mesmos e enxergamos aquilo que é dissonante com o que somos/acreditamos. Em outras palavras, frequentemente o viajante fala mais sobre si próprio, do que sobre o *outro*. Como exemplo, Hartog menciona que os povos citas surpreenderam Heródoto por não possuírem cidades, casas ou campo lavrado, ou seja, justamente aquilo que os gregos possuíam. HARTOG, François. *O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, p. 38.

O próprio Rosas, por mais bárbaro e sanguinário que fosse, tentava ocultar a ferocidade de suas inspirações, cometendo atos de uma tirania sem precedentes, mas sempre tentando revesti-los e ainda legitimá-los com toda a legalidade formal.

No Paraguai ocorria o contrário.

Longe de tentar esconder, seu Governo aparentemente sentia prazer e satisfação infinita em fazer com que todos compreendessem que a Nação era patrimônio de seu Presidente; que ali não imperava uma vontade maior do que a sua; que somente ele era livre; que a escravidão e submissão deviam ser direitos naturais.⁷⁵

Apesar de não ser uma pessoa bem quista no Paraguai, por ser um legítimo representante dos interesses das *provincias de baixo*, curiosamente Héctor alega que conseguiu estabelecer boas relações com várias pessoas que tinham uma atuação pública expressiva no país. Embora o portenho admita que o presidente Carlos López tinha uma repulsa muito grande em relação a ele, foi convidado mais de uma vez pelo General Solano López, para que conversassem e bebessem mate e xerez juntos. Em um desses encontros na casa do paraguaio, Héctor menciona que o General acabou ficando embriagado. Num curioso e inesperado rompante de *sinceridade*, Solano López disse algo que o jornalista se lembrava perfeitamente e transcreveu *quase ao pé da letra*:

— (...) minha sorte está completamente ligada ao meu povo. O senhor meu pai já está velho, sofre de uma enfermidade crônica que, para além de sua idade avançada, irá precipitar sua morte. Sua vontade e de meus compatriotas é de que eu o substitua na presidência. Nesse dia eu farei aquilo que ele não quis fazer, apesar de meus conselhos. Eu sei que o Brasil e vocês, argentinos, cobiçam o Paraguai. Aqui nós temos elementos suficientes para resistir a ambos; porém eu não irei esperar que vocês me ataquem: *eu os atacarei*. Diante do primeiro motivo que me derem, *declararei guerra ao Império e às duas Repúblicas do Prata, que apesar de viverem em um clima de desconfiança mútua, certamente irão se unir para combater-me*.⁷⁶ [Grifos originais]

Um dos aspectos que mais chama a atenção em todo o livro é que Héctor Varela sempre pretende se mostrar como alguém importante e tido por confiável pelas pessoas ao seu redor. Isso é um recurso muito utilizado pelo jornalista para mostrar que, sem querer, ele se via constantemente inserido em várias situações que lhe permitiam sugerir uma nítida relação entre o que ele via e ouvia no Paraguai, e os desdobramentos posteriores da Guerra da Tríplice Aliança. Héctor Varela, como seus contemporâneos, tinha certeza de que a culpa do acontecimento e desenvolvimento do confronto armado era responsabilidade exclusiva do

⁷⁵ VARELA, Héctor Florencio, op. cit., 1870, p. 244.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 299.

Paraguai. Ele afirma que a guerra era parte do plano de governo do General López, e ele sabia disso porque *ouviu* o paraguaio proferindo as palavras transcritas acima. Em realidade, se a guerra já estivesse no horizonte político do General López em 1855, é muito pouco provável que ele revelasse seus planos para Héctor Varela, alguém influente em Buenos Aires e que, segundo o próprio autor, se manifestava publicamente contra o governo paraguaio. De qualquer modo, ainda que não se deva ler esse tipo de fonte em busca de qualquer possibilidade de veracidade histórica, é interessante observar os sentidos retrospectivos que o autor oferece à viagem que fez ao Paraguai anos antes do início do conflito.

Como argumenta Liliana Brezzo, no período pós-guerra, tanto nos países aliados — Brasil, Argentina e Uruguai —, quanto no país vencido — Paraguai —, a interpretação dominante a respeito das motivações que desencadearam o conflito colocava Francisco Solano López, seu governo “despótico” e “tirânico”, como responsável pelo embate armado. Nessa linha argumentativa, as únicas consequências positivas do evento teriam sido a libertação do povo paraguaio de um sistema de “governo tirânico”, que o mantinha afastado das “nações civilizadas”, e a sedimentação de um ambiente político propício à entrada do liberalismo no Paraguai.⁷⁷ Ao se referir à historiografia sobre a Guerra da Tríplice Aliança, o historiador francês Luc Capdevila explica que a interpretação liberal sobre o confronto foi o primeiro modelo explicativo sobre a guerra:

Trata-se da versão da história escrita pelos vencedores da guerra. O acontecimento é percebido como o enfrentamento entre a civilização e a barbárie, segundo um prisma de representações anteriormente organizadas por Domingo Faustino Sarmiento para o caso das guerras civis argentinas. (...) A partir dessa perspectiva, todas as responsabilidades se concentraram sobre a loucura mortal do tirano Francisco Solano López, verdugo sanguinário de seu povo e feroz agressor de seus vizinhos. Em fins do século XIX, o autocrata de Assunção foi qualificado como “Nero sul-americano”, e poderia ter sido igualmente estigmatizado como o “Rosas do Paraguai”.⁷⁸

Em relação a essa discussão historiográfica, um aspecto interessante do livro de Héctor Varela é que embora ele afirme que Francisco Solano López foi o responsável pelo desencadeamento da guerra, ele mostra que Madame Lynch influenciou intensamente a política do então General. Em um determinado momento do livro, logo após narrar que fez uma visita à casa de Madame Lynch, Héctor começa a refletir sobre os motivos que teriam levado uma

⁷⁷ BREZZO, Liliana M. “Argentina, Paraguay y la historia de la guerra de la triple alianza en los limites de la ortodoxia: mitos y tabúes”. In: *Aislamiento, nación e historia en el Río de la plata: Argentina y Paraguay. Siglos XVIII-XX*. Rosario: Universidad Católica Argentina, 2005, p. 273-301.

⁷⁸ CAPDEVILA, Luc, op. cit., 2010, p. 34.

mulher tão superior “por seu talento e distinta educação”⁷⁹ a se dirigir ao Paraguai. O autor parte de duas hipóteses para explicar essa escolha, que lhe parecia tão inusitada: em primeiro lugar, Héctor pondera que Elisa realmente poderia estar apaixonada pelo General López, opção que ele rejeita imediatamente; a segunda hipótese, que lhe parecia mais plausível, diz respeito às possibilidades de ganhos materiais que a relação com o General poderia oferecer a ela:

Elisa Lynch, inteligente e viva, (...) estudou a situação do Paraguai: procurou e encontrou quem a explicasse até os menores detalhes de sua caprichosa e singular existência; soube que a República era patrimônio tradicional daqueles que a governavam (...) despoticamente; soube que Dom Carlos Antônio López já estava velho (...); calculou que, assim que o velho morresse, a Presidência seria legada ao General [Solano López] como em um testamento; pensou, depois de conhecê-lo intimamente em Paris, que com sua experiência e talento, seria fácil dominar o futuro dono dos destinos da jovem e rica República; e, por meio dessas reflexões sedutoras, percebeu que, enquanto dona absoluta de [Solano] López, por amor e inteligência, poderia chegar a ser mais do que uma Cortesã (...), mas a Presidenta, e talvez a Imperatriz do Paraguai.⁸⁰

1.2.2 A imperatriz do Paraguai

Em seu livro, o jornalista sugere em várias passagens que Elisa foi responsável por influenciar López a declarar guerra, no intuito de edificar um império paraguaio para que, finalmente, ela pudesse se tornar imperatriz. Para Héctor Varela, a relação de Solano López e Elisa Lynch foi *desequilibrada* desde o início. Ainda muito jovem, Elisa Lynch percebeu que o lar modesto de sua família “era pequeno para suas ambições de mulher e suas ilusões de cortesã”.⁸¹ Depois de abandonar a família, a belíssima *inglesa* recebeu inúmeras promessas de amor, com as quais brincava caprichosamente, abrindo feridas em “corações nobres”. Cansada de não possuir um sobrenome que pudesse introduzi-la à alta sociedade, decidiu se casar com um jovem de uma família ilustre. No entanto, a monotonia do casamento a incomodava de sobremaneira que, logo, “teve um amante, teve dois, teve dez, até que as *Loretas* de Paris a viram entrar no templo de suas orgias, coroada de beleza e de brilhantes”.⁸² Ao conhecer o General López e perceber as vantagens que poderia adquirir se relacionando com ele, Madame Lynch:

... lhe prometeu a fidelidade de um coração virgem; conseguiu *impor* sua vontade e o obrigou a viajar com ela para melhor conhecê-lo na intimidade

⁷⁹ VARELA, Héctor Florencio, op. cit., 1870, p. 270.

⁸⁰ Ibidem, p. 272-273.

⁸¹ Ibidem, p. XIII.

⁸² Ibidem.

cotidiana, e quando satisfez seu amor próprio, pôde se vangloriar dessa fácil conquista.⁸³ [Grifo original]

Encantado com ela, o “general das selvas americanas” decidiu levar Madame Lynch ao Paraguai, tendo imposto a convivência com ela a toda sociedade de seu país; todos aqueles que quisessem “ficar bem” com o futuro presidente, precisavam ter boas relações com Lynch e tratá-la com toda deferência possível. A esse respeito, Héctor Varela mostra a perseguição sofrida pelo espanhol Ildefonso Bermejo, cuja esposa, Purificación Bermejo, se negava a ter relações sociais com Madame Lynch. Seduzido por vantagens materiais e pela perspectiva de ligar seu nome aos progressos do Paraguai, Ildefonso decidiu deixar a Europa. Héctor Varela nos explica que, se inicialmente o espanhol era bem tratado pelas pessoas relacionadas ao governo, pouco a pouco foi convertido em uma “máquina de trabalho, apta para tudo”, sendo obrigado a realizar todos os caprichos do presidente, sem nunca conseguir agradá-lo e sem ter a possibilidade de abandonar o Paraguai e regressar à Espanha. Toda essa situação foi explicada a Héctor por Purificación Bermejo, que atribuía o sofrimento de seu esposo ao desejo de vingança de Madame Lynch:

— Há aqui uma mulher que, com o sorriso de uma Santa, é um Demônio em corpo e alma: hipócrita, má e perversa. Essa mulher é a concubina do filho mais velho de [Carlos] López. Desde que chegou aqui, me procurou: me visitou, me deu presentes; ela tentou, até mesmo com humilhações, estabelecer e intensificar relações comigo. Eu resisti com tenacidade e até mesmo com grosseria. (...) Convencida da debilidade de sua insistência, (...) não pensou em mais nada a não ser em se vingar de mim. (...) Apenas de uma maneira podia me fazer sentir o peso de sua raiva e de seus instintos perversos: vingar-se de mim através de meu pobre marido.⁸⁴

Nesse trecho, Héctor Varela demonstra que Madame Lynch se esforçava ao máximo para conseguir a amizade de Purificación Bermejo. Embora Bermejo tenha aberto mão de suas diferenças com Elisa Lynch ao aceitar ser madrinha de Enrique Solano López, é muito provável que as duas mulheres tivessem poucas relações de convivência porque tinham valores diferentes: enquanto *Doña Pura* representava a tentativa de fortalecer a moral católica, incentivar casamentos formais e descendências legítimas entre a elite assuncenha, Elisa Lynch era tida vista como uma figura escandalosa por causa de sua relação de concubinato com o futuro presidente do Paraguai e por transcender os limites estabelecidos à sua condição social e ao seu gênero. Apesar disso, Orion mostra a relação entre elas nos termos de uma tentativa fracassada de amizade que resultou num desejo profundo de vingança.

⁸³ Ibidem, p. XIV.

⁸⁴ Ibidem, p. 334.

A influência de Madame Lynch sobre Solano López se estendia desde os aspectos mais insignificantes, como a decoração da casa dele, até elementos fundamentais de sua política, como foi a declaração de guerra. Segundo Varela, já em 1855, as pessoas pareciam ter consciência de que a imposição dos desejos de Lynch podia ser desastrosa. As mulheres da elite paraguaia eram aquelas que mais rejeitavam e odiavam a *inglesa*, e tinham clareza do papel desempenhado por ela sobre o General López:

— Ela é uma malvada — dizia uma delas, da família de Gill, se a minha memória não me é ingrata — Como nós a depreciamos, ela trata de se vingar, fazendo com que Pancho (o General) nos humilhe em tudo o que pode. Se esta mulher permanecer aqui depois da morte do Presidente, seremos muito desgraçadas.⁸⁵

Toda essa ingerência que Orion alegou que Elisa Lynch possuía sobre o General não implica, por outro lado, que López seria uma pessoa benevolente e simpática ao liberalismo político e econômico se não estivesse sob influência dela. Para o jornalista, foi justamente o conhecido *despotismo* paraguaio que a atraiu ao país. Portanto, a intervenção de Lynch sobre as ações do General não pretendia modificar o seu caráter, mas levá-lo às últimas consequências. Ainda no entender o escritor, ela podia ter tentado, de outro modo, influenciar o General positivamente, sem encorajá-lo em seus crimes:

Companheira de López nas orgias de Paris, também o foi nas orgias de sangue do Paraguai, em meio das quais essas duas figuras sempre aparecem unidas, em cujas cabeças pairam as almas de milhares de vítimas, muitas das quais ela podia arrancar do martírio, se ao invés de estimular os instintos ferozes de seu amante, tivesse se inspirado nas recordações da sublime Ester da Bíblia, que se ajoelhava diante de Assuero implorando o perdão dos Hebreus perseguidos por Hamã.⁸⁶

No trecho acima, Héctor Varela faz referência direta a Ester, personagem que dá nome a um livro do Antigo Testamento da Bíblia. Em linhas gerais, o livro trata dos planos Hamã, um Ministro do rei Assuero, para erradicar os hebreus. De origem judaica, a rainha Ester interveio diante de Assuero, seu esposo, para que ele impedisse a concretização dos planos Hamã e para salvar os hebreus do extermínio.⁸⁷ A evocação dessa narrativa a respeito da ingerência de Ester sobre os atos do rei Assuero serve como contraste em relação à influência de Elisa Lynch sobre o General López; enquanto Ester se esforçou e arriscou a própria vida para salvar os judeus, Lynch estimulava “os instintos ferozes de seu amante”.

⁸⁵ Ibidem, p. 285.

⁸⁶ Ibidem, p. XIV.

⁸⁷ BÍBLIA. Português. “Ester”. *A Bíblia Sagrada. Velho e Novo Testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998, p. 680-690.

A evocação de Ester ajuda ainda a sugerir as concepções do jornalista a respeito do papel que as mulheres podiam e deviam assumir na sociedade. Em seu entendimento, a mulher devia estar atrelada à família, uma vez que ela é “uma doce e terna companheira do homem, enviada por Deus em seu caminho, para adoçá-lo e servir-lhe de terna confidente nas horas de atribulação”.⁸⁸ É importante destacar que *Elisa Lynch por Orion* foi escrita a partir do olhar de um homem sobre uma mulher, e isso trouxe implicações para a maneira como Madame Lynch foi desenhada nesse livro. Ao longo da biografia, Héctor Varela empregou suas concepções e valores como base para criar um retrato de Madame Lynch, o qual contrapôs com o modelo de comportamento feminino que ele reconhecia como correto.⁸⁹

O modelo ideal de mulher para Varela muito se assemelha à descrição de Sofia por Rousseau, no livro V de sua obra *Emílio, ou da educação* (1762). Para Rousseau, homens e mulheres cumprem papéis distintos dentro de um relacionamento: enquanto o sexo masculino deveria ser ativo e forte, o feminino deveria ser guiado por características opostas, como a passividade e a fragilidade. Essas diferenças de comportamento — que para Rousseau eram intrínsecas à natureza humana — garantiriam uma relação harmônica entre o casal. Quando o desequilíbrio se impunha, ocorria a ruína de ambos. Rousseau assim discorreu sobre a falta de moderação e pudores das mulheres:

Com a facilidade que têm as mulheres de impressionar os sentidos dos homens e de despertar no fundo de seus corações os restos de um temperamento quase extinto, se houvesse algum clima na terra onde a filosofia tivesse introduzido tal hábito, principalmente nos países quentes onde nascem mais mulheres do que homens, estes, por elas tiranizados, seriam enfim suas vítimas e se veriam todos arrastados para a morte sem que pudessem defender-se delas.⁹⁰

Esses discursos sobre as relações de gênero — que hoje entendemos como socialmente e historicamente construídas⁹¹ — influenciaram pesadamente as percepções de Varela sobre Elisa Lynch e Solano López. A relação do casal era qualificada como absolutamente desequilibrada, porque além de Lynch não amar López, ainda o influenciava negativamente para alcançar suas ambições desmedidas.

⁸⁸ VARELA, Héctor Florencio, op. cit., 1870, p. 254.

⁸⁹ FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora. Viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007, p. 85.

⁹⁰ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da Educação*. 3ª ed. São Paulo: DIFEL, 1979, p. 306.

⁹¹ SCOTT, Joan. “Gênero: Uma categoria útil para análise histórica”. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995, p. 71-99.

Contudo, apesar de Madame Lynch ser mostrada como egoísta e imoral com todas as pessoas, teria admitido a Héctor, em uma das profundas conversas que teve com ele, que era uma mulher muito solitária:

Estava visivelmente comovida, e eu ainda mais surpreso.

Tirou de uma pequena bolsa de veludo, que levava sob sua cintura flexível, um lenço de rendas, e o passou leve e graciosamente em seu rosto, dizendo-me com bondade:

— (...) Eu não tenho uma só pessoa em que confiar. Entretanto, desejo e necessito dessa fraternidade das almas e dos corações.⁹²

Dirigindo-se diretamente aos leitores de *Elisa Lynch por Orion*, Héctor tenta explicar seu posicionamento a respeito da confissão da *inglesa*:

Concordo que é difícil, quase impossível saber quando uma dessas mulheres fala a verdade e quando *finje* emoções e sentimentos; (...) contudo, naqueles instantes, me pareceu que havia uma grande sinceridade em todas as palavras de Elisa Lynch.⁹³ [Grifo original]

As únicas pessoas com quem Madame Lynch conseguia se relacionar minimamente eram homens estrangeiros e agentes diplomáticos de todas as partes do mundo, que acreditavam que ela era uma viajante rica que vivia como turista em Assunção. Ciente das visitas que ela recebia, Solano López empregava um espião em sua casa para garantir que ela não o traísse, já que ele sabia que não a havia encontrado em um “lar de virtude e de castidade”.⁹⁴ Assim, segundo Varela, apesar de viver no mais absoluto luxo e se relacionar com um homem poderoso, ela era uma mulher solitária e, no fundo, infeliz. A surpresa e pesar que Héctor parece manifestar por Madame Lynch não podem ser lidos, entretanto, como um ato de generosidade ou de compreensão do portenho em relação aos possíveis dissabores da *inglesa*. Na realidade, o que Héctor mostra indiretamente com essas considerações sobre a infelicidade de Madame Lynch é que ela era uma mulher solitária por causa da vida licenciosa que levava e, em razão disso, nenhuma das mulheres da elite de Assunção queria se relacionar com ela. Igualmente, por isso ela tentava insistentemente estabelecer uma amizade com Purificación Bermejo, por exemplo. Ao perceber que suas investidas não tinham sucesso, Madame Lynch se vingava de suas inimizades através do General López.

Apesar da obra não estar completa e deste livro ser dedicado a narrar a viagem que Héctor Varela fez ao Paraguai em 1855, é possível afirmar que o autor constrói um quadro razoavelmente amplo a respeito de como ele entendia o caráter de Elisa Lynch e de qual teria

⁹² VARELA, Héctor Florencio, op. cit., 1870, p. 396-397.

⁹³ Ibidem, p. 397.

⁹⁴ Ibidem, p. 275.

sido a sua ingerência política no Paraguai. Por mais que Orion não fale como Madame Lynch influenciou Solano López a declarar guerra, por exemplo, ele afirma claramente que ela desejava se tornar imperatriz e que foi justamente o despotismo que reinava no Paraguai que a atraiu ao país; a forma como esse desejo se conectaria à ação de López fica a cargo da imaginação do leitor. Quando a Tríplice Aliança derrotou o Paraguai em 1870, no mesmo ano em que a biografia foi publicada, essas considerações de Héctor Varela a respeito de Madame Lynch podiam soar muito convincentes para aqueles que consideravam o país guarani como causador da maior guerra ocorrida na América do Sul; nesse momento era bastante conveniente responsabilizar Solano López, um homem morto, e conferir uma série de atributos negativos a Elisa Lynch, uma mulher estrangeira que se tornou um alvo fácil para seus inimigos políticos.

Como *Elisa Lynch por Orion* foi escrita e publicada cerca de quinze anos após a viagem de Héctor Varela ao Paraguai, é muito difícil afirmar se ele realmente se incomodava tanto com o sistema político paraguaio ou se Madame Lynch lhe parecia tão ambiciosa quanto ele afirmou ao longo da biografia. Na realidade, é muito provável que não,⁹⁵ mas uma possibilidade plausível para tentar responder a essa questão é um estudo direcionado que procure analisar as considerações de *La Tribuna* sobre o Paraguai e sobre Elisa Lynch desde o período da viagem de Héctor até o final da Guerra da Tríplice Aliança, porém isso transcenderia em muito os objetivos e as possibilidades materiais desta pesquisa. Importa perceber, contudo, como essa biografia estabelecia um diálogo muito intenso com a leitura liberal sobre a Guerra da Tríplice Aliança, que colocava o Paraguai como um país atrasado e dominado pela tirania de seus governantes. Ao mesmo tempo em que Héctor destaca a ignorância, a opressão e o atraso do *outro*, enfatiza a liberdade, a modernidade, a moralidade e erudição de sua pátria, Buenos Aires.

Após o livro de Héctor Varela, foram publicadas outras obras que tratam da trajetória da Elisa Lynch.⁹⁶ Algumas delas constroem um retrato semelhante da personagem, no qual ela figura como uma cortesã ambiciosa, manipuladora que, conseqüentemente, não possuía qualquer apreço pelo Paraguai, chegando ao ponto de incitar a declaração de guerra;⁹⁷ os

⁹⁵ Como afirma Maria Victoria Baratta, o periódico *La Tribuna* expressava uma postura ocasionalmente favorável ao governo de Carlos Antonio López em suas disputas fronteiriças com o Brasil nos anos 1850. Preocupada, no entanto, em fazer uma discussão mais ampla a respeito do posicionamento dos periódicos argentinos durante a Guerra da Tríplice Aliança, a historiadora não se propõe a discutir qual a postura do *La Tribuna* em relação ao sistema político paraguaio, fazendo considerações breves a esse respeito. Cf. BARATTA, María Victoria, op. cit., 2014.

⁹⁶ A listagem com todos os escritos localizados, nos quais Elisa Lynch figura como protagonista — biografias ou textos com pretensões ficcionais —, pode ser encontrado no Anexo A.

⁹⁷ Esse é o caso, por exemplo, do depoimento de William Stewart, do Médico-diretor do exército paraguaio, de Silvestre Aveiro, secretário do Marechal López, dos textos de memória de Héctor Decoud, cuja família foi

inúmeros materiais que discutem a atuação de Elisa na política paraguaia mobilizam representações de gênero que servem para deslegitimar qualquer inserção positiva que a personagem pudesse possuir na esfera pública paraguaia. Assim como em *Elisa Lynch por Orion*, os escritores não têm qualquer preocupação em oferecer evidências que possam comprovar as informações apresentadas e, em alguns casos, eles reivindicam que o fato de terem tido a oportunidade de conhecê-la, ainda que apenas por poucos encontros, era suficiente para atestar a veracidade de suas declarações.

Um assunto importantíssimo que recebe destaque em outros materiais, mas sobre o qual Héctor Varela nem ao menos menciona na biografia — possivelmente porque ele se dedicaria a tratar desse assunto no terceiro volume da obra —, é a acusação de que Madame Lynch teria se apropriado ilegalmente de inúmeros bens alheios, desde pequenos objetos, como joias, até terrenos e propriedades privadas e públicas, durante a guerra. A concepção de Elisa Lynch como uma mulher sedutora, inteligente e ambiciosa, conjugada com as acusações de que teria roubado propriedades alheias, foi suficiente para que ela fosse expulsa do Paraguai e tivesse todos os seus bens confiscados pelo Estado. Como veremos a seguir, Madame Lynch decidiu retornar ao Paraguai em 1875, cinco anos após a Guerra da Tríplice Aliança terminar, para reivindicar a devolução de seus supostos bens. A sua viagem teve como resultado a escrita de *Exposición y Protesta*, onde ela respondeu as *calúnias* difundidas por seus inimigos políticos. Assim como *Elisa Lynch por Orion* ajudou a criar e estabelecer um modelo de interpretações negativas sobre Lynch, a irlandesa também formulou uma série de imagens positivas a seu respeito, que inspiraram obras apologéticas que seriam escritas futuramente.

1.3 O retorno de Elisa Lynch e os reclames jurídicos de *Exposición y Protesta*

Em agosto de 1869, muito embora Solano López continuasse em guerra contra a Tríplice Aliança, foi estabelecido um Governo Provisório em Assunção quando os países aliados conseguiram ocupar a capital do país.⁹⁸ Com a instauração desse novo governo, foram promulgados alguns decretos que teriam um impacto considerável na vida de Elisa Lynch após o conflito. O primeiro deles, de 17 de agosto de 1869, declarou Francisco Solano López assassino da pátria e fora da lei; o segundo, de 19 de março de 1870, confiscou todos os bens dos familiares do presidente; e o último, de 14 de maio de 1870, embargou provisoriamente os bens de Elisa Lynch e determinou o seu ajuizamento criminal. Com a morte de Solano López e

perseguida pelo governo paraguaio, e do livro *Dictadura del Mariscal López*, publicado em 1874 por Jacinto Villa Vicencio.

⁹⁸ DORATIOTO, Francisco. “O governo provisório paraguaio”, op. cit., 2002.

o final da guerra, em 1 de março de 1870, Elisa Lynch foi presa pelo exército brasileiro, teve a grande maioria das suas posses confiscada e se retirou do país com seus filhos sobreviventes.

Embora Elisa tenha sido obrigada a deixar o Paraguai, a possibilidade de retomar a posse das propriedades confiscadas pelo Estado não saiu de seus horizontes. Ainda que *Elisa Lynch por Orion* circulasse nos países platinos, que ela figurasse como uma cortesã manipuladora na imprensa e que o governo liberal paraguaio rechaçasse veementemente o legado da Primeira República (1811–1870), ela nutria a crença de que poderia recuperar as propriedades embargadas. Há uma série de elementos que comprovam que a irlandesa tinha uma preocupação muito grande em relação ao seu bem-estar financeiro: a querela judicial com William Stewart em Edimburgo,⁹⁹ o contrato estabelecido com a mãe do Marechal López, a tentativa de retornar a Assunção em 1875 e, por fim, a transferência da documentação referente às terras reivindicadas¹⁰⁰ ao seu filho Enrique Solano López em 1885.¹⁰¹

Em uma primeira tentativa de retomar as propriedades, Emiliano Pesoa López (1850–1875), filho mais velho do Marechal e de Juana Pesoa, firmou um contrato em 1871 com um representante de Juana Carrillo López, sua avó paterna. Representando Madame Lynch, os filhos dela e seus próprios interesses como herdeiro do Marechal, Emiliano López uniu esforços com Juana Carrillo para reaver os bens de Solano López. Segundo o contrato, metade dos bens deveria ser destinada à mãe de López e o restante deveria ser dividido igualmente entre os demais herdeiros. O que mais chama a atenção nesse documento é que embora Elisa Lynch e

⁹⁹ Houve uma disputa judicial entre Elisa Lynch e William Stewart, médico-diretor do exército paraguaio, referente à quantia de cerca de quarenta mil libras esterlinas. A contenda teve início porque Elisa teria pedido que Stewart empregasse quatro mil libras para quitar uma dívida com Antoine Gelot, com quem ela encomendava roupas e outros produtos têxteis provenientes de Paris. Apesar de possuir recursos necessários para saldar a dívida, Elisa não tinha meios para fazê-lo durante a guerra, uma vez que a Marinha brasileira havia cercado o rio da Prata e seus afluentes, algo que impedia a entrada de suprimentos no Paraguai e dificultava o envio do dinheiro ao exterior. Como a família de Stewart possuía uma inserção considerável no comércio de erva-mate e no contrabando de armas, Lynch e López teriam oferecido a William Stewart uma consignação de erva que já estava em Buenos Aires em 1867, pedindo também que ele utilizasse parte do dinheiro que obteria na venda para o pagamento de Antoine Gelot, o que não ocorreu. Durante o Tribunal de Edimburgo, em 1871, William Stewart alegou que essa letra de câmbio havia sido obtida por meio de coação e que ele não havia recebido nenhuma quantia financeira. A disputa resultou em um acordo no qual ele se comprometeu a pagar somente sete mil libras dentre as quarenta mil reclamadas por Lynch. Cf. FANNING, Ronan; LILLIS, Michael. “Desastre” e “Nos tribunais de Edimburgo”, op. cit., 2009.

¹⁰⁰ Segundo Carlos Pastore, Madame Lynch reivindicava 437.500 hectares, entre os rios Pilcomayo e Bermejo, território que passou a pertencer à Argentina após a Guerra da Tríplice Aliança; em território brasileiro, ela requeria 33.175 km², ao norte do rio Apa; já no Paraguai, ela pleiteava as 3.105 léguas quadradas, na região oriental do país, entre os rios Apa e Jejuí. Para podermos ter uma percepção mais clara a respeito da quantidade de terras reclamadas por ela, fiz a conversão das respectivas unidades de medida para quilômetros quadrados e somei os valores. Segundo os meus cálculos, as terras pleiteadas por Madame Lynch nos três países atingiam a soma de 53.075 km², área semelhante ao território atual da Costa Rica, que possui cerca de 51.100 km². Cf. PASTORE, Carlos. “Título V”. *La lucha por la tierra en el Paraguay*. Montevideo: Editorial Antequera, 1972.

¹⁰¹ DORATIOTO, Francisco. “Solano López, de tirano a herói antiimperialista: a construção do mito”, op. cit., 2002.

sua sogra tivessem profundas diferenças entre si,¹⁰² e que Juana Carrillo López também pudesse nutrir profundos ressentimentos em relação ao seu filho,¹⁰³ as duas mulheres preferiram cessar suas rivalidades, ao menos momentaneamente, para que tivessem maiores chances de retomar os bens confiscados pelo Estado paraguaio.

A iniciativa parece não ter sido vitoriosa, uma vez que o reclame das terras seria retomado posteriormente por Lynch e seus filhos, especialmente Enrique López. Por outro lado, apesar de Juana Carrillo ter falecido ainda em 1871, suas duas filhas, Inocencia López Carrillo e Rafaela López Carrillo conseguiram retomar a fortuna posteriormente.¹⁰⁴ Não foi possível localizar documentações detalhadas que possam explicar as razões exatas das irmãs de Solano López receberem a herança, mas como Inocencia López teve uma filha com o General Câmara — comandante em chefe do exército brasileiro na batalha final da Guerra da Tríplice Aliança —, e Rafaela López se casou com o Coronel brasileiro Milcíades Augusto de Azevedo Pedra,¹⁰⁵ é possível sugerir que essas relações com homens importantes do exército brasileiro facilitaram os trâmites burocráticos para as irmãs do Marechal López, apesar do embargo legal dos bens.

Em uma compilação de correspondências e “memórias” de Elisa Lynch publicada em 2011 pela Comissão Nacional do Bicentenário da Independência paraguaia, há uma carta escrita pela irlandesa em resposta a Emiliano Pessoa, datada de 1873. Embora não seja possível conhecer a discussão completa entre eles, já que a compilação traz um conjunto desordenado de cartas, um dos escritos retoma a discussão sobre os bens do Marechal López. Nessa carta a Emiliano, Elisa afirmou sofrer dificuldades financeiras e manifestou interesse em viajar à América do Sul para tentar solucionar as questões testamentárias, mas também demonstrava receio de não obter êxito:

Eu refleti muito e me aconselhei sobre a viagem ao Prata de que você me falou, e o resultado de minhas reflexões sobre as observações que você me fez é que eu não quero fazer uma viagem tão longa e custosa, com *dados tão*

¹⁰² Como procurei demonstrar anteriormente, o Paraguai passava por um processo de transformações quando Lynch chegou a Assunção na década de 1850. Preocupados com a moral e a decência, “Dona Juana Carrillo de López e seu esposo [Carlos Antonio López] ficavam muito desgostosos com o modo de vida de seus filhos” e preferiram ignorar a presença de Elisa Lynch. POTTHAST, Barbara. op. cit., 2011, p. 237.

¹⁰³ Em 1868, após a passagem dos aliados pela estratégica fortaleza paraguaia de Humaitá, houve um clima de intensa perseguição no Paraguai, que resultou na descoberta de um suposto complô contra a vida de Francisco Solano López. Além do Embaixador dos Estados Unidos, Charles Washburn, e do tesoureiro-geral do Estado, Saturnino Bedoya, a mãe e todos os irmãos e irmãs do Marechal López foram acusados de participar de conspirações contra ele. As confissões foram obtidas por meio de torturas e os condenados eram surrados e muitos deles foram mortos, como foi o caso de Benigno e Venancio López; Juana Carrillo e suas filhas Inocencia e Rafaela conseguiram sobreviver apesar dos maus tratos. Cf. DORATIOTO, Francisco. “A situação paraguaia: a paranóia de Solano López”, op. cit., 2002.

¹⁰⁴ LYNCH, Elisa Alicia, op. cit., 2009, p. 279.

¹⁰⁵ FANNING, Ronan; LILLIS, Michael, op. cit., 2009, p. 190.

hipotéticos e incertos como os que possuo. Estou totalmente disposta a partir [ao Paraguai], sem precisar de mais de dez dias para me preparar, mas minha condição financeira não me permite fazer uma viagem como essa sem ter segurança de ter um resultado favorável.¹⁰⁶ [Grifo meu]

Apesar desse receio e das dificuldades financeiras que ela afirmava sofrer em suas correspondências com Emiliano Pesoa, Madame Lynch acabou decidindo se dirigir ao Prata em 1875, cinco anos após o término da Guerra da Tríplice Aliança. Diferente do que ela afirmou nessa carta, a irlandesa alegou publicamente que o seu regresso ao Paraguai demorou por ela ter entrado em um longo período de convalescença após a guerra, por suas disputas com William Stewart em Edimburgo e, finalmente, porque teve dificuldades para recuperar os documentos que comprovavam a legalidade das transações de compra e venda dos imóveis confiscados pelo governo paraguaio. No âmbito privado, Lynch demonstrava bastante receio em relação às suas chances de sucesso por ter “dados tão hipotéticos e incertos”; em sua declaração pública, por outro lado, a irlandesa preferiu parecer mais confiante de que sua demanda era legítima e de que seus documentos comprovavam isso.¹⁰⁷ Não podemos descartar a possibilidade de que, no período de tempo entre o envio da carta a Emiliano Pesoa e a viagem ao Prata, Lynch tenha conseguido reunir mais documentos relativos à sua reivindicação, contudo, é muito mais provável que a sua decisão tenha sido influenciada por alguns apoios políticos que ela acreditava que encontraria naquele momento no Paraguai.

Em sua tentativa de revogar o confisco e recuperar bens apreendidos, Madame Lynch dirigiu-se a Buenos Aires primeiro, onde permaneceu durante três meses para reclamar a devolução de seus móveis, que, segundo ela, adornavam os salões do palácio do Governo Nacional da Argentina. Apesar da longa estadia, os móveis não foram devolvidos e ela também não obteve o estorno dos valores correspondentes aos mesmos. Em face disso, Lynch optou por seguir viagem a Assunção para reivindicar a devolução das propriedades e, segundo ela, se oferecer à justiça paraguaia para ser processada e julgada, de acordo com as disposições do decreto de 14 de maio de 1870.

Entre 1872 e 1875, Madame Lynch alegou ter recebido ao menos cinco cartas de Juan Buatista Gill, político paraguaio que exerceu vários cargos públicos, como o de Ministro da Fazenda, antes de assumir a presidência do país em 1874 e ser assassinado em uma conspiração

¹⁰⁶ LYNCH, Elisa Alicia. *Elisa Alicia Lynch - Cartas y Memorias*. Asunción: Servilibro, 2011, p. 107.

¹⁰⁷ LYNCH, Elisa Alicia, op. cit., 2009.

em 1877.¹⁰⁸ Nas cartas que o presidente teria enviado a Lynch, ele se mostrava absolutamente prestativo e interessado em fazer todo o possível para ajudá-la em suas demandas, sempre insistindo que ela se dirigisse ao Paraguai para reclamar os bens confiscados. Esse suposto apoio do presidente, junto de cartas de recomendação que Lynch afirma ter recebido do Duque de Caxias e do Visconde do Rio Branco, parecem ter sido fundamentais para que ela acreditasse que suas demandas seriam atendidas.

Apenas quinze horas após chegar a Assunção, no entanto, Lynch foi ameaçada de morte e expulsa do Paraguai por Juan Bautista Gill, sem ser processada e sem que fosse aberto um inquérito para averiguar a legalidade do embargo dos bens reclamados por ela. Furiosa com a situação, escreveu o texto autobiográfico denominado *Exposición y Protesta*, no qual procurou se defender das acusações que lhe eram feitas e exigir a devolução das propriedades. O texto é bastante curto — soma cerca de 40 páginas —, se comparado com *Elisa Lynch por Orion*, e foi escrito no calor dos acontecimentos, razão pela qual Elisa Lynch prometeu que posteriormente escreveria uma autobiografia completa, algo que, por razões desconhecidas, ela acabou não fazendo.

Esse folheto é dividido em duas partes. Enquanto na segunda, Elisa Lynch apresenta uma lista com trinta e duas propriedades que lhe foram despojadas, registrando a intenção de tentar recuperá-las no futuro, na primeira parte ela trata principalmente das calúnias e injustiças que — argumenta ela — foram cometidas contra sua pessoa. Nessa primeira parte, ela procura se defender de seus inimigos políticos, rechaçando as frequentes acusações de que ela teria sido prostituta e de teria tido profunda ingerência na política do Marechal López, e fundamentando a sua argumentação jurídica contra o confisco das propriedades com base em um discurso republicano.

Ao tratar das chamadas “escritas de si”, a historiadora Angela de Castro Gomes afirmou que “toda essa documentação de ‘produção do eu’ é entendida como marcada pela busca de um ‘efeito de verdade’”.¹⁰⁹ Assim como Héctor Varela, Madame Lynch também recorreu a essa busca para relatar a “verdade do que aconteceu” durante sua viagem e o período em que viveu no Paraguai:

Os falsos telegramas publicados a respeito de minha viagem, os relatos inexatos produzidos, os atos que ocorreram e foram desvirtuados, tudo isso me obriga a consignar neste escrito a *verdade do que aconteceu*, um protesto

¹⁰⁸ RIVAROLA, Milda. “Violencia y corrupción” e “La espiral del crimen”. In: BOCCIA PAZ, Alfredo; RIVAROLA, Milda (Orgs.). *El Paraguay Liberal. El Paraguay Contemporáneo*. Historia General del Paraguay. Tomo III. Asunción: Fausto Ediciones, 2013.

¹⁰⁹ GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 15.

pela espoliação de minhas propriedades e uma refutação das calúnias espalhadas em livros, diários e panfletos.¹¹⁰ [Grifo meu]

Em relação aos livros que foram publicados a seu respeito, Elisa se manifestou da seguinte forma:

Não conhecia os livros publicados contra mim, e tomei conhecimento deles ao chegar a Buenos Aires. Se os tivesse conhecido em tempo oportuno, dentro do prazo determinado pela lei para tomar medidas contra eles, teria procedido à minha defesa perante os tribunais, marcando meus difamadores com o estigma de caluniador.¹¹¹

Embora ela tenha optado por não mencionar diretamente a obra *Elisa Lynch por Orion* em seu escrito, a sua indignação em relação ao jornal de Héctor Varela é muito clara. Segundo ela, *La Tribuna* fez várias publicações acusando-a do empobrecimento do Paraguai, de instigar os crimes do Marechal e, entre outras coisas, de ser responsável por execuções de pessoas inocentes; em suas palavras, o jornal afirmava ainda que ela seria apedrejada pela população paraguaia quando desembarcasse em Assunção. Apesar de não citar a biografia, ela argumentou com muita insistência que os livros publicados a seu respeito trazem mentiras sobre seu caráter, sua vida e suas ações, enquanto ela contaria a *verdade*.

Apesar da busca de um efeito de verdade ser muito comum nas “escritas de si”, esses materiais não podem ser lidos para encontrar verdades ou mentiras, e sim para entender o olhar assumido e registrado pelo autor em relação a alguém ou algum acontecimento. Assim como as imagens veiculadas sobre ela e o Marechal López nos últimos momentos do confronto e no pós-guerra, a imprensa certamente é um dos tipos de fonte documental que poderia contribuir muito para compreender a recepção que Elisa Lynch obteve do governo paraguaio e de alguns setores da sociedade assuncenha em 1875. Novamente, a análise da imprensa se mostra inviável neste caso, porque exige uma extensa pesquisa em periódicos portenhos e paraguaios, e ultrapassa bastante os limites dessa investigação.

Diante da grande quantidade de polêmicas e acusações difundidas por esses materiais, Elisa decidiu respondê-las para defender sua integridade moral. Como argumentei antes, dois aspectos continuamente mobilizados pelos biógrafos é o casamento de Elisa Lynch com Xavier Quatrefages e o boato de que ela teria sido cortesã após a separação. Para responder aos seus críticos, ela informou que se casou em 1850, que o matrimônio foi dissolvido em 1853 e que no ano seguinte já se encontrava a caminho do Paraguai e que, portanto, não teria tido “tempo materialmente necessário” para atuar como prostituta. Incomodada especialmente por ter

¹¹⁰ LYNCH, Elisa Alicia, op. cit., 2009, p. 266.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 265.

consciência de que seu nome estava ligado a uma “época histórica”, Lynch julgava necessário se manifestar contra aqueles que a atacavam “impiedosamente”. Sobre as sugestões de que ela era infiel ao Marechal López, ela se limitou a afirmar:

... não preciso deter-me em prestar contas de minha vida durante os 15 anos que residi no Paraguai; porque ninguém, *ninguém se atreverá nem se atreveu* a me acusar de uma vida desleal ao homem ao qual liguei o meu futuro.¹¹²
[Grifo meu]

Na verdade, Héctor Varela sugeriu sim que ela era uma mulher infiel e outros biógrafos posteriores, especialmente Héctor Decoud, afirmariam o mesmo de forma mais enfática. Madame Lynch certamente conhecia bem as alegações que faziam a seu respeito, mas optou por não discutir longamente o assunto. Em sua defesa, ela preferiu se esforçar em esclarecer os laços que a uniam ao Marechal López e ao Paraguai, e estreitá-los. Em relação ao presidente, além de reafirmar sua fidelidade, Lynch também se preocupou em responder à antiga acusação de que ela teria influenciado profundamente a política do Marechal López, incitando-o, inclusive, a dar início à guerra.

Alheia aos fatos da administração do marechal López e à sua política, não me envolvi em qualquer coisa durante a guerra além de cuidar dos feridos e das famílias daqueles que acompanharam o exército, procurando diminuir seu sofrimento.¹¹³

Diferente do que Héctor Varela afirmou, Lynch alegou que nunca influenciou qualquer decisão do Marechal López e nem se envolveu em discussões políticas. Como afirmou a historiadora Ana Maria Colling, ao tratar dos silêncios sobre a atuação das mulheres na Guerra da Tríplice Aliança na historiografia, a política e a guerra fazem parte do mundo público, do qual as mulheres estão tradicionalmente excluídas, ao menos no plano discursivo. “E, quando insistem em participar, o lugar que lhes é destinado é o de cuidado. Lugares já marcados como femininos — enfermeira, costureira, cozinheira ou prostituta.”¹¹⁴ Em conformidade com isso, Elisa Lynch se preocupou em reafirmar a autonomia e independência das ações do Marechal López e afirmar que sua ação se limitou a atuar como enfermeira.

Em um momento em que o chefe de Estado paraguaio era responsabilizado pela guerra, era também oportuno se afastar de parte das críticas que eram feitas ao Marechal López. Isso não significa, por outro lado, que ela o acusasse de qualquer crime, muito pelo contrário. Pouco

¹¹² Ibidem, p. 268.

¹¹³ Ibidem, p. 265.

¹¹⁴ COLLING, Ana Maria. “Os silêncios da guerra do Paraguai: a invisibilidade do feminino”. In: SQUINELO, Ana Paula (Org.). *150 anos após – A Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*. Campo Grande: UFMS, 2016, v. 1.

antes de se dirigir a Assunção em 1875, Lynch tomou conhecimento de algumas publicações do *La Tribuna*, nas quais sofria uma série de acusações. Diante disso, ela enviou uma carta ao jornal — a qual transcreveu em *Exposición y Protesta* —, na qual reafirmava que as imputações contra sua pessoa eram falsas, e fazia referências à guerra:

Ninguém conhece a verdadeira história daqueles dias de sofrimentos e abnegação. (...) No dia em que se conhecer a verdade histórica, o marechal López deixará de arcar com responsabilidades que depois se fizeram cair sobre seu cadáver.¹¹⁵

Nesse escrito, Elisa apresentou uma leitura particular sobre a Guerra da Tríplice Aliança. Segundo ela, a guerra foi um verdadeiro ato de defesa do “povo paraguaio” sobre seus direitos e suas fronteiras, um “sacrifício heroico” de “um povo que soube morrer sem se queixar, que preferiu a sepultura à humilhação e conquistou uma página tão heroica na vida da humanidade”.¹¹⁶ Para ela, toda a atribulação foi o resultado da “guerra que três nações moveram contra o Paraguai”.¹¹⁷

No entendimento de Madame Lynch, o Estado liberal, instituído pelo Governo Provisório e pela Constituição de 1870, se opunha à prosperidade do país sob o governo do Marechal López. Lynch fez duras críticas aos governos do pós-guerra, especialmente ao paraguaio Juan Bautista Gill, que presidia o país em 1875. Embora ela tenha se empenhado em afirmar que não havia se envolvido nas decisões políticas do Marechal, neste novo momento ela parecia não ter qualquer receio em se posicionar politicamente. Para ela, as diferenças entre o governo do Marechal López, a quem acusavam de tirania, e esses governos eram nítidas não apenas sob o seu ponto de vista, mas também no entendimento do “povo paraguaio”:

... essas pessoas se lembram muito bem que nos tempos de *tirania* gozavam da felicidade e da liberdade que depois não conheceram sob o império dos famosos libertadores, que levam aquele belo país à sua ruína final, certamente para acabar de libertá-lo com a sepultura.¹¹⁸ [Grifo original]

Segundo Elisa Lynch, a lembrança de “tempos melhores para todos” e a certeza de que ela nunca tinha cometido nenhum ato ilícito explicam a afetuosidade com a qual ela foi recebida pelos paraguaios ao desembarcar em Assunção:

... desembarquei sozinha com meu filho [Enrique López], sendo recebida nas escadarias do cais por várias paraguaias, que quase me sufocaram com seus carinhosos abraços. O cais estava literalmente abarrotado de gente, e todos, sem nenhuma exceção, me dirigiam afetuosas saudações. (...) Dali segui

¹¹⁵ LYNCH, Elisa Alicia, op cit., 2009, p. 286.

¹¹⁶ Ibidem, p. 284.

¹¹⁷ Ibidem, p. 265.

¹¹⁸ Ibidem, p. 292.

também a pé, rodeadas de pessoas que me abraçavam, beijavam e apertavam minhas mãos; todos e todas queriam tocar-me e falar comigo, e todos tinham um cumprimento afetuoso para me fazer.¹¹⁹

Durante sua breve estadia em Assunção, Lynch teria recebido visitas e mensagens das “famílias mais distintas” e dos mais pobres, que lhe “conservavam gratas recordações”, além de receber também uma serenata de uma banda de música. Em resposta às afirmações de *La Tribuna* e, provavelmente referindo-se às *kyguá verá*, ela afirmou:

Longe de ser apedrejada, fui recebida com as manifestações mais comoventes das mulheres que ali vivem de seu trabalho, (...) das mulheres virtuosas e mães daquela *geração que ensinou a morrer pela pátria*.¹²⁰ [Grifo meu]

Mais do que defender o heroísmo dos paraguaios, a prosperidade do governo do Marechal e atribuir a guerra à ambição de “três nações”, Lynch também acusou os paraguaios que criticaram seu envolvimento na guerra de serem traidores da pátria:

Os que me fizeram essa acusação foram os que desertaram do exército, os que se puseram nas cartucheiras dos aliados para participar da conquista da pátria, os que serviram de guias para os brasileiros para entrar no Paraguai e acelerar assim o extermínio de um povo que haverá de cobrir com sua grandeza e seu heroísmo as manchas que os traidores de sua bandeira lançaram sobre seu nome.¹²¹

No trecho acima, ela fez referência à Legião Paraguaia, um grupo fundado em 1865 por paraguaios exilados em Buenos Aires, cujos familiares lutaram junto ao exército argentino para derrotar o Marechal López. Apesar de cisões internas dentro da Legião, o Governo Provisório paraguaio foi formado por *legionários* importantes e alguns membros remanescentes do governo de Solano López.¹²² No entendimento de Lynch, os paraguaios que lutaram junto aos aliados para derrotar o Paraguai eram traidores da pátria, portanto eles não tinham credibilidade alguma para criticá-la. Obviamente, os *legionários* não se enxergavam da mesma forma; acreditavam, diferentemente, que eram “benfeitores que levariam liberdade e ilustração aos seus compatriotas”.¹²³

Os sentidos e relações causais que Madame Lynch identifica entre a guerra, a participação dos paraguaios, a “traição” dos *legionários*, a instalação do Estado liberal e as críticas à sua pessoa, nos remetem às reflexões do sociólogo Pierre Bourdieu a respeito das biografias e autobiografias. Segundo ele:

¹¹⁹ Ibidem, p. 287.

¹²⁰ Ibidem, p. 292.

¹²¹ Ibidem, p. 296.

¹²² LEWIS, Paul. “Los orígenes familiares”, op. cit., 2016.

¹²³ Ibidem, p. 27.

... cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário.¹²⁴

Em outras palavras, esse tipo de relato geralmente se configura a partir da seleção de acontecimentos considerados importantes na vida do biografado; em seguida, procede-se à elaboração de um fio narrativo que pretende atribuir sentidos retrospectivos e prospectivos aos acontecimentos escolhidos, criando conexões entre eles para dar-lhes coerência. Essa “criação artificial de sentido” empreendida, as relações causais e os sentidos que Elisa Lynch imprimiu à sua própria trajetória foram incorporadas acriticamente por biógrafos nacionalistas que se debruçaram posteriormente sobre a personagem.

A “criação artificial de sentido” empreendida por Lynch engendrou ideias surpreendentes, dada a preponderância da perspectiva liberal sobre a guerra, quando ela publicou seu folheto. A inversão que ela criou ao interpretar a política paraguaia chama muito a atenção: enquanto todo o Prata bradava que a Guerra da Tríplice Aliança teve a intenção de derrotar um governo tirânico, ela afirmava praticamente sozinha que o povo paraguaio lutou bravamente para proteger suas fronteiras, preferindo perecer ao lado do Marechal, “morrer a se render”. Embora existam alguns antecedentes importantes, como é o próprio caso de *Exposición y Protesta*, as manifestações mais consistentes que apresentaram interpretações positivas sobre a declaração de guerra e a atuação dos paraguaios, surgiram de forma criteriosa no início século XX.¹²⁵ As discussões que deram origem ao revisionismo historiográfico sobre a Guerra da Tríplice Aliança serão examinadas no próximo capítulo; no entanto, é interessante ressaltar que as elucubrações de Elisa sobre o heroísmo paraguaio e as glórias da Primeira República em 1875, guardam muitas semelhanças com as considerações que seriam veiculadas pela imprensa paraguaia no início do século seguinte.

Inicialmente, Lynch preferiu alegar que não se envolveu nas decisões políticas de López e que sua atuação durante a guerra se limitou a ajudar os feridos, delimitando instâncias dos espaços público e privado, associando-os aos papéis masculino e feminino, respectivamente. Por outro lado, embora Elisa Lynch tenha trazido informações sobre sua vida privada em *Exposición y Protesta* — seu casamento com Quatrefages e sua lealdade a Solano López, o

¹²⁴ BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 184.

¹²⁵ CAPDEVILA, Luc. “Los populistas del recuerdo o el revisionismo paraguayo”, op. cit., 2010.

homem ao qual ela ligou “seu futuro” —, ela preferiu detalhar a sua versão sobre a Guerra da Tríplice Aliança e em emitir opiniões políticas diretas sobre os governos pós-guerra. Obviamente, não podemos deixar de ponderar que a ausência de maiores considerações sobre o seu casamento provavelmente foi uma escolha deliberada da parte de Lynch, que tinha consciência de que esses detalhes íntimos estimulavam a curiosidade das pessoas. No entanto, é perceptível que a rígida separação entre as esferas pública e privada, como domínios exclusivamente masculinos ou femininos não satisfazia Elisa Lynch:

Muito embora a segregação dessas esferas tenha sido amplamente propalada no discurso de homens e mulheres do século XIX, incentivada pelo culto da domesticidade, amplamente divulgado no contexto de consolidação do modo de vida burguês, sabemos das dificuldades de sustentar-se, tanto na prática quanto no discurso, a vigência de modelo ou padrão tão estrito de comportamento. Por mais separadas que se pretendesse manter as instâncias do público e do privado, estas se encontravam em constante relação. Não podem ser concebidas, assim, nem tão somente como campos isolados, nem tão somente como campos opostos e constantemente em confronto, mas como esferas relacionadas e intercambiáveis.¹²⁶

Além de Lynch não corresponder ao modelo burguês de domesticidade feminina — como demonstrei anteriormente —, ela também questionava-o no plano discursivo. As suas longas e efusivas considerações sobre o heroísmo paraguaio, os *legionários* e o Estado liberal, aliados ao repúdio às acusações dirigidas contra ela e a elucidação de sua própria defesa jurídica — que veremos a seguir —, ultrapassam a esfera privada, considerada, então, pertinente às mulheres.

Dando continuidade à sua argumentação, Lynch se debruçou mais detidamente a discutir as acusações de que ela teria se apropriado ilicitamente de bens alheios durante a guerra. Essa acusação, associada à relação de concubinato que ela tinha com o Marechal López, foi a base dos argumentos que justificavam o confisco das propriedades que ela reivindicava para si. Em março de 1870, pouco tempo após o encerramento das hostilidades e a morte de Solano López, ela leu uma petição assinada por noventa senhoras paraguaias publicada no jornal paraguaio *La Regeneración*.¹²⁷ Nessa petição, a irlandesa foi acusada de roubar várias propriedades e instigar os crimes do Marechal durante a guerra, e “as senhoras paraguaias” pediam que José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco e Ministro de Relações Exteriores do Brasil, não

¹²⁶ FRANCO, Stella Maris Scatena, op. cit., 2007, p. 158-159.

¹²⁷ O jornal “La Regeneración” pertenceu aos Decoud, uma influente família paraguaia, que se destacou nas organizações de exilados políticos paraguaios em Buenos Aires durante a guerra. Participaram da Legião Paraguaia, tiveram influência na elaboração da Constituição de 1870 e ocuparam cargos públicos relevantes no Paraguai. De modo geral, os Decoud eram profundamente críticos ao Marechal López e à sua política. Na década de 1920, Héctor Francisco Decoud, um dos únicos membros da família que ainda estava vivo, escreveu uma biografia maledicente a respeito de Elisa Lynch; esse escrito será objeto de análise no capítulo 2. Cf. LEWIS, Paul H.. “El gobierno provisorio”, op. cit., 2016.

permitisse que ela deixasse o Paraguai sem ser julgada e que levasse consigo o fruto de seus roubos. Depois de transcrever inteiramente essa petição, Lynch também reproduziu a carta que enviou ao mesmo periódico, na qual desmentiu as acusações e alegou:

... Tenho como provar, no seu devido tempo, que todas as minhas propriedades foram compradas legalmente e com títulos legítimos. Nada tenho nem possuo de outrem, e só minha posição de *estrangeira*, de *prisioneira* e de *desamparada* é suficiente para que muitos queiram se aproveitar da ocasião, procurando prejudicar-me em tudo o que estiver ao seu alcance.¹²⁸ [Grifos meus]

Por meio da reivindicação de uma determinada identidade (“estrangeira”, “prisioneira” e “desamparada”), Elisa começou a construir para si uma determinada narrativa de sofrimento, no intuito de alcançar o reconhecimento e a identificação social de ela estaria sendo *vítima* de calúnias e de arbitrariedades perpetuadas pelo Governo Provisório.¹²⁹ Embora essa carta tenha sido escrita em 1870, pouco após a guerra, a narrativa de vitimização que Elisa construiu para si em 1875 segue o mesmo raciocínio, com a diferença de que ela adicionava a informação de que o governo constitucional descumprira as disposições da Constituição para prejudicá-la e manter o confisco.

Apesar de tentar mostrar-se como vítima de uma série de situações que não estavam sob seu controle, Elisa também se empenhou em colocar-se como “heroína de sua própria história”¹³⁰, mantendo sua honra e integridade moral, reafirmando seus valores e sua inocência. Ainda tratando da petição, no intuito de se defender e demonstrar o quanto foi injustiçada, Elisa Lynch transcreveu uma carta escrita pelo Visconde do Rio Branco a Carlos Loizaga, um dos membros do triunvirato que governava provisoriamente o Paraguai, onde falava a respeito da acusação das noventa senhoras paraguaias:

S. Exa. o Sr. Loizaga e seu governo, assim como as que subscreveram a petição apresentada a esta missão diplomática, presumiram que Mme. Lynch trazia consigo uma grande riqueza. Isso não é verdade, como prova o inventário de tudo o que ela trouxe consigo na carruagem em que foi feita prisioneira. (...) Os bens móveis que constam desse inventário não constituem

¹²⁸ LYNCH, Elisa Alicia, op cit., 2009, p. 270.

¹²⁹ Como argumenta a socióloga Cynthia Sarti, a construção social da pessoa como vítima se dá através do reconhecimento social de determinadas narrativas de sofrimento. Para que um sujeito ou um grupo social possa ser entendido como vítima, precisa satisfazer certas características do que constitui e compreende esse conceito, que é formulado histórica e socialmente. Assim, expressar uma narrativa de intenso sofrimento nem sempre é suficiente para que haja o reconhecimento de um determinado ato como violência. Nesse processo de construção social da vítima, pode ocorrer a cristalização de identidades particulares e, conseqüentemente, a exclusão dos outros que não são englobados por elas. Em outras palavras, “fixam-se identidades positivas, diante das quais a alteridade aparece apenas como polo negativo”. Cf. SARTI, Cynthia. “A vítima como figura contemporânea”. *Cadernos CRH*, Salvador, v. 24, n. 61, 2011.

¹³⁰ FRANCO, Stella Maris Scatena, op. cit., 2007, p. 38.

um grande valor, e certamente representam muito menos do que Mme. Lynch poderia ter adquirido legitimamente no Paraguai.¹³¹

A resposta do Ministro brasileiro, datada de 31 de março de 1870, contestou a petição e mencionou o inventário dos bens encontrados com Madame Lynch quando ela foi presa pelo exército brasileiro. Embora Elisa detivesse muitas joias, relógios, ornamentos, barras de ouro e bastante dinheiro em espécie, o Visconde considerou que esses bens “não constituem um grande valor”.¹³² O inventário e a resposta do Ministro foram suficientes para que Lynch se sentisse contemplada em sua defesa perante as denúncias de roubo. Por outro lado, Madame Lynch alegou que, como seus detratores não tinham provas para as acusações, o Governo Provisório promulgou o decreto de 14 de maio de 1870. As suas principais determinações, estipulavam o embargo provisório das propriedades de Elisa Lynch e declaravam que ela seria legalmente processada:

Art. 2 - Os bens que foram concedidos, sob qualquer razão ou pretexto, a Elisa Lynch pelo tirano e os quais ela considerava seus, de procedência anterior a essas doações ou concessões, são declarados *provisoriamente embargados* para que sobre eles se possa, em qualquer tempo, tornar efetivas as responsabilidades civis ou criminais a que deem lugar as ações públicas ou privadas que a seu respeito se deduzam.

Art. 4 – *Proceder-se-á ao ajuizamento criminal de Elisa Lynch*, notificando-lhe o presente decreto para que, por si mesma ou por seu representante, se apresente para responder em juízo, tendo início imediato o inquérito correspondente, para que os vestígios dos crimes atribuídos a Lynch pela consciência pública não se dissipem.¹³³ [Grifos meus]

Pouco após a publicação desse decreto, em novembro de 1870, foi promulgada a nova Constituição do país. Dentre as suas principais determinações, a Carta reconhecia e consagrava a liberdade de reunião, petição, de uso e alienação de propriedades, de associação, religião, publicação de idéias através da imprensa e igualdade perante a lei. Os redatores da Constituição desejavam então extirpar o Estado que consideravam despótico e introduzir o liberalismo e as instituições democráticas.¹³⁴

Com a promulgação da nova Constituição, foram anuladas imediatamente todas as leis e decretos contrários às suas disposições.¹³⁵ Além disso, como o 4º artigo do decreto de 14 de

¹³¹ LYNCH, Elisa, op. cit., 2009, p. 269.

¹³² FANNING, Ronan; LILLIS, Michael, op. cit., 2009, p. 196-197.

¹³³ Apud: DECOUD, Héctor Francisco, op. cit., 1939, p. 178.

¹³⁴ BREZZO, Liliana. “Reconstrucción, poder político y revoluciones (1870–1920)”. In: TELESKA, Ignacio (Org.), op. cit., 2010.

¹³⁵ “Art. 29. Toda lei ou decreto que esteja em oposição ao que dispõe esta Constituição, fica sem efeito e sem nenhum valor.” Constitución de 1870. *Portal Guarani*. Disponível em:

maio — que estabelecia que a personagem devia ser processada pelo Estado — não havia sido cumprido até a promulgação da carta, Elisa leu algumas determinações constitucionais de forma bastante favorável aos seus interesses. Em relação a isso, o 20º artigo da Constituição parecia particularmente conveniente:

Art. 20 – Nenhum habitante da República pode ser punido sem julgamento prévio fundamentado em lei anterior ao fato do processo (...). A lei considera inocentes aqueles que ainda não foram declarados culpados ou legalmente suspeitos de sê-lo, por ação movida por juiz competente.¹³⁶

Se o raciocínio concebido por Elisa em *Exposición y Protesta* estiver correto, como a personagem ainda não havia sido processada e nem acusada formalmente de nenhum crime específico, ela deveria ter sido considerada inocente a partir dessas disposições legais. Contudo, alguns meses depois das novas determinações constitucionais, os decretos do Governo Provisório foram novamente aprovados por meio de leis especiais, que reiteravam o confisco das propriedades. Considerando que a Constituição, em seu 15º artigo instituía que os seus princípios não podiam ser alterados por meio de leis que regulamentassem o seu exercício¹³⁷, é possível alegar que a promulgação das leis especiais era inconstitucional, argumento base sob o qual Elisa construiu sua defesa em *Exposición y Protesta*.

Expulsa do país sem ser processada, Elisa Lynch optou por uma estratégia argumentativa que repreendia e acusava a nova classe política do Paraguai de tolher seus direitos, além de se apossar e usufruir de suas propriedades sem um julgamento justo. Identificados seus adversários, Lynch criava uma oposição entre o governo do Marechal López e aqueles que o sucederam. Seu objetivo principal era, como já mencionado, a suspensão do confisco de seus bens, mas, ao constranger e denunciar as arbitrariedades do governo liberal, Lynch buscava a simpatia dos paraguaios às suas demandas.

Segundo ela, seus inimigos políticos se manifestavam com grande liberdade na imprensa e pressionavam o presidente para expulsá-la do Paraguai, para que pudessem usufruir dos bens confiscados. De acordo com a Constituição, o chefe do Executivo jamais poderia exercer atribuições judiciais, então, embora Juan Bautista Gill pretendesse ser um presidente constitucional, ele apresentava-se como “um ditador sem decoro”. Ao ser expulsa do país, ela afirmou que:

<http://www.portalguarani.com/690_miguel_angel_pangrazio/13203_constitucion_de_1870_compilador_miguel_angel_pangrazio_ciancio_.html>. Acesso em: 08 de setembro de 2018.

¹³⁶ Ibidem.

¹³⁷ “Art. 15. Os princípios, garantias e direitos reconhecidos nesta Constituição não poderão ser alterados pelas leis que regulamentem seu exercício.” Ibidem.

... ali havia um governo que não respeitava as leis orgânicas nem civis, que não cumpria sua palavra e se colocava à frente dos que atentavam contra meus interesses, para expulsar do país a pessoa que confiara nas leis escritas.¹³⁸

Assim, Elisa encerrou o texto reiterando o seu caráter de vítima que se via prejudicada por “especuladores da honra alheia”, “usurpadores” dos seus bens e pelo não cumprimento das leis do país. Ao se colocar como uma “pessoa que confiara nas leis escritas”, Lynch sutilmente sugeriu que as calúnias e injustiças perpetradas contra ela pudessem recair sobre outras pessoas, procurando, dessa forma, sensibilizar e alertar os cidadãos paraguaios. Obviamente é provável que a preocupação que Lynch manifestou em relação aos destinos do Paraguai e do seu povo tenham sido meros recursos discursivos para que ela conseguisse retomar as propriedades. Além de recorrer a uma argumentação republicana para refutar a sua expulsão do Paraguai e questionar a legitimidade do confisco das propriedades, Lynch também apelou para um discurso extremamente legalista para contestar as acusações de que ela teria se apropriado ilicitamente de bens alheios durante a guerra.

A partir da argumentação jurídica elucidada acima, é possível sugerir que Elisa tinha um conhecimento expressivo da legislação paraguaia, naquilo que tangenciava seus interesses.¹³⁹ Para discutir se as alegações jurídicas elencadas em *Exposición y Protesta* tinham fundamento e se eram passíveis de uma refutação jurídica, seria necessário fazer um estudo mais profundo dessa legislação. Contudo, para os fins a que esse trabalho se propõe, muito mais importante do que saber se os argumentos são pertinentes ou não, é a constatação de que eles não foram refutados ou ratificados em termos jurídicos por nenhum autor conhecido no período.

O único texto localizado dessa época, e que discute mais detidamente a reivindicação das propriedades, foi publicado ainda em 1871, pelo jurista espanhol Ramón Zubizarreta, que colaborou ativamente na reconstrução do Paraguai após a guerra.¹⁴⁰ Em linhas gerais, o argumento central do autor é que Solano López dispunha dos bens da nação da forma como bem entendia e que, ao perceber que a derrota paraguaia na guerra era inevitável, “doou” as propriedades a Lynch, no intuito de garantir o conforto financeiro de seus familiares. Por causa

¹³⁸ Ibidem.

¹³⁹ No entanto, é possível que esse raciocínio jurídico tenha sido parcialmente elaborado pelo advogado de Elisa Lynch, que já teria formulado a sua defesa, caso o Estado paraguaio levasse as disposições de 14 de maio de 1870 adiante.

¹⁴⁰ RODRIGUEZ ALCALÁ, Guido (Org.). *Residentas, Destinadas y Traidoras: Testimonios de Mujeres de la Triple Alianza*. Asunción: Servilibro, 2011.

disso, Elisa não poderia ter direitos sobre as propriedades, uma vez que elas deveriam constituir patrimônio da nação.¹⁴¹ Assim, o autor concluiu o texto dizendo que:

Não houve alienação de propriedade, e nem há, portanto, necessidade de tomar medidas legais para reivindicar aquelas terras, deixando apenas à Madame Lynch a propriedade de alguns papéis.¹⁴²

O escrito de Ramón Zubizarreta acaba seguindo o mesmo padrão da imprensa e do escrito de Héctor Florencio Varela. O autor não ofereceu qualquer prova das acusações que dirigiu a Solano López e a Elisa Lynch e, à revelia do decreto de 14 de maio de 1870, afirmou não haver necessidade de tomar medidas legais. É muito interessante notar que apesar da leitura de Elisa sobre a guerra não ter encontrado eco naquele período, também não houve escritores e juristas que respondessem as alegações jurídicas e as suas exigências nos mesmos termos que ela. Talvez o ponto central dessa discussão seja que a personagem tentou ser representada politicamente a partir de um discurso jurídico liberal, que foi introduzido no Paraguai justamente para extirpar a velha ordem despótica, a qual Elisa Lynch simbolizava. Ao mesmo tempo em que o discurso liberal abria a possibilidade para a legitimação das demandas de Elisa, ele também as reprimia.

Embora a desaprovação ao autoritarismo do Marechal López fosse um consenso entre aqueles que haviam promulgado a Constituição liberal de 1870, a nova classe política do período pós-guerra utilizava recursos muito semelhantes àquilo que negavam no plano discursivo. Segundo a historiadora paraguaia Milda Rivarola, o governo de Juan Bautista Gill, por exemplo, foi marcado por abusos de poder e excessos, como a criação de novos impostos, de monopólios sobre o tabaco e o sal e emissão de moeda inconvertível, que pioraram a grave crise econômica que o Paraguai vivia. Além de enérgicas rivalidades políticas, conspirações, golpes de Estado e assassinatos mais ou menos misteriosos, o autoritarismo e a corrupção persistiam no governo.¹⁴³

Apesar de manifestar interesse em escrever uma autobiografia e retomar suas propriedades, *Exposición y Protesta* acabou figurando como o último esforço expressivo de Madame Lynch em sua autodefesa. Após a publicação, a personagem regressou à Europa, onde teve uma vida mais modesta até falecer na França em 1886. Antes disso, porém, ela voltou à América do Sul uma última vez em 1885 para tentar, novamente, resgatar os bens. Ciente das dificuldades dessa empreitada, transferiu toda a documentação para seu filho mais velho,

¹⁴¹ ZUBIZARRETA, Ramón. “Dictamen acerca de las tierras reclamadas por Madama Lynch”. In: RODRIGUEZ ALCALÁ, Guido (Org.), op. cit., 2011.

¹⁴² Ibidem, p 245.

¹⁴³ RIVAROLA, Milda. “Esa terrible posguerra”, op. cit., 2013.

Enrique López, que se engajaria na árdua tarefa de recuperação dessas propriedades, tanto aquelas localizadas em território paraguaio, quanto os terrenos no Brasil e na Argentina.¹⁴⁴

Ao longo deste capítulo, procurei distinguir Elisa Lynch em duas figuras históricas: a primeira delas seria a personagem histórica em si, que foi pouco estudada criticamente e, por isso, permanece obscura e pouco acessível; a segunda, seria o resultado de apropriações culturais sucessivas, que moldaram dois modelos interpretativos básicos a seu respeito, cuja argumentação remete, ao menos, ao final da Guerra da Tríplice Aliança. De um lado, Elisa Lynch aparece como uma mulher gananciosa, sensual e mau-caráter, cuja influência sobre o Marechal se desdobrou em aspectos fundamentais da política paraguaia. De outro, observamos a constituição de Lynch enquanto mulher íntegra, fiel e corajosa, que enfrentou seus inimigos políticos instalados no Estado paraguaio após a guerra.

Indo de encontro à narrativa dominante, de forma enérgica e ousada, Madame Lynch defendeu o legado político de Francisco Solano López e a causa paraguaia na Guerra da Tríplice Aliança em *Exposición y Protesta*. Em resposta aos seus detratores, fez críticas incisivas ao governo instituído no Paraguai após a morte de López e, apegando-se a um discurso republicano, utilizou artigos da Carta de 1870 para alegar que suas supostas propriedades haviam sido confiscadas de forma ilegal. Por simbolizar um poder vencido, sua escrita audaciosa e seu apelo às leis liberais não foram suficientes para que Lynch tivesse suas demandas atendidas.

Inspirando-se no texto de Madame Lynch ou não, outros escritores mobilizaram ideias parecidas no início do século XX para exaltar o heroísmo paraguaio e censurar os governos que sucederam o confronto armado, quando as críticas à interpretação liberal sobre a Guerra da Tríplice Aliança começaram a se propagar no Paraguai. No longo período de tempo que separa *Exposición y Protesta* e a publicação das primeiras biografias que enalteciam a irlandesa na década de 1950, já sob o *stronismo* (1954–1989), o *lopismo* — ou seja, a exaltação nacionalista de Solano López —, se tornou amplamente aceito pela maioria das sensibilidades políticas no Paraguai.¹⁴⁵

¹⁴⁴ Como Elisa Lynch reivindicava uma porção muito grande de terras paraguaias e de domínios que passaram a pertencer ao território do Brasil e da Argentina após a guerra, seu filho mais velho Enrique Venancio Solano López deu continuidade ao pleito, que se estendeu, sem êxito, até 1917, quando ele faleceu. Em relação à demanda iniciada por Enrique, houve uma contestação jurídica muito mais intensa. Cf. DORATIOTO, Francisco. “Solano López, de tirano a herói antiimperialista: a construção do mito”, op. cit., 2002, p. 79-86.

¹⁴⁵ LAMBERT, Peter. “El discurso nacionalista en el Paraguay: Desde lo disidente a lo hegemónico”. In: CASAL, Juan Manuel; WHIGAM, Thomas L. (Orgs.). *Paraguay: Investigaciones de historia social y política. III Jornadas*

Se nas décadas de 1920 e 1930, o Marechal Francisco Solano López já não soava como um tirano para vários setores da população paraguaia, a reabilitação política de Madame Lynch demoraria mais tempo.¹⁴⁶ Em linhas gerais, ela somente aparecia de maneira muito tangencial nas obras que glorificavam o Marechal, ou então era alvo de escritos que reiteravam e aprofundavam as críticas sobre sua pessoa nos moldes que já foram discutidos anteriormente. Evidentemente, o confisco das propriedades era uma das questões mais importantes para Madame Lynch e seus descendentes, e como a anulação do embargo esbarraria em interesses erários que ultrapassavam, inclusive, as fronteiras nacionais do Paraguai, ao menos uma biografia foi escrita com a intenção explícita de tentar evitar que os herdeiros tivessem sucesso nessa empreitada.

Por outro lado, na década de 1950, *tornou-se* uma mulher abnegada, fiel e corajosa, uma verdadeira heroína nacional, nas biografias vinculadas à ditadura de Stroessner. Os textos que a exaltaram nesse momento se inspiraram profundamente na autoimagem vitimada que Lynch tentou projetar em *Exposición y Protesta*, aceitando as suas alegações como verdades absolutas, guardando, porém, um incômodo silêncio em relação ao confisco das propriedades pelo Estado paraguaio. Se em 1875 e nas décadas seguintes, a sua “narrativa de sofrimento” soava pouco convincente aos seus interlocutores, durante o *stronismo*, o reconhecimento de Elisa Lynch como heroína nacional cristalizava-a como uma vítima, e somente essa definição parecia suficiente para identificá-la nesse momento.

Nos próximos capítulos, pretendo demonstrar de que maneira os dois modelos interpretativos básicos sobre Madame Lynch se desdobraram em algumas biografias posteriores. No capítulo 2, discutirei uma biografia profundamente crítica sobre Lynch — *Elisa Lynch de Quatrefages* —, escrita na década de 1920 por Héctor Francisco Decoud, autor cuja família teve grande destaque na formação da Legião Paraguaia e na elaboração da Constituição de 1870; essa biografia constitui um dos textos mais repreensores a respeito da irlandesa e foi escrita na tentativa de evitar que os herdeiros do casal Lynch-López pudessem ter acesso aos bens confiscados. No capítulo 3, por outro lado, abordarei duas biografias nacionalistas de Madame Lynch: *Madame Lynch: Evocación*, da escritora paraguaia María Concepción Leyes de Cháves e *Madama Lynch* de Henri Pitaud, escritor francês vinculado ao *stronismo*, observando as transformações ocorridas na memória veiculada sobre Elisa Lynch, as

Internacionales de Historia del Paraguay en la Universidad de Montevideo. Asunción: Tiempo de Historia/Universidad de Montevideo, 2013.

¹⁴⁶ CAPDEVILA, Luc. “Los populistas del recuerdo o el revisionismo paraguayo”, “La apoteosis de Francisco Solano López, la convergencia lopista de otra post guerra”, op. cit., 2010.

influências que *Exposición y Protesta* teve nesses escritos e os usos políticos relacionados à exaltação da irlandesa. Pouco esforço foi feito para entender Elisa Lynch dentro de seu contexto de atuação e a personagem não deixou de ser constantemente instrumentalizada, numa relação dialógica com a historiografia sobre a Guerra da Tríplice Aliança e interesses políticos que se dissimularam em narrativas que alegaram apresentar a *verdade* sobre sua trajetória.

Capítulo 2 – Elisa Lynch e o revisionismo paraguaio: tensões familiares e ressentimentos

Neste capítulo, examino a biografia *Elisa Lynch de Quatrefages*, do intelectual paraguaio Héctor Francisco Decoud, apresentando-a como parte integrante de uma série de livros do autor sobre a Guerra da Tríplice Aliança. Nos anos 1920, o biógrafo se insurgiu com intensidade para combater o revisionismo historiográfico sobre o embate armado — que glorificava o heroísmo paraguaio nos campos de batalha e ressaltava a prosperidade do país antes da guerra —, interpretação que crescia continuamente desde o início do século. Nas próximas páginas, discutirei de que forma essa temática se relacionava com a trajetória individual e familiar de Héctor Decoud, sem perder de vista o cenário político e a produção intelectual com a qual ele dialogava. As principais discussões do capítulo irão se centrar nas imagens produzidas por Decoud a respeito de Madame Lynch e nos argumentos utilizados por ele para repudiar as possibilidades dos descendentes terem acesso aos bens dela confiscados pelo Estado paraguaio. Como mostrarei, Decoud fez críticas vigorosas à Madame Lynch, recorrendo e aprofundando significativamente os principais argumentos depreciativos construídos a seu respeito no pós-guerra. Remetemo-nos, portanto, ao modelo negativo de interpretação delineado no primeiro capítulo.

2.1 Em defesa de um “fantasma ensanguentado”

Em janeiro de 1939, Adelina López de Decoud publicava o livro *Elisa Lynch de Quatrefages*, de autoria de seu esposo, Héctor Francisco Decoud, falecido em 1930. Convencida da importância da obra de seu marido para as discussões a respeito da Guerra da Tríplice Aliança, ela registrou, no início desse livro, a intenção de trazer a público os demais escritos de Decoud, mas por razões desconhecidas, não alcançou seu objetivo. Depois de lançar os trabalhos sobre a formação do Estado liberal paraguaio¹ em 1934, Adelina López escreveu ainda uma biografia de Héctor Decoud² em 1937 e, por último, trouxe a público *Elisa Lynch de Quatrefages*.³

Em seus últimos anos de vida, especificamente entre 1925 e 1930, Héctor Francisco Decoud começou a escrever e publicar livros que discutiam aspectos distintos da Guerra da

¹ DECOUD, Héctor Francisco. *La Convención Nacional Constituyente y la Carta Magna de la Republica*. Buenos Aires: Talleres Gráficos Argentinos L.J. Rosso, 1934.

² LÓPEZ DE DECOUD, Adelina. *Biografía de don Héctor Francisco Decoud: in memoriam*. Buenos Aires: J. Suárez, 1937.

³ DECOUD, Héctor Francisco. *Elisa Lynch de Quatrefages*. Buenos Aires: Casa editora/ Librería "Cervantes", J. Suárez, 1939.

Tríplice Aliança, reforçando a interpretação tradicional e liberal sobre ela, na qual Solano López era tido como o único culpado pelo desencadeamento e pela longa duração do conflito armado. Embora Adelina López não faça menção a isso em seu pequeno texto introdutório ao livro, *Elisa Lynch de Quatrefages* também foi escrito entre 1926 e 1930, fazendo parte, portanto, do período de maior atividade intelectual de Héctor Decoud.⁴ Além dessa obra, os escritos do autor sobre a Legião Paraguaia⁵ e a respeito dos crimes do Marechal López contra os civis paraguaios também datam da mesma época.⁶

No primeiro livro dessa série, *Sobre los Escombros de la Guerra. Una Década de Vida Nacional (1869–1880)*, de 1925, Decoud retratou o governo de Solano López como autoritário, ressaltando a necessidade de intervenção no Paraguai para a instalação de um governo liberal e enfatizando o sofrimento dos paraguaios durante a guerra. Atribui, por outro lado, um papel de destaque à família Decoud, tanto na resistência ao governo de Solano López, quanto no próprio conflito armado, e nos anos posteriores, de reconstrução do país.⁷ Essa obra oferece indícios de uma interpretação, que se manteria em seus outros livros, trazendo um conteúdo *antilopista* e favorável à atuação da Legião Paraguaia. Apesar de não constituírem uma visão essencialmente nova sobre a guerra, seus escritos atraíram as atenções e despertaram a fúria de segmentos da sociedade, como por exemplo, o jornal colorado *Pátria*. Além de considerar os argumentos mobilizados por Héctor Decoud antipatrióticos, o periódico ainda atacou todos aqueles que se mostraram favoráveis à obra.⁸

⁴ Além de possuir uma afinidade temática bastante clara com os demais livros que Héctor Francisco Decoud publicou nesses anos, a biografia ainda faz referência a alguns materiais publicados no segundo quinquênio da década de 1920, como, por exemplo, a obra *No centenário de Solano López*, do brasileiro Lindolfo Collor que fez uma apreciação crítica das comemorações do centenário do Marechal López em 1926. Cf. COLLOR, Lindolfo. *No centenário de Solano López*. São Paulo: Melhoramentos, 1926.

⁵ Como expliquei no capítulo 1, a Legião Paraguaia foi um agrupamento composto em 1865 por paraguaios influentes exilados em Buenos Aires, que decidiram lutar juntamente com os aliados durante a Guerra da Tríplice Aliança para derrotar o Marechal López; seus participantes, portanto, eram considerados criminosos políticos pelo então presidente. Cf. LAMBERT, Peter. “El discurso nacionalista en el Paraguay: Desde lo disidente a lo hegemónico”. In: CASAL, Juan Manuel; WHIGAM, Thomas L. (Orgs.). *Paraguay: Investigaciones de historia social y política. III Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay en la Universidad de Montevideo*. Asunción: Tiempo de Historia/Universidad de Montevideo, 2013.

⁶ DECOUD, Héctor Francisco. *Guerra del Paraguay: la masacre de Concepción ordenada por el mariscal López*. Buenos Aires: Imprenta Serantes hnos., 1926. e DECOUD, Héctor Francisco. *Los emigrados paraguayos en la guerra de la Triple Alianza*. Buenos Aires: Talleres Gráficos Argentinos L.J. Rosso, 1930.

⁷ DECOUD, Héctor Francisco. *Sobre los escombros de la guerra: una década de vida nacional*. Asunción: Talleres nacionales de H. Kraus, 1925.

⁸ FUENTES ARMADANS, Claudio José. *La maldición del legionario. Cómo se construyó un estigma político autoritario en el Paraguay*. Asunción: Tiempo de Historia, 2016, p. 100-101.

A recepção negativa que o conjunto de livros de Héctor Decoud obteve no Paraguai evidencia que a explicação liberal da Guerra da Tríplice Aliança havia perdido força no país. Foi justamente diante do surgimento e disseminação de uma nova forma de enxergar o passado paraguaio, especialmente a Guerra da Tríplice Aliança, que Héctor Francisco Decoud, um *legionário*, se opôs e decidiu publicar suas memórias e estudos relacionados ao conflito armado. Preocupado com o avanço do revisionismo no país, o autor decidiu ainda escrever uma biografia sobre “a célebre concubina do tirano” para tentar “alertar o povo paraguaio”, porém não viveu o suficiente para ver a publicação do livro.

Héctor Francisco Decoud nasceu em 1855 e pertencia a uma importante família de Assunção que teve grande influência na constituição da Legião Paraguaia e na configuração política do Paraguai nos anos posteriores à guerra. Por desavenças políticas pouco claras com os López, dois tios de Héctor Decoud foram fuzilados em 1857 e, por causa disso, Juan Francisco Decoud, seu pai, se viu forçado a deixar o Paraguai, exilando-se em Buenos Aires com alguns de seus filhos.⁹ De acordo com o cientista político Paul Lewis, os Decoud tiveram muita importância política nas organizações de exilados paraguaios em Buenos Aires, quais sejam a *Sociedad Libertadora* (1858), a *Asociación Paraguaya* (1864), mas principalmente a Legião Paraguaia (1865), cuja liderança era compartilhada, inicialmente, entre Fernando Iturburu e Juan Francisco Decoud. Por questões de divergências internas, os Decoud acabaram se retirando da Legião, porém conseguiram manter sua relevância política, a ponto de Juan Francisco Decoud quase ser designado como um dos membros do Governo Provisório do Paraguai em 1869.¹⁰

Enquanto Juan Francisco Decoud se destacava politicamente em Buenos Aires, sua esposa, Concepción Domecq, havia permanecido no Paraguai com o restante dos filhos do casal, entre estes, Héctor Francisco Decoud. Logo no início da Guerra da Tríplice Aliança, esses membros da família Decoud foram castigados por causa de sua relação de parentesco com o

⁹ Os irmãos de Héctor Francisco Decoud que acompanharam seu pai durante o exílio na Argentina e lutaram na Legião Paraguaia foram: Juan José Decoud, José Segundo Decoud, Adolfo Decoud e Diógenes Decoud. Cf. FUENTES ARMADANS, Claudio José. “Antecedentes de la polémica Báez-O’Leary” e “Listado de reales y supuestos legionarios colorados”, op. cit., 2016.

¹⁰ O triunvirato foi composto por meio de uma eleição, na qual somente os paraguaios mais influentes tiveram direito ao voto. Muito embora Juan Francisco Decoud tivesse sido eleito para o triunvirato, o Ministro de Relações Exteriores do Brasil e Visconde do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, se opôs à sua nomeação porque “temia que os Decoud fossem excessivamente pró-argentinos”. LEWIS, Paul H.. “El gobierno provisorio”. *Partidos políticos y generaciones en Paraguay (1869–1940)*. Asunción: Editorial Tiempo de Historia, 2016, p. 30.

exilado político. Concepción Domecq foi considerada traidora da pátria e se tornou *destinada*¹¹, sendo obrigada a se dirigir para diferentes localidades no interior do país, até ser resgatada em fins de 1869. A presença de mulheres em acampamentos militares ou campos de batalhas foi bastante expressiva no Paraguai. Em linhas gerais, essas mulheres foram classificadas de duas maneiras distintas: de um lado estariam as *residentas*, que se envolveram ativamente, acompanhando os soldados nos campos de batalha; e de outro, estariam as *destinadas*, consideradas criminosas políticas pelo Estado.¹²

Em seu relato sugestivamente intitulado *Vía Crucis*, Héctor Decoud afirmou ter vivido os horrores da guerra. Quando tinha cerca de doze anos de idade, foi separado de sua mãe sem saber se poderia vê-la novamente. Como era afilhado do Marechal López, e pediu-lhe permissão para lutar contra os brasileiros quando estava na prisão, o escritor afirmou ter recebido um tratamento um pouco melhor do que sua mãe, mas não deixou de ser castigado por causa da atuação política de seu pai. Nesse texto, Héctor Decoud explicou ainda que, dentre seus irmãos que estavam no Paraguai, somente Concepción Decoud sobreviveu; Eduardo Decoud e Constancia Decoud faleceram durante a guerra.¹³ Depois de anos privações, mortes e castigos, os Decoud tinham a mais plena convicção de que o Marechal López era um tirano quando a Guerra da Tríplice Aliança terminou, não apenas por causa de desavenças políticas, mas porque diversos membros dessa família haviam sido pessoalmente perseguidos e assassinados durante o seu governo. Como discuti no capítulo 1, essa forma de compreender o confronto militar era compartilhada pelos principais atores políticos do pós-guerra.

Essa linha argumentativa, veementemente defendida por Héctor Decoud nos anos 1920, assegurava que, apesar de tudo, a guerra havia libertado o povo paraguaio da “tirania” do Marechal López.¹⁴ A vitória dos países aliados significaria, assim, o desmantelamento do modelo de desenvolvimento socioeconômico da Primeira República Paraguaia (1811–1870) e a instauração de um Estado liberal, inaugurado formalmente com a Constituição de 1870.¹⁵ Entretanto, no largo período de tempo que abarca o pós-guerra e as publicações de Héctor

¹¹ RODRIGUEZ ALCALÁ, Guido (Org.). *Residentas, Destinadas y Traidoras: Testimonios de Mujeres de la Triple Alianza*. Asunción: Servilibro, 2011.

¹² DECOUD, Héctor Francisco. “Héctor Decoud: Vía Crucis”. In: RODRIGUEZ ALCALÁ, Guido (Org.), op. cit., 2011.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ BREZZO, Liliana M.. “Argentina, Paraguay y la historia de la guerra de la triple alianza en los límites de la ortodoxia: mitos y tabúes”. In: *Aislamiento, nación e historia en el Río de la plata: Argentina y Paraguay. Siglos XVIII–XX*. Rosario: Universidad Católica Argentina, 2005, p. 273-301.

¹⁵ BREZZO, Liliana M.. “Reconstrucción, poder político y revoluciones (1870–1920)”. In: TELESCA, Ignacio (Org.). *Historia del Paraguay*. Asunción: Taurus, 2010.

Decoud, a interpretação liberal passou a ser cada vez mais questionada por diferentes setores da sociedade paraguaia, que começaram a observar o passado do país com outros olhares. O movimento de revisão das leituras liberais sobre o passado não se restringia às fronteiras paraguaias; tratou-se, por outro lado, de um fenômeno compartilhado por outros países da América Latina.¹⁶

Diferente do que ocorreu no século XIX — quando a busca pela modernização dos países da América Latina valorizava especialmente modelos importados —, na primeira metade do século XX, grande parte dos intelectuais latino-americanos começaram a fazer análises que valorizavam suas culturas regionais/ continentais e refletiam sobre problemáticas que lhes eram contemporâneas. “O nacionalismo e a produção intelectual advinda desta temática representam um dos distintos momentos do debate historiográfico sobre a procura por parte da intelectualidade latino-americana de uma identidade nacional/ continental.”¹⁷ Nesse momento, a produção intelectual platina começou a confrontar as tradições historiográficas oficiais, ou seja, as interpretações liberais sobre o passado. No caso paraguaio, o movimento de revisão esteve fortemente vinculado a uma crítica à leitura preponderante sobre a Guerra da Tríplice Aliança.¹⁸

Como mencionei no capítulo anterior, embora seja possível encontrar alguns antecedentes relevantes, como *Exposición y Protesta* de Elisa Lynch e alguns escritos de Blás Garay¹⁹, foi no início do século XX que surgiram as expressões mais substanciais, que dariam origem ao revisionismo historiográfico sobre a guerra.²⁰ De forma criteriosa, certos setores da sociedade

¹⁶ MOREIRA, Luiz Felipe Viel. “Os intelectuais brasileiros e o revisionismo histórico platino”. *Instituições, fronteiras e política na história sul-americana*. Curitiba: Juruá, 2007.

¹⁷ *Ibidem*, p. 175.

¹⁸ Diferentemente, o Brasil manteve uma historiografia conservadora e tradicional sobre a guerra até os anos 1960, quando Solano López foi convertido em líder anti-imperialista por intelectuais nacionalistas e de esquerda do rio da Prata. Na década de 1920 alguns intelectuais brasileiros se posicionaram de forma bastante crítica ao revisionismo platino. Esse foi o caso, por exemplo, do escritor Lindolfo Collor, que acreditava que a reabilitação da memória do Marechal necessariamente implicaria responsabilizar o Brasil pela guerra. No livro *No centenário de Solano López*, que reunia vários ensaios publicados na imprensa argentina e brasileira, Collor ironizou a suposta excepcionalidade do Marechal López e reproduziu juízos críticos ao paraguaio, como a declaração de Rebaudi, Gregorio Benítez, Bernardino Caballero e Crisóstomo Centurión. MOREIRA, Luiz Felipe Viel, *op. cit.*, 2007.

¹⁹ Em 1896, Blás Garay publicou a obra *Compendio Elemental de Historia del Paraguay*, onde valorou positivamente os governos dos López, afirmando, entre outras coisas, que eles manifestaram uma grande preocupação em relação ao ensino nacional, tornando-o obrigatório e gratuito, baseando-se, portanto, em ideais liberais. Cf. FERNANDES, Eurico da Silva. “A pedagogia “nacional” na condução do povo à guerra e à indolência: Manuel Dominguez, Manuel Gondra e Blás Garay”. *A “invenção” do Paraguai: história, projetos e intelectuais na construção da nação paraguaia (1870–1935)*. 2006. 218f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

²⁰ CAPDEVILA, Luc. “Los populistas del recuerdo o el revisionismo paraguayo”. *Una Guerra total: Paraguay, 1864–1870. Ensayo de historia del tiempo presente*. Buenos Aires: Editorial Sb, 2010.

paraguaia começaram a apresentar a atuação do país no embate armado e as motivações relacionadas à declaração de guerra de forma mais positiva, principalmente a partir dos esforços conjuntos do escritor Juan Emiliano O’Leary²¹ e de Enrique Venancio Solano López, filho de Lynch e de López, que ansiava por um ambiente político mais favorável, no qual ele pudesse ter chances de reaver as propriedades confiscadas de sua mãe pelo Estado.²²

As discussões em torno de novas perspectivas historiográficas começaram a se desenvolver a partir da polêmica entre Cecilio Báez — líder da corrente radical do Partido Liberal e intelectual consagrado no Paraguai — e Juan O’Leary — um jovem jornalista, que havia sido aluno de Báez²³ —, ocorrida entre os anos de 1902 e 1903 com as publicações do primeiro no periódico *El Civico*, e do segundo em *La Patria* — que pertencia a Venancio López.²⁴ A discussão girava em torno da Primeira República Paraguaia (1811–1870). Em seus escritos, Cecilio Báez rejeitava os sucessivos governos autoritários da Primeira República, defendendo que o secular despotismo havia “cretinizado” o povo paraguaio, e afirmando também que Solano López era o único responsável pelo desencadeamento do conflito armado.²⁵ Juan O’Leary, por sua vez, exaltava o heroísmo paraguaio nas batalhas, destacando as glórias e prosperidades dessa sociedade em tempos passados, mostrando que a guerra havia sido uma

²¹ Juan Emiliano O’Leary foi um intelectual paraguaio, cuja mãe, Dolores Urdapilleta Carísimo, foi uma *destinada* durante a Guerra da Tríplice Aliança. Após peregrinar pelo território paraguaio e ver seus filhos pequenos morrerem de fome, Dolores Carísimo casou-se novamente e, deste matrimônio, nasceu O’Leary, em 1879. A atuação intelectual dele é marcada por uma ruptura importante: se no início de sua carreira, era extremamente crítico a López em razão do sofrimento de sua mãe na guerra, num segundo momento, tornou-se um dos intelectuais *lopistas* mais importantes. Assim como Héctor Decoud, Juan O’Leary também possuía uma ligação pessoal e profunda com a temática da guerra, mas enquanto os escritos do primeiro permaneceram dentro dos cânones liberais, o segundo escritor tratou o passado paraguaio com outros olhares. Em um texto publicado em 1918 no jornal *La Patria*, O’Leary alegava que, em sua juventude, a sua “consciência nacional” ainda não havia sido despertada e que agora ele compreendia que Solano López não era um tirano, mas uma vítima dos incidentes que acometeram sua pátria, sofrendo e sucumbindo com ela em 1870. Para Francisco Doratioto a sua conversão ao *lopismo* teria ocorrido por interesses econômicos, uma vez que O’Leary poderia obter vantagens materiais se os herdeiros de Lynch e López tivessem acesso aos bens confiscados pelo Estado. Luc Capdevila, de outro modo, procurou explicar o surgimento de uma corrente revisionista compartilhada por estudantes, intelectuais e universitários paraguaios no início do século, inserindo O’Leary dentro desse contexto, e mostrando ainda que as leituras do escritor encontraram grande acolhida na sociedade paraguaia. Cf. BREZZO, Liliana. *Juan E. O’Leary: El Paraguay convertido en acero de pluma*. Asunción: El Lector, 2011.; DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 79-96.; CAPDEVILA, Luc, op. cit., 2010.

²² DORATIOTO, Francisco, op. cit, 2002, p. 79-96.

²³ CAPDEVILA, Luc, op. cit., 2010, p. 191-193.

²⁴ BREZZO, Liliana. “¡La gran polémica continúa!”. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, n. 9, 2009.

²⁵ ORUÉ POZZO, Aníbal. *Periodismo y nación: Paraguay a inicios del siglo XX*. Assunção: Arandurã, 2008, p. 23-29.

terrível consequência dos anseios anexionistas do Brasil e da Argentina sobre o Paraguai.²⁶ Apesar do movimento de revisão estar vinculado a Enrique López, a figura do Marechal ainda não era o centro das representações nacionalistas de Juan O’Leary, que se preocupava em enaltecer o heroísmo paraguaio.²⁷ Para Luc Capdevila:

A recordação de Francisco Solano López continuava sendo problemática, mas foi sendo suavizada junto com o reforço de uma identidade nacional criada com base na representação do “heroísmo do soldado paraguaio” da guerra da Tríplice Aliança.²⁸

Como discute o historiador Eurico da Silva Fernandes, no início do século XX é possível identificar os argumentos mobilizados pelos polemistas com duas correntes nacionalistas, que circulavam no Paraguai nessa época. As considerações positivistas de Cecilio Báez eram herdeiras da dicotomia civilização e barbárie de Sarmiento, que se baseava na suposta luta entre as forças da liberdade e da soberania nacional contra o despotismo e a barbárie. Por outro lado, Juan O’Leary defendia uma outra vertente nacionalista que, de algum modo, valorizava a herança hispânica, os vínculos étnicos e culturais, ressaltando a “superioridade” do paraguaio.²⁹ A polêmica entre os dois intelectuais é considerada basilar pelos historiadores porque os argumentos desenvolvidos e sustentados então constituem as ideias fundamentais, a partir das quais o passado paraguaio é pensado e rediscutido até os dias de hoje.³⁰

No entender do historiador Peter Lambert, a necessidade de um revisionismo emergiu no Paraguai devido à instabilidade política que predominou durante várias décadas após o fim da guerra; por isso, logo no início do século XX já era possível enxergar vozes dissonantes. O novo discurso nacionalista surgiu no bojo do chamado *Novocentismo paraguaio*, geração de intelectuais que, por meio da literatura, refletia criticamente sobre o presente e o passado do país.³¹ Em oposição à visão predominantemente liberal sobre a Guerra da Tríplice Aliança, alguns intelectuais desse grupo viam o embate como um episódio de defesa heroica da nação,

²⁶ BREZZO, Liliana, op. cit., 2009.

²⁷ CAPDEVILA, Luc, op. cit., 2010, p. 190.

²⁸ Ibidem, p. 188.

²⁹ FERNANDES, Eurico da Silva, op. cit., 2006, p. 19-22.

³⁰ ORUÉ POZZO, Aníbal, op. cit., 2008, p. 23-29.

³¹ O “*Novocentismo Paraguayo*” ou “*Generación del 900*” surgiu no final do século XIX, e foi um grupo de intelectuais paraguaios nascidos pouco após a Guerra da Tríplice Aliança, e que foram educados nas mesmas instituições do país, quais sejam, o *Colegio Nacional*, a *Universidad Nacional* e a *Escuela de Derecho*. Esse grupo, constituído por nomes como Juan O’Leary, Manuel Gondra, Eligio Ayala e Cecilio Báez, se dedicou a reinterpretar o passado paraguaio e a escrever sua história, a partir do pressuposto de que o país era “portador de algumas heranças históricas que atuavam negativamente em sua conformação como Estado nacional efetivo”. As interpretações e soluções encontradas para esse impasse divergiam significativamente, como demonstra a já mencionada polêmica entre O’Leary e Cecilio Báez. FERNANDES, Eurico da Silva, op. cit., 2006, p. 11.

cujo desfecho encerrou a época de ouro, quando o país era governado por López e os interesses nacionais eram preservados.³² Além de estar vinculado a uma crítica direta à narrativa histórica dominante, o “projeto político de revisão da história nacional encontrou um eco na memória coletiva, porque ele dava um sentido épico a essa tragédia incompreensível e indizível que fora vivida pela maioria”.³³

Inicialmente, o embate entre os dois modos de pensar o passado paraguaio não opunha o Partido Liberal ao Partido Colorado (ou Associação Nacional Republicana). Dialogava, por outro lado, com correntes de memória e de solidariedades familiares que não se restringiam à associação partidária individual.³⁴ Apesar de o nacionalismo *lopista* aparecer comumente vinculado à Associação Nacional Republicana, esta relação não estava dada na época da fundação do partido. Dentre os membros fundadores do Partido Colorado, encontram-se diferentes personalidades paraguayas que atuaram ativamente na Legião Paraguaia, ou a ela se vincularam, como é o caso de Héctor Francisco Decoud e seus familiares.³⁵

O discurso *lopista* começou a se desenvolver nas décadas seguintes à polêmica entre Báez e O’Leary e, segundo Peter Lambert, começou a se converter em um nacionalismo hegemônico a partir da Guerra do Chaco (1932–1935), enraizando-se no Partido Colorado a partir da Guerra Civil de 1947, atingindo seu ápice durante a ditadura de Alfredo Stroessner (1954–1989).³⁶ Profundamente instrumentalizada para justificar ou desestabilizar governos, a historiografia sobre a Guerra da Tríplice Aliança definitivamente não era e nem é dotada de neutralidade, mas um campo em disputa e permeado por intensas discussões e paixões políticas.

As concepções nacionalistas formuladas por O’Leary começaram a ganhar cada vez mais espaço no país entre diferentes correntes políticas nos anos posteriores à polêmica com seu

³² BREZZO, Liliana. “La historiografía paraguaya: del aislamiento a la superación de la mediterraneidad”. *Diálogos*, v. 7, 2003.

³³ CAPDEVILA, Luc. “Posfácio”. In: RODRIGUEZ ALCALÁ, Guido. *Ideologia autoritária*. Brasília: Funag/IPRI, 2005, p. 133.

³⁴ CAPDEVILA, Luc, op. cit., 2010, p. 197.

³⁵ Segundo o historiador paraguaio Claudio Fuentes Armadans, geralmente se supõe que o Partido Liberal foi formado a partir de membros da Legião Paraguaia, enquanto o Partido Colorado teria sido formado a partir da reunião de veteranos do exército de López. Na realidade, o período entre o estabelecimento do Governo Provisório (1869) e a formação dos dois principais partidos paraguayos (1887) foi marcado por alianças políticas muito mais complexas do que a historiografia nacionalista posterior pretendeu afirmar. Como procurei demonstrar no primeiro capítulo, a crítica à imagem do Marechal López ocorria de forma generalizada no Paraguai e foi um dos elementos mobilizados para a reconstrução do país após a derrota na guerra. Cf. FUENTES ARMADANS, Claudio José. “Posguerra, partidos y polémicas” e “Listado de reales y supuestos legionarios colorados”, op. cit., 2016.

³⁶ LAMBERT, Peter, op. cit., 2013, p. 350-352.

antigo mestre, Cecilio Báez.³⁷ Ou seja, embora o Partido Liberal tenha se afirmado no poder a partir da chamada Revolução Liberal de 1904³⁸, o revisionismo difundido especialmente por intelectuais vinculados ao Partido Colorado tornava-se cada vez mais influente, ultrapassando os limites dos debates intelectuais, visando atingir a opinião pública.³⁹ Em 1920, em razão das comemorações do cinquentenário da Batalha de Cerro Corá, houve grandes comemorações na imprensa paraguaia e o lançamento de livros dedicados a enaltecer a figura do Marechal López, como é o caso da conhecida biografia *El Mariscal Solano López* de autoria de Juan O’Leary.⁴⁰ Nessa década, a confluência nacionalista em torno do Marechal López já parecia bastante avançada, abarcando correntes políticas variadas. A Primeira Guerra Mundial, a circulação de modelos políticos autoritários nos anos subsequentes e as tensões precedentes à Guerra do Chaco, favoreceram consideravelmente o crescimento desse nacionalismo *lopista*.⁴¹

Além disso, à medida que o *lopismo* ganhava mais espaço na sociedade paraguaia, o termo “*legionário*” era cada vez mais interpretado como um sinônimo de “traidor da pátria”.⁴² Apesar dessa ideia não ser essencialmente nova, uma vez que já havia sido sustentada na década de 1870 por Elisa Lynch, a propagação dessa interpretação no início do século XX incomodava muito os descendentes de *legionários*, como Héctor Decoud e sua família. Embora as elites legionárias realmente acreditassem que Solano López era um tirano que conduzia a nação à barbárie, isso não significa necessariamente que elas fossem antipatriotas.⁴³ Elas, na verdade, defendiam um discurso que se tornava dissidente. Assim como Juan O’Leary e outros autores utilizavam o *lopismo* como um meio de expressar sua sensibilidade nacionalista, Héctor Francisco Decoud também justificava seus escritos *antilopistas*, afirmando que a sua intenção era contribuir com a grandeza de sua pátria.

³⁷ CAPDEVILA, Luc. “Los populistas del recuerdo o el revisionismo paraguay” e “La apoteosis de Francisco Solano López, la convergencia lopista de otra post guerra”, op. cit., 2010.

³⁸ A chamada Revolução de 1904 foi uma insurreição, onde o Partido Liberal derrotou a Associação Nacional Republicana (ANR) — também conhecida como Partido Colorado — e retirou-o do poder. Além de explorar as divisões dentro da ANR, os liberais fizeram acusações aos governos colorados por meio da imprensa e contaram com o apoio de setores militares e do governo argentino. Após quatro meses de lutas, o presidente colorado Juan Antonio Ecurra apresentou sua renúncia e os liberais mantiveram-se no poder até 1936, em meio a revoltas e conspirações entre seus partidários. MOREIRA, Luiz Felipe Viel; QUINTEROS, Marcela Cristina (Orgs.). “A violência Política na História do Paraguai (1904–1954)”. *As revoluções na América Latina contemporânea*. Maringá: UEM-PGH-História, 2016.

³⁹ *Ibidem*.

⁴⁰ Inicialmente essa biografia foi publicada em uma compilação de trabalhos que foi organizada por Juan Natalicio Gonzalez. Cf. GONZALEZ, Juan Natalicio. *Cinquentenario de Cerro Corá*. Asunción: Tal. De La Prensa, 1920.

⁴¹ CAPDEVILA, Luc. “La apoteosis de Francisco Solano López, la convergencia lopista de otra post guerra”, op. cit., 2010.

⁴² FUENTES ARMADANS, Claudio José. “Los años previos a la Guerra del Chaco”, op. cit., 2016.

⁴³ CAPDEVILA, Luc, op. cit., 2010, p. 196.

Em relação a esse aspecto, a família de Héctor Decoud foi alvo de várias acusações vinculadas à sua inserção na Legião Paraguaia. Dentre todos os seus irmãos, José Segundo Decoud, sem dúvidas, foi aquele que mais se destacou no cenário político paraguaio. Além de participar ativamente da Convenção Constituinte em 1870, foi Ministro em diferentes governos no pós-guerra, atuou na imprensa, foi membro-fundador do Partido Colorado em 1887 e um dos seus principais ideólogos. No entanto, ainda no final do século XIX, José Segundo Decoud passou a sofrer boicotes políticos e constantes recriminações vinculadas à sua militância contrária ao Marechal López durante a guerra, mas especialmente à sua curta, porém relevante, atuação na Legião Paraguaia.⁴⁴ Em 1909, José Segundo Decoud se suicidou deixando uma carta à sua esposa, na qual se mostrava ressentido com as acusações de que seria um traidor da pátria, “por ter participado de uma cruzada americana contra um tirano”.⁴⁵

Ao discutir as relações entre as práticas políticas e os sentimentos, Pierre Ansart observou na obra de Nietzsche dois tipos opostos de ressentimentos: o primeiro, vinculado aos dominados e fracos, que se voltam contra seus dominadores; o segundo já estaria ligado aos “nobres decadentes”, que reagem contra aqueles que consideram inferiores, canalizando seu ressentimento no desejo de vingança e na busca de uma autoridade perdida. Distinta da “memória dos fatos”, a “memória dos ressentimentos” individuais e coletivos pode atravessar quatro fases diferentes: o esquecimento; a rememoração; as revisões, ou seja, releituras que suscitam até mesmo confrontos para a afirmação de diferentes memórias; e por último, a intensificação, exasperação, delírio do ressentimento, que pode levar a sérias consequências, tal como o nazi-fascismo.⁴⁶

A intensidade desses ressentimentos é muito variável, mas o estabelecimento de uma ideologia comum, com a escolha de alvos específicos de desprezo e ódio pode ser combustível para o reforço de uma autoestima e segurança no interior de uma coletividade ressentida.⁴⁷ Ao observar a obra de Héctor Decoud no segundo quinquênio da década de 1920, é possível identificar que toda a sua produção está marcada por um profundo ressentimento. Ao estabelecer Francisco Solano López e Elisa Lynch como grandes verdugos da sociedade paraguaia, Decoud resguardava a atuação de seus familiares na resistência à “tirania”,

⁴⁴ FUENTES ARMADANS, Claudio José. “Antecedentes de la polémica Báez-O’Leary” e “Listado de reales y supuestos legionarios colorados”, op. cit., 2016.

⁴⁵ DORATIOTO, Francisco. *Relações Brasil-Paraguai. Afastamento, tensões e reaproximação (1889–1954)*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, p. 79.

⁴⁶ ANSART, Pierre. “História e memória dos ressentimentos”. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 19-23.

pretendendo não apenas lembrar os “fatos”, mas também os “ressentimentos” associados a eles. Ao final de sua vida, Héctor Decoud era como um “nobre decadente”, membro de uma coletividade ressentida pelo movimento de revisão da história paraguaia.

Assim, diante da proximidade pessoal e familiar que Héctor Decoud possuía com essa temática, um dos últimos livros que o escritor publicou antes de falecer tratava justamente da Legião Paraguaia e dos demais emigrados paraguaios em Buenos Aires. Na obra *Los emigrados paraguayos en la Guerra de la Triple Alianza*, o autor procurou explicar as origens e os ideais da Legião Paraguaia, procurando não só defendê-la, mas também resguardar o legado político de seus familiares que nela atuaram.⁴⁸ Poucos meses depois, Juan O’Leary publicou, em resposta, o livro *Los legionarios*, no qual se mostrou absolutamente indignado por Héctor Decoud defender a Legião Paraguaia, e ainda mais por vinculá-la a um sentimento de patriotismo. De forma agressiva, O’Leary se refere à Legião Paraguaia da seguinte forma:

Não importa que Héctor Decoud seja o mais desprezível dentre os homens. Por seus lábios, fala toda a sua raça. Não é ele, é a “casta maldita”, que a essa altura de nossas vidas quer se fazer ouvir de dentro da sua sepultura. É o legionarismo, é a traição, é a desonra (...). E é esse fantasma ensanguentado que deve ser respondido, e que deve voltar a ser sepultado em sua própria podridão, para que não nos infeste com os mesmos venenos de sua putrefação cancerosa.⁴⁹

Desse modo, apesar da “convergência *lopista*” ganhar contornos mais sólidos nos anos 1920, seria equivocado afirmar que esse crescimento foi uniforme e não sofreu resistências. Nesse contexto de reconfiguração da memória nacional, houve uma inevitável reação por parte de setores que se viam política e pessoalmente ofendidos pelo crescimento do movimento *lopista*.⁵⁰ Toda produção intelectual de Héctor Francisco Decoud dessa época deve ser lida, então, como uma reação ao movimento que tentava justificar a eclosão da Guerra da Tríplice Aliança e elevar a figura de Francisco Solano López e, em menor medida, a memória de Elisa Lynch. Como o autor tinha uma relação pessoal e direta com a temática, a sua produção possui um caráter memorialístico, por isso está repleta de lembranças familiares, momentos emblemáticos da guerra que ele mesmo presenciou e alguns documentos que ele utilizou para tentar comprovar a veracidade das informações que registrava.

Além das obras autorais que Héctor escreveu nesta época, ele também colaborou com uma iniciativa conjunta para a publicação de um livro denominado *El Mariscal Francisco*

⁴⁸ DECOUD, Héctor Francisco. *Los emigrados paraguayos en la guerra de la Triple Alianza*. Buenos Aires: Talleres Gráficos Argentinos L.J. Rosso, 1930.

⁴⁹ O’LEARY, Juan Emiliano. *Los legionarios*. Asunción: Editorial de Indias, 1930, p. 4-5.

⁵⁰ CAPDEVILA, Luc, op. cit., 2010, p. 211-213.

Solano López, em 1926. A obra foi elaborada às vésperas das comemorações do centenário de Solano López pela *Junta Patriótica Paraguaya*, que foi formada por figuras importantes do Partido Liberal e militantes da esquerda estudantil. Composto por uma série de artigos de autores diferentes, o livro era uma resposta à biografia que O’Leary havia escrito em 1920 e retomava os antigos e tradicionais argumentos contrários ao governo de Solano López.⁵¹

Embora não tenha existido nenhum impulso direto para reabilitar concretamente a memória de Elisa Lynch nessa época, havia um esforço político para a anulação da lei de 13 de julho de 1871⁵² que, segundo seus críticos, tinha sido criada por *legionários*. O grupo que se empenhou diretamente na revogação da lei se autodenominou *Comité de homenaje al mariscal López* e esperava aproveitar as comemorações do centenário do Marechal para derogar a lei, que desnaturalizava o ex-presidente e declarava-o assassino da pátria.⁵³ Em fins de agosto desse ano, os deputados paraguaios votaram contra esse projeto de lei, por razões ligadas a desentendimentos sobre o lugar reservado ao ex-presidente na memória nacional paraguaia, mas também porque parte dos artigos fazia referências diretas ao confisco dos bens de Elisa Lynch no pós-guerra.⁵⁴ Assim, diante do crescimento do *lopismo* e ciente da possibilidade futura de revogação da lei, a publicação da *Junta Patriótica Paraguaya* também fez algumas considerações críticas a respeito de Elisa Lynch, no intuito de comprovar que as terras reivindicadas não eram de sua propriedade e, portanto, não podiam ser reclamadas por seus descendentes.

Apesar da anulação da lei de 13 de julho de 1871 não ter ocorrido neste momento, Héctor Decoud provavelmente tinha consciência de que a reabilitação política do Marechal López era questão de tempo, já que a opinião pública estava fortemente mobilizada nesse sentido. Do mesmo modo, a figura de Elisa Lynch também não soava de uma forma tão negativa para os setores revisionistas, uma vez que já existiam algumas poucas manifestações positivas a seu respeito. As tentativas de anulação da lei, no entender de Héctor, certamente levariam à “reivindicação da libertina”, para que, então, os herdeiros do casal tivessem acesso aos bens confiscados pelo Estado.

⁵¹ CAPDEVILA, Luc. “La apoteosis de Francisco Solano López, la convergencia lopista de otra post guerra”, op. cit., 2010.

⁵² A lei de 13 de julho de 1871 aprovou o decreto de 19 de agosto de 1869 do Governo Provisório, que desnaturalizava Francisco Solano López e considerava-o assassino da pátria e fora da lei.

⁵³ FUENTES ARMADANS, Claudio José, op. cit., 2016, p. 102.

⁵⁴ CAPDEVILA, Luc. “La apoteosis de Francisco Solano López, la convergencia lopista de otra post guerra”, op. cit., 2010.

Diante desse cenário desolador para Héctor Decoud, e em continuidade aos trabalhos iniciados pela *Junta Patriótica Paraguaya*, ele decidiu escrever uma biografia de Elisa Lynch, mostrando os seus supostos desvios de caráter e procurando explicar que a reivindicação das “três mil léguas de terras paraguaias”⁵⁵ não fazia sentido. Apesar disso, a obra *Elisa Lynch de Quatrefages* só veio a público em 1939, após a morte do autor e o término das hostilidades entre Paraguai e Bolívia, quando o *lopismo* já era compartilhado pela maioria das correntes políticas e a lei de “desnaturalização” do Marechal já havia sido derogada. Diferente do que Héctor Decoud imaginava, contudo, Elisa Lynch ainda não seria alvo de atenção direta dos setores *lopistas* e a revogação da lei de 13 de julho não suscitaria a concessão das propriedades pleiteadas pelos herdeiros.

2.2 Elisa Lynch de Quatrefages: imagens sobre uma “mulher histérica e prostituída”

Após a obra *Elisa Lynch por Orion*, publicada em 1870 pelo jornalista portenho Héctor Florencio Varela, a segunda biografia sobre Madame Lynch, foi justamente *Elisa Lynch de Quatrefages*, de autoria de Héctor Francisco Decoud. A longa distância temporal entre os dois materiais não significa que houve o esquecimento da personagem; indica apenas que sua trajetória foi considerada secundária em relação à figura do Marechal López. Tanto nos anos posteriores à guerra quanto nas primeiras décadas do século XX, foram publicadas inúmeras obras que tangenciaram a trajetória de Elisa Lynch. Apesar de também discutirmos parte desse material secundário neste capítulo, importa ressaltar que nos dois momentos assinalados — 1870 e segunda metade dos anos 1920 —, Madame Lynch adquiriu maior protagonismo nas representações que dialogavam com a Guerra da Tríplice Aliança e o governo de Francisco Solano López.

Dada a proximidade familiar e a difícil relação de Héctor Decoud com a temática da Guerra da Tríplice Aliança não é surpreendente que o autor apresente uma visão negativa sobre a personagem. De fato, *Elisa Lynch de Quatrefages* provavelmente é a biografia mais crítica e maledicente dentre todos os materiais publicados até os dias de hoje, que discutem a trajetória

⁵⁵ Segundo a definição do *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, a légua constituía uma “medida itinerária cuja extensão varia de povo para povo. Segundo o systema métrico, é de cinco quilômetros; a antiga era de mais de seis quilômetros”. Cf. CALDAS AULETE, Francisco Júlio. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881, v. 2. Segundo Decoud, Elisa Lynch reivindicava 3105 léguas de terras paraguaias. Considerando a estimativa de que uma légua correspondia a cinco quilômetros, a soma reclamada por ela equivalia à, aproximadamente, 15.525 km² de terras, área maior do que a Irlanda do Norte, que atualmente ocupa 13.843 km².

de Madame Lynch.⁵⁶ Diferente do escritor portenho Héctor Varela, a quem Decoud qualifica de “destemido defensor” de Elisa, este biógrafo não reivindica uma neutralidade ao se pronunciar sobre tal assunto; pelo contrário, ele se apresenta como detentor da verdade frente aos setores revisionistas que, em seu entendimento, pretendiam subverter a memória nacional.

A biografia é baseada em recordações pessoais, depoimentos, documentações jurídicas e livros, através dos quais Héctor Decoud pretendeu atestar a veracidade da argumentação que desenvolveria. Apesar do autor sempre deixar transparecer que realizou uma pesquisa documental para compor a biografia, ele utilizou apenas fontes críticas à Madame Lynch, sem avaliar quais poderiam ser os motivos e expectativas daqueles que a depreciavam, qual era o grau de proximidade dos autores em relação ao casal Lynch e López, ou quando o material foi publicado. O único trabalho que segue a argumentação oposta, com o qual ele dialoga, é o texto autobiográfico de Elisa, *Exposición y Protesta*.

Como afirmou Angela de Castro Gomes, ao discutir as escritas de si, a noção de verdade tem “um forte vínculo com as ideias de foro íntimo e de experiência de vida dos indivíduos”; ou seja, embora se afirme a busca de uma “verdade factual e objetiva”, como parece ser o desejo de Héctor Decoud, seu discurso está permeado por sua própria subjetividade “uma dimensão fragmentada e impossível de sofrer controles absolutos”.⁵⁷ A narrativa de Decoud é transpassada por seus ressentimentos sobre o passado paraguaio e sua experiência pessoal e familiar na Guerra da Tríplice Aliança. Contudo, como faz referências a diversos escritos sobre Madame Lynch, a biografia de Héctor Decoud não pode ser analisada como um produto fechado em si. Decoud menciona episódios específicos, descritos por outros sujeitos, que vão formando uma cadeia de representações; por vezes, o autor segue rotas semelhantes às traçadas por Héctor Varela, inclusive.

⁵⁶ A biografia *Elisa Lynch de Quatrefages* foi editada uma única vez e, dentre todas as fontes utilizadas na pesquisa, foi o livro de mais difícil acesso. Durante minha viagem de campo a Assunção em fins de 2015, tive a oportunidade de fotografar o único exemplar físico ao qual tive acesso na biblioteca “Pablo VI”, da Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción” (UCA). Segundo o historiador Paul H. Lewis, a instituição foi um importante foco de resistência à ditadura de Alfredo Stroessner quando a Universidad Nacional de Asunción (UNA) estava sem forças e desmoralizada após uma violenta repressão ao movimento estudantil em 1959. Como a UCA é uma universidade particular, teve relativa liberdade para contratar jesuítas europeus para compor o quadro de docentes e para formular o seu próprio currículo. Esse papel de destaque na oposição à ditadura pode ser um dos aspectos que ajudem a compreender a preservação da biografia e de outros livros de Héctor Decoud em suas bibliotecas. Recentemente, *Elisa Lynch de Quatrefages* foi digitalizada e disponibilizada no site da Biblioteca Nacional do Paraguai. Cf. LEWIS, Paul H.. “La oposición”, op. cit., 1986.

⁵⁷ GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 13-14.

Existem fortes indícios de que a obra, publicada postumamente, não estava efetivamente concluída quando o autor faleceu. O livro traz algumas informações equivocadas, como datas e nomes, em uma regularidade razoável; apresenta também dados bibliográficos incompletos, que dificultam a identificação dos materiais mencionados no corpo do texto e nas notas de rodapé. Contudo, os principais fatores que sugerem a incompletude da biografia são as longas e frequentes transcrições do material consultado pelo autor, que chegam a ocupar várias páginas do livro, sem que se faça uma análise ou discussão dos textos apresentados. Em decorrência disso, muitas passagens de *Elisa Lynch de Quatrefages* não possuem um encerramento claro e são desprovidas de referências, que possam ajudar o leitor a identificar minimamente os autores ou acontecimentos citados.

Apesar da obra ter sido escrita num período de grande efervescência política, na qual a Guerra da Tríplice Aliança e seus personagens mais célebres eram regularmente lembrados, as imprecisões e a ausência de explicações mais aprofundadas sobre os assuntos discutidos dificultam em muito a compreensão do texto por um público leigo. O livro pressupõe que o leitor possa identificar os múltiplos personagens envolvidos com o conflito armado, muitos dos quais de atuações pouco conhecidas, que possuam conhecimentos sobre eventos e batalhas ocorridas durante a guerra, e que tenha noções a respeito da legislação paraguaia no pós-guerra. Assim, embora Héctor Decoud tenha afirmado no início do texto que a sua biografia de Elisa Lynch era direcionada ao “povo paraguaio”, existe uma grande probabilidade da leitura do livro ter se restringido a pessoas que porventura também tivessem vivenciado o conflito armado, mas especialmente à intelectualidade paraguaia, com a qual o escritor dialogava constantemente em seus demais trabalhos.

A biografia *Elisa Lynch de Quatrefages* possui nove capítulos que seguem uma estrutura cronológica e quase sempre linear, apesar de em diversas passagens, o autor fazer referência a eventos anteriores ou futuros como se tentasse justificar os acontecimentos ali narrados, criando uma série de relações de causalidade. Os principais elementos discutidos por Héctor Francisco Decoud são as supostas depravação sexual e ganância de Elisa Lynch, sua profunda influência sobre os atos políticos de Francisco Solano López e a sua tentativa frustrada de regressar ao Paraguai em 1875. Como discutirei mais detidamente na próxima parte deste capítulo, a obra dispõe como linha narrativa a ambição de Elisa Lynch e as terras paraguaias reivindicadas por ela.

Como já mencionei anteriormente, o objetivo principal da biografia é comprovar as razões pelas quais os herdeiros de Elisa Lynch e Solano López não deveriam ter acesso aos bens

confiscados pelo Estado. Na introdução ao livro, ele afirma que, no passado, não tinha a intenção de escrever uma biografia sobre Lynch:

Mas agora, que chega a este solo uma tentativa de elevá-la por cima dos milhares de mortos que deixou em seu caminho (...), levanto a minha voz de protesto por semelhante insulto à Pátria e chamo a atenção do Povo Paraguai aos interesses ocultos que se escondem por trás desse atrevimento. Com a reivindicação da libertina, virá também o reclame das três mil léguas de terras despojadas do Povo Paraguai (...). Por tudo isso falarei desse assunto repugnante, ainda que seja um sacrifício para mim. Farei isso em homenagem ao Povo de minha Pátria.⁵⁸

Diante da possibilidade de devolução das propriedades confiscadas, ele decidiu então falar sobre esse “assunto repugnante”, mobilizando, principalmente, suas recordações pessoais. Para os cientistas sociais Paul Antze e Michael Lambek, a memória é um elemento fundamental para a construção, destruição e transformação de identidades, desempenhando um papel importante nas grandes narrativas de uma comunidade/nação. A memória social, assim como a história, depende ainda de uma transmissão através do ensino e das tradições.⁵⁹ Ao evocar sua memória sobre Lynch e a guerra e publicar um livro sobre elas, Héctor Decoud faz um uso político do passado paraguaio para tentar garantir que os herdeiros dela não conseguissem alcançar seus objetivos; as reflexões que Decoud fez sobre o passado do seu país tinham a pretensão clara de ultrapassar o debate intelectual e alcançar uma ingerência na vida pública paraguaia.⁶⁰ O escritor se preocupou em tecer uma narrativa sobre a nação paraguaia, por meio da identificação de tipos narrativos: Elisa Lynch e Solano López são vilões, enquanto o povo paraguaio é vítima. Como afirmaram Antze e Lambek, a memória, aqui, desempenha uma função de “prestação de contas” (*accountability*), numa responsabilização clara de Lynch e López pelo mal causado ao Paraguai. Por isso, é muito importante analisar as lembranças que Héctor registrou no livro enquanto memórias produzidas dentro de uma determinada coletividade e em diálogo com ela.⁶¹

⁵⁸ DECOUD, Hector Francisco. *Elisa Lynch de Quatrefages*. Buenos Aires: Casa Editora Libreria Cervantes, 1939, p. 7.

⁵⁹ LE GOFF, Jacques. “Passado/Presente”. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

⁶⁰ Em sua tese de doutorado, Marcela Quinteros identifica que Juan Natalicio González, um dos principais autores do revisionismo historiográfico paraguaio, também fez uso do passado paraguaio de modo a interferir deliberadamente na política de seu país. Diferente do que ocorreu com as propostas de Héctor Decoud nos anos 1920, Natalicio Gonzalez conseguiu obter reconhecimento intelectual e algumas vitórias políticas nas décadas seguintes. Cf. QUINTEROS, Marcela Cristina. *Juan Natalicio González (1897–1966): um intelectual plural*. São Paulo: Tese de Doutorado em História Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

⁶¹ ANTZE, Paul; LAMBECK, Michael. “Introduction”. *Tense Past. Cultural Essays in Trauma and Memory*. London: Routledge, 1996, p. 11-33.

Nas primeiras páginas da biografia, Decoud se dedica a discutir as origens de Lynch e os anos anteriores à sua viagem ao Paraguai, utilizando como principal fonte documental o livro do escritor chileno Jacinto Villa Vicencio, denominado *Dictadura del Mariscal López*, apesar de reconhecer que a obra segue mais um “critério literário do que histórico”⁶² e de nem sempre deixar explícito que está se baseando nesse material. Publicado em 1874 com apoio do governo paraguaio, o livro de Villa Vicencio tem um caráter moralizador explícito; a obra não trata especificamente de Elisa Lynch, mas faz considerações significativas a respeito da personagem, discorrendo sobre o período em que ela morou no Paraguai e, principalmente, sobre a época em que ela vivia na Europa, antes de conhecer Solano López.⁶³ Da obra de Villa Vicencio, aparecem nos escritos de Decoud sua elaboração a respeito do casamento de Elisa com Xavier Quatrefages, além do relato de como ela supostamente teria conhecido Solano López na França.

Em linhas gerais, Héctor Decoud mostra, através de Villa Vicencio, que Elisa Lynch abandonou sua família para cair nos braços de um jovem *lord*, cujo dinheiro ela esbanjou em longas viagens por toda a Europa. Quando percebeu a decadência financeira de seu companheiro, ela o teria abandonado em busca de outro amante que pudesse custear seus luxos. Depois de algum tempo se relacionando com vários homens, ela acabou conhecendo Xavier Quatrefages, um militar francês que estudava para aperfeiçoar seus conhecimentos sobre cirurgia. Sem o consentimento de sua família, a relação que ele estabeleceu com Elisa logo se tornou um casamento e ele se transferiu para trabalhar na Argélia. No entanto, Héctor Decoud pondera:

A irresistível e sedutora influência da bela madame de Quatrefages não demorou em produzir seu efeito avassalador em todos os chefes e oficiais da guarnição, assim como em todos os homens de alguma distinção que se encontravam naquela cidade.⁶⁴

Na sequência, Héctor Decoud transcreve um longo trecho de Villa Vicencio, no qual Elisa se envolve com alguns militares na Argélia e, depois de causar um duelo entre um Coronel e um General, decide abandonar Xavier Quatrefages, levando consigo todo o dinheiro do seu esposo, para voltar a ter uma vida luxuosa em uma “casa livre” de Paris. Através desse livro e de uma entrevista que Decoud afirma ter realizado com Juan José Brizuela — um membro da Legação Paraguaia na Europa —, o autor assegura que Elisa Lynch era uma das “sobrinhas putativas” de Madame Dumont, a cafetina do bordel. Efetivamente, as cortesãs não eram

⁶² DECOUD, Héctor, op. cit., 1939, p. 1939, p. 58.

⁶³ VILLA VICENCIO, Jacinto. *Dictadura del Mariscal López. O sea un cúmulo de episodios históricos del Paraguay e de las naciones limítrofes*. Buenos Aires: Imp. Del órden, 1874, tomo I.

⁶⁴ DECOUD, Héctor, op. cit., 1939, p. 18.

sobrinhas de Dumont, essa nomenclatura apenas dissimula a relação que existia entre essas mulheres. No entanto, dada a imagem extremamente crítica que o biógrafo pretende construir de Lynch, a escolha da palavra “putativa” para se referir às cortesãs certamente não foi arbitrária, já que induz a um duplo sentido: além de compreender essa relação artificial de parentesco, também nos remete à palavra “puta”.

Encantado com a moça desde o primeiro momento, o então “generalito” Solano López, ficou determinado a levá-la ao Paraguai, por isso decidiu negociar com Quatrefages uma forma de conseguir libertá-la do casamento. Citando novamente Villa Vicencio, Decoud reproduz o suposto questionamento de Quatrefages a Solano López:

— Se (...) os seus pais o enviassem ao exterior para aperfeiçoar e concluir seus estudos, e você se apaixonasse por uma mulher encantadora, e apesar da oposição de sua família, se casasse em segredo com ela (...), sendo obrigado a deixar o seu país para buscar o sustento, mendigando um emprego ao governo; (...) mas ela, *ignorando todas as suas obrigações e contrariando todas as regras sociais e morais*, resolvesse fugir com um homem qualquer, levando todas as economias que você tinha deixado sob seus cuidados. O que você faria com ela?

— Eu a abandonaria.

— Sem puni-la?

— Ou eu a venderia, como os muçulmanos fazem com suas esposas infiéis.⁶⁵

[Grifo meu]

Além desse diálogo inusitado, e a posterior negociação do preço que López pagaria por Elisa ao seu esposo, Villa Vicencio mostra que o jovem Ministro também se preocupou em convencê-la a ir para o Paraguai com ele. Indo ao encontro da interpretação liberal, bastante difundida no período pós-guerra, quando esse livro foi escrito e publicado, o autor mostra a constituição de um casal extremamente ambicioso:

— O seu futuro será próspero e feliz, em suas têmporas será colocada uma coroa imperial.

A Madame, ansiosa, perguntou:

— De que modo?

— Fazendo uma viagem à América (...)

Delirante de alegria, a Madame respondeu:

— Quer dizer que eu serei rainha mesmo que Deus não queira? (...)

— Imperatriz do Paraguai. — Respondeu Solano López⁶⁶

Na linha narrativa que Héctor Decoud estabelece sobre o caráter e os desejos de Elisa Lynch, entrelaçando transcrições de trechos de livros com comentários e lembranças pessoais, é possível identificar um padrão de comportamento para a personagem, que o autor irá reiterar

⁶⁵ VILLA VICENCIO, Jacinto, op. cit., 1874, p. 127.

⁶⁶ Ibidem, p. 119-122.

ao longo de toda a biografia. “Ignorando todas as suas obrigações e contrariando todas as regras sociais e morais”, Lynch infringia os papéis de gênero. Em *Elisa Lynch de Quatrefages*, a irlandesa sempre procura se aproveitar ao máximo dos muitos homens que a rodeiam, dominando-os para saciar sua ambição e sede de poder. Depois que a personagem atinge seus objetivos, deixa-os, de alguma forma, na ruína. Assim aconteceu com os vários homens com os quais Decoud afirma que ela se relacionou antes do casamento, com seu esposo e com os muitos amantes que ela teria tido após viajar com Solano López. Se ela arruinou todos os seus amantes, inclusive o Marechal, também foi responsável por destroçar o Paraguai.

Uma das acusações mais hostis e exasperadas que Héctor faz a Elisa é o assassinato do General José Eduvigis Díaz, considerado herói da Batalha de Curupayty (1866), um “autêntico guerreiro”.⁶⁷ Segundo o biógrafo, quando o General se recuperava de um grave ferimento e já se encontrava fora de perigo, recebeu a visita de Elisa, com quem também “mantinha vínculos carnis”.⁶⁸ Por motivos que Héctor não explica, ela teria aberto as feridas do General, provocando uma hemorragia, que o levaria à morte poucas horas depois da visita de sua amante. Além de ser representada como uma prostituta aproveitadora e dissimulada, Decoud também acusa Lynch de assassinar um dos maiores oficiais do exército paraguaio. Chama bastante a atenção que Elisa Lynch seja retratada de forma tão maniqueísta, como uma mulher sedutora e perversa que exercia influência extrema sobre homens poderosos, que não eram capazes de resistir aos seus encantos, tornando-se vítimas passivas da irlandesa.

É importante ressaltar que Héctor Decoud desenha Elisa como uma mulher de ação, que tinha grande protagonismo e ingerência na política paraguaia no governo de Solano López. O Marechal, assim como todos os homens que se relacionaram com Lynch, foi completamente subjugado à “sua querida”, agindo sempre em conformidade com os desejos dela. No primeiro capítulo, aponte que Héctor Varela identificava que a relação do casal era desequilibrada porque o escritor acreditava que Lynch incentivava os “instintos ferozes do seu amante” ao invés de tentar contê-los; no escrito de Decoud, o desequilíbrio parece ainda maior, uma vez que é a mulher, Elisa Lynch, que está à frente da relação, influenciando-o a tomar decisões políticas caprichosas apenas para agradá-la. Além de representá-la como alguém que tinha profunda ingerência no espaço público, Decoud ainda demonstra que possuía uma série de atributos negativos, sendo adúltera, prostituta, assassina e, como veremos mais adiante, ladra.

⁶⁷ DECOUD, Héctor, op. cit., 1939, p. 149.

⁶⁸ Ibidem.

Héctor afirma que, na noite em que ocorreu a declaração de guerra ao Brasil, Assunção foi tomada por grandes festejos e “por uma multidão de pessoas vestidas com suas melhores roupas, que percorriam as ruas, agitadas, barulhentas e alegres, em aparência, porque a realidade era diferente, seria uma corrente de lágrimas e uma imensidão de amarguras que a guerra ia produzir”.⁶⁹ Elisa então, teria recebido a população que marchava pelas ruas e fazia uma serenata em frente à sua casa, declamando um discurso pelo qual brindava o patriotismo paraguaio, o presidente Solano López e a declaração de guerra. Curiosamente, Héctor Decoud, que na época não possuía mais do que nove anos de idade, reproduz inteiramente o discurso de Elisa, ironizando suas palavras, e lista os nomes das pessoas que ele conhecia e que participavam das manifestações populares. Segundo ele, o conflito armado era uma consequência da influência e ambição de Lynch, que viu no acontecimento a possibilidade de se tornar imperatriz do Paraguai. Furioso, o autor se manifesta nos seguintes termos sobre o conflito e o discurso de Lynch:

Assim, ela tentava dissimular o acontecimento brutal que se desencadeava, enquanto a adúltera acreditava que seus antecedentes em meio à aristocracia paraguaia seriam apagados, e que a confraternização que a guerra ia impor, abria a possibilidade para concretizar suas ambições. Logo, ela acabou se convencendo do contrário e *as cascatas de fogo e sangue que atingiram o país, foram o preço pago por esta mulher arrancada dos tugúrios parisienses para saciar o seu sinistro e cruel delírio de mulher histérica e prostituída pelo vício.*⁷⁰ [Grifo meu]

O trecho acima traz um retrato muito contundente e hostil sobre Madame Lynch: além de Decoud responsabilizá-la pelas “cascatas de fogo e sangue” que atingiram o Paraguai, ele ainda afirma que toda a destruição do país saciou seus delírios de “mulher histérica e prostituída”. Até o final do século XIX, a histeria era um tipo de neurose associada exclusivamente a mulheres, cuja origem estava em supostas carências ou distúrbios sexuais que eram explicados por alterações na fisiologia do útero. A palavra histeria, aliás, é derivada do vocábulo grego *hystera*, que significa útero. A histeria se manifestava por meio de reações emocionais intensas, que chegavam até mesmo a quadros convulsivos. Com os trabalhos de Charcot e a psicanálise freudiana, a histeria passou a ser relacionada aos conflitos não conscientes sobre a sexualidade, que poderiam acometer também os homens.⁷¹ Apesar disso, a caracterização de Elisa Lynch como mulher histérica, obviamente não tinha esses trabalhos como referência. A histeria era

⁶⁹ Ibidem, p.179.

⁷⁰ Ibidem, p.82.

⁷¹ FREUD, Sigmund. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886–1889)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, verbete “HISTERIA”.

uma condição cercada de estigmas sociais, e essa foi apenas mais uma das formas que Héctor Decoud encontrou para desqualificá-la e retratá-la como mulher louca e desequilibrada.

É importante lembrar que esta biografia foi elaborada a partir do ressentimento de Héctor Decoud, que canalizou em Elisa Lynch toda sua indignação e repulsa ao revisionismo. Para o escritor, as ações de Elisa eram calculadas friamente para a obtenção de vantagens. De forma semelhante a Héctor Varela, Decoud afirmou que a intenção final dela, ao se unir a Solano López, seria tornar-se imperatriz e isso teria levado a personagem a cometer uma série de crimes e abusos para influenciar seu concubino a realizar seus desejos megalomaniacos, incitando, inclusive, a Guerra da Tríplice Aliança. Apesar dessa extravagante aspiração, Elisa Lynch não contribuía em nada para a vitória do Paraguai e sempre causava destruição, morte e sofrimento por onde quer que estivesse. A furiosa argumentação de Decoud, cujo objetivo era demonstrar toda a perversidade atribuída a Elisa Lynch, o leva a representá-la de forma contraditória, portanto.

As representações que Héctor Decoud constrói sobre Madame Lynch aparecem também em contraponto ao sofrimento do povo, especialmente às mulheres vitimadas durante a guerra. Além de Elisa Lynch continuar vivendo luxuosamente durante o confronto, a personagem ainda se alegrava quando sabia que o povo vivia na mais lastimável miséria, chegando a passar dias sem ter qualquer tipo de alimento. Quando Lynch chegou ao Paraguai, a família de Carlos Antonio López se recusava a ter relações diretas com a personagem e ela apenas podia comparecer aos bailes oficiais depois que a família do então presidente se retirava, algo que a humilhava profundamente, segundo Decoud. Além disso, como também afirmou Héctor Varela em *Elisa Lynch por Orion*, “em toda a aristocracia, se negaram a manter relações com ela, por causa do caráter adúltero dos seus vínculos com López e por seus antecedentes pessoais.”⁷²

Diferente da historiadora paraguaia Ana Barreto Valinotti, que alegou que o mal-estar entre Lynch e a endogâmica elite assuncenha diminuiu com o passar do tempo,⁷³ Héctor Decoud insistiu que o desprezo que Lynch sofreu por parte da elite durante os primeiros anos em que viveu em Assunção não foi esquecido por ela:

Quando o General [Solano López] substituiu seu pai na presidência do país, tudo mudou. As antigas intrigas se transformaram em instrumentos de terror e uma bárbara correnteza de acusações injustas inundou as famílias ilustres de vergonha e levou honráveis patriotas à prisão, enquanto no âmbito

⁷² DECOUD, Héctor, op. cit., 1939, p. 67.

⁷³ VALINOTTI, Ana Barreto. *Elisa Alicia Lynch*. Asunción: El lector, 2011, p. 36-37.

internacional as nuvens escuras da catástrofe se tornavam cada vez mais ameaçadoras.⁷⁴

Assim, a perseguição e sofrimento causados a essas pessoas durante a guerra, inclusive a família de Decoud, nada mais seriam do que um reflexo da ambição desenfreada de Lynch, do seu ciúme doentio e do seu desejo de vingança. Em relação a isso, Héctor relata diretamente memórias pessoais durante a Guerra da Tríplice Aliança, interpondo algumas lembranças relacionadas à sua mãe. Em 1868, Solano López ordenou que a capital do país fosse desocupada, por causa da perigosa aproximação dos exércitos aliados. Segundo a narrativa do autor, sabendo que Elisa Lynch estava na região, Héctor Decoud, então com treze anos de idade, se dirigiu a ela “implorando-lhe misericórdia”, pedindo “pelo amor de Deus que lhe desse informações sobre o estado em que se encontrava sua querida mãe”. “A adúltera” então respondeu que Concepción Domecq se encontrava bem de saúde, que estava sendo bem tratada e que caso os seus filhos desejassem enviar algo para sua mãe, ela mesma entregaria com prazer. Alguns dias depois Héctor pediu que Madame Lynch lhe entregasse um pequeno baú com algumas moedas e roupas. Quando a guerra finalmente terminou, o autor conta que sua mãe jamais recebeu nenhum objeto e que Elisa Lynch também subtraiu bens de várias outras famílias. Indignado, o autor exclama: “Que ultraje dessa mulher adúltera!”⁷⁵

Dentre as inúmeras mulheres vitimadas durante a Guerra da Tríplice Aliança, a mais lembrada dentre todas elas é, sem dúvidas, Francisca Garmendia. Assim como Madame Lynch, a memória de Pancha Garmendia, como era conhecida, também sofreu transformações significativas ao longo do tempo, mesmo que em menor dimensão. Considerada uma heroína nacional e ícone *antilopista* por seus admiradores, alguns autores afirmam que Pancha era uma jovem e belíssima virgem que foi perseguida por Solano López durante vários anos, desde antes da chegada de Madame Lynch ao Paraguai.⁷⁶ Para o jornalista Héctor Varela — que também dedicou algumas páginas de sua biografia para relatar a infelicidade da paraguaia —, a rejeição de Pancha Gamendia havia humilhado profundamente Solano López e despertava ciúmes em Elisa Lynch.⁷⁷ No entendimento de Cecilio Báez, como a moça sempre resistiu virtuosamente às insistentes investidas do Marechal, foi acusada injustamente de conspirar contra o governo paraguaio em 1869. Recusando-se a confessar o crime aos seus interrogadores e preferindo

⁷⁴ DECOUD, Héctor, op. cit., 1939, p. 68.

⁷⁵ Ibidem, p. 143-144.

⁷⁶ DECOUD, Héctor Francisco. “Via crucis”. In: *Sobre los Escombros de la Guerra. Una Década de Vida Nacional (1869–1880)*. Asunción: Talleres nacionales de H. Kraus, 1925.

⁷⁷ VARELA, Héctor Florencio. “Capítulo X”. *Elisa Lynch por Orion*. Buenos Aires: Imprenta de La Tribuna, 1870.

sacrificar a vida ao invés de perder sua honra, foi torturada e lanceada até a morte, convertendo-se, no pós-guerra, em uma mártir do governo de Solano López.⁷⁸

As considerações de Héctor Decoud sobre Pancha Garmendia nessa biografia também seguem um raciocínio semelhante. O diferencial de sua versão, no entanto, é que o autor responsabiliza Madame Lynch pela trágica morte da moça. A esse respeito, Héctor assegura o seguinte:

Até ela [Elisa Lynch], haviam chegado os rumores que apontavam o então General López, como pretendente da mais bela e angelical moça de sua época, conhecida pelo nome de Pancha Garmendia, heroína da cólera maledicente de sua rival e depois sacrificada pela ira sinistra dessa mulher que a envolveu nos supostos movimentos conspiratórios contra seu amante, quando ele foi amo do país.⁷⁹

Assim, além da ambição de Elisa Lynch prejudicar o povo paraguaio, como o que ocorreu com Concepción Domecq, o seu ciúme e ódio também teriam causado a morte de “sua rival”.⁸⁰ Apesar de fazer uma acusação tão incisiva, o autor novamente não chega a explicar qual teria sido a ingerência exata de Lynch na execução da moça paraguaia. Em realidade, Héctor Decoud não foi o primeiro autor a sugerir que Elisa foi responsável pela morte da jovem. Esses rumores começaram a se alastrar já no pós-guerra, ao ponto da personagem tentar refutar tal acusação em seu texto *Exposición y Protesta*. Os seus esforços, obviamente, não tiveram o resultado que ela esperava e em outros momentos ela foi novamente acusada de incentivar a execução da jovem paraguaia.

Esse é o caso, por exemplo da obra *Tradiciones del Hogar* da escritora paraguaia Teresa Lamas Carísimo de Rodríguez Alcalá, cujos dois volumes foram publicados em 1921 e 1928, respectivamente. Interessada em discutir a experiência das mulheres durante a guerra, Teresa Carísimo escreveu quarenta relatos sobre aspectos diferentes da cultura e história paraguaia, sendo que em três deles fez acusações diretas a Lynch. Segundo a escritora, Madame Lynch havia se enfurecido com Pancha Garmendia após Solano López fazer uma pequena demonstração de afeto à jovem, permitindo que ela levasse um recipiente com alimento para sua tia idosa durante a guerra. Enciumada, Elisa adicionou o nome da moça na lista de prisioneiros que seriam executados nos dias seguintes, sem que Solano se desse conta.⁸¹ Apesar

⁷⁸ BÁEZ, Cecilio. “La heroína de su honor. Pancha Garmendia”. In: *La tiranía en el Paraguay. Sus causas, caracteres y resultados*. Asunción: Tip. de “El país”, 1903.

⁷⁹ DECOUD, Héctor, op. cit., 1939, p. 67.

⁸⁰ Ibidem, 141.

⁸¹ FRENCH, Jennifer L.. “La honra de la casa: Memoria y nacionalismo en las Tradiciones del hogar de Teresa Lamas”. In: CASAL, Juan Manuel; WHIGHAM, Thomas L. (Orgs.). *Paraguay: El Nacionalismo y la Guerra*.

de Teresa Carísimo ser mais conivente com o Marechal López, é provável que Héctor Decoud tenha conhecido e se inspirado em seus escritos, seja pela proximidade temática e temporal entre as obras, seja porque uma das inúmeras transcrições feitas pelo autor possui uma referência direta à autora.⁸²

Como venho tentando expressar, as representações que Héctor Decoud elabora de Elisa Lynch estão completamente vinculadas a determinados padrões pré-estabelecidos para o comportamento feminino. Embora Héctor não crie essa conexão de forma clara, acaba estabelecendo indiretamente uma comparação entre Madame Lynch e Pancha Gamendia. Enquanto a jovem paraguaia constitui um modelo da mulher “honrada”, “virgem” e “sacrificada” injustamente, Elisa Lynch, é a síntese da mulher “libertina”, “adúltera”, “prostituída”, entre várias outras palavras escolhidas por Héctor Decoud. Igualmente, a imagem de Lynch também serve como contraponto a Solano López, que é quase sempre retratado à sombra de sua amante, numa abordagem que se distancia completamente das representações heroicas, enérgicas e viris das leituras nacionalistas do revisionismo. Referindo-se a ele mais de uma vez como “generalito”, Decoud mostra Solano López completamente dominado e submetido aos caprichos de sua “querida”. Em outras palavras, podemos identificar uma inversão aos papéis de gênero tradicionais, marcada pelo comportamento sexual extravagante da irlandesa, pela sua inserção excessiva na esfera pública e pela passividade de Solano López diante das ações e anseios de Elisa Lynch.

Na década de 1920, como discuti na primeira parte do capítulo, o revisionismo historiográfico sobre a Guerra da Tríplice Aliança estava em plena ascensão. Apesar da figura do Marechal López ser cada vez mais enaltecida, o mesmo não acontecia com Elisa Lynch em igual intensidade. Apesar disso, é possível identificar uma referência positiva sobre a personagem na biografia *El Mariscal Solano López*, publicada em 1921 por Juan Emiliano O’Leary. Segundo este biógrafo, Elisa Lynch era uma:

Mulher de extraordinária beleza e distinção, cheia de talento e de uma cultura discreta, [que] despertou em Solano López, repetimos, um amor apaixonado.⁸³

Depois de reproduzir uma fotografia de Elisa Lynch e de transcrever por quase duas páginas um trecho de *Exposición y Protesta*, onde ela falava de suas origens e negava as

Actas de las Primeras Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay en la Universidad de Montevideo. Asunción: Servilibro/ Universidad de Montevideo, 2009.

⁸² No quinto capítulo da biografia, Héctor Decoud transcreve o texto “Influência de la Lynch sobre López”, do escritor argentino Manuel Gálvez, no qual ele faz referência direta a um dos contos de Teresa Lamas, no qual uma idosa roga à Virgem pela morte, para que sua filha não seja obrigada a participar de uma festa promovida por Elisa Lynch.

⁸³ O’LEARY, Juan E.. *El Mariscal Solano López*. Asunción: Casa America – Moreno Hnos, 1970, p. 35.

acusações de que havia sido prostituta, O’Leary se manifesta nos seguintes termos a respeito do casal:

Amaram-se loucamente, com toda força juvenil do primeiro amor, de um amor que havia de sair triunfante das provas mais terríveis, que havia de ser superior ao infortúnio, ao desespero e até mesmo à morte.
Em uma palavra, Solano López havia encontrado em seu caminho a companheira de seu trágico destino. E ela, respondendo também a um desígnio superior, deu sua mão a ele e o seguiu pela vida.⁸⁴

Embora os escritores revisionistas ainda não tivessem se ocupado individualmente de Elisa Lynch nos anos 1920, o trecho acima demonstra como a personagem se tornava, aos poucos, mais palatável aos setores vinculados ao revisionismo. No escrito de O’Leary, Elisa Lynch figura como uma mulher bela, com uma “cultura discreta”, que “deu sua mão” a López e o acompanhou até a morte. A pequena descrição que O’Leary faz do relacionamento entre Lynch e López, como uma profunda ligação fiel e reciprocamente apaixonada, destoa completamente da relação desequilibrada e extravagante que Héctor Decoud expressa deliberadamente em sua biografia.

Como venho argumentando, e continuarei discutindo a seguir, as imagens exageradas construídas por Héctor Decoud a respeito de Madame Lynch podem gerar um questionamento sobre a veracidade histórica dessas representações. Para a pesquisadora argentina Leonor Arfuch, em uma biografia importa mais as estratégias de representação do que o conteúdo ou a veracidade em si. “Não tanto a “verdade” do ocorrido, mas sua construção narrativa, os modos de (se) nomear no relato, o vaivém da vivência ou da lembrança, o ponto do olhar, o que se deixa na sombra; em última instância, que história (qual delas) alguém conta de si mesmo ou de outro eu. E é essa qualidade autorreflexiva, esse caminho da narração, que será, afinal de contas, *significante*”.⁸⁵

Como menciona Michael Herzfeld, é evidente que as pessoas deturpam o passado, mas essas “deturpações” devem ser entendidas como formulações elaboradas por certos grupos sociais para atingir determinados fins. Devemos, então, procurar entender essas narrativas como interpretações sobre os acontecimentos passados, buscando os critérios locais e os contextos políticos nos quais essas narrativas são significadas; em suma, tratá-las “como um objeto cultural interessante com direito próprio”.⁸⁶ Ou seja, a preocupação deste trabalho não é

⁸⁴ Ibidem, p. 36.

⁸⁵ ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2010, p. 73.

⁸⁶ HERZFELD, Michael. “Histórias”. *Antropologia: Prática Teórica na Cultura e na Sociedade*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 92.

comprovar a veracidade dos argumentos do escritor, mas compreendê-los e articulá-los com os possíveis interesses que ele tinha ao dialogar com os revisionistas.

A leitura de Héctor Decoud sobre Elisa Lynch possui um forte diálogo com suas concepções políticas e historiográficas sobre o Paraguai e o governo de Francisco Solano López. Se Elisa Lynch — mulher que ele identificava como prostituída e ambiciosa —, conseguia ter tanta influência e inserção política, isso se devia ao fato de que o Paraguai era governado despoticamente por um homem tirano que fazia de tudo para agradá-la. Segundo Héctor, o Paraguai dessa época não possuía liberdade de imprensa e era marcado por intensa perseguição política. Para reforçar o seu argumento de que López agia conforme os desígnios de Elisa Lynch, o autor reproduz muitos depoimentos diferentes que tratam do assunto; dentre eles, é possível citar a declaração do Coronel Crisóstomo Centurión. Ainda durante o governo de Carlos López, em 1858, Centurión recebeu uma bolsa de estudos para estudar em Londres. Ao regressar ao Paraguai em 1863, um ano antes da declaração de guerra, foi alertado pelo Tenente Andrés Herreros:

... Você precisa ser prudente, porque está trazendo os costumes adquiridos em um país livre, onde as pessoas podem se manifestar com toda liberdade. Entre nós ocorre o oposto, é necessário ter muita cautela. Se você quer ficar bem, precisa agradecer essa grandíssima p... que acompanha o Presidente (...). Há pouco ela não aparecia em público, mas agora o faz com todo atrevimento, chegando até a proferir discursos nos banquetes.⁸⁷

Posteriormente, nos anos finais da guerra, Elisa Lynch também teria tido uma influência decisiva na descoberta das supostas conspirações contra o governo paraguaio e sobre as quais pretendo discutir na próxima parte do capítulo. Neste momento importa ressaltar que a imagem de Decoud sobre o país, durante o governo de Francisco Solano López, destoa muito do Paraguai no pós-guerra. Se no primeiro momento havia intensa perseguição e o povo não podia se manifestar publicamente contra os desmandos do casal Lynch e López, no pós-guerra o cenário era o oposto, e isso fica explícito nos momentos em que o autor se dedica a narrar o que ocorreu com Lynch após a morte de Solano López. Quando a personagem se tornou prisioneira do governo brasileiro, após a Batalha de Cerro Corá, Héctor conta que um grande clamor popular pela punição de Elisa pressionou o Governo Provisório a expedir dois decretos, o primeiro deles em 19 de março e o segundo em 14 de maio de 1870.⁸⁸ Assim, o autor deixa

⁸⁷ DECOUD, Héctor, op. cit., 1939, p. 85-86.

⁸⁸ Em linhas gerais, os dois decretos confiscavam os bens dos familiares do ex-presidente Solano López e embargavam provisoriamente as propriedades de Elisa Lynch, determinando ainda o seu ajuizamento criminal.

claro que o novo governo, diferentemente do despotismo de López, atendia as vozes das ruas e ansiava por justiça.

Outro aspecto do livro que não pode deixar de ser mencionado é a suposta liberdade de imprensa que teria passado a existir no país após a queda do “tirano”.⁸⁹ Embora esse não seja o tema central deste trabalho, é interessante destacar que o autor transcreve alguns artigos publicados em jornais como *La Reforma*, *La voz del Pueblo*, mas principalmente *La Regeneración*, “o primeiro jornal liberal do país”⁹⁰ que pertencia à família Decoud. Manifestações a respeito de Lynch estão presentes em todos esses periódicos, que reprovavam veementemente, ao menos no material selecionado e transcrito pelo biógrafo, o governo de Solano López e a ingerência de Elisa Lynch sobre ele.

Embora em outras obras Héctor Decoud faça reservas ao Governo Provisório, o contraponto que ele estabelece entre o Paraguai de Solano López e o governo no pós-guerra é expressivo em *Elisa Lynch de Quatrefages*. Na verdade, essa foi uma estratégia do autor para marcar com clareza as diferenças entre os verdadeiros “vilões”, Elisa Lynch e Solano López, e aqueles que lutaram para livrar o país do despotismo. Para Pierre Ansart, dissimular rivalidades internas é um recurso comum nas disputas políticas:

...os ressentimentos, os sentimentos compartilhados de hostilidade, são um fator eminente de cumplicidade no interior de um grupo (...). O ódio (...) manifestado cria uma solidariedade afetiva que, extrapolando as rivalidades internas, permite a reconstituição de uma coesão, de uma forte identificação de cada um com seu grupo. (...) Nas disputas políticas, o ódio comum possibilita o esquecimento de querelas internas.⁹¹

A contraposição utilizada por Héctor para caracterizar os governos anteriores e posteriores à guerra, também foi um recurso mobilizado por Elisa Lynch, como vimos no primeiro capítulo. De forma inversa, ela entendeu que os governos do pós-guerra eram autoritários e não obedeciam a Constituição promulgada em 1870. Essa argumentação de

⁸⁹ Essa alegação sobre a liberdade de imprensa no período pós-guerra foi um recurso utilizado para enfatizar suas críticas ao governo do Marechal López, que, em realidade, não se sustenta totalmente e entra em atrito com a própria trajetória do escritor. Em 1884, um ano após ser eleito deputado, Héctor Decoud fundou o jornal *El Heraldo* que fazia oposição ao governo do General Bernardino Caballero. Em função das críticas, Héctor Decoud foi condenado à prisão por quinze dias, decidindo, ao final da pena, vender as ações do jornal ao seu sócio Manuel Curutchet. Sentindo-se injustiçado, organizou uma conspiração frustrada contra Bernardino Caballero, cujo objetivo era retirá-lo do poder para substituí-lo por Juan Antonio Jara, vice-presidente da república. Em 1887, Héctor Decoud integraria as fileiras do Partido Colorado, fundado por ninguém menos que Bernardino Caballero — contra quem havia conspirado anteriormente — e por José Segundo Decoud, seu irmão. Cf. LÓPEZ DE DECOUD, Adelina. “La actividad política”, op. cit., 1937.

⁹⁰ DECOUD, Héctor Francisco, op. cit., 1939, p. 146.

⁹¹ ANSART, Pierre, op. cit., 2004, p. 21-22.

Decoud e Lynch, de algum modo, nos remete à polêmica entre Juan O’Leary e Cecilio Báez no início do século XX. Como já discuti anteriormente, essas duas maneiras de entender o passado paraguaio são modelos interpretativos básicos, que foram mobilizados em diferentes momentos no país.⁹² Embora a polêmica de 1902 e 1903 seja considerada um marco para as transformações na historiografia paraguaia, entendo que os argumentos essenciais já estavam fundamentados muito antes disso.

Para Decoud, no pós-guerra, a elite e o “povo paraguaio” tinham clareza a respeito dos motivos pelos quais o governo de Solano López havia sido maléfico para o país, e muita consciência da ambição e maldade da “célebre concubina do tirano”.⁹³ É por esse motivo que Héctor Decoud dedica um capítulo de sua obra para mostrar as manifestações populares que teriam resultado na expulsão de Lynch, quando esta regressou ao Paraguai em 1875. Ao chegar na capital, foi insultada e hostilizada por uma multidão de curiosos que gritava em guarani: “Morra Madama Lynch, a querida do López”. Poucas horas depois, foi expulsa do país por ordem do governo após uma petição de mais de cinquenta senhoras paraguayas, entre elas, Concepción Domecq, mãe do biógrafo. Sintetizando o ocorrido, Héctor Decoud transcreve uma carta de Juan Silvano Godoy ao seu irmão, Adolfo Decoud, na qual se refere ao episódio da seguinte forma:

A Lynch passou por uma decepção enorme. Algumas horas depois de desembarcar em Assunção, recebeu a ordem do Governo para que desocupasse o território em um período de 24 horas; mas *a putona* não esperou o vencimento do prazo, e embarcou a bordo da canhoneira inglesa logo após receber a ordem. Ela *levou uns bons sustos e alguns insultos*.⁹⁴ [Grifos meus]

Nessa carta, Elisa Lynch recebe a alcunha de “putona”; as ameaças que ela recebeu e a sua expulsão do país são descritas de forma sarcástica. Héctor Decoud utiliza todos os meios de que dispõe para mostrar que a personagem era profundamente desprezada e odiada após a guerra, tanto pela elite, da qual ele fazia parte, quanto pelo “povo paraguaio”. Nesse momento, *ninguém* questionava o despotismo do casal Lynch e López e *todos* tinham consciência de que as propriedades reivindicadas por ela não deveriam ser devolvidas. Essa consideração de Héctor Decoud diverge inteiramente da argumentação mobilizada por Elisa Lynch em *Exposición y Protesta*. Neste texto, Madame Lynch alegou que o “povo paraguaio” tinha muito afeto por sua pessoa e ela teria sido expulsa por força do governo do Paraguai e daqueles que se beneficiavam do confisco de suas propriedades.

⁹² ORUÉ POZZO, Aníbal, op. cit., 2008, p. 23-29.

⁹³ DECOUD, Héctor Francisco, op. cit., 1939, p. 7.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 196.

Apesar do texto escrito por Lynch, nos anos posteriores à guerra, havia uma unanimidade a respeito desse tema no bojo da elite paraguaia, que foi rompida pelo movimento revisionista no começo do século XX, ao qual Héctor Decoud, como vimos, era radicalmente contrário. Embora o movimento de revisão da história paraguaia ainda não tivesse focado na recuperação de Elisa Lynch, o esforço para anulação da lei de 13 de julho de 1871, que desnaturalizou Francisco Solano López e o declarava assassino da pátria, alertou o autor para a necessidade de chamar “a atenção do povo paraguaio”.⁹⁵ Assim, em continuidade ao trabalho publicado pela *Junta Patriótica Paraguaya*, Héctor Decoud decidiu escrever a biografia *Elisa Lynch de Quatrefages*, com o intuito de explicar e lembrar o “povo paraguaio” a respeito do papel desempenhado pela personagem no país, enfatizando, sobretudo, os métodos através dos quais ela conseguiu adquirir “3105 léguas de terras no Paraguai e quase um quinto de todas as propriedades de Assunção”.⁹⁶ Dessa forma, o autor esperava impedir que os seus descendentes pudessem ter acesso a esses bens.

Assim, depois de apresentar e examinar as representações de Héctor Francisco Decoud a respeito de Madame Lynch, a próxima parte do capítulo será dedicada a discutir os argumentos que o escritor utilizou para comprovar que as propriedades reclamadas por Elisa não lhe pertenciam. Para o autor, a reivindicação das terras era um assunto de primeira importância e a principal razão que o impulsionava a escrever essa biografia. Nesse sentido, discutiremos a refutação formulada por Héctor Decoud aos pretensos direitos que Elisa Lynch reclamou junto ao Estado paraguaio através do texto, *Exposición y Protesta*, que foi publicado pela mesma pouco após a sua expulsão da capital paraguaia.

2.3 O pleito das “três mil léguas de terras paraguaias”: uma refutação radical de *Exposición y Protesta*.

Quando Madame Lynch regressou a Assunção em 1875 para reivindicar as terras, foi expulsa sem que lhe incorresse um ajuizamento criminal ou que alguma autoridade se preocupasse em comprovar que as suas demandas não tinham fundamento jurídico. Havia um consenso entre os principais atores políticos do país a respeito das responsabilidades de Elisa Lynch e Solano López na catástrofe que seguiu a declaração de guerra ao Brasil em 1864. Se, por um lado, essa responsabilização consensual de Madame Lynch foi um elemento de coesão

⁹⁵ Ibidem, p. 7.

⁹⁶ Ibidem, p. 145.

para a elite política do Paraguai no período de reconstrução do país,⁹⁷ por outro, dificultou que ela fosse adequadamente julgada por seus supostos crimes. Enquanto em *Exposición y Protesta* evidencia-se a preocupação de Elisa Lynch em comprovar a autenticidade dos contratos de compra e venda das propriedades a partir de um arcabouço jurídico, os argumentos utilizados para contestar suas reivindicações tinham por base apenas julgamentos morais.

No final da década de 1880, pouco após o falecimento de Elisa Lynch, a discussão a respeito das propriedades se intensificou graças aos esforços de Enrique Venancio Solano López, que tentou, em diversas oportunidades, tomar posse das propriedades reivindicadas por sua mãe.⁹⁸ Durante a controvérsia gerada pela tentativa de Enrique López vender alguns terrenos em território paraguaio para o argentino Francisco Cordero em 1887, foram apresentados alguns argumentos jurídicos para justificar o confisco das propriedades de Elisa Lynch e comprovar que as terras haviam sido apropriadas de forma ilegal durante a guerra. Além de Héctor Decoud fazer uso explícito dessa alegação jurídica mobilizada contra o pleito de Lynch, o autor também se utilizou de argumentos menos categóricos, que estão ligados às representações que ele construiu sobre a índole dela. Assim, essa última parte do capítulo será dedicada a examinar os meios através dos quais Héctor Francisco Decoud refutou a demanda de Elisa Lynch, registrada no texto *Exposición y Protesta*.

No segundo item deste capítulo, argumentou-se que Héctor Decoud retratava Elisa Lynch como uma mulher extremamente ambiciosa, cujo interesse principal era se tornar imperatriz do Paraguai. Contudo, quando a Guerra da Tríplice Aliança começou a ser decidida a favor dos países aliados, Elisa teria percebido que o seu desejo já não poderia ser alcançado e, então, teria procurado reunir a maior quantidade possível de bens e terras, despojando os paraguaios de quaisquer pertences de valor que porventura ainda acumulassem. Assim, Decoud afirma que:

Em relação aos seus roubos, em nosso entendimento aparecem desde os menores até os maiores. O prazer que ela tinha com a espoliação alheia é assombroso. O tesouro público, o tesouro particular, o domínio do Estado, e os pequenos abrigos de mulheres humildes, conheceram a ânsia insaciável por

⁹⁷ CAPDEVILA, Luc, op. cit., 2010, p. 173.

⁹⁸ Em 1882, antes mesmo de Elisa Lynch transferir os documentos relativos às propriedades, Enrique Venancio Solano López já fazia solicitações junto ao governo argentino para tentar recuperar os terrenos reivindicados por ela em Formosa. Dez anos mais tarde, em 1892, ele também começaria a fazer a reclamação de terras localizadas no Mato Grosso, em território brasileiro. As argumentações jurídicas em torno dos seus reclames são complexas, intermináveis e marcadas por uma série de idas e vindas; importa ressaltar, porém, que suas demandas não foram reconhecidas como legítimas na Argentina, no Brasil e no Paraguai. Cf. DORATIOTO, Francisco. “Solano López, de tirano a herói anti-imperialista: a construção do mito”, op. cit., 2002.; SBARDELLA, Cirilo Ramón. Las posesiones de Mme. Lynch en Formosa. In: Encuentro de Geohistoria Regional, I, 1980, Corrientes. *Resúmenes de Exposiciones...* Corrientes: IIGHI-FUNDANORD, 1980.

ouro que a inglesa (sic) tinha. Os procedimentos para a espoliação dos bens eram sempre doentios e brutais.⁹⁹

O depoimento de Héctor Decoud, discutido anteriormente, a respeito de sua experiência pessoal com Madame Lynch, quando pediu a ela que entregasse alguns objetos à sua mãe, Concepción Domecq, apenas exemplifica uma dentre as muitas ocasiões em que a personagem teria se aproveitado para se apropriar de bens alheios. Outro exemplo simbólico diz respeito à pilhagem supostamente promovida por Lynch aos combatentes mortos na Batalha de Curupayty, vencida pelo exército paraguaio em 1866:

Depois da batalha de Curupayty, quando o general Díaz enviou um despacho telegráfico ao seu amante, o tirano Solano López, no qual informava que haviam sido encontradas libras esterlinas nos bolsos de muitos inimigos mortos, (...) [Madame Lynch] mandou preparar sua carruagem e, junto de dois ajudantes e de grande parte da escolta de seu querido, partiu ao teatro das operações. Quando chegou às trincheiras, os soldados ficaram honrados em entregar-lhe o saque proveniente dos inimigos mortos (...) e quando já não sobrou nenhum centavo daquela pilhagem da morte, ela regressou de forma muito presunçosa, sem se lembrar de nenhum ferido.¹⁰⁰

Para comprovar suas alegações a respeito dos roubos de Lynch, Héctor também apresentou depoimentos de outros personagens que atuaram diretamente na Guerra da Tríplice Aliança, como a declaração do médico-diretor do exército paraguaio, William Stewart. O médico foi acusado de tentar envenenar o Marechal López, quando o presidente contraiu cólera em 1867, e de roubar milhares de libras esterlinas de Elisa Lynch. A respeito dela, Stewart se manifestou com as seguintes palavras:

Em relação à responsabilidade de Madame Lynch nas barbaridades cometidas por López, acredito que foi ela quem o incentivou a declarar a guerra; que antes e depois do seu início, ela nunca perdeu a oportunidade de envenenar o espírito do seu homem com ódio e ciúmes contra todos aqueles que tivessem algum mérito; que sempre aprovou a severa justiça de López, dizendo que ele agia muito bem; que tanto quanto pode, incentivou a sua vocação naturalmente covarde, porque nada a agradava tanto como lhe dizer que corria o perigo de ser assassinado; que não perdeu nenhuma ocasião de roubar todos os objetos de valor existentes no tesouro e nos santuários do país.¹⁰¹

No depoimento anterior, o médico William Stewart se referiu ao papel desempenhado por Lynch nas (supostas) conspirações contra o governo e a vida do Marechal López durante a guerra. Esse é um dos pontos nos quais Héctor Decoud também se apoia ao longo da biografia. Há uma discussão bibliográfica sobre se realmente teriam acontecido conspirações para

⁹⁹ DECOUD, Héctor Francisco, op. cit., 1939, p. 150-151.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 142-143.

¹⁰¹ DECOUD, Héctor Francisco, op. cit., 1939, p. 88.

assassinar o presidente López ou se essa alegação se trataria de fabulações sem fundamento. O historiador brasileiro Francisco Doratioto, por exemplo, afirma que após a passagem dos aliados pela estratégica fortaleza paraguaia de Humaitá, em fevereiro de 1868, Solano López se tornou “paranoico”, extremamente desconfiado e “só acreditava em quem lhe falasse de traição”.¹⁰² Nesse clima de intensa perseguição, teria surgido o boato de uma suposta conspiração contra à sua vida, da qual participavam várias personalidades importantes do Paraguai, como Benigno e Venancio López, seus irmãos. Após uma sessão de tortura, Benigno López afirmou ainda que o Embaixador dos Estados Unidos, Charles Washburn, era intermediário entre o Marquês de Caxias e os conspiradores.¹⁰³

Se as conspirações realmente ocorreram ou não, o fato é que muitas pessoas foram vitimadas por serem acusadas de participarem delas. Francisco Solano López instalou seis tribunais em São Fernando para julgar uma grande quantidade de acusados, inclusive suas irmãs e sua mãe. Após as confissões, que eram obtidas através de interrogatórios nos quais os suspeitos eram torturados, os acusados eram condenados à morte. Esse foi o caso de Benigno López, que foi chicoteado e executado em seguida.¹⁰⁴ Além da famosa conspiração de São Fernando, em 1868, houve outros (supostos) complôs nos últimos meses da guerra, como foi o caso da conspiração levada a cabo no departamento de Concepción em 1869, a qual Héctor Francisco Decoud denominou de “massacre”.¹⁰⁵

Para Héctor Decoud, as conspirações jamais ocorreram. No seu entender, Madame Lynch sabia que os boatos eram falsos, mas incentivava a perseguição promovida por Solano López por ambição e desejo de vingança daqueles que a destruíram no passado. Como ela sabia que entre os conspiradores havia pessoas com muitíssimas posses, tinha interesse na condenação delas para que pudesse se apropriar desses bens. Isso teria acontecido com joias, moedas e outros objetos de valor, elementos suficientes para incluir uma série de nomes nas listas de supostos conspiradores. Héctor Decoud também oferece dois motivos para a inserção dos familiares de Francisco Solano López nas conspirações: além de Madame Lynch obviamente desejar se apoderar de suas joias e dinheiro, o Marechal se preocupava em ter uma justificativa para poder deserdá-los legalmente, com o intuito de impedir qualquer controvérsia

¹⁰² DORATIOTO, Francisco, op. cit., 2002, p. 341.

¹⁰³ DORATIOTO, Francisco. “A situação paraguaia: a paranóia de Solano López”, op. cit., 2002.

¹⁰⁴ Ibidem.

¹⁰⁵ Héctor Decoud publicou um livro a respeito desse episódio e, em *Elisa Lynch de Quatrefages*, registrou a intenção de escrever um livro sobre a conspiração de São Fernando, porém não chegou a fazê-lo. Cf. DECOUD, Héctor Francisco. *Guerra del Paraguay: la masacre de Concepción ordenada por el mariscal López*. Buenos Aires: Imprenta Serantes hnos., 1926.

testamentária, que questionasse o papel de sua “querida” como única herdeira de todas as suas posses, caso ele fosse morto durante o conflito. Após a morte de Benigno López, Decoud explica a sorte das irmãs e mãe do presidente:

Em relação à mãe e às irmãs do tirano, confinadas na prisão, a primeira foi perversamente insultada, esbofeteada e castigadas com cintadas; as segundas foram açoitadas até confessarem suas culpas imaginárias aos fiscais¹⁰⁶

O fato de Héctor Decoud ter se empenhado em relatar a truculência de Solano López — supostamente incentivado por Elisa Lynch —, em relação à sua própria família, não pode ser lido como um simples recurso narrativo para enfatizar a crueldade do presidente. Um dado importante sobre o qual Héctor preferiu não se pronunciar é que sua esposa, Adelina López de Decoud, era filha de Inocencia López Carrillo — irmã de Solano López — e do General Câmara —, comandante em chefe do exército brasileiro na batalha final da Guerra da Tríplice Aliança;¹⁰⁷ ou seja, sua esposa era sobrinha do Marechal López. Quando a guerra terminou, os bens de todos os familiares do presidente — sua mãe, suas irmãs e Elisa Lynch — foram embargados provisoriamente pelo Estado. Como argumentei no primeiro capítulo, as irmãs e a mãe de López conseguiram recuperar suas propriedades pouco tempo depois, diferentemente do que ocorreu com Elisa Lynch. Mais adiante, quando abordar novamente o crescimento do revisionismo historiográfico sobre a Guerra da Tríplice Aliança e as possíveis consequências materiais que Héctor Decoud observava nesse movimento, retomarei essa questão.

Além do escritor paraguaio examinar os métodos empregados por Lynch para roubos de pequenos objetos, Héctor também discorre sobre os meios através dos quais ela conseguiu acumular a quantia de mais de três mil léguas de terras paraguaias e vários imóveis. Segundo Decoud, dentre as trinta e duas propriedades listadas em *Exposición y Protesta* por Elisa Lynch, somente quatro delas foram compradas antes de 1866. Para o biógrafo, esse dado comprova que enquanto o povo vivia os períodos mais terríveis da guerra, Madame Lynch e Solano López se preocupavam somente com a contínua acumulação de bens, com o objetivo de garantir a comodidade financeira de Elisa e dos filhos do casal.

Madame Lynch, por outro lado, alegou em *Exposición y Protesta* que começou a comprar as propriedades paraguaias durante a guerra, porque um dos irmãos do presidente, Ángel Benigno López Carrillo, havia colocado todas as suas terras à venda em 1866. Temerosa de que isso pudesse causar um pânico generalizado no país, que induzisse a população a crer que a

¹⁰⁶ DECOUD, Héctor Francisco, op. cit., 1939, p. 121.

¹⁰⁷ FANNING, Ronan; LILLIS, Michael. *Calúnia: Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Terceiro nome, 2009, p. 190.

derrota paraguaia era inevitável, Elisa se colocou à disposição para comprar todo terreno ou imóvel que estivesse à venda no país, adquirindo, inclusive, algumas propriedades do Estado,¹⁰⁸ como veremos adiante. Por esse motivo, a quantidade de propriedades que ela reivindicava no pós-guerra era tão numerosa. Em relação a esse aspecto, Decoud argumentou que dentre as trinta e duas propriedades não constam os terrenos vendidos por Benigno López, dado que já invalidaria a alegação de Lynch sobre a sua motivação para adquirir esses bens.

Considerando, então, que Lynch estava mal-intencionada desde o início das supostas compras, Héctor também pondera sobre os métodos pouco ortodoxos através dos quais essas propriedades teriam sido adquiridas por ela. Como a personagem era resguardada pelo Estado paraguaio, que na visão de Héctor Decoud era absolutamente centralizado na figura do Marechal López, ela tinha condições de constranger os proprietários para conseguir o domínio que bem entendesse. Segundo Decoud:

Os infelizes donos dos terrenos que essa mulher cobiçava eram citados à polícia ou notificados em suas casas para que transferissem seus domínios a favor de Lynch, que os pagava com moeda inconversível, completamente sem valor.

Geralmente um escrivão apresentava o documento já preparado, que o infeliz assinava temeroso, para receber alguns papéis desvalorizados. A Lynch de Quatrefages afirmava ter feito uma boa ação aos seus proprietários ao espoliá-los de suas posses.¹⁰⁹

Em relação aos domínios públicos reclamados por ela, Decoud enfatiza que o Marechal López a vendeu, em nome do Estado, uma vasta quantidade de terras muito férteis, repletas de erva-mate. Contudo, os métodos empregados para a venda desses terrenos, segundo Decoud, eram ilegais por vários motivos. Para além dos casos de espoliação dos bens alheios analisados acima, Héctor também acreditava que o casal Lynch e López fez uso da imensa influência política que possuíam para efetuar a transferência dessas propriedades, que a converteram “na maior terratenente do país”.¹¹⁰

Além das justificativas empregadas acima, Decoud também se dedica a explicar, juridicamente, por que todos esses bens não pertenciam a Lynch, fazendo uso da argumentação mobilizada contra a reivindicação de Enrique Venancio Solano López. Em 1887, cerca de um ano após a morte de sua mãe, Enrique López vendeu parte dessas propriedades para o argentino Francisco Cordero, que passou a pleitear a restituição das terras junto ao governo paraguaio por

¹⁰⁸ LYNCH, Elisa Alicia. “Declaración – Protesto que faz Elisa A. Lynch”. In: FANNING, Ronan; LILLIS, Michael, op. cit., 2009, p. 299.

¹⁰⁹ DECOUD, Héctor Francisco, op. cit., 1939, p. 150-151.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 152.

meio de uma ameaçadora reclamação diplomática. Se anteriormente existia um consenso com bases morais de que as propriedades não deviam ser devolvidas, com a intimidação de Francisco Cordero, houve a necessidade indiscutível de construir uma argumentação jurídica que comprovasse a ilegalidade das compras de Madame Lynch, para evitar uma possível desavença entre o Paraguai e a Argentina.

Além dessa preocupação, também é necessário ressaltar que a venda de terras públicas, inclusive aquelas confiscadas de Elisa Lynch, foi uma importante fonte de receita para o Estado paraguaio nos anos 1880, ainda que os preços de venda tenham sido muito abaixo dos valores de mercado. Durante a presidência do General Bernardino Caballero, foi possível reacender a economia paraguaia e empreender obras públicas relevantes, como a construção de escolas e de linhas telegráficas.¹¹¹ A *prosperidade* que o Paraguai vivia naquele momento, após anos de instabilidade política e econômica, não poderia ser sacrificada à custa dos anseios dos descendentes do Marechal López e de Elisa Lynch.

A contestação jurídica da demanda promovida por Francisco Cordero tinha como pano de fundo a necessidade de convencer o governo argentino de que as autoridades paraguaias não haviam violado nenhuma disposição legal ao impedir que ele tomasse posse dos terrenos. Se Cordero se sentia lesado por não poder usufruir das propriedades adquiridas, isso não era responsabilidade do Estado paraguaio, mas de Enrique Solano López, que lhe vendeu bens que não possuía:

D. Francisco Cordero jamás adquiriu nada, nem possui título algum outorgado ao seu favor pelo Governo do Paraguai. Quem o vendeu, ou aparece vendendo, foi D. Enrique S. López; pois então é contra este e ninguém além deste, a quem Cordero tem direito de dirigir sua ação para reclamar os prejuízos que lhe podem ser causados, se o tal López não cumpre seu compromisso.¹¹²

Héctor Decoud chegou a transcrever uma longa série de artigos do jornal *El Paraguayo* que discorrem sobre o assunto, na qual a preocupação com uma possível contenda com a Argentina tem muito destaque. Isso ajuda a comprovar que a refutação formal das demandas de Elisa Lynch só ocorreu após a morte dela e quando existia a possibilidade do assunto desencadear um impasse mais sério entre as duas nações que haviam se enfrentado num passado recente. No texto transcrito por Héctor Decoud, cuja autoria é desconhecida, é manifesta a preocupação de demonstrar que Elisa Lynch não possuía direitos sobre as terras por vários motivos diferentes, que vão desde os já conhecidos argumentos de ordem moral até algumas

¹¹¹ LEWIS, Paul H.. “Surgimiento de un sistema bipartidista”, op. cit., 2016.

¹¹² *Ibidem*, p. 243.

justificativas jurídicas. Em linhas gerais, o autor se baseia nas disposições constitucionais de 1844 e nas *Leyes de Indias*, que foram expedidas na Espanha para as colônias na América e que, segundo o autor, ainda regiam diversos aspectos do direito paraguaio na época da Guerra da Tríplice Aliança.

Inicialmente, há uma preocupação patente em demonstrar que Francisco Solano López não possuía prerrogativa legal para vender terras públicas da forma que bem entendesse. De acordo com a divisão de poderes adotada na Constituição de 1844, o chefe do Executivo precisava de autorização expressa do Congresso para adotar qualquer medida relativa aos interesses públicos. Se essa autorização jamais ocorreu, também não foram cumpridas as demais exigências legais, previstas nas leis espanholas, que requeriam que o pretendente à compra fizesse uma solicitação formal e que o terreno fosse medido, reconhecido e taxado adequadamente pelas autoridades competentes. Ou seja, havia uma extensa exigência burocrática que certamente impediria o acúmulo de grande quantidade de terrenos nas mãos de uma única pessoa em poucos anos, ainda mais durante a guerra, quando uma solicitação do gênero certamente demoraria muito para ser atendida. Francisco Solano López teria plena consciência dessa dificuldade, por isso:

Nunca teve a intenção de efetuar as *vendas* que Cordero apresenta como legais, até que se viu perdido, até que reconheceu sua própria impotência e, inspirado por ela, determinou que o Paraguai desapareceria do mapa como nação independente.¹¹³ [Grifo original]

Além da impossibilidade de Francisco Solano López vender as terras para Elisa Lynch, ela também não tinha prerrogativa legal para comprá-las, e isso se justificava também por alguns aspectos. Em primeiro lugar, os requisitos necessários para os contratos de compra e venda não haviam sido cumpridos. Em segundo, de acordo novamente com as leis espanholas, como Elisa Lynch continuava legalmente casada com Xavier Quatrefages, precisava da anuência do esposo para poder adquirir e administrar quaisquer bens, algo que não ocorreu. Além desses dois motivos, existia também uma incompatibilidade entre a quantia de dinheiro que Lynch declarou possuir quando chegou ao Paraguai¹¹⁴ e a soma necessária para o pagamento das terras compradas. Por fim, não existiam provas concretas de que Elisa Lynch efetivamente havia feito o pagamento dos terrenos que ela alegava ter comprado do Estado.

¹¹³ Ibidem, p. 257.

¹¹⁴ Segundo o autor, ao chegar ao Paraguai, Elisa Lynch declarou possuir oitocentas onças de ouro, quantia que, sem dúvidas, constituía muito dinheiro. Se a personagem tivesse empregado esse dinheiro em comércio ou indústria, o autor alega que teria tido condições materiais de realizar as compras das grandessíssimas propriedades, “porém todo o Paraguai sabe, por sua própria desgraça, a que tipo de negócios Lynch se dedicava”. Cf. Ibidem, p. 264.

Apesar dos impedimentos legais, Héctor Decoud reafirma em diferentes momentos da biografia que Madame Lynch permaneceu muito rica após a guerra, mesmo sendo impedida de ter acesso aos terrenos e propriedades urbanas confiscadas pelo Estado paraguaio. As riquezas acumuladas seriam provenientes de roubos de joias, moedas e outros objetos em conspirações e episódios diversos da guerra. Porém, como as águas do rio da Prata e afluentes estavam bloqueadas pelo Império desde a Batalha de Riachuelo em 1865,¹¹⁵ para impedir a entrada de suprimentos e armas no Paraguai, era muito difícil enviar qualquer recurso ao exterior. Assim, uma solução bastante pertinente seria retirar as riquezas acumuladas no país junto aos pertences pessoais de representantes diplomáticos que estivessem no Paraguai, uma vez que essa bagagem não poderia ser inspecionada pelos aliados.

Héctor Francisco Decoud sugere que a bagagem diplomática teria sido fundamental para que ela pudesse “levar uma vida fácil e luxuosa”¹¹⁶ depois da guerra. Através, principalmente, do depoimento do boticário italiano Domingo Parodi, Decoud mostra que o casal Lynch e López tinha boas relações com o General Martin Thomas McMahon, veterano da Guerra de Secessão, que se tornou Ministro Plenipotenciário dos Estados Unidos no Paraguai nos últimos meses da Guerra da Tríplice Aliança, após Charles Washburn ser acusado de conspirar contra López.¹¹⁷ Considerando-o como alguém de confiança, ela teria pedido a ele que retirasse do país uma grande quantia de dinheiro e joias, frutos de roubos e assassinatos, segundo Decoud. Embora considere a bagagem diplomática o principal recurso para que Madame Lynch pudesse retirar riquezas do país, Decoud não discorre sobre outras situações específicas em que ela teria feito uso desse recurso, além do auxílio prestado pelo General McMahon. Apesar de toda riqueza que Decoud afirma que Madame Lynch despojou do povo paraguaio, ela faleceu pobre em 1886. Seja por esbanjar um luxo que ela já não podia custear, como acreditava Decoud, seja por não ter efetivamente acumulado tantos bens quanto seus críticos alegavam, Elisa Lynch parece ter vivido de forma muito mais modesta, ao ponto de seu enterro ter sido custeado pela prefeitura de Paris.¹¹⁸

No entender do historiador brasileiro Francisco Doratioto, o revisionismo historiográfico sobre a Guerra da Tríplice Aliança também pode ser interpretado como parte da estratégia de Enrique Venancio Solano López para tentar reaver os bens. A filiação de Juan Emiliano O’Leary ao jornal *La Pátria*, de propriedade de Enrique López, e a incisiva defesa que o

¹¹⁵ DORATIOTO, Francisco. “A derrota em Riachuelo inviabiliza a estratégia paraguaia”, op. cit., 2002.

¹¹⁶ DECOUD, Héctor Francisco, op. cit., 1939, p. 311.

¹¹⁷ DORATIOTO, Francisco, op. cit., 2002, p. 259.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 83.

jornalista fazia do passado paraguaio são indícios que comprovam que essa relação existia. Contudo, em hipótese alguma, estes podem ser considerados os únicos fatores utilizados para explicar o crescimento do revisionismo e do nacionalismo *lopista*, que, como veremos, adquiriram significados que transcenderam em muito o vínculo familiar que a questão podia possuir nos primeiros anos.

Héctor Decoud certamente reprovava implacavelmente os contínuos reclames de Enrique Solano López em relação aos terrenos confiscados de Madame Lynch, porém preferiu não se manifestar publicamente sobre o assunto até que notou uma possibilidade real dos herdeiros terem êxito. O advento e avanço do revisionismo historiográfico engendraram essa possibilidade. Assim, mesmo após a morte de Enrique Solano López em 1917 e apesar do movimento de revisão ainda não se concentrar diretamente em Madame Lynch, havia um esforço para a anulação dos decretos do Governo Provisório, que obviamente poderia beneficiar os herdeiros. Esse empenho se materializava na tentativa de anular a lei de 13 de julho de 1871 e no acirramento da polarização política, que marcou o período.

Por mais que o autor tenha se mostrado absolutamente revoltado com as reivindicações dos herdeiros de Lynch, Héctor Decoud deixa à sombra o fato de que as irmãs e mãe do Marechal fizeram um acordo jurídico com a irlandesa, no qual somaram esforços para recuperar os bens confiscados.¹¹⁹ O compromisso firmado entre essas mulheres demonstra que as demandas delas não divergiam tanto quanto Héctor alegava. Ao perceber o avanço dos revisionistas e a possibilidade dos descendentes de Elisa conseguirem as propriedades, Héctor Decoud ficou visivelmente preocupado. Embora o autor não tenha afirmado isso explicitamente, é provável que ele também estivesse temeroso com as consequências que o movimento de revisão poderia trazer para os bens de sua esposa. Em outras palavras, apesar de denunciar os interesses dos herdeiros de Lynch, ele também possuía interesses pessoais na temática. Em primeiro lugar, porque ele e seus familiares se engajaram na resistência ao governo de López; e em segundo, porque a sua esposa era a única descendente de Inocencia López, que, junto de Rafaela López, foram as únicas irmãs do Marechal López que sobreviveram à guerra.

Como mencionei no início do capítulo, Adelina López de Decoud tomou para si a missão de trazer a público as obras de seu esposo após a morte dele em 1930. Em meio à longa lista de títulos não publicados de Héctor Decoud e citados por Adelina, é possível mencionar *Vida y muerte de Domingo Faustino Sarmiento en el Paraguay, Revolución de Caacupé por el General*

¹¹⁹ LYNCH, Elisa Alicia, op. cit., 2009.

Germán Serrano, Biografía del Mariscal Francisco Solano López e Diccionario Geográfico Guaraní, entre muitos outros.¹²⁰ Apesar de tantos escritos, Adelina López de Decoud optou por publicar justamente a biografia de Madame Lynch; esta decisão não parece ter sido casual. A obra tem as demandas pecuniárias e fundiárias da irlandesa como pano de fundo, então é provável que Adelina tenha tomado a sua decisão de publicá-la para ajudar a fundamentar a contestação às demandas dos herdeiros de Elisa Lynch.

Ainda que os interesses privados de Decoud influenciassem sua escrita, no entanto, não é possível entender essa biografia como uma produção meramente individual. Para Leonor Arfuch, “não há possibilidade de afirmação da subjetividade sem intersubjetividade; conseqüentemente, toda biografia ou relato da experiência é, num ponto, coletivo, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade”.¹²¹ Héctor Decoud, assim como outros intelectuais paraguaios, se insurgiu contra a revisitação da memória sobre a guerra, se opôs à reabilitação de Marechal López e Elisa Lynch; defendia um nacionalismo que tinha suas origens na resistência paraguaia ao governo de López.

Para que o “*legionário*” Héctor Francisco Decoud pudesse comprovar efetivamente que o pleito das três mil léguas de terras paraguaias não deveria ser decidido de modo favorável aos descendentes de Lynch e López, acreditou que o meio mais eficiente para alertar o “povo paraguaio” era escrevendo uma biografia de Madame Lynch, segundo ele, a primeira responsável por saquear e tentar despossuir as terras do Estado. Apesar do autor expressar deliberadamente essa intencionalidade nas primeiras páginas da obra, o livro não chegou a ser concluído e nem se inseriu nas discussões relacionadas às possibilidades de anulação da referida lei, uma vez que a biografia só veio a público depois da Guerra do Chaco, quando Francisco Solano López já havia adquirido o status de herói nacional máximo.

No entanto, *Elisa Lynch de Quatrefages* auxilia a identificar que já existia uma percepção clara a respeito das possíveis conseqüências materiais que o *lopismo* podia acarretar, no caso a expectativa não concretizada dos herdeiros terem acesso aos bens. A biografia permite ainda que acompanhem o diálogo profícuo entre as duas principais correntes nacionalistas no país, que estavam pautadas em interpretações distintas a respeito do passado paraguaio. E, por fim, permite também observar o protagonismo atribuído à Madame Lynch na história do país, a instrumentalização de sua trajetória e as leituras de gênero subsequentes, elementos vinculados ao rechaço de Héctor Francisco Decoud ao revisionismo historiográfico.

¹²⁰ LÓPEZ DE DECOUD, Adelina, op. cit., 1937, p. 23.

¹²¹ ARFUCH, Leonor, op. cit., p. 100.

Ao contrário do que acreditava Héctor Decoud, o aprofundamento do revisionismo não ocasionaria insegurança jurídica ou levaria à concessão dos terrenos pleiteados pelos descendentes de Elisa Lynch e Solano López, e sim a uma instrumentalização política de cunho autoritário, que tinha como base justamente a reformulação da história nacional. Durante a ditadura de Alfredo Stroessner (1954–1989), o nacionalismo *lopista* foi um dos principais elementos de propaganda ideológica destinados a fortalecer o poder do ditador.¹²² A partir de uma leitura que glorificava o heroísmo masculino e a abnegação feminina na Guerra da Tríplice Aliança, Francisco Solano López se tornou o grande protagonista da narrativa histórica nacional paraguaia, ao passo que Madame Lynch também adentrava no cânone nacionalista do país.¹²³

¹²² LAMBERT, Peter, op. cit., 2013.

¹²³ CAPDEVILA, Luc. “La dictadura del general Stroessner, un lopismo de estado”, op. cit., 2010.

Capítulo 3 – A instrumentalização da memória de Elisa Lynch durante o *stronismo*

Neste capítulo, analiso as biografias *Madama Lynch* (1958) e *Madame Lynch: Evocación* (1957), do francês Henri Pitaud e da paraguaia María Concepción Leyes de Cháves, respectivamente. Publicadas durante a ditadura de Alfredo Stroessner Matiauda, as duas biografias enaltecem Elisa Lynch, apresentando-a, cada uma ao seu modo, como um modelo de atuação feminina. Nas próximas páginas discuto o estabelecimento de uma relação simbiótica entre o Partido Colorado e as Forças Armadas, e o cenário político anterior ao golpe de Estado de 1954, que possibilitou a ascensão de Stroessner ao poder. Discuto ainda algumas estratégias de sustentação política do ditador, dando ênfase à propaganda ideológica e à instrumentalização da história nacional, convertida em um assunto de Estado durante o *stronismo*. Além de entender as imagens projetadas pelas duas biografias como parte do processo de engrandecimento de personagens ligados à Guerra da Tríplice Aliança, também as analiso em diálogo com os debates, então contemporâneos, a respeito da necessidade de reconhecer os direitos civis e políticos das mulheres paraguaias.

No dia 1º de março de 1936, aniversário da Batalha de Cerro Corá, o governo chefiado pelo Coronel Rafael Franco promoveu a “Restauração Histórica”, declarando Francisco Solano López como Herói Nacional do Paraguai, anulando todos os decretos promulgados contra ele no final da Guerra da Tríplice Aliança e tomando providências para concluir a construção do Panteão Nacional dos Heróis, monumento localizado no centro de Assunção, para onde os restos mortais do ex-presidente foram trasladados. Formado a partir de um golpe de Estado em fevereiro de 1936, que retirou o Partido Liberal do governo, o gabinete de Rafael Franco reunia militares e representantes de orientações políticas muito variadas, como membros do Partido Colorado — aliado do poder desde 1904 —, e ministros simpáticos ao fascismo e ao socialismo.¹

Como havia grande disparidade entre as orientações políticas dos ministros, as primeiras medidas do governo tiveram caráter simbólico e pretenderam ser consensuais, como foi o caso da “Restauração Histórica”, que abriria os caminhos para que o revisionismo historiográfico pudesse se converter em história oficial. Ainda sem mencionar a controversa figura de Elisa Lynch, o engrandecimento do Marechal López não conseguiu ser o cimento ideológico

¹ MOREIRA, Luiz Felipe Viel; QUINTEROS, Marcela Cristina (Orgs.). “A violência Política na História do Paraguai (1904–1954)”. *As revoluções na América Latina contemporânea*. Maringá: UEM-PGH-História, 2016, p. 104-105.

necessário para unir tendências políticas tão diferentes a longo prazo, uma vez que, para além de compartilharem a exaltação da memória *lopista*, só tinham em comum o enorme rechaço ao Partido Liberal.² Apesar do governo de Rafael Franco ter logo sofrido um golpe militar, seus partidários — denominados *febreristas* — “podiam afirmar que haviam rompido com o passado ao substituírem as ideias liberais pelo culto ao nacionalismo”,³ trazendo modificações significativas para a política paraguaia.

Pouco antes do Marechal López se tornar Herói Nacional, o Paraguai se viu imerso em um novo conflito internacional, do qual saiu vitorioso. A Guerra do Chaco (1932–1935) envolveu o Paraguai e a Bolívia, que disputavam o controle sobre o Chaco Boreal.⁴ Com o despontar das hostilidades e o encerramento da disputa, os governos liberais foram tidos como irresponsáveis por outros agrupamentos políticos, por supostamente não oferecerem recursos suficientes para que o país estivesse mais preparado para a guerra, e por não terem uma postura mais enérgica na negociação de paz com a Bolívia.⁵ Na realidade, a Guerra do Chaco ajudou a “canalizar os ressentimentos de três décadas” de supremacia liberal: militares nacionalistas, membros do Partido Colorado e intelectuais reformistas faziam acusações ao governo e alegavam que os liberais entregavam o país aos estrangeiros.⁶ A profissionalização do exército⁷ e os ressentimentos dos militares em relação à postura do governo na guerra contra a Bolívia, fomentaram a formação de uma identidade política dentro das Forças Armadas (FF. AA.) e ajudaram a angariar apoio popular, possibilitando uma ingerência política mais profunda dos militares, num “processo de gradual militarização do Estado e da sociedade que chegaria à sua realização final sob o regime do General Alfredo Stroessner”.⁸

² LEWIS H. Paul. *Paraguay bajo Stroessner*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986, p. 50.

³ MOREIRA, Luiz Felipe Viel; QUINTEROS, Marcela Cristina (Orgs.), op. cit., 2016, p. 106.

⁴ Para o Paraguai, manter a região sob seu domínio implicava a defesa de uma área economicamente produtiva do país; para a Bolívia, a conquista do Chaco Boreal significava a possibilidade de acessar o Oceano Atlântico através da Bacia do rio da Prata, facilitando o transporte de petróleo boliviano. Cf. SCAVONE YEGROS, Ricardo. “Guerra Internacional y confrontaciones políticas (1920–1954)”. In: TELESCA, Ignacio (Org.). *Historia del Paraguay*. Asunción: Taurus, 2010, p. 238.

⁵ LEWIS H. Paul. “La tradición de una ditadura”, op. cit., 1986, p. 22-23.

⁶ MOREIRA, Luiz Felipe Viel; QUINTEROS, Marcela Cristina (Orgs.), op. cit., 2016, p. 103-104.

⁷ Durante a hegemonia liberal (1904–1936) havia intensas disputas por poder político entre as facções do partido e esses conflitos eram resolvidos a partir do uso sistemático da violência e da instrumentalização das FF. AA., que rompiam facilmente a disciplina militar e assumiam o papel de “fazer governos”. A partir da década de 1910 houve um esforço gradual para subordinar os militares à esfera civil, a partir da “ideia de um exército nacional estável, apolítico, profissional, cujos fins são eminentemente nacionais, de defesa do território geográfico e da soberania do país”. LEWIS H. Paul, op. cit., 1986.; YORE, Fátima M.. “Hacia la profesionalización”. *La Dominación Stronista: Orígenes y consolidación – ‘seguridad nacional’ y represión*. Asunción: Base-IS, 1992.

⁸ YORE, Fátima M.. “La post-guerra del Chaco: Hegemonía del poder militar”, op. cit., 1992, p. 40.

Em paralelo ao processo de profissionalização do exército, ocorrido durante os anos de hegemonia do Partido Liberal (1904–1936), o revisionismo historiográfico sobre a Guerra da Tríplice Aliança avançava a todo vapor, sendo difundido especialmente por intelectuais vinculados ao Partido Colorado, opositor clássico ao Partido Liberal.⁹ Apesar desse discurso não ser compartilhado por todas as correntes políticas nas primeiras décadas do século XX, “a construção da memória histórica, ativada pelos *lopistas*, contribuiu para que a sociedade paraguaia manifestasse um forte sentimento identitário e patriótico”¹⁰ às vésperas da Guerra do Chaco.

O nacionalismo resultante dessa instrumentalização do revisionismo se fortaleceu não somente por causa da solidariedade nacional em torno da guerra com a Bolívia, mas também mediante as mudanças políticas posteriores, iniciadas com o governo de Rafael Franco.¹¹ A derrocada do Partido Liberal e o crescimento do revisionismo não levaram à gestação de um Estado democrático; as ideias de mudanças estavam impregnadas de concepções autoritárias que não advinham somente das FF. AA., mas também do Partido Colorado, cada vez mais voltado à ideia de constituir um Estado forte.¹² O nacionalismo se tornava um discurso obrigatório para ascender ao governo e obter legitimidade popular, por isso:

Apesar de sua interpretação específica sobre a história [do Paraguai], a ideia nacionalista foi flexível o suficiente para servir aos objetivos de cada governo nos 50 anos seguintes. Rafael Franco (1936) procurou unir tendências fascistas, socialistas e liberais sob um forte discurso nacionalista, propondo o enaltecimento oficial de Francisco Solano López. O presidente Higinio Morínigo (1940–1947) utilizou o nacionalismo inicialmente para justificar sua postura pró-fascista e a base de seu Estado Nacional Revolucionário, que supostamente levaria o Paraguai a um grande futuro, enquanto o presidente Natalicio González (1948) também justificou o uso do *Guión Rojo* (as tropas de choque do Partido Colorado) sob a bandeira do nacionalismo.¹³

A consagração do projeto de fortalecimento estatal ocorreu na década de 1940, com a imposição de um “governo autoritário, fundado no apoio das Forças Armadas, com a oposição exilada e estrito controle político interno”.¹⁴ Nomeado presidente interino pelo exército, o

⁹ LAMBERT, Peter. “El discurso nacionalista en el Paraguay: Desde lo disidente a lo hegemónico”. In: CASAL, Juan Manuel; WHIGAM, Thomas L. (Orgs.). *Paraguay: Investigaciones de historia social y política. III Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay en la Universidad de Montevideo*. Asunción: Tiempo de Historia/Universidad de Montevideo, 2013, p. 350.

¹⁰ MOREIRA, Luiz Felipe Viel; QUINTEROS, Marcela Cristina (Orgs.), op. cit., 2016, p. 102.

¹¹ LAMBERT, Peter, op. cit., 2013, p. 350.

¹² MOREIRA, Luiz Felipe Viel; QUINTEROS, Marcela Cristina (Orgs.), op. cit., 2016, p. 107.

¹³ LAMBERT, Peter, op. cit., 2013, p. 351.

¹⁴ MOREIRA, Luiz Felipe Viel; QUINTEROS, Marcela Cristina (Orgs.), op. cit., p.111.

Coronel Higinio Morínigo (1940–1948) conduziu uma ditadura anti-partido, de direita e simpática ao nazi-fascismo, apoiando-se em uma Constituição autoritária promulgada em 1940.¹⁵ Com a derrota do Eixo na Segunda Guerra Mundial (1939–1945), o ditador se viu pressionado a fazer algumas reformas, como a formação de um “gabinete de conciliação” em 1946, composto por colorados e *febreristas*. A disputa por poder e a pouca disposição em tolerar um regime democrático, especialmente com a atuação truculenta do *Guión Rojo*,¹⁶ a indiferença policial e o alinhamento cada vez mais claro de Morínigo ao Partido Colorado, levaram os ministros *febreristas* a uma renúncia coletiva no início de 1947.¹⁷

A permanência do Partido Colorado no governo e o apoio prestado a Higinio Morínigo resultaram em uma coalizão entre o Partido Liberal, Febrerista e Comunista, sob liderança do setor oficialista das FF. AA., que exigia a renúncia do ditador e a normalização institucional do país.¹⁸ A partir disso, teve início a Guerra Civil de 1947, marcada por uma violência extrema proveniente do governo em sua perseguição aos revoltosos. Contando com apoio do Partido Colorado, de sua base camponesa, os *pynandí*, de parte da oficialidade militar paraguaia e do suporte material de Juan Domingo Perón, o governo conseguiu vencer.¹⁹ O triunfo do governo e do Partido Colorado significou a derrota do exército “institucionalista”, apolítico e profissional, e a “coloradização” das Forças Armadas, ou seja, a constituição de um exército de fidelidade colorada. A conclusão da Guerra Civil marcou o início da hegemonia política desse partido e a consolidação de uma relação simbiótica entre as FF. AA. e o Partido Colorado.²⁰

Embora o Partido Colorado tenha sido o principal impulsionador do revisionismo histórico e do nacionalismo *lopista*, ele não seria considerado “detentor” desse discurso até a Guerra Civil de 1947, quando conseguiu instrumentalizá-lo para “representar o conflito como uma guerra contra uma conspiração internacional que ameaçava não apenas o governo, mas a pátria”.²¹ Os colorados mobilizaram uma intensa propaganda para difundir a ideia de que a defesa do governo era um ato de nacionalismo, frente aos revoltosos, identificados como uma

¹⁵ YORE, Fátima M.. “Fortalecimiento estatal”, op. cit., 1992.

¹⁶ “Os *guionistas* caracterizavam-se pela organização de uma militância violenta, com o uso de tropas de choque paramilitar durante a primavera democrática para afugentar seus adversários na rua, como para dissolver concentrações de outros partidos, grupos estudantis e sindicais”. A primavera democrática é um termo utilizado para fazer referência ao período entre julho de 1946 e janeiro de 1947, enquanto perdurou o gabinete de conciliação e Morínigo se viu forçado a permitir o retorno de exilados políticos e a reinstaurar a liberdade de imprensa no Paraguai. MOREIRA, Luiz Felipe Viel; QUINTEROS, Marcela Cristina (Orgs.), op. cit., p. 114.

¹⁷ LEWIS, H. Paul. “La formación de una tradición política”, op. cit., 1986.

¹⁸ YORE, Fátima M.. “Acceso al poder del Partido Colorado”, op. cit., 1992.

¹⁹ MOREIRA, Luiz Felipe Viel; QUINTEROS, Marcela Cristina (Orgs.), op. cit., 2016.

²⁰ YORE, Fátima M.. “La guerra civil”, op. cit., 1992.

²¹ LAMBERT, Peter, op. cit., 2013, p. 351.

“Tríplice Aliança Franco-libero-comunista”,²² que remetia à Guerra da Tríplice Aliança (1864–1870). Isolados diplomaticamente e geograficamente, os revoltosos chegaram a solicitar uma intervenção internacional para derrotar Morínigo em defesa da democracia. Esse apelo despertou, novamente, acusações de *legionarismo* — ou traição da pátria.²³ A utilização do revisionismo histórico aparece, portanto, com clareza no discurso colorado durante a Guerra Civil de 1947.

Apesar da violenta derrota da oposição e a despeito da saída dos liberais do poder, a instabilidade política permanecia dentro do Partido Colorado e, conseqüentemente, no governo. Houve um acirramento das diferenças entre múltiplos setores dentro do partido, conspirações e golpes de Estado. As Forças Armadas e a polícia passaram a arbitrar as intensas disputas por influência entre os principais grupos colorados, levando cinco presidentes ao poder entre 1948 e 1954.²⁴ A divisão crônica dentro do Partido Colorado e o seu comprometimento com o exército desde 1947 seriam fundamentais para a sua instrumentalização pelas FF. AA. posteriormente.

Em maio de 1954, o comandante em chefe das FF. AA., o General Alfredo Stroessner derrotou o governo de Federico Chaves (1950–1953), encerrando a hegemonia colorada e devolvendo o protagonismo na administração estatal ao exército. Para Luiz Felipe Moreira e Marcela Quinteros, o principal motivo imediato que levou ao golpe foi a tentativa de Chaves aumentar o corpo de polícia, para contrabalancear o poder militar.²⁵ Oficialmente, a intervenção foi justificada como uma forma de superar a “anarquia” e a corrupção do governo de Chaves. Debilitados por divisões internas, os colorados não ofereceram resistência e aceitaram fazer parte do governo na condição de coadjuvantes, legitimando o golpe e oferecendo seu apoio político permanente. A intervenção militar chefiada por Stroessner foi peculiar, na medida que, diferente de outros golpes militares anteriores, teve a preocupação de ter sua presença no governo legitimada a partir de um partido com ampla base social, negociando a presença dos colorados, com inferioridade de condições e submetidos aos militares.²⁶

Para o cientista político Paul Lewis, o General Alfredo Stroessner conseguiu se tornar ditador por ser um astucioso estrategista que, imerso em uma cultura política autoritária,²⁷

²² Este termo fazia referência à coalizão entre *febreristas* (liderados por Rafael Franco), liberais e comunistas.

²³ MOREIRA, Luiz Felipe Viel; QUINTEROS, Marcela Cristina (Orgs.), op. cit., 2016, p. 116-117.

²⁴ YORE, Fátima M. “Antecedentes históricos”, op. cit., 1992.

²⁵ MOREIRA, Luiz Felipe Viel; QUINTEROS, Marcela Cristina (Orgs.), op. cit., 2016, p.118.

²⁶ YORE, Fátima M. “Acceso al poder y configuración del sistema de dominación”, op. cit., 1992.

²⁷ Embora a noção de “cultura política” seja uma ferramenta teórica muito útil em determinadas análises, por permitir que se compreenda comportamentos e fenômenos políticos complexos por meio de aspectos culturais

conseguiu perceber as regras políticas de seu país, realizando suas atividades governamentais com eficiência, afastando-se de escândalos em sua vida pessoal²⁸ e atuando com sabedoria nos momentos em que precisava estabelecer ou romper alianças.²⁹ Essa hipótese clássica, anunciada em seu escrito da década de 1980, quando o Paraguai ainda vivenciava o *stronismo*, atualmente é ineficiente para explicar o longo período ditatorial, porque além de atribuir uma excepcionalidade ao ditador, também pouco considera a atuação de outros fatores e atores políticos que estiveram envolvidos tanto no golpe de 1954 quanto na consolidação da ditadura. Embora Lewis se preocupe em mostrar a importância das Forças Armadas e do Partido Colorado para a manutenção de Stroessner no poder, ambas instituições parecem vitimadas pela inteligência de um só homem.

Na realidade, a consolidação do seu poder se deu através de uma série de mecanismos internos e externos ao país, formação de alianças provisórias ou não, negociações e intensa perseguição. A estabilidade do governo veio principalmente de sua capacidade de coagir o exército, mesclada com a legitimação popular oferecida pela aliança com o Partido Colorado. No caso dos militares, o governo conseguiu assegurar a lealdade por meio de privilégios, atribuição de cargos importantes aos seus “homens de confiança”, e da eliminação de militares institucionalistas ou que apoiassem alguma facção colorada e pudessem colocar em xeque a posição de Stroessner no poder. Em relação ao Partido Colorado, além de promover sua militarização e uniformização forçada, expulsando e perseguindo membros dissidentes, o governo também se preocupou em criar uma aparente identificação entre o partido e o regime;

consideravelmente enraizados em grupos sociais, é necessário ter certa cautela ao utilizá-la. Como o conceito trata de elementos muito arraigados na cultura, é preciso recorrer à análise da conjuntura ou da longa duração, o que pode induzir o pesquisador a uma história imóvel, em outras palavras, uma análise a-histórica. No caso paraguaio, a ideia de que o país possuía (ou possui) uma cultura política autoritária, como afirmou Paul Lewis e outros pesquisadores, pode trazer ainda a dificuldade de enxergar outros caminhos e possibilidades para o desenvolvimento nacional, como se os atores históricos não pudessem optar pela via democrática e que a ditadura tenha sido um caminho “natural”. A ditadura não é um caminho “natural”, é meticulosamente construído. A cultura é um elemento muito importante, mas pode oferecer prejuízos à análise se for entendida como o único elemento determinante dos fenômenos políticos. Sobre as possibilidades e dificuldades ao utilizar o conceito de “cultura política”, Cf. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia”. In: _____ (Org.). *Culturas Políticas na História: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

²⁸ A afirmação de Lewis de que Stroessner não se envolvia em escândalos em sua vida pessoal não se confirma. Segundo o escritor paraguaio Alfredo Boccia Paz, Alfredo Stroessner possuía numerosas aventuras extraconjugais que eram relativamente conhecidas pela população. Apesar de ser casado com Ligia Mora de Stroessner, teve duas filhas com “Ñata” Legal, sua amante “oficial”. Além disso, alguns testemunhos publicados após a morte dele confirmam que o ditador e alguns de seus oficiais abusavam de meninas menores de idade, que eram sequestradas e violentadas sexualmente durante anos. Cf. BOCCIA PAZ, Alfredo. “Represión Política y Género en la Dictadura Paraguaya”. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (Orgs.). *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

²⁹ LEWIS H. Paul. “El ascenso al poder”, op. cit., 1986.

a militarização do Partido Colorado e a relação simbiótica estabelecida com as FF. AA. desde 1947 facilitaram a sua instrumentalização.³⁰

Para Andrew Nickson, o regime de Stroessner (1954–1989) conseguiu se manter durante tanto tempo por causa de cinco mecanismos de sustentação: um sistema de repressão eficaz; a institucionalização da corrupção no setor público, que lhe proporcionava sustentação entre civis e militares; o apoio dos Estados Unidos, dada a postura extremamente anticomunista do regime durante a Guerra Fria; a preocupação em estabelecer uma fachada democrática, com a participação controlada de setores moderados da oposição nas eleições e na redação da Constituição autoritária de 1967, que lhe fornecia respaldo legal; e a instrumentalização do nacionalismo, que lhe serviu de propaganda política.³¹

Nos primeiros anos do governo de Stroessner, ocorreram reorganizações na direção do partido e as “purgas” coloradas, ou seja, a eliminação de líderes que ameaçassem sua autoridade.³² Em 1955, o ditador promoveu o “reencuentro”, ou seja, uma anistia geral para reincorporar agrupamentos colorados, que lhe permitiu aumentar seu poder e derrotar seus primeiros adversários dentro do partido.³³ A ideia de que havia uma “unidade colorada” tinha o intuito de transmitir a noção de que as divisões dentro do partido tinham desaparecido sob a liderança de Stroessner, porém tratou-se de um mero recurso que ajudou o regime a controlar o partido de forma mais precisa no final da década de 1950. O ditador “concedeu a cada facção uma fatia exata de poder para manter o equilíbrio de forças, sem que nenhuma pudesse se constituir, por si só, um risco para ele”.³⁴

Em 1958, quando Stroessner conseguiu seu segundo mandato como presidente do Paraguai, havia uma grande pressão para a normalização institucional, o aumento da guerrilha e das atividades clandestinas dos demais partidos, com apoio do governo argentino aos exilados paraguaios.³⁵ Nesse contexto, as divergências entre os colorados se acirraram novamente, e uma parte deles redigiu a “Nota de los 17” em março de 1959. Neste documento, os colorados “democráticos” exigiram o fim do estado de sítio, reivindicaram anistia política geral, liberdade de imprensa e de reunião, e a nomeação de uma comissão, com pluralidade partidária, dedicada

³⁰ YORE, Fátima M., op. cit., 1992.

³¹ NICKSON, Andrew. “El Régimen de Stroessner (1954–1989)”. In: TELESKA, Ignacio (Org.). *Historia del Paraguay*. Asunción: Taurus, 2010.

³² YORE, Fátima M.. “Domesticación y subordinación del Partido Colorado”, op. cit., 1992.

³³ LEWIS H. Paul. “Consolidación del poder”, op. cit., 1986.

³⁴ YORE, Fátima M., op. cit., 1992, p. 137.

³⁵ YORE, Fátima M. “Acceso al poder y configuración del sistema de dominación”, op. cit., 1992.

a trabalhar para a normalidade institucional do país.³⁶ O descontentamento generalizado fez o governo recuar momentaneamente e sinalizar uma abertura democrática, que culminaria na mais importante e massiva “purga” colorada. Utilizando como pretexto as manifestações estudantis que ocorriam por causa do aumento da tarifa de ônibus, o governo interrompeu o processo de abertura política, reestabeleceu o estado de sítio, respondeu os revoltosos com extrema violência e ordenou a prisão em massa dos colorados dissidentes, inclusive os signatários da “Nota de los 17”.³⁷ Esta “purga” colorada foi um dos episódios mais importantes para que se estabelecesse a aparente identificação entre o partido e o governo; as tensões e rivalidades não desapareceram dentro do Partido Colorado, porém foram manipuladas e aprofundadas pelo regime, que eliminou os colorados que não aceitaram se submeter.³⁸

Depois da expulsão de lideranças dissidentes, o Partido Colorado se mostrou um instrumento eficaz para mobilizar as massas junto a Stroessner e às Forças Armadas.³⁹ O estabelecimento de uma fachada democrática, por outro lado, remonta a 1963, quando o ditador convidou alguns setores moderados da oposição, cuja atuação era proibida até então, para participar das eleições.⁴⁰ Uma pequena parte do Partido Liberal reconheceu a legitimidade do governo e foi recompensada com assentos no parlamento. Pouco depois, outros grupos políticos fizeram o mesmo e também puderam atuar legalmente no país, participando da redação da Constituição autoritária de 1967, que permitiu que o ditador pudesse ser reeleito. A existência de eleições regulares com participação da oposição não impediu que Stroessner fosse reeleito sete vezes consecutivas com uma média de 88,7% dos votos válidos, em eleições obviamente fraudadas.⁴¹

Para Nickson, a consolidação da ditadura *stronista* se deu entre os anos de 1954 e 1967, quando foi promulgada a nova Constituição com apoio de parte da oposição partidária.⁴² Além da preocupação com a “fachada democrática”, outros aspectos fundamentais da ditadura personalista de Stroessner e que se manifestaram desde o início de seu governo, são o nacionalismo *lopista* e a elevação do revisionismo ao patamar de história oficial. O aparelhamento do Partido Colorado, entendido como detentor da narrativa *lopista* sobre o passado, facilitou a apropriação desse discurso e a autoidentificação de Stroessner como

³⁶ LEWIS H. Paul. “La purga de democráticos”, op. cit., 1986.

³⁷ YORE, Fátima M. “Antecedentes inmediatos” e “Segunda purga colorada”, op. cit., 1992.

³⁸ YORE, Fátima M. “La caída de Epifanio Méndez” e “Segunda purga colorada”, op. cit., 1992.

³⁹ NICKSON, Andrew, op. cit., 2010, p. 268.

⁴⁰ LEWIS H. Paul. “Domando a los colorados”, op. cit., 1986.

⁴¹ NICKSON, Andrew, op. cit., 2010, p. 281.

⁴² *Ibidem*.

sucessor direto de heróis nacionais.⁴³ O ditador promoveu a reedição de obras nacionalistas, celebrou rituais cívicos, fez discursos impactantes e “repletos de referências aos grandes líderes do passado — Carlos Antonio López, o marechal Solano López e o general Caballero — e o espírito patriótico das batalhas de Cerro Corá e Boquerón”;⁴⁴ representava-se como um líder modernizador, que havia conseguido estabilizar a moeda nacional, fomentar exportações, construir hidrelétricas e etc.⁴⁵

Para Paul Ricoeur, a memória de determinado acontecimento histórico pode ser instrumentalizada para dar corpo a uma identidade coletiva, como o nacionalismo paraguaio, por meio de uma narrativa da nação:

E como os personagens são postos na trama simultaneamente à história narrada, a configuração narrativa contribui para modelar a identidade dos protagonistas da ação ao mesmo tempo que os contornos da própria ação (...) o fechamento das narrativas é assim posto a serviço do fechamento identitário da comunidade.⁴⁶

A história oficial, ratificada pelas autoridades, aquela que é celebrada e aprendida publicamente, cumpre esse papel. Assim, de forma muito conveniente, Stroessner prestou homenagens ao “porta-voz do *lopismo*”, ou seja, Juan Emiliano O’Leary, aclamado desde a década de 1940 como um dos escritores mais influentes no Paraguai. Como amigo pessoal de O’Leary, o ditador apressou e facilitou a publicação de seu livro *Ildefonso A. Bermejo, falsario, impostor y plagiaro* pela imprensa militar ainda em 1953.⁴⁷ Já durante o *stronismo*, o governo inaugurou um monumento em homenagem a O’Leary, uma rua central de Assunção recebeu seu nome e a autoridade do “cantor das glórias nacionais” foi evocada em discursos do ditador.⁴⁸

⁴³ LAMBERT, Peter, op. cit., 2013.

⁴⁴ LEWIS H. Paul. “Mantenimiento desde arriba”, op. cit., 1986, p. 201.

⁴⁵ Alfredo Stroessner solicitou um empréstimo ao Fundo Monetário Internacional (FMI) ainda na década de 1950, que impôs um programa de estabilização econômica ao Paraguai. Nos anos 1970, a economia paraguaia atingiu taxas de crescimento expressivas apesar da corrupção, com o aprofundamento da atividade econômica do Estado, especialmente com a construção da usina de Itaipú; em suma, a *modernização* promovida por Stroessner. Na década seguinte, o alto índice de corrupção, a sobrecarga no funcionalismo público e a redução do preço internacional da soja e do algodão, aumentaram muito a inflação e a dívida externa do país. NICKSON, Andrew, op. cit., 2010.

⁴⁶ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007, p. 98.

⁴⁷ BREZZO, Liliana M.. “El historiador y el general: imposiciones y disensos en torno a la interpretación pública de la historia en Paraguay.” *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, 03 de dezembro de 2014. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/nuevomundo/67479>>. Acesso em: 18/01/2019.

⁴⁸ CAPDEVILA, Luc. “La dictadura del general Stroessner, un lopismo de estado”. *Una Guerra total: Paraguay, 1864–1870. Ensayo de historia del tiempo presente*. Buenos Aires: Editorial Sb, 2010, p. 227 e 231.

3.1 A “restauração histórica” das mulheres na Guerra da Tríplice Aliança

Além de celebrar os grandes líderes através de estátuas, parques, praças e ruas, houve também o enaltecimento dos “heróis anônimos”, que se sacrificaram para salvar a pátria. Entre eles, foram exaltadas as *residentas*, que ajudaram a defender o país “sem abdicar dos seus deveres de mães e esposas”. Enquanto os homens que participaram da Guerra da Tríplice Aliança eram lembrados como heróis destemidos, as mulheres eram celebradas principalmente por sua abnegação.⁴⁹ Foi também durante a ditadura de Alfredo Stroessner que Elisa Lynch começou a ser reconhecida como uma heroína,⁵⁰ tendo a sua relação com o Marechal López e sua participação na Guerra da Tríplice Aliança reinterpretadas sob luzes mais favoráveis e nacionalistas, num diálogo profícuo com a exaltação das *residentas*.

As *residentas*, assim como os “heróis”, também deram nome a uma rua no centro de Assunção e a elas foi dedicado um monumento imponente, denominado *Estatua de las Residentas*, que foi construído em Luque, próximo ao aeroporto internacional. Entre os anos 1964 e 1970, houve grandes comemorações associadas ao “centenário da Epopeia Nacional”, quando as imagens de heroísmo masculino e abnegação feminina foram novamente reforçadas, e muito pouco espaço foi cedido para uma reflexão crítica e aprofundada sobre o tipo de história que vinha sendo construída no país.⁵¹ A respeito das mulheres, foi publicado o interessante livro *La mujer paraguaya: Su participación en la Guerra Grande* de autoria da escritora paraguaia Olinda Massare Kostianovsky. Neste livro, a escritora apresenta uma imagem laudatória e conciliadora sobre as mulheres paraguaias:

Ao estudar a mulher na Epopeia Nacional, não sabemos sobre qual delas devemos refletir mais e render-lhes homenagens de admiração e respeito; se àquelas que morreram nos campos de batalha, lutando como o soldado mais valente; às que sofreram incontáveis dores e sacrifícios tremendos por anos e anos; ou àquelas que se encarregaram de reconstruir a pátria sobre tantas misérias e ruínas.⁵²

Ao longo de seu livro, a escritora alega que as mulheres paraguaias, sobretudo as *residentas*, tiveram um papel essencial na guerra, na medida que sustentaram o “espírito de sacrifício e luta” dos homens, costurando, doando joias para a causa nacional e cuidando dos feridos. Aliás, “graças às mulheres, o acampamento paraguaio se mantinha notavelmente

⁴⁹ Ibidem.

⁵⁰ LAMBERT, Peter, op. cit., 2013, p. 26-27.

⁵¹ CAPDEVILA, Luc. “La dictadura del general Stroessner, un lopismo de estado”, op. cit., 2010.

⁵² KOSTIANOVSKY, Olinda Massare de. *La mujer paraguaya. Su participación en la Guerra Grande*. Asunción: Escuela Técnica Salesiana, 1970, p. 81.

asseado e os quarteis estavam muito bem varridos”.⁵³ “Com uma energia imprópria do seu sexo”,⁵⁴ elas lavraram a terra, ofereceram-se para participar das batalhas e ajudaram a reconstruir o país após a guerra. Neste trabalho, a autora preferiu não dedicar nenhum espaço para refletir a respeito da participação das “traidoras” da pátria e das *destinadas*, ou seja, aquelas mulheres que tinham algum vínculo de parentesco com “inimigos da pátria”, como membros da Legião Paraguaia ou outros exilados, e sofreram perseguição política por causa disso.⁵⁵

Em relação à Madame Lynch, em 1958 foi publicada a sua primeira biografia *lopista* em solo paraguaio. Escrita por Henri Pitaud (1899–1991), *Madama Lynch* foi produzida no seio de um nacionalismo contundente e apoiada por Stroessner, foi declarada útil às Forças Armadas paraguaias, e ainda contou com o apoio de Juan O’Leary. No ano anterior, em 1957, foi publicada em Buenos Aires a obra *Madame Lynch: Evocación*, da escritora paraguaia María Concepción Leyes de Cháves (1891–1985). Reconhecida internacionalmente, a autora teve um engajamento significativo na obtenção do sufrágio feminino no Paraguai. Embora Leyes de Cháves fizesse parte do Partido Colorado, e tenha feito críticas às hostilidades contra Elisa Lynch, apresentando-a de forma positiva, a escritora não contou com os mesmos apoios governamentais que Henri Pitaud.

A ênfase constante do regime ditatorial na história nacional e a mobilização de novos “heróis” e “heroínas” nacionais, não podem ser entendidas como mero recurso retórico do ditador, mas como uma ferramenta ativa utilizada pelo governo para alcançar determinados fins. Alfredo Stroessner adotou a bandeira nacionalista para seus próprios interesses, colocando-a “como pilar ideológico da ditadura”.⁵⁶ Durante seu governo, a interpretação revisionista sobre a história do Paraguai se desenvolveu e foi elevada a novos patamares para fortalecer seu poder político e ajudá-lo a obter maior legitimidade popular. Originalmente dinâmico e dissidente, o discurso *lopista* se converteu em um instrumento conservador e autoritário, que:

Foi utilizado durante o período como um mecanismo eficiente de controle da sociedade civil, que servia como discurso central para mobilizar a população, unindo as elites e as massas com o regime.⁵⁷

⁵³ Ibidem, p. 59.

⁵⁴ Ibidem, p. 57.

⁵⁵ RODRIGUEZ ALCALÁ, Guido. (Org.). “Introducción”. *Residentas, Destinadas y Traidoras: Testimonios de Mujeres de la Triple Alianza*. Asunción: Servilibro, 2011, p. 26.

⁵⁶ LAMBERT, Peter, op. cit., 2013, p. 352.

⁵⁷ Ibidem, p. 354.

Assim, defendo que a reivindicação das *residentas* paraguaias e a reabilitação nacionalista de Elisa Lynch como companheira abnegada do “herói nacional” também podem ser lidas nessa mesma chave. Durante o período de consolidação de sua posição no governo (1954–1967), Stroessner se preocupou em “uniformizar” o Partido Colorado e em controlar a oposição, seja através de perseguição política, seja através de negociações com setores moderados dos principais partidos. Nesse mesmo período, certos agrupamentos feministas, principalmente a *Liga Paraguaya Pro Derechos de la Mujer*, exerceram pressão sobre o governo para a alteração do Código Civil paraguaio e o reconhecimento do sufrágio feminino. A instrumentalização das *residentas* e mesmo de Elisa Lynch parecem ter constituído um recurso importante utilizado pelo governo não apenas para aprofundar o revisionismo, mas também para reforçar os papéis de gênero e vincular a imagem do ditador à “concessão” do sufrágio feminino.

Nas próximas páginas, pretendo analisar as obras *Madama Lynch* (1958) de Henri Pitaud e *Madame Lynch: Evocación* (1957) de María Concepción Leyes de Cháves para compreender de que maneira as novas imagens veiculadas sobre a irlandesa se relacionavam ao nacionalismo *lopista* e à situação política do país, e quais podem ter sido os possíveis interesses políticos vinculados à publicação desses materiais. Embora as obras nos remetam ao modelo de interpretação positivo, formulado pela própria Elisa Lynch, as duas biografias possuem diferenças significativas. Representativas do processo de mitificação e heroicização de Elisa Lynch durante o período de consolidação da ditadura, as biografias possuíam determinados propósitos políticos e uma relação íntima com o *stronismo*.

3.2 Elisa Lynch como heroína nacional paraguaia

No processo político de evocação nacionalista de Solano López e de reabilitação de Elisa Lynch, uma das obras mais importantes sobre ela foi publicada em 1958, logo nos primeiros anos do período Stroessner. Escrita pelo autor francês Henri Pitaud, *Madama Lynch* se tornou a biografia oficial da irlandesa no *stronismo*, transmitindo imagens que iam ao encontro do nacionalismo paraguaio durante essa ditadura. O livro dialogava com representações positivas das *residentas* paraguaias e foi mobilizado em outras publicações ou empreendimentos do *stronismo*, como o traslado das cinzas de Elisa Lynch em 1961 e a produção de *Cerro Corá* (1978), primeiro longa-metragem paraguaio.

3.2.1 Memórias e contradições de um camponês francês

Embora *Madama Lynch* seja um dos principais veículos de divulgação da leitura nacionalista e *lopista* sobre Elisa Lynch, pouco se conhece a respeito de seu autor, especialmente as motivações que o levaram a abandonar a França para se dirigir ao Paraguai. Apesar de existirem diversas lacunas que não permitem uma análise muito aprofundada, cabe ressaltar que Henri Pitaud, por algum motivo, teve sua produção incentivada e financiada durante a ditadura. Além da biografia de Elisa Lynch, também publicou vários outros livros no Paraguai, como *El mar de palmas* (1971), *El general Caballero* (1976) e *Las siete caídas del Río Paraná* (1979), além de outros escritos publicados na França.

Dada a dificuldade de encontrar outros materiais que ajudem a compreender a relevância desse personagem no governo Stroessner, sua atuação política e as razões que o levaram ao Paraguai, seus livros autobiográficos se apresentam como as principais, se não as únicas, fontes. Henri Pitaud escreveu dois livros dedicados a contar suas memórias: o primeiro deles trata de seus primeiros anos (1899–1918), enfatizando suas relações familiares, seu trabalho no campo e sua mágoa ao ser convocado para prestar serviço militar na Primeira Guerra Mundial; e o segundo (1921–1940), narra a sua conversão política e atuação na esfera pública francesa.

Nascido em 1899 em Sallertaine, Henri Pitaud era bisneto de irlandeses que imigraram para a França em meados do século XIX. Membro de uma família simples e numerosa, ele se identificava como um camponês pobre. Seu pai, como não possuía posses de terras, trabalhava como meeiro. A fome e a miséria rondavam cada inverno e períodos chuvosos; as mudanças, de uma fazenda para outra, eram constantes. Desde muito cedo, ele começou a trabalhar no campo, dividindo seu tempo com a escola e a Igreja Católica. Embora os franceses denominassem o período de transição entre os séculos de *Belle Époque*, Pitaud alegava que sua família vivia em tempos de grande carência, que pioraram com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, a qual ele classificou como “guerra dos outros”.⁵⁸

Depois de regressar do conflito, voltou a trabalhar na terra. Seu discurso, no entanto, se radicalizou: queixava-se das extensas jornadas de trabalho, da baixa remuneração e da falta de reconhecimento social para sua ocupação. Segundo Henri Pitaud, o ano de 1925 foi um divisor de águas em sua vida, pois foi quando ele deixou de ser um simples camponês para se tornar um camponês militante. Alinhado politicamente a Marc Sangnier,⁵⁹ socialista católico, Henri

⁵⁸ PITAUD, Henri. *Le pain de la terre. Mémoires d'un paysan vendée au debut du XXe siècle* (1982). Paris: Éditions de L'Etrave, 2000.

⁵⁹ Em 1894, Marc Sangnier fundou o *Sillon*, um movimento socialista católico que buscava reconciliar os ideais republicanos franceses com a Igreja Católica. Apresentava-se como uma alternativa a outros movimentos de

Pitaud começou a ajudar a implantar dezenas de sindicatos camponeses na França. A sua atuação permitiu que ele conhecesse pessoas influentes e intelectuais socialistas.⁶⁰

Nos anos 1930, ele afirma ter endurecido seu discurso contra grupos reacionários franceses, especialmente monarquistas e a direita. Nesse sentido, lança um “jornal camponês antifascista”, *L’émancipation paysanne*, que lhe proporcionou maior visibilidade, chegando a ter uma tiragem mensal de 80 mil exemplares, segundo seus cálculos.⁶¹

Durante a Guerra Civil Espanhola, visitou o país em três oportunidades e entrou em contato com os comunistas espanhóis, aos quais se colocaria absolutamente contrário por causa das propostas de coletivização da terra. Fez críticas incisivas aos grupos stalinistas e ao Partido Operário de Unificação Marxista (POUM), por meio de seu jornal. Henri Pitaud entendia-se, acima de tudo, como um democrata; seu plano era internacionalizar o movimento camponês na Europa e *L’émancipation paysanne* começou, inclusive, a contar com correspondentes internacionais.⁶²

Em 1940, por causa da Segunda Guerra Mundial, seu jornal deixou de ser publicado, o que pôs fim aos seus planos. Embora ele tivesse tentado reativá-lo entre 1945 e 1946, a iniciativa não obteve sucesso. Infelizmente seus livros não trazem maiores informações sobre suas atividades políticas nos anos seguintes. Aparentemente, o interesse de Henri Pitaud pelo Paraguai parece remontar a 1948, quando fez sua primeira viagem ao país, junto de ninguém menos que Juan O’Leary, seu grande amigo.⁶³ Não foi possível identificar exatamente qual foi o motivo que o levou à América do Sul e nem como ele conheceu O’Leary, mas existe uma

trabalhadores anticlericais e ao monarquismo e teve grande aceitação entre os camponeses franceses. A democracia era seu grande bastião e toda a reforma deveria acontecer dentro dos limites democráticos. Apesar de não ser um movimento propriamente revolucionário, foi condenado pelo Papa Pio X em 1910, por possuir elementos de uma doutrina de nivelamento social e por defender a democracia tanto no campo político, quanto no religioso. PIERRARD, Pierre. *Les laïcs dans l’Eglise de France : XIXe-XXe siècle*. Paris : Les Éditions Ouvrières, 1988, p. 137-142.

⁶⁰ PITAUD, Henri. *Paysan et Militant. Mes chemins sauvages, souvenirs 1921-1940*. Paris: Éditions de l’Étrave, 2001.

⁶¹ Na primeira edição de *L’émancipation paysanne*, Henri Pitaud escreveu: “Camaradas camponeses, temos orgulho de sermos agricultores, temos orgulho do nosso passado milenar. Não seria o camponês nosso ancestral comum? Todos os homens, quem quer que sejam, até aqueles que nos desprezam e nos exploram, descendem dos camponeses. As civilizações urbanas poderiam suceder umas às outras, evoluir, desaparecer. (...) Mas há uma coisa que permanece inalterada há milhares de anos: as leis do cultivo do solo, a germinação e a reprodução dos seres. (...) Desde as primeiras eras, a Bíblia relata que este mandamento foi dado ao homem: “Cultivareis a terra”. Mesmo no século do avião e da televisão, esse comando permanece. Somos nutridores da humanidade e permaneceremos assim. Mas nós não aceitamos mais sermos tratados como escravos. (...) Para realizar esse desejo legítimo, um único caminho se abre diante de nós, o caminho árido, rochoso, porém seguro, do sindicalismo. Nós realizaremos um sindicalismo em liberdade e democracia”. *Ibidem*, p. 124.

⁶² *Ibidem*.

⁶³ O’LEARY, Juan. “Prologo”. In: PITAUD, Henri. *Madama Lynch*. 3ªed. Asunción: Editorial France-Paraguay, 1970.

grande probabilidade de que a conexão entre os dois escritores seja a peça-chave para explicar a decisão de Henri Pitaud abandonar a França e alcançar uma notável proximidade em relação ao governo paraguaio.

Dois anos depois dessa primeira viagem ao Paraguai, ele publicou em Paris *Paraguay, terre vierge*, que contém um prefácio escrito por O’Leary. O livro fez elogios ao Paraguai e buscou incentivar a imigração de franceses ao país. Segundo o autor, a Europa estava superpovoada e isso destruía as estruturas ancestrais de sua “civilização camponesa”, fornecendo combustível para o “totalitarismo contemporâneo”, ou seja, os fascismos. O Paraguai, com grandes riquezas fundiárias negligenciadas e uma modernização que desabrochava, despontava como uma grande oportunidade para os imigrantes europeus.⁶⁴

Neste mesmo volume, além de ressaltar as riquezas naturais do Paraguai, Pitaud também fez questão de discutir alguns aspectos da história do país. Para ele, os três líderes da Primeira República eram ditadores “de alta cultura, de inteligência profunda, brilhante e criativa”.⁶⁵ O escritor reforçou a prosperidade econômica do Paraguai, quando governado por esses líderes, e explicou a Guerra da Tríplice Aliança como uma consequência da ambição brasileira sobre o Prata. Pitaud fez ainda uma rápida discussão “historiográfica”, afirmando que o “talento e eloquência do grande escritor paraguaio Juan O’Leary” tinha conseguido reabilitar o Marechal López, que foi julgado severamente depois da guerra.

Por último, Henri Pitaud se preocupou também em mostrar a situação política do Paraguai aos potenciais imigrantes, tentando desmistificar a ideia de que o país vivia “em estado de revolução perpétua”. Para ele, embora isso fosse parcialmente verdade, o que os jornais paraguaios chamavam de revoluções eram:

na maioria das vezes, uma mudança de ministérios, e esses incidentes políticos se desdobram sem derramamento de sangue. Os presidentes derrotados então silenciosamente se refugiam em Buenos Aires ou Montevideú.⁶⁶

Segundo ele, apesar da Guerra Civil de 1947 ter sido um desastre para o país, todos os partidos paraguaios sempre demonstravam um grande respeito pelos estrangeiros e suas propriedades, mesmo nos momentos mais difíceis. Sua leitura surpreendentemente branda sobre a situação política do país entra em atrito com o papel crucial que a violência cumpria no sistema político paraguaio, que a tornava, inclusive, “fio condutor de sua história

⁶⁴ PITAUD, Henri. *Paraguay, terre vierge*. Paris: Frédéric Chambriad, 1950.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 54.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 70.

contemporânea, com seus cenários de guerras civis, golpes de Estado e ‘revoluções’”.⁶⁷ A crença na violência como método de mudança política era muito maior do que nos valores democráticos e isso foi um dos fatores que possibilitaram a sua institucionalização no *stronismo*.

Há, assim, uma profunda contradição entre a trajetória política que Henri Pitaud afirmou ter tido, como um camponês democrata e militante, e o seu olhar para o Paraguai. Toda a sua militância em torno da democracia e da necessidade de distribuição de terras, contrastaram profundamente com seu apoio a ditadura de Alfredo Stroessner; além de não levar em consideração a possibilidade de realizar uma reforma agrária séria, o regime ainda reprimiu os movimentos sociais e alcançou certo grau de desenvolvimento econômico com base em capitais estrangeiros e em investimentos estatais.⁶⁸ É possível alegar, no entanto, que essa aparente contradição talvez seja, na realidade, fruto de uma mudança nos ideais de Henri Pitaud, ou uma consequência de seu desencantamento com o desaparecimento de seu jornal.

Abandonando a França e sua atuação como líder camponês em 1951, se instalou definitivamente no Paraguai até falecer em 1991. Após discorrer sobre as possibilidades de imigração estrangeira e sobre a presença de franceses no Paraguai,⁶⁹ conseguiu publicar *Madama Lynch*, que se tornaria a biografia oficial de Elisa Lynch durante a ditadura. Felicitado por membros do governo, seu livro teve várias reedições e ajudou a consolidar uma determinada memória sobre Madame Lynch, convertida em mais uma ferramenta mobilizada politicamente para angariar apoio ao *stronismo*.

3.2.2 “*Tu pátria será la mia*”: submissão e domesticidade em *Madama Lynch*

Quando Henri Pitaud chegou ao Paraguai, a atividade editorial era escassa no país, por isso geralmente era necessário que os escritores autofinanciassem suas publicações e recorressem a outras localidades, especialmente Buenos Aires, para conseguirem imprimir suas obras. Essa situação só começou a mudar na década de 1980, quando surgiu o Editorial NAPA, a Ediciones Comuneros e outros projetos editoriais que tornaram as publicações empreendimentos um pouco menos árduos aos escritores paraguaios.⁷⁰ Apesar do cenário editorial pouco vigoroso, a biografia *Madama Lynch* de Henri Pitaud contou com quatro edições

⁶⁷ MOREIRA, Luiz Felipe Viel; QUINTEROS, Marcela Cristina (Orgs.), op. cit., 2016, p. 80.

⁶⁸ NICKSON, Andrew, op. cit., 2010, p. 267-269.

⁶⁹ PITAUD, Henri. *Les Français au Paraguay*. Bordeaux: Éditions Bière, 1955.

⁷⁰ BARCO, José Vicente Peiró. “El boom editorial”. *Literatura y sociedad. La narrativa paraguaya actual (1980–1995)*. 2001. 1788f. Tese (Doutorado em filologia) - Universidad Nacional de Educación a Distancia, Espanha.

paraguaias ao longo do *stronismo*: em 1958, 1962, 1970 e 1978. Foi, portanto, o livro mais divulgado de Henri Pitaud. Esse aspecto isolado é uma evidência a respeito da importância atribuída à obra pelo governo ditatorial; embora Concepción Leyes de Cháves tenha escrito um livro que também exalta a atuação de Elisa Lynch no Paraguai, sua biografia não teve a mesma acolhida do governo na época de publicação.

Apesar de o texto de *Madama Lynch* não ter sofrido alterações significativas entre uma edição e outra, alguns aspectos podem ser destacados antes de iniciar a análise biográfica. Embora Pitaud afirme que terminou de escrever a biografia em 1956, ele também alegou que não possuía recursos para divulgá-la, daí o hiato de dois anos até primeira publicação. Segundo o próprio autor, essa primeira edição foi “mal impressa em papel defeituoso”.⁷¹ A capa vermelha — cor que nos remete ao Partido Colorado —, possui um retrato de Elisa Lynch ao centro, reafirmando o protagonismo da personagem que dá nome ao livro. A biografia possui uma introdução, escrita pelo próprio autor, e um elogioso prólogo escrito por Juan O’Leary.

Nesse prólogo de forte apelo nacionalista, O’Leary destacou a grande simpatia que Henri Pitaud possuía pelo Paraguai, terra hospitaleira, com uma natureza maravilhosa, que se tornou lar e segunda pátria do escritor francês. Encantado com a “história épica” do Paraguai, o francês sentiu-se frente a “uma Epopéia maior do que a homérica, com seu Aquiles e sua Helena”, apaixonando-se pelo herói e pela “mulher extraordinária, que foi sua companheira de glória e infortúnio”. Após atacar os escritos de traidores e críticos, especificamente “panfletistas miseráveis e vis como Héctor Varela”, O’Leary destacou que Henri Pitaud estudou Lynch “à luz de uma crítica desapassionada, extraindo verdades do cúmulo de falsidades com a qual pretenderam desfigurá-la”. Com esse prólogo, Juan O’Leary autorizava e legitimava como verdadeiro o escrito de Henri Pitaud; isso tinha um grande significado simbólico já que O’Leary foi, como vimos, foi o historiador mais influente do Paraguai durante o século XX e teve sua obra exaltada desde o início do período Stroessner.⁷²

Nas edições seguintes, o prólogo de Juan O’Leary se manteve, mas o livro foi acrescido de algumas informações. Infelizmente, não foi possível localizar um exemplar da segunda edição, porém a terceira, de 1970 — ano de comemoração do centenário da “Epopéia” —, tem modificações consideráveis em relação à primeira. Em termos físicos, o livro é tão simples quanto o primeiro, contudo a imagem representada na capa foi modificada; nesta edição, a cor vermelha foi trocada pelo branco, Elisa Lynch desaparece da capa e a imagem ao centro é um

⁷¹ PITAUD, Henri. “Calumniada se levantó sobre la muerte y la guerra”. *Madama Lynch*. 4ª ed. Asunción: Talleres de “El Gráfico”, 1978, p. 376.

⁷² BREZZO, Liliana M., op. cit., 2014.

busto do Marechal López, destacando o “herói”, não a “heroína”. A edição também possui, em anexo, a letra de uma canção denominada *Elisa Lynch*, de Ezequiel González Alsina e Mauricio Cardozo Ocampo, e o poema conhecido como *¡Resurgirás Paraguay!*, de autoria de Martin T. McMahon, Ministro Plenipotenciário dos Estados Unidos no Paraguai durante a última fase da guerra. Além disso, a obra passa a trazer a informação de que foi declarada útil às Forças Armadas do Paraguai, a partir de um decreto de Strossner no ano de 1960. Por fim, Henri Pitaud também optou por fazer uma dedicatória:

Dedico esta Terceira Edição de Madama Lynch ao Exmo. Senhor Presidente da República do Paraguai, General do Exército dom Alfredo Strossner, como minha melhor homenagem a esta nobre e heroica Nação, no Centenário de sua Epopeia.⁷³

A quarta e última edição do livro, publicada em 1978, tem também modificações e inserções importantes. Em termos físicos, o livro foi impresso em papel de melhor qualidade e a imagem representada na capa também foi modificada; nesta edição, Francisco Solano López e o General Caballero aparecem montados a cavalo ao centro, e Elisa Lynch continua ausente. O livro possui alguns retratos e imagens coloridas de monumentos e locais onde ocorreram algumas batalhas da Guerra da Tríplice Aliança. Há ainda partituras musicais, algumas delas acompanhadas da letra da canção correspondente. Por último, além de também ser dedicada ao General Stroessner, a edição inclui um texto de Raúl Amaral, no qual fez um parecer positivo a respeito da qualidade estética dos escritos de Pitaud sobre o Paraguai, e um posfácio de Henri Pitaud, onde ele explica alguns detalhes a respeito da escrita da biografia.

Segundo Pitaud, quando fez sua primeira viagem ao Paraguai, em 1948, ele só conseguiu encontrar o material publicado pelos filhos de *legionários*⁷⁴ que, em sua opinião, não traziam uma “imagem exata” a respeito de Madame Lynch. O seu interesse em escrever uma biografia de Elisa Lynch teria surgido somente em 1954, quando o autor visitou uma livraria francesa e encontrou uma revista antiga, de 1886, que trazia uma curta e elogiosa biografia da irlandesa, que havia falecido naquele ano. Segundo ele, em 1955, era difícil para um estrangeiro escrever um livro favorável a Elisa:

A pena incansável de Juan O’Leary, durante meio século, denuncia a história falsificada da guerra contra a Tríplice Aliança, glorificando o Herói caído em Cerro Corá e os que morreram nessa imensa epopeia, porém *ninguém havia ousado dizer a verdade sobre Elisa Lynch*, sepultada em vida sob uma avalanche de difamações degradantes, que pareciam definitivas.⁷⁵ [Grifo meu]

⁷³ PITAUD, Henri, op. cit., 1970, p. 7.

⁷⁴ Certamente Henri Pitaud referia-se à biografia *Elisa Lynch de Quatrefages*, de Héctor Decoud.

⁷⁵ PITAUD, Henri, op. cit., 1978, p. 376.

Assim, Henri Pitaud reivindica o papel de primeiro biógrafo a fazer a reabilitação de Elisa Lynch, muito embora o livro de Concepción Leyes de Chavés tenha sido publicado um ano antes do seu, em 1957. Além do próprio relato de Henri Pitaud e da confirmação de Juan O’Leary em seu prólogo, não há nenhuma evidência documental que comprove que o livro tenha sido efetivamente concluído em 1956. Dada a expectativa de afirmar-se como o primeiro autor que ousou dizer a “verdade” sobre Elisa Lynch, era conveniente que sua obra tivesse sido escrita, mesmo que não publicada, antes de qualquer outra que exaltasse a personagem. Assim, embora *Madama Lynch* tenha tido sua primeira edição de 1958, Henri Pitaud indicava que o livro tinha sido concluído em 1956, possivelmente preocupado em demonstrar que havia escrito sua obra antes do livro de Concepción Leyes de Chaves. As duas biografias guardam importantes diferenças, mas também possuem algumas coincidências em descrições, acontecimentos, narrações sobre eventos específicos, que podem sugerir que os biógrafos tenham trocado informações ou ao menos que um tenha se inspirado na obra do outro.

Em seu posfácio, Henri Pitaud afirmou orgulhosamente que foi felicitado por Tomás Romero Pereira — presidente provisório após o golpe de 1954 — e Edgar Insfrán — então líder do *guión rojo* e Ministro de Interior.⁷⁶ Dada a sua proximidade com o Estado e com O’Leary, a afirmação de seu pioneirismo não surpreende e, inclusive, ajuda a demonstrar como a história nacional se tornou um assunto de Estado durante o *stronismo*.⁷⁷ Pitaud alegou ainda que seu livro interessou muito aos cineastas, que lhe fizeram várias propostas, uma delas sugerindo a participação de Marlon Brando como Solano López, e Raquel Welch como Elisa Lynch.⁷⁸ A ideia de fazer um filme sobre a irlandesa não saiu do papel, mas em 1978, mesmo ano em que Pitaud escreveu seu posfácio, era lançado o primeiro longa-metragem paraguaio, denominado *Cerro Corá*, sobre o qual comentarei um pouco mais adiante.

A biografia *Madama Lynch* foi escrita por Henri Pitaud em primeira pessoa, como se fosse a própria Elisa Lynch escrevendo sua trajetória. Para justificar essa escolha narrativa tão inusitada, Henri Pitaud alegou que em sua última visita à França, havia visitado um vendedor de livros que lhe guardava uma agradável surpresa, a autobiografia que Madame Lynch

⁷⁶ Chama a atenção que Henri Pitaud, que se autodenominava um democrata, se orgulhe de receber as felicitações de Edgar Insfrán. O personagem foi um dos principais responsáveis pela repressão, especialmente de guerrilheiros, do final dos anos 1950 até meados dos anos 1960. Para Paul Lewis, Edgar Insfrán foi o último colorado com uma base de poder pessoal e se tornava uma ameaça ao Stroessner, por isso sofreu investidas do ditador e foi obrigado a renunciar a partir de um escândalo de corrupção em 1966. Novamente nos vemos diante de uma incompatibilidade entre a trajetória política de Pitaud na Europa e suas alianças no Paraguai. Cf. LEWIS H. Paul. “Consolidación del poder”, op. cit., 1986.

⁷⁷ CAPDEVILA, Luc. “La ditadura del general Stroessner, un lopismo de estado”, op. cit., 2010.

⁷⁸ PITAUD, Henri, op. cit., 1978.

anunciou que escreveria em *Exposición y Protesta*. Obviamente isso foi apenas um recurso ficcional, já que a autobiografia prometida pela irlandesa jamais foi publicada e Henri Pitaud não pretendia convencer ninguém do contrário. Apesar disso, a busca do “efeito de verdade” assinalada por Angela de Castro Gomes⁷⁹ e repetida pelos demais materiais analisados nesta Dissertação, também está presente em *Madama Lynch*. Da mesma forma que o escrito de Héctor Varela também pode ser lido como um relato de viagem, sem ser anulado enquanto biografia, o mesmo ocorre com *Madama Lynch*, se a obra for interpretada como um tipo de romance histórico.

Madama Lynch segue criativamente o texto *Exposición y Protesta*, aproveitando os silêncios de Elisa em relação à sua terra natal para argumentar que a personagem veio a se tornar uma verdadeira mulher paraguaia, que já não possuía vínculos com a Inglaterra, onde viveu sua infância, e, muito menos, com a Irlanda, onde nasceu. Ao longo da biografia, a personagem é apresentada como uma heroína romântica, uma mártir de moralidade sólida, mãe exemplar, de fidelidade e amor incondicionais ao Marechal López e à sua pátria adotiva. Além disso, Elisa também é retratada como uma mulher extremamente bondosa, que ajudava os pobres e necessitados, cuidava dos feridos da guerra e intercedia pelos prisioneiros, tentando suavizar a fúria de Solano López, nos momentos mais desastrosos de sua pátria.

O livro é dividido em três partes, a primeira é denominada “a estrangeira”, a segunda, “a heroína”, e a terceira, “a exilada”. A obra possui como fio narrativo o amor incondicional de Elisa Lynch por Solano López, a conversão do Paraguai em sua pátria adotiva e todo o sofrimento causado pela Guerra da Tríplice Aliança. O livro tem início quando Elisa tinha cinquenta anos de idade e já estava “exilada” na Europa, tendo sido obrigada a abandonar o Paraguai, sua “segunda pátria”, “tão amada”. Preocupada em “manter pura a memória do herói”, que “preferiu a morte antes da desonra da derrota”,⁸⁰ a personagem de Henri Pitaud explica que ela teria escrito a autobiografia *Madama Lynch*, porque tinha a obrigação de escrever a “história” de sua vida e dos acontecimentos em que esteve envolvida em respeito aos seus filhos e às suas recordações.⁸¹

⁷⁹ GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

⁸⁰ PITAUD, Henri, op. cit., 1970, p. 259.

⁸¹ Como vimos, Madame Lynch fez sim uma defesa de Solano López e da causa paraguaia na Guerra da Tríplice Aliança em *Exposición y Protesta*, mas em nenhum momento ela alegou que o que a motivou a escrever foi “manter pura a memória do herói”. No contexto de confisco de seus bens, a sua argumentação parece muito mais direcionada a se defender das acusações que lhes eram feitas e exigir as propriedades confiscadas; essa defesa passou também pelo enaltecimento do Marechal López, mas a ordem de prioridades era muito diferente do que Henri Pitaud queria demonstrar em *Madama Lynch*.

Como mostrei nos capítulos anteriores, dentre os aspectos familiares de Elisa Lynch, seu casamento com Xavier Quatrefages foi uma das questões que mais chamou a atenção dos biógrafos liberais. A inexistência de documentos e de maiores explicações sobre o assunto em *Exposición y Protesta* ainda deixam margem para questionamentos e geram curiosidade até os dias de hoje. De modo diferente, as relações prévias de Solano López não costumam ser alvo de especulações e não despertam maiores interesses; nos relatos sobre sua trajetória de vida, a ênfase é dada à sua atuação política. Em *Madama Lynch*, também há a preocupação em explicar o casamento dela e o que a levou à separação, num intuito claro de consentir e justificar a relação de concubinato que a irlandesa e o paraguaio estabeleceram.

De forma simples, o livro nos mostra que, como Elisa já era “muito atraente” aos quinze anos e os homens lhe “faziam mil cortesias”, sua mãe ficou muito preocupada e decidiu que ela se casaria com o primeiro homem que pedisse sua mão.⁸² Em 1850, Elisa conheceu o cirurgião e oficial francês Xavier Quatrefages que lhe pediu em casamento: “Depois de um breve noivado, deixei que me casassem, sem entender muito bem”.⁸³ Sem ter sido planejado por Elisa, o casamento com Quatrefages trouxe muita infelicidade para ela que, rapidamente, “já não sabia se desejava o homem com quem dormia”.⁸⁴ Embora estivesse profundamente incomodada e infeliz com a união, ela se esforçou para “soldar suas correntes”, acompanhando o marido em uma missão militar na Argélia, onde atuou como “enfermeira benévola”. O esforço foi em inútil, porque não existia amor na relação:

Um estado civil de esposa, uma vida medíocre em uma morada confortável, uma posição honrada na sociedade. Em troca, havia dado a um homem o direito de usufruir do meu corpo para todo uso... Ele me agarrava como se sentasse à mesa para saciar a fome... Eu lhe devia algum sentimento?⁸⁵

Após viver três anos de infelicidades, no quais Quatrefages utilizava seu corpo como “instrumento de seu deleite solitário”, Elisa finalmente decidiu abandoná-lo em agosto de 1853 para voltar a viver com sua família na Europa. Feliz por retomar sua liberdade e voltar para a França, Elisa teve a oportunidade de se inserir mais profundamente no meio cultural da alta elite parisiense. Em uma noite, o marido de sua irmã, que também era seu professor de piano, a levou à ópera. Nesta ocasião, a jovem irlandesa conheceu Richard Wagner, a princesa Isabel, o compositor Franz Liszt e sua companheira, a condessa Madame d’Agoult. Segundo a

⁸² PITAUD, Henri, op. cit., 1970, p. 29.

⁸³ Ibidem, p. 30.

⁸⁴ Ibidem.

⁸⁵ Ibidem, p. 32.

biografia, Elisa Lynch ficou encantada com o casal, e observava a aristocrata europeia, refletindo:

Pelo amor de um músico vagabundo, por Liszt, a quem ela chamava de “meu esplêndido exemplar da alma”, a princesa havia abandonado o seu marido, seu castelo na Ucrânia, seus trinta mil servos, para ser a inspiradora apaixonada de Liszt, dando-se a missão de instigar o fogo do genial compositor, que exibia seus talentos aos aplausos das multidões, antes de encontrar sua alma ardente. (...) Ah! Quanto eu desejava encontrar um Liszt!⁸⁶

A admiração de Elisa por Madame d’Agoult, que abandonou tudo para se tornar inspiradora de Franz Liszt terá uma conexão óbvia com a sua decisão futura de acompanhar o General Solano López ao Paraguai. O matrimônio não era depreciado pela personagem, mas Henri Pitaud fez questão de mostrar que as relações de concubinato baseadas no amor eram relativamente comuns em Paris em meados do século XIX, também utilizando como exemplo a relação entre Juliette Drouet e Victor Hugo. Além disso, o casamento não era suficiente para comprovar o caráter de uma mulher, ou que ela amasse seu esposo e lhe fosse fiel. Embora o autor se ocupe novamente desse tema ao tratar das relações de Lynch com a espanhola Purificación Bermejo — que tinha, de acordo com o livro, uma relação extraconjugal com o poeta paraguaio Natalicio Talavera —, Pitaud acrescenta uma nova e curiosa personagem à narrativa para ratificar seu raciocínio: a “leviana Mado”.

Durante o tempo em que viveu na Argélia, Lynch se tornou uma grande amiga de Mado, a esposa do Coronel de Spahis Lacourége. No inverno parisiense as duas se reencontraram e Elisa ficou muito surpresa ao descobrir que ela não havia se casado por amor, como fingia na Argélia. Mado então respondeu que não amar o marido era normal, que o Coronel sabia de seus amantes, mas não se importava e lhe dava uma vida rica. Ele era um homem excelente, segundo Mado:

Não o trocaria pelo melhor dos amantes... Viva o matrimônio! Que me permite viver de acordo com os meus gostos. Sou uma mulher sensual, gosto muito de fazer amor. (...) E para fazê-lo bem, é necessário fazer muitas vezes. As jovens não entendem nada disso. O homem não sabe fazer amor antes dos cinquenta. Uma mulher não sabe fazer gozar antes dos quarenta. Algumas predestinadas, como eu, possuem essa grande sabedoria aos trinta.⁸⁷

Elisa lhe respondeu de imediato:

Sua teoria não é a minha. Sem amor, seria incapaz de me entregar a um homem.⁸⁸

⁸⁶ Ibidem, p. 37.

⁸⁷ Ibidem, p. 39.

⁸⁸ Ibidem.

Mado, diferente de Elisa, lidava com a sua sexualidade com absoluta liberdade e enxergava o casamento como um meio de continuar vivendo como queria, sem se preocupar com quaisquer normas sociais em torno do matrimônio ou com seu comportamento enquanto mulher burguesa.⁸⁹ Embora Elisa tivesse acabado de se separar de Quatrefages e soubesse que não poderia se casar novamente, sonhava em se tornar a companheira e inspiradora de um grande homem. Mado insistia que Elisa precisava ser introduzida “no mundo”, enquanto a irlandesa persistia em sua fé no amor: uma mulher era a antítese da outra. A propósito, é interessante destacar, Mado remete ao retrato de Elisa Lynch desenhado por Varela e Decoud, que viam na personagem uma sexualidade desenfreada e um desrespeito às normas sociais estabelecidas para o comportamento das mulheres. Apesar dos diálogos surpreendentes e da divergência de pensamento, Henri Pitaud mostra que elas permaneceram amigas e chegaram, inclusive a se reencontrar depois que Lynch retornou à Europa em 1870. Dado o teor moralizador do livro, a relação entre essas duas mulheres serve justamente para contrastar o comportamento delas e não é sem razão que, na velhice, Mado tenha se arrependido profundamente da vida que levava durante sua juventude.

Indo ao encontro do seu desejo de “amar um homem como Liszt”, Elisa foi a um baile no Palácio das Tulherias, onde Pitaud afirma que ela conheceu Napoleão III. Depois de dançar uma música com o ele, o imperador fez vários elogios a Lynch e pediu que ela também dançasse com o General Solano López, deixando-se levar pelo “lindo cavalheiro moreno”,⁹⁰ que não escondeu seu interesse por ela. Desde o início do livro, há uma grande preocupação em afirmar a prosperidade do Paraguai na época dos López e o grande patriotismo do General, que sempre exaltava o seu país até mesmo ao cortejar Elisa. Para ele, nada era mais importante do que a grandeza de sua pátria:

Naqueles tempos, o Paraguai, país firme, o mais civilizado da América do Sul, atraía a imigração comercial e agrícola. A missão [diplomática de Solano López] contratava especialistas: engenheiros, arquitetos, químicos, agricultores...⁹¹

Depois do baile, a irlandesa pensava cada dia mais em Solano e refletia: “Quando uma mulher reconhece seu destino em um homem, o que ela pode fazer senão segui-lo?”⁹² Os encontros entre o casal se tornavam mais frequentes, até que, numa determinada tarde, se viram

⁸⁹ GAY, Peter. “Doces comunhões burguesas”. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 87-127.

⁹⁰ PITAUD, Henri, op. cit., 1970, p. 42.

⁹¹ *Ibidem*, p. 47.

⁹² *Ibidem*, p. 48.

surpreendidos por uma chuva torrencial em meio ao bosque por onde caminhavam. Sem poder voltar a Paris, decidiram se instalar em uma hospedaria próxima, onde permaneceram durante uma semana trocando carícias, fazendo juras de amor e tendo repetidas relações sexuais, que “selaram o destino” da irlandesa. Preocupada com o retorno dele ao Paraguai, ela suplicou:

— Solano! Não! Eu não quero te perder! Leve-me ao seu país... Meu amante adorado, eu gostaria de lhe entregar meu corpo virgem. Mas te entreguei meu coração; ninguém o possuiu antes de você. Suplico Solano! Já não posso viver sem você! Quero te seguir... Se não posso ser sua esposa, serei sua companheira fiel, a mãe dos seus filhos. Amar-te... Amar-te... Sempre... Sempre...⁹³

A fala estranhamente dramática e apaixonada de Lynch, ressurgiu em outros momentos da narrativa, visando dar um caráter de desespero e urgência aos acontecimentos. Embora o livro demonstre que o casal se conhecia há menos de três meses, a relação entre eles é retratada como muito intensa e íntima. A irlandesa assumiu uma posição de submissão absoluta desde o início, oferecendo-se para ser a mãe dos filhos dele e sua fiel companheira, lamentando não ter podido oferecer também seu corpo virgem.

Em todo o livro, a relação de Elisa Lynch e Solano López tem por base o amor, a fidelidade e a abnegação absolutas por parte dela; isto é importante porque vai de encontro às biografias analisadas anteriormente, que insistem que a união do casal se estruturava pela ganância. Embora ele também estivesse apaixonado, não abria mão de seus compromissos públicos, militares e nem de seus desejos por outras mulheres. Há uma nítida oposição entre a maneira como os dois se colocavam nesse relacionamento: enquanto ela se doava integralmente, ele continuava realizando seus compromissos normalmente e não renunciava a nada. A submissão de Elisa a Solano López se evidencia em diversas situações, como por exemplo no momento em que ela descobriu sua primeira gravidez, quando Pitaud mostra que ela:

Delirava de alegria. *Uma mulher tem grandes poderes* sobre o homem que ama! A arte das *carícias* que afeiçoa o amante na cumplicidade das noites... A arte de ser *dona de casa*, que sabe embelezar o seu entorno, dando ao homem a vaidade e a alegria de sua casa... O poder da *maternidade*! Talvez o maior de todos, pois a mulher dá ao homem a prova suprema de seu amor: o filho!⁹⁴ [Grifos meus]

Os “poderes da mulher sobre o homem” se resumiam, assim, às carícias, ao cuidado com a casa e a maternidade, tarefas que Elisa assumiu com prazer durante todo o livro. A leitura de

⁹³ Ibidem, p. 51.

⁹⁴ Ibidem, p. 54.

Henri Pitaud sobre Elisa Lynch é muito idealizada e pode nos indicar os valores e ações que o autor entendia que as mulheres deveriam encarnar: um vínculo completo ao âmbito doméstico e sem envolvimento na política a não ser de forma absolutamente tangencial. Mesmo que a relação direta entre o biógrafo e as ideias transmitidas na obra não seja possível, essa inquietação nos leva a questionar o que fez Henri Pitaud retratar a personagem tão alinhada com esses valores, quando sabemos que ela não demonstrava ter uma identificação profunda com a domesticidade.

Em conformidade com a leitura nacionalista sobre a participação das *residentas* na guerra, Henri Pitaud construiu o retrato de Elisa Lynch totalmente associado ao Marechal López. Ao analisar a atuação de mulheres nas lutas de independência de países da América Latina, a historiadora Maria Lígia Coelho Prado identificou que seus biógrafos mantiveram as personagens à órbita do espaço privado, tornando-as modelos cristãos e patrióticos de esposa e mãe, através da pulverização de sua atuação no âmbito público.⁹⁵ De igual modo, a imagem oficial e nacionalista de Madame Lynch também destaca a sua importância no espaço privado e diminui de sobremaneira sua participação no espaço público. Os papéis de gênero estão muito bem delimitados nesta obra: enquanto ele aparece como o herói viril, forte e absolutamente ativo política e militarmente, Elisa possui a “abnegação sem limites” e o “patriotismo sem desânimo da mulher na epopeia”, sobre os quais Olinda Massare Kostianovsky escreveria em seu livro *La mujer paraguaya: Su participación en la Guerra Grande* (1970), que foi abordado no início do capítulo.⁹⁶

Ao fixar o heroísmo masculino e abnegação feminina como forma ambivalente de representar a participação paraguaia na “Epopéia”,⁹⁷ o *stronismo* também reduzia as possibilidades de ação política das mulheres no presente, momento em que o Paraguai era o único país da América Latina onde o sufrágio feminino ainda não tinha sido aprovado. Representar a “heroína nacional” como uma mulher que cultuava a domesticidade e tinha convicção dos seus “poderes” sobre o homem que amava, pode ser uma estratégia para reafirmar os papéis de gênero e prevenir a radicalização do movimento sufragista, que era representado de forma institucional pela *Liga Paraguaya Pro Derechos de la Mujer*.

Apesar de Elisa exercer seus “grandes poderes”, Solano López era infiel e isso a incomodava muito, embora ela preferisse esconder seus sentimentos e não questionar suas

⁹⁵ PRADO, Maria Lígia Coelho. “A Participação das Mulheres nas Lutas pela Independência Política da América Latina”. In: *América Latina no século XIX - Tramas, Telas e Textos*. São Paulo: Edusp, 2014.

⁹⁶ KOSTIANOVSKY, Olinda Massare de, op. cit., 1970, p. 55.

⁹⁷ CAPDEVILA, Luc. “La dictadura del general Stroessner, un lopismo de estado”, op. cit., 2010.

atitudes, aceitando cuidar dos filhos que ele havia tido com as paraguaias Rosa Carreras e Juanita Pessoa antes de conhecê-la. Outra mulher que, segundo o livro, “desafiava” a posição de Elisa era Pancha Garmendia, uma moça paraguaia apaixonada por Solano López e que desejava se casar com ele desde 1844, enquanto ele só desejava mais uma aventura. Diante da “concorrência” com outras mulheres, ela sofria, mas logo se convenciu de que era capaz de reconquistá-lo com sua sensualidade:

Sou feita para ele, como ele é feito para mim. Sua *pujante virilidade* combina perfeitamente com a minha *sensualidade ardente*! Eu o quero só para mim... Ele voltará para esta cama, altar de nossos desejos... Voltará... a deitar-se sobre este leito, beijar meus lábios cálidos, sentir meus abraços ágeis, meus músculos nervosos, gozar de meus espasmos, embriagar-se de minhas derrotas... Eu o verei deitado, cansado, ao meu lado, a espera de novos beijos, para recuperá-lo, esvaziá-lo do desejo por outras.⁹⁸ [Grifos meus]

A “sensualidade ardente” de Elisa harmonizava perfeitamente com a “pujante virilidade” de Solano López. A narrativa é recheada de descrições sexuais, de profundo desejo, principalmente da parte de Elisa, que não tem receio de reafirmar repetidas vezes os prazeres que sente com Solano López e sua satisfação ao vê-lo também saciado sexualmente. Para além dos outros “poderes da mulher sobre o homem” — os cuidados com a casa e maternidade —, o sexo é um dos meios de Elisa tentar conter os desejos de Solano López por outras mulheres.

Apesar de Henri Pitaud insistir que Elisa se esforçava muito para sempre agradar Solano, de viver “separada em sua própria casa, como uma grande senhora, ocultando suas secretas relações com o também discreto companheiro de sua vida”,⁹⁹ isso não era suficiente para que ela tivesse uma boa relação nem com as “damas de Assunção” e nem com a família dele. No livro, o presidente Carlos López lhe disse pessoalmente que sua presença era um escândalo e que ela devia agir com discrição. Purificación Bermejo, esposa de Ildefonso Bermejo, se mostrava ofendida com a presença de uma “cortesã vulgar” e jurou que expulsaria Lynch de Assunção, chegando a tramar um plano frustrado para unir Solano López e Pancha Garmendia em 1858; ironicamente, alguns anos mais tarde, seu esposo teria flagrado a “paladina da moral” fazendo sexo com Natalicio Talavera. Neste livro, a relação de Elisa com a elite era muito difícil, por causa dos julgamentos rasos de que era alvo; por outro lado, admirava muito as jovens mulheres que trabalhavam no mercado e usavam “peinetas de oro” nos cabelos.¹⁰⁰ Sem

⁹⁸ PITAUD, Henri, op. cit., 1970, p. 94.

⁹⁹ O’LEARY, Juan, op. cit., 1970, p. 13.

¹⁰⁰ Como discuti melhor no capítulo 1, as *peinetas de oro*, ou *kyguá verá* eram mulheres paraguaias que, embora não pertencessem à elite, tinham relativa independência econômica e viviam com os frutos do próprio trabalho. Para Ana Barreto Valinotti, a proximidade em relação a esse grupo social foi um dos recursos mobilizados por

ter muitas pessoas para conviver, Elisa começou a “amar a vida solitária”¹⁰¹ e decidiu que “por Solano”, enfrentaria “este mundo desumano! Sorrir, sorrir sempre”.¹⁰²

O único momento em que o escritor alega que ela não conseguiu manter essa postura foi ao sofrer um aborto e, em seguida, receber uma carta de Juanita Pessoa, na qual ela lhe pedia que também cuidasse de José Félix, filho de Solano que havia nascido em 1860, cinco anos após a irlandesa chegar ao Paraguai. Solano López e Juanita Pessoa tiveram três filhos e isso mostrava a Lynch, segundo o autor, que a paraguaia possuía um poder muito grande sobre ele. Magoadada, Elisa teria se afastado de Solano López e de seu posto de enfermeira no exército paraguaio por quase um ano, mas decidiu retornar ao perceber a pequenez de seu sofrimento diante da luta do povo paraguaio na Guerra da Tríplice Aliança:

Meus olhos se abrem. Enquanto *este país, que é meu*, luta para sobreviver, já que cada dia morrem mais homens... O pequeno drama do meu coração ferido estava à frente da tragédia de todo o povo. É ridículo!¹⁰³ [Grifo meu]

No entendimento de Henri Pitaud, Elisa Lynch conheceu muito bem a tragédia do povo paraguaio, porque ele mostra que ela vivenciou o confronto de perto desde a declaração de guerra, até a morte de Solano e de seu filho. Quando chegou ao Paraguai em 1855, embora a natureza a encantasse, Elisa teve um certo grau de estranhamento com Assunção, que “ela” denominava como “cidade inimiga”, por causa das dificuldades de relacionamento que tinha com a elite. Um pouco mais adiante, a identificação entre a Elisa e o Paraguai, se dará, primeiro, pelo fato que o país era a nação do homem que ela tanto amava; no entanto, e mais intensamente, o Paraguai se torna “segunda pátria” de Elisa Lynch em 1859, quando Solano decidiu presenteá-la com uma propriedade rural, denominada “Quinta de los naranjos” por Henri Pitaud. Neste momento do livro, “ela” narra emocionada:

Uma parcela de terra paraguaia me pertencia. Eu já não seria uma estranha neste país! A fome por terra de meus antepassados celtas, enterrada em meu coração, se despertava. Com os olhos, dei uma volta pelo meu território, buscando palavras, palavras novas, capazes de expressar minha gratidão. Ao não as encontrar, sem voz, abracei Solano:

— Obrigada... Solano. Meu amor... Obrigada... Sua pátria será a minha...¹⁰⁴

O diálogo acima foi essencial para a configuração de Lynch enquanto “mulher paraguaia”. A partir de então, Henri Pitaud narra o início do governo de Solano López, tempos

Elisa Lynch e seus apologistas para afirmar que ela possuía apoio popular. VALINOTTI, Ana Barreto. “Alianzas estratégicas”. *Elisa Alicia Lynch*. Asunción: El Lector, 2011a.

¹⁰¹ PITAUD, Henri, op. cit., 1970, p. 60.

¹⁰² Ibidem, p. 58.

¹⁰³ Ibidem, p. 175.

¹⁰⁴ Ibidem, p. 108.

de glória e grande otimismo, quando teria passado a ter uma ingerência cultural significativa em Assunção, organizando bailes, festas e promovendo a importação de artigos de luxo europeus. “Apegada a esta terra por todas as fibras de uma mãe”,¹⁰⁵ a personagem teve um envolvimento, cada vez mais intenso, na sociedade paraguaia, que culminou com a Guerra da Tríplice Aliança e a sua participação efetiva como enfermeira, mas também como combatente na Batalha de Lomas Valentina (1868), onde Henri Pitaud afirma que ela liderou a participação das mulheres.¹⁰⁶

A dramaticidade, a submissão absoluta de Elisa Lynch e o tom profético que os diálogos assumem em diversos momentos do livro pode nos levar, em uma análise superficial, a questionar a correspondência das imagens transmitidas por Henri Pitaud com a “verdadeira” Elisa Lynch. Em relação a isso, não custa reafirmar, há uma correspondência apenas indireta entre *Madama Lynch* e a irlandesa enquanto figura histórica. Buscar indícios de uma “verdade factual” em biografias é um exercício inútil, porque não se concretiza sem ser à custa do próprio trabalho historiográfico:

O risco para o pesquisador que se deixa levar por esse feitiço das fontes pode ser trágico, na medida que seu resultado é o inverso do que é próprio dessas fontes: a verdade como sinceridade o faria acreditar no que diz a fonte como se ela fosse uma expressão do que “verdadeiramente aconteceu”, como se fosse a verdade dos fatos, o que evidentemente não existe em nenhum tipo de documento.¹⁰⁷

A Guerra da Tríplice Aliança, Solano López e Elisa Lynch, são elementos centrais no Paraguai, pelas condições nas quais o confronto se desenvolveu, pelas suas consequências, e também pela sua apropriação nos discursos políticos posteriores, nos quais os dois personagens foram convertidos em “mitos”. Existem inúmeras obras que discutem elementos vinculados ao confronto e, na grande maioria delas, inclusive nos livros de história, o que vemos são leituras que cristalizam esses dois personagens como “heróis” ou “vilões”, construindo as narrativas em torno dessas características, de modo a comprovar essa argumentação; *Madama Lynch* também faz isso. O discurso histórico paraguaio divulgado no período em questão tem um diálogo intenso com a memória e obedece a critérios diferenciados da historiografia ocidental moderna. Tal como observa Federico Navarrete a respeito de um mito fundador dos povos mexicas, ao

¹⁰⁵ Ibidem, p. 121.

¹⁰⁶ Em *Madama Lynch* há grandes descrições e/ou menções a batalhas ocorridas em 1866 (Riachuelo, Tuiuti, Sauce, Curuzu e Curupayty), 1868 (Ytotoró, Avaí e Lomas Valentina), 1869 (Piribebuy) e 1870 (Cerro Corá). Não há relatos sobre 1867, porque Elisa teria se afastado do exército neste ano.

¹⁰⁷ GOMES, Angela de Castro (Org.). “Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo”. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 15.

invés de tentar procurar uma verdade nesses discursos, é necessário reconhecer que as interpretações nacionalistas veiculadas pelo revisionismo historiográfico:

... se pretendem legítimos; que utilizam critérios particulares para distinguir o verdadeiro do falso; que parte de uma concepção socialmente determinada de realidade, de tempo e dos agentes históricos, que têm um fim persuasivo e legitimador; que estão vinculados a grupos sociais específicos.¹⁰⁸

A produção intelectual *lopista* sobre o passado paraguaio tinha uma preocupação pequena com a precisão histórica, sua “intenção era dar fé, ideais e um caminho para um povo dizimado pela guerra, para que pudesse começar a construir uma nova memória histórica”.¹⁰⁹ Mais do que apresentar a “verdade factual” sobre Elisa Lynch, era importante fazer “justiça” à sua memória; neste caso, isso pôde perfeitamente acontecer através de uma biografia escrita em primeira pessoa, baseada livremente em *Exposición y Protesta*.

Como um relato escrito na posteridade e que se pretende uma autobiografia, é interessante notar em Elisa, e mesmo em López, uma consciência e clareza absoluta do que vai acontecer. Na segunda parte do livro, denominada “a heroína”, quando a guerra já estava em curso, Pitaud discorre sobre a reunião que Solano havia conseguido com Mitre em setembro de 1866, para que discutissem a possibilidade de paz. Diante das objeções do presidente argentino, Solano percebeu que a paz era impossível. Preocupado e sem esperanças, o Marechal tem uma conversa profética com Elisa:

— Elisa! Quando eu deixar de existir, você se lembrará e será uma testemunha para nós, os mortos... *Nunca são os vencidos que escrevem a história...* Para justificar sua guerra, *os aliados irão me encher de injúrias...* Dirão que terão livrado o Paraguai de um tirano... Os jornalistas da Tríplice Aliança já estão fazendo isso... Elisa! Você deve ir embora do Paraguai enquanto ainda há tempo. (...)

— Solano, faz doze anos que uni a minha vida livremente a sua, para o melhor e para o pior! Aceitei tudo de antemão: a alegria, o sofrimento. Compartilhei contigo um pouco de suas tristezas... e também a sua glória... Você me deu uma vida rica.... Rimos juntos nas noites de alegria; choramos juntos sobre um túmulo¹¹⁰... *Caminharei com você nos dias sombrios da sua pátria, que também é a minha.* Não, Solano! Imploro que não insista! Estarei contigo até o último dia... Te amarei até a morte... Nada... nada... irá nos separar... O seu destino será o meu.¹¹¹ [Grifos meus]

¹⁰⁸ NAVARRETE, Federico. “Las fuentes indígenas más allá de la dicotomía entre historia y mito”. *Estudios de Cultura Náhuatl*. Ciudad de México (México), v. 30, p. 231-256.

¹⁰⁹ LAMBERT, Peter, op. cit., 2013, p. 350.

¹¹⁰ Aqui a personagem faz referência direta à morte da filha do casal, Corinna Adelaide Lynch (1856–1857).

¹¹¹ PITAUD, Henri, op. cit., 1970, p. 151.

Este é um dos trechos mais significativos do livro inteiro, porque além de reafirmar a fidelidade de Elisa ao Marechal e ao Paraguai, sua “pátria adotiva”, ainda reforça a interpretação *lopista* sobre a guerra, onde Solano López é apresentado como um herói que procurava resistir virtuosamente ao Brasil e à Argentina, que desejavam anexar a maior parte do território paraguaio. A fala de Solano López faz referência à interpretação liberal sobre o conflito, onde ele figurava como um tirano, mostrando que esse discurso nada mais era do que uma forma dos países aliados tentarem justificar a degradação que causavam ao Paraguai.

O trecho acima sintetiza também a imagem que o governo *stronista* pretendia transmitir a respeito do casal e do significado da guerra. Não é mero acaso que esse diálogo tenha sido reproduzido posteriormente, em *Cerro Corá* (1978), o primeiro longa-metragem produzido inteiramente no Paraguai e com financiamento do governo do General Stroessner. A trama do filme é dedicada principalmente a expressar e a exaltar o heroísmo paraguaio durante a Guerra da Tríplice Aliança mesmo em face da destruição do país, com uma ênfase evidente na atuação militar do Marechal López. Assim como *Madama Lynch*, esse filme foi utilizado pelo ditador como propaganda política, um meio de difundir os ideais nacionalistas.¹¹²

Dando continuidade à narrativa do livro, depois de Lynch mostrar-se decidida a permanecer no Paraguai, acompanhando o exército em suas adversidades, ela notava que Solano estava cada vez mais distante dela. Após a passagem de Humaitá, uma operação naval decisiva e vitoriosa dos países aliados em fevereiro de 1868, Henri Pitaud nos conta que, sob o comando do Marechal López, o exército paraguaio escapou em direção ao Chaco. Percebendo o drama do povo paraguaio, os inúteis apelos internacionais para que Pedro II encerrasse a guerra e a determinação do presidente em morrer pela pátria, Elisa finalmente entendeu que ela não era e nem devia ser prioridade do Marechal López, que:

pertence em corpo e alma a uma querida exigente: a Pátria... ele é de seus soldados.... de seus filhos.... de todo esse povo que o ama, que o segue fielmente, nesta guerra, à morte¹¹³

Durante a guerra, ela percebeu mais intensamente que devia acompanhá-lo com profunda abnegação, por amor a ele e ao Paraguai, sua pátria adotiva. As infidelidades e as transformações no comportamento dele eram menores, diante da grandeza do seu patriotismo, da invasão e destruição do país. Assim, a missão de Elisa poderia ser resumida em acompanhar o “herói” e oferecer suporte para ele. Alguns anos mais tarde, em 1878, a agora denominada

¹¹² SOUSA, Fábio Riberio de. “Muero con mi pátria: reconstituição e monumentalização histórica da Guerra do Paraguai no cinema paraguaio”. In: SQUINELO, Ana Paula (Org.). *150 anos após – A Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*. Campo Grande: UFMS, 2016, v. 2.

¹¹³ PITAUD, Henri, op. cit., 1970, p.191.

“Elisa Lynch López” foi convidada para um jantar por ninguém menos que Victor Hugo. Nesta ocasião, ele a teria apresentado à Madame Drouet, sua concubina. Em uma conversa informal sobre o papel das mulheres na vida dos “grandes homens”, Victor Hugo confirmou a ideia apresentada no início do livro, quando Elisa conheceu Lizst e a condessa Madame d’Agoult:

— Todos os grandes homens foram inspirados por uma mulher. Wagner não teria criado “Tristão e Isolda” sem a doce Matilde Wesendonk, que partiu depois de dez anos de amor... (...) Desde então, Cosima continua a missão de Matilde, a primeira e misteriosa inspiradora de Wagner.¹¹⁴

Em outras palavras, o poeta francês confirmava a certeza que “Elisa Lynch López” tinha de ter agido da maneira correta durante a guerra, acompanhando fielmente o Marechal López, “um grande homem”. Nos últimos momentos do confronto, quando o exército paraguaio se estabeleceu em Cerro Corá, sem nenhuma esperança, a não ser a morte gloriosa em batalha, Henri Pitaud mostra que Lynch não teve medo. O sofrimento por ver Panchito, seu filho, ser morto diante de seus olhos e de encontrar o cadáver do Marechal López mutilado, foi uma consequência inevitável para ela, assim como seria para qualquer “mulher paraguaia na Epopeia”. Diante da recusa do exército brasileiro em sepultar os dois, “ela” afirma:

Busquei um lugar à margem do rio onde Solano caiu. Ajoelhada com meu vestido de baile, comecei a cavar a terra com as mãos... Era tão suave, posto que lhe entregava meus seres amados. Logo minhas mãos começaram a doer, o cansaço me esgotava. Minha dor feroz recarregava minhas forças. Perto da cova, de joelhos com meu vestido cheio de terra, arrancava um punhado de terra atrás do outro... Raízes... Pedras. Cavar, cavar fundo para meus seres amados! Alucinada, cavava a terra com ferocidade. Da ponta dos meus dedos jorrava sangue...¹¹⁵

A imagem de Elisa Lynch enterrando seu filho e seu companheiro com as próprias mãos frente a um exército que se recusava a fazê-lo, pretende reforçar, mais uma vez, a sua profunda dedicação aos dois homens e ao Paraguai. De forma menos dramática, Elisa Lynch havia se limitado a dizer, em *Exposición y Protesta* que tinha cumprido “o dever mais doloroso e tremendo, o de sepultar meus entes queridos com minhas próprias mãos”.¹¹⁶ Esse episódio, de alta carga simbólica, seria novamente instrumentalizado pela ditadura em 1970, quando foi construída uma sepultura para acomodar os restos mortais de Lynch em Assunção.

Essas imagens cunhadas sobre a personagem na segunda metade dos anos 1950 — num momento em que os direitos civis femininos tinham acabado de ser reformados e discutia-se o

¹¹⁴ Ibidem, p. 291.

¹¹⁵ Ibidem, p. 248.

¹¹⁶ LYNCH, Elisa Alicia. “Declaração – Protesto que faz Elisa A. Lynch”. In: FANNING, Ronan; LILLIS, Michael. *Calúnia: Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Terceiro nome, 2009, p. 268.

sufrágio feminino —, o fato de Henri Pitaud escrever em primeira pessoa, a sua proximidade em relação ao governo e o tom moralizador da obra, podem ser indícios de que a biografia tinha as mulheres paraguaias como público-alvo. Por outro lado, a biografia dialoga com o que Luc Capdevila denominou como “pedagogia nacionalista”, iniciada pelo governo *febrerista* de 1936 e consolidada no *stronismo*. Baseada no princípio do livro único, ela dava ênfase aos chefes da Primeira República (1811–1870) e exaltava a resistência nacional durante a Guerra da Tríplice Aliança e a Guerra do Chaco.¹¹⁷ Se tivermos isso em mente, compreendemos mais facilmente por que cerca de um terço da biografia foi reservado para descrever e narrar batalhas e outros acontecimentos vinculados à guerra.

Madama Lynch é uma biografia relativamente simples e que reafirma valores nacionalistas que os paraguaios aprendiam desde cedo nas escolas, embora também exalte Elisa Lynch; por isso, era um livro que podia ser lido por um público muito mais amplo do que *Elisa Lynch de Quatrefages*, por exemplo. Confirmando as informações apresentadas em *Exposición y Protesta*, Henri Pitaud mostra que Elisa Lynch jamais se envolveu em nada que dizia respeito à política do Marechal, nem antes e nem durante a guerra; sua participação se resumiu a acompanhá-lo de forma abnegada, afinal “os homens do Paraguai não têm o costume de contar às mulheres o que é dito e feito”.¹¹⁸ Por outro lado, se *Madama Lynch* se aproveita da “exposição” que Elisa Lynch fez sobre sua trajetória, o livro dá muito pouco destaque ao seu “protesto”: embora Henri Pitaud mencione a pobreza de Elisa Lynch e o confisco das propriedades, não há grandes referências ou discussões sobre as fundamentações jurídicas e o discurso republicano mobilizado pela personagem para reaver as propriedades.

Em *Madama Lynch*, a irlandesa aparece como uma mulher resignada, que aceita tristemente seu destino e que diverge significativamente da posição enérgica assumida em *Exposición y Protesta*. Diferentemente, o objetivo principal da Elisa Lynch de Henri Pitaud não era recuperar seus bens confiscados e defender-se dos seus inimigos políticos, mas honrar a memória do Marechal López. Em *Madama Lynch* há um profundo, e eu diria incômodo, silêncio em relação à argumentação jurídica, à mobilização dos decretos do Governo Provisório e da Carta de 1870, que Elisa Lynch realizou em *Exposición y Protesta*. O confisco das propriedades não deixa de aparecer, mas Pitaud lhe atribui uma importância infinitamente menor no martírio que vivia “a sua” Elisa Lynch após a guerra.

¹¹⁷ CAPDEVILA, Luc, op. cit., 2010, p. 226-227.

¹¹⁸ PITAUD, Henri, op. cit., 1970, p. 115.

Henri Pitaud também nos mostra como a irlandesa enxergava as “calúnias” inventadas contra ela, logo após ser expulsa de Assunção em 1875:

Para apagar até mesmo a memória dos Heróis; para que ninguém respondesse a meus apelos, era preciso que a mulher do vencido fosse uma criatura abominável, que ninguém se atrevesse a defender...

Sobre mim caiu, durante anos, um dilúvio de calúnias e infâmias, inventadas por jornalistas mercenários — como o tal Varela, que cobrou cem mil pesos para escrever difamações —, pelo ódio partidário dos políticos que serviam aos vencedores, a voz hipócrita dos fariseus.

[Para eles], me tornei a prostituta dos bordéis de Paris, rodando de homem a homem, e indo ao Paraguai em busca de um novo teatro de crimes e estupros...¹¹⁹ [Grifos meus]

A difamação sofrida por Elisa Lynch era, então, um meio de apagar “a memória dos heróis”. Diante da impossibilidade de se defender, Henri Pitaud relatou que a irlandesa fez uma peregrinação a Jerusalém durante um ano, para pedir, “nos lugares onde Jesus sofreu por nós, a força para perdoar e a resignação para viver”.¹²⁰ Novamente, vemos a elaboração de uma narrativa inteira que tem como um dos objetivos a construção de Elisa Lynch como uma vítima, de forma semelhante ao que a própria personagem tentou fazer em *Exposición y Protesta*. Neste aspecto, um ponto diferencial importante é que embora Lynch tenha recorrido a esse mesmo recurso em seu texto de 1875, ela também reafirmou seu papel ativo, respondendo aos críticos de forma enérgica, elaborando argumentos, insistindo na legalidade de suas demandas. Já em *Madama Lynch*, essas estratégias discursivas são silenciadas, em reforço à cristalização do papel de Elisa enquanto uma vítima passiva diante das circunstâncias; isso é tudo o que a define no final do livro.¹²¹

“Exilada”, a protagonista de *Madama Lynch* viveu seus últimos anos em meio às suas recordações: um mapa do Paraguai, guampas, mate, bombas e os punhados de cabelos que ela havia cortado dos cadáveres de Solano López e Panchito antes de enterrá-los. Ao final de sua vida, vemos Elisa com câncer de estômago, tendo delírios com uma sonhada viagem de volta ao Paraguai, especificamente a Cerro Corá, onde desejava passar seus últimos dias. Essa imagem, pretensamente comovente, mostra um patriotismo sem tamanho, que partia de uma mulher que havia deliberadamente escolhido adotar o país como pátria, e que podia muito bem servir como exemplo às possíveis leitoras paraguaias.

¹¹⁹ Ibidem, p. 283.

¹²⁰ Ibidem, p. 284.

¹²¹ SARTI, Cynthia. “A vítima como figura contemporânea”. *Cadernos CRH*, Salvador, v. 24, n. 61, 2011.

Em sua divagação fantástica sobre a morte de Elisa, Henri Pitaud, mais uma vez, reforçou o caráter épico da biografia que escreveu. O tom excessivamente idílico e romanesco de sua narrativa foi o meio encontrado por ele para enaltecer uma personagem controversa, que ganhava novos contornos num momento em que o Estado pretendia recolher o revisionismo sobre a Guerra da Tríplice Aliança para si. A descrição de batalhas militares que a irlandesa teria presenciado, as ilustrações sobre o seu caráter sólido, leal e romântico, e a narrativa quimérica dos delírios de Elisa Lynch antes da morte pretendiam fincá-la como uma heroína inquestionável da “Epopéia”, por seu amor ao Marechal e inestimável apreço ao Paraguai.

Em linhas gerais, a caracterização oficial de Elisa Lynch durante a ditadura paraguaia seguiu as ideias colocadas em *Madama Lynch*. Autorizada por Juan O’Leary, o “cantor das glórias nacionais”, e reforçada por quatro edições da obra, a interpretação oficial e nacionalista de Lynch também foi mobilizada em outras iniciativas, especialmente a decisão de transladar as cinzas da irlandesa ao Paraguai em 1961. Nesse mesmo ano, foi aprovada também a lei que estendia o sufrágio às mulheres paraguaias.

O resgate das *residentas* e a reabilitação nacionalista da memória de Elisa Lynch não foram complementos triviais à narrativa nacionalista; corresponderam, por outro lado, a uma conjuntura histórica que colocava de forma persistente a necessidade de reconhecer a participação política das mulheres. Esse reconhecimento, ocorrido de forma controlada e em um momento em que os paraguaios não podiam exercer seus direitos de forma plena, também constituiu uma estratégia de Stroessner para conseguir apoio político. Elisa, elevada ao patamar de heroína nacional, não se envolvia em política, era submissa e acatava as decisões do Marechal sem questionar, por isso podia ser considerada um exemplo para as mulheres paraguaias.

Apesar da divulgação sólida que a memória nacionalista e *lopista* de Elisa Lynch obteve durante a ditadura de Stroessner, isso não significa que essa interpretação fosse a única. Em 1957, Concepción Leyes de Cháves, então presidente da Comissão Interamericana de Mulheres (CIM), havia publicado *Madame Lynch: Evocación*, na qual, embora fizesse uma interpretação positiva da atuação de Lynch no Paraguai, trazia algumas diferenças em relação à biografia escrita por Henri Pitaud, especialmente em relação à sua ingerência política.

3.2.3 A repatriação das cinzas

Dentro do processo de monumentalização da história paraguaia iniciada em 1936 e aprofundada durante o *stronismo*, podemos observar a edificação e densificação de “um espaço

mnêmico, que envolveu a sociedade, glorificando o Paraguai independente e guerreiro”.¹²² Além de homenagear Juan O’Leary através de um busto de bronze e de dar o nome do “historiador nacional” a uma rua do centro de Assunção, o governo promoveu a transformação da *Plaza de la Independencia* em um complexo patriótico composto por quatro pequenas praças destinadas a homenagear os “heróis”. As ruínas de locais ligados à Guerra da Tríplice Aliança, como a fortaleza de Humaitá, foram restauradas e convertidas em espaços monumentais de comemoração nacionalista.¹²³

Por estar profundamente ligada à “Epopéia”, Elisa Lynch também não foi esquecida nesse processo de monumentalização. Em relação a ela, um dos passos mais emblemáticos do ditador foi o traslado dos seus restos mortais, que até então se encontravam no cemitério Père-Lachaise de Paris. A medida teve um peso simbólico muito grande, porque significava o esforço de levar o revisionismo à exaltação de uma figura polêmica e certamente não consensual. Segundo Miguel Duarte de Barrios, cônsul paraguaio em Paris, as cinzas de Elisa Lynch foram recebidas por um público numeroso no porto de Assunção, sendo-lhes prestadas, ainda, honras oficiais correspondentes a Comandante em Chefe da Nação.¹²⁴ A data escolhida para a repatriação, dia 24 de julho de 1961, foi oportuna e simbólica, porque além de ser o aniversário de Francisco Solano López, guarda também uma proximidade temporal grande com a aprovação do sufrágio feminino no Paraguai, ocorrida poucos dias antes.

Inicialmente, a intenção de Alfredo Stroessner era depositar a urna funerária de Elisa Lynch no Panteão Nacional dos Heróis, junto ao Marechal López.¹²⁵ No entanto, como o monumento foi concebido inicialmente para ser Oratório da Virgem da Assunção e possui funções religiosas até os dias de hoje, a iniciativa do ditador contou com a resistência da Igreja Católica.¹²⁶ Aliás, a modificação no sentido inicial do Oratório da Virgem, para abrigar o monumento nacional onde repousariam os restos dos heróis paraguaios a partir de 1936, já incomodou bastante o clero paraguaio.¹²⁷ Como afirmou Paul Lewis, apesar de conseguir um controle mais efetivo sobre a atuação da oposição partidária, Stroessner teve que enfrentar uma

¹²² CAPDEVILA, Luc, op. cit., 2010, p. 224.

¹²³ Ibidem.

¹²⁴ PITAUD, Henri, op. cit., 1978, p. 380.

¹²⁵ A ideia muito provavelmente foi sugerida por Juan O’ Leary. Em uma carta datada de 1955 a Wenceslao Benítez, embaixador peruano no Paraguai, o escritor paraguaio afirmava que o Marechal López finalmente era reconhecido unanimemente por seu “sacrifício heroico”, e questionava se não havia chegado o momento de “repatriar” os restos mortais de Elisa Lynch, para depositá-los no Panteão Nacional dos Heróis. Cf. BREZZO, Liliana M., op. cit., 2014.

¹²⁶ FANNING, Ronan; LILLIS, Michael. “Um coração tornou-se frio”, op. cit., 2009.

¹²⁷ CAPDEVILA, Luc. “La apoteosis de Francisco Solano López, la convergencia lopista de outra post guerra”, op. cit., 2010, p. 223.

grande resistência por parte da Igreja Católica nos anos 1960. E embora a Igreja procurasse se manter politicamente neutra, os primeiros sinais de oposição ao regime surgiram já em 1958, quando o padre Ramón Talavera fez discursos críticos ao governo, sendo preso e exilado.¹²⁸

Com a fundação da *Universidad Católica “Nuestra Señora de la Asunción”* (UCA) no ano de 1960, a instituição se tornou centro de agitação contra a ditadura. Na mesma década, foram fundadas organizações de trabalhadores cristãos, como o “Centro de Trabajadores Cristianos” e as “Ligas Cristianas Agrarias”, e a “Conferência Episcopal” começou a se pronunciar politicamente contra o governo. A situação se tornava perigosamente insustentável para o ditador, que reagiu com grande violência a partir de 1968, perseguindo estudantes, expulsando e deportando professores da UCA e pressionando o Arcebispo de Assunção, que acabou renunciando ao cargo.¹²⁹ Ao longo de grande parte da década de 1960, Stroessner tratou a Igreja Católica com relativa cautela e é provavelmente por isso que preferiu não insistir no traslado das cinzas de Elisa Lynch ao Panteão dos Heróis, uma vez que tinha problemas mais imediatos e que desafiavam sua autoridade para lidar.

Diante desse impasse com a Igreja Católica, a urna funerária de Elisa Lynch ficou armazenada na alfândega e depois permaneceu em um museu militar de Assunção durante nove anos. Em 25 de julho de 1970, a urna foi trasladada pela *Avenida Mariscal López*, desde o Ministério da Defesa, até túmulo erigido no Cemitério *La Recoleta* de Assunção.¹³⁰ Novamente, a data em que a cerimônia ocorreu não foi escolhida ao acaso: 25 de julho é o dia seguinte ao aniversário do Marechal López, quando ocorriam importantes comemorações nacionais, e 1970 foi o ano marcado pelo encerramento das grandes celebrações do “Centenário da Epopeia Nacional”.

¹²⁸ LEWIS H. Paul, op. cit., 1986.

¹²⁹ Ibidem.

¹³⁰ PITAUD, Henri, op. cit., 1978, p. 381.



Imagem 2 – Fotografia do túmulo construído para acomodar a urna funerária de Elisa Lynch no cemitério assuncenho La Recoleta. Acervo pessoal.

Tal como na biografia *Madama Lynch*, Elisa Lynch não podia ser desvincilhada da figura do “herói nacional”, por isso em cima da sepultura onde as suas cinzas foram depositadas, foi construída uma grande estátua, na qual Lynch é representada em pé, de forma contida, frente aos túmulos de Solano López e de Panchito. Segundo seu próprio relato, *Exposición y Protesta*, e outros escritos posteriores, como *Madama Lynch*, eles teriam sido enterrados por ela; isso explicaria a pá reproduzida nas mãos da estátua.



Imagem 3 – Fotografia da estátua construída em cima do túmulo de Elisa Lynch. Acervo pessoal.



Imagem 4 – Em sua lápide, foi inscrito o seguinte texto: “Homenagem do povo, governo e forças armadas da nação, a Elisa Alicia Lynch, que com abnegação acompanhou ao herói máximo da pátria, o Marechal Francisco Solano López até a sua morte em Cerro Corá. 25/07/1970.” Acervo pessoal.

No dia seguinte ao traslado ao Cemitério *La Recoleta*, em 26 de julho, Stroessner assinou um texto publicado no jornal *Patria*,¹³¹ onde afirmava o seguinte:

Com o mesmo espírito de justiça do Marechal Francisco Solano López, nós honramos a memória de Elisa Alicia Lynch, a heroica companheira de sua vida, cujas mãos cristãs cavaram a terra para a tumba de seu filho, o coronel de quinze anos Francisco López, caído bravamente ao lado de seu pai...¹³²

Embora não tenha sido possível depositar as cinzas de Elisa Lynch no Panteão Nacional dos Heróis, ainda assim, houve um esforço por difundir uma imagem mais contida, reservada e abnegada da personagem. Apesar de sua ingerência pública não ser completamente negada, ela foi diminuída significativamente e totalmente atrelada ao esforço de guerra do Marechal López. A estátua erigida em cima do túmulo sintetiza e limita a importância de Elisa Lynch na guerra à dedicação e à abnegação cristã aos seus homens, do mesmo modo que ocorre em *Madama Lynch* de Henri Pitaud. Essa leitura é parecida, embora seja menos consensual, com a alegoria das *residentas*, “a única representação feminina da Guerra Grande no espaço público até os dias de hoje, com exceção da recordação controversa de Elisa Lynch”.¹³³

O traslado de Elisa Lynch ao Panteão Nacional dos Heróis, que simbolizaria a sua efetiva entrada ao cânone nacionalista, não foi possível durante o *stronismo*. Isso sugere que mesmo com o esforço para alçar a irlandesa como heroína nacional, não existia um consenso em torno desse assunto e o governo preferiu não insistir. Apesar disso, a cristalização de Elisa Lynch como ícone nacionalista foi efetiva em alguns setores políticos paraguaios, como demonstra a recente e malsucedida iniciativa de alunos da Academia de História Dr. Blás Garay, da Faculdade de Direito da *Universidad Nacional de Asunción* (UNA), que solicitaram ao Congresso Paraguai o traslado dos restos de Lynch ao Panteão Nacional dos Heróis em 2011, ano do bicentenário da independência paraguaia.¹³⁴

Para Joël Candau, todo indivíduo morto — seja ele célebre, carrasco, anônimo, importante — pode se tornar objeto de memória e de identidade. Esse tipo de memória tende à idealização e à criação de personagens-modelo, nos quais são mascarados defeitos e enaltecidas

¹³¹ Como mencionei no capítulo 2, o periódico *La Patria* pertenceu a Enrique Venancio Solano López. Posteriormente, foi incorporado ao Partido Colorado, tornou-se um dos porta-vozes do regime *stronista* e o jornal com maior circulação no Paraguai. MORAES, Ceres. “O Partido Colorado como instrumento de dominação e repressão”. *Paraguai: a consolidação da ditadura de Stroessner (1954–63)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 58.

¹³² Apud: PITAUD, Henri, op. cit., 1978, p. 371.

¹³³ CAPDEVILA, Luc, op. cit., 2010, p. 240.

¹³⁴ Madame Lynch al Panteón. *ABC color*, Paraguai, 13 de novembro de 2011. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impres/politica/madame-lynch-alpanteon-332017.html>>. Acesso em: 30/12/2017.

as virtudes, “transcendendo as qualidades pessoais do defunto através de um modelo que combina arquétipos e estereótipos”. A emulação desses personagens pode se manifestar “por tentativas de panteonização, que serão sempre jogos identitários para o grupo, sociedade ou nação”.¹³⁵ Algumas comunidades atribuem grande peso de memória a certos personagens históricos, que são instrumentalizados nessas construções das identidades coletivas. Esse parece ser o caso paraguaio.

Esse trabalho da memória e da identidade que se organiza ao redor dos mortos se manifesta explicitamente nos monumentos cuja etimologia, por outro lado, remete à recordação: sua função é instigar, pela emoção, uma memória viva, dar a ver a perenidade e manter assim a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar (...) Desse ponto de vista o monumento expressa, tal como a arquitetura, uma arte de memória compartilhada, mesmo que esse compartilhamento permaneça ilusório.¹³⁶

As comemorações são seletivas e se inscrevem em um projeto do presente. A memória, história supostamente compartilhada, “é selecionada, evocada, invocada e proposta à celebração em um projeto integrador que busca forjar uma unidade: aquela imaginada do acontecimento comemorado e do grupo que o comemora”.¹³⁷ No Paraguai, a criação de um panteão para os heróis nacionais, a construção de monumentos aos combatentes anônimos, o traslado do corpo de Elisa Lynch e as comemorações anuais das efemérides procuraram fortificar um sentimento de unidade entre os paraguaios a partir uma memória histórica. O passado foi instrumentalizado por um projeto político autoritário, tornando-se um sustentáculo ideológico do governo Stroessner.

3.3 Elisa Lynch como ícone no movimento sufragista

A tentativa de aprofundar o nacionalismo *lopista*, através da instrumentalização de uma mulher cuja trajetória era considerada tão polêmica parece ter confluído com a necessidade latente de admitir direitos políticos às mulheres paraguaias. A exaltação à controversa irlandesa, no entanto, não se restringiu somente à biografia oficial escrita por Henri Pitaud. Em 1957, um ano antes de *Madama Lynch* vir a público, a escritora paraguaia María Concepción Leyes de Cháves publicou o livro *Madame Lynch: Evocación*, por meio do qual enalteceu a personagem e valorizou o governo do Marechal López. O uso da memória de Lynch aqui também parece relacionado à necessidade de reconhecer direitos políticos às mulheres, particularmente pelo

¹³⁵ CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2016, p. 143.

¹³⁶ *Ibidem*, p. 145.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 149.

fato da autora ter tido um engajamento considerável na luta pelos direitos civis e o sufrágio feminino no Paraguai.

Diferente de Henri Pitaud, que destacou o heroísmo do presidente e apresentou uma imagem excessivamente idílica de Elisa Lynch, Leyes de Cháves preferiu dar ênfase ao desequilíbrio entre o casal, manifesto inicialmente na arrogância de Solano López em relação às mulheres e a submissão de Lynch ao homem que amava. Gradativamente, os personagens adquiriram novas feições na obra e a irlandesa passa a apresentar uma interessante inserção na esfera pública paraguaia.

Leyes de Cháves utilizou a trajetória de Elisa Lynch para questionar o “conceito paraguaio de que a mulher é um simples elemento de prazer e comodidade” e comprovar a necessidade de tratá-la como um “ser pensante”, que tem capacidade de escolher e raciocinar politicamente.¹³⁸ Antes de iniciar a análise de *Madame Lynch: Evocación*, faz-se necessário discutir alguns aspectos relacionados ao engajamento político de Leyes de Cháves e de seus familiares no Paraguai, a revisão do Código Civil paraguaio (1954) e a aprovação do sufrágio feminino (1961), enfatizando a argumentação mobilizada para tanto e os ideais de comportamento feminino então vinculados à ratificação desses direitos.

3.3.1 A reivindicação de direitos das mulheres e a “coloradização” do sufragismo

A obra *Madame Lynch: Evocación* da escritora paraguaia María Concepción Leyes de Cháves (1891–1985) foi publicada pela primeira vez em 1957 em Buenos Aires. Embora o livro traga uma leitura nacionalista sobre Elisa Lynch, Solano López e o Paraguai dos López, o empreendimento de Leyes de Cháves não teve a mesma acolhida do que o escrito de Henri Pitaud na época de publicação. Reconhecer isso não implica em afirmar que Leyes de Cháves era uma personagem marginalizada no Paraguai. Na verdade, foi uma das poucas mulheres que conseguiu adquirir notoriedade como representante da literatura paraguaia na década de 1940, quando publicou seu primeiro romance costumbrista, *Tava’i*, e recebeu o primeiro prêmio de romances do *Ateneo Paraguayo de Asunción*. Autora de romances nos anos 1940 e 1950, ela também escreveu livros didáticos que foram selecionados para serem utilizados em escolas primárias do Paraguai.¹³⁹

¹³⁸ LEYES DE CHÁVES, María Concepción. *Madame Lynch. Evocación*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1960, p. 261.

¹³⁹ VALINOTTI, Ana Montserrat Barreto. “Concepción Leyes de Cháves”. *Mujeres que hicieron historia en el Paraguay*. Asunción: Servilibro, 2011b.

Além de sua atuação literária, é importante destacar que Concepción Leyes de Cháves pertencia a uma importante família paraguaia, que teve grande relevância política no país. Seu marido era o político e jornalista paraguaio Manuel Wenceslao Cháves (1878-1939), irmão do presidente deposto Federico Chaves.¹⁴⁰ Junto do esposo, engajou-se no jornalismo e na área editorial dos periódicos “El país”, “La prensa” e “El tempo”, fundados por ele.¹⁴¹ Seu filho, Osvaldo Cháves (1919-1991), também teve grande destaque na política paraguaia, foi embaixador nos EUA e se empenhou na campanha contrária ao segundo mandato de Stroessner. Redator da “Nota de los 17”, Osvaldo foi preso e obrigado a se exilar em Buenos Aires durante trinta anos.¹⁴²

O engajamento de Leyes de Cháves na cena pública parece ter crescido substancialmente após a morte de seu esposo em 1939. Os aspectos que mais chamam a atenção em sua trajetória, a partir de então, são a sua intensa dedicação na luta pelo reconhecimento do sufrágio feminino no Paraguai e a sua adesão ao Partido Colorado.¹⁴³ A sua atuação literária e seu interesse pelos direitos das mulheres lhe renderam várias condecorações e premiações, e permitiram que ela fosse eleita por unanimidade como presidente da Comissão Interamericana de Mulheres (CIM) para o período 1953 a 1957.¹⁴⁴

A CIM é uma organização vinculada à Organização dos Estados Americanos (OEA), que foi criada em 1928, após várias críticas à impossibilidade das mulheres participarem como delegadas oficiais e incluírem suas pautas nas Conferências Internacionais Americanas. Logo após a fundação, foi encomendado à Comissão um estudo a respeito da condição jurídica das mulheres nas Américas, que evidenciou a grande desigualdade entre homens e mulheres, e a necessidade de ampliar os direitos civis e políticos das mulheres nas repúblicas americanas. Sendo assim, a primeira meta hemisférica da CIM foi justamente alcançar o direito ao sufrágio

¹⁴⁰ LEWIS, Paul H.. “La purga de democráticos”, op. cit., 1986, p. 168.

¹⁴¹ MANUEL WENCESLAO CHAVES. *Portal Guarani*. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/1663_manuel_wenceslao_chaves.html>. Acesso em: 13/12/2019.

¹⁴² LEWIS, Paul H.. “La purga de democráticos”, op. cit., 1986.

¹⁴³ O Partido Colorado foi a instituição partidária cujos representantes mais se manifestaram publicamente a favor do reconhecimento do sufrágio feminino. Inclusive, o primeiro projeto de lei com a finalidade de consagrar legalmente os direitos civis e políticos das mulheres paraguaias foi proposto pelo deputado colorado Telémaco Silvera em 1919. Em 1928, após uma reforma eleitoral que permitiu o acesso de membros colorados ao parlamento, a ANR habilitou a inscrição de mulheres nos registros do partido. A partir de então, elas puderam participar de comícios internos da ANR e logo começaram a reclamar sua presença na direção do partido e em atividades políticas no país. Esse pioneirismo colorado seria lembrado mais tarde, durante a ditadura de Stroessner, com um sensível silenciamento de outras personalidades não-coloradas que também se engajaram na mesma causa. Cf. MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, Mary. “Cronología de acontecimientos en la lucha por los derechos políticos de las mujeres en Paraguay. In: BAREIRO, Line; MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, Mary; SOTO, Clyde (Orgs.). *Al Fin Ciudadanas, 50 años de derechos políticos de las mujeres en Paraguay*. Asunción: CDE, 2011.

¹⁴⁴ VALINOTTI, Ana Montserrat Barreto, op. cit., 2011b.

feminino, tarefa que somente foi atingida em 1961, após o Paraguai finalmente estender o direito ao voto às mulheres.¹⁴⁵

No período em que Concepción Leyes de Cháves foi presidente da CIM (1953–1957), seu cunhado foi deposto, Alfredo Stroessner subiu à presidência do Paraguai e o Código Civil foi revisto pela Lei 236/54, que modificou parte das suas determinações discriminatórias contra as mulheres.¹⁴⁶ A escritora foi escolhida como uma das mulheres mais destacadas da América em 1955,¹⁴⁷ e pouco depois escreveu e publicou *Madame Lynch: Evocación* em 1957. Nesse mesmo período, Leyes de Cháves acompanhou a aprovação do sufrágio feminino em Honduras, na Nicarágua, no Peru e na Colômbia, e percebeu que as mulheres paraguaias seriam as últimas latino-americanas a terem o direito ao voto. Apesar da demora, a mobilização pela aprovação do sufrágio feminino no Paraguai não era um fenômeno recente.

Segundo a paraguaia Clyde Soto, um movimento que reivindicava a livre expressão e associação política das mulheres começou a tomar forma no período entre a Guerra da Tríplice Aliança e o início do século XX, quando as mulheres paraguaias passaram a ter uma presença progressiva na cena pública, reivindicando direitos e responsabilidades “na construção e defesa do Paraguai”.¹⁴⁸ Após o confronto, a reconstrução social e econômica do país nas décadas seguintes foi acompanhada também pela organização de uma educação básica e técnica voltada às mulheres, uma vez que, com o desequilíbrio demográfico resultante da guerra, entendia-se que “o futuro da nação dependia delas”.¹⁴⁹ A recuperação gradual do Paraguai, com o estabelecimento de fábricas têxteis, de alimentos, calçados e tabaco, com uma presença massiva de mão-de-obra de mulheres, levou ao estabelecimento de sindicatos e associações femininas. As mulheres de classe média e alta tinham melhores perspectivas educacionais — especialmente com o estabelecimento de Escolas Normais —, oportunizando outras

¹⁴⁵ Historia breve de la Comisión Interamericana de Mujeres. OEA. *Más derechos para más gente*. Disponível em: <[http://www.oas.org/es/cim/docs/BriefHistory\[SP\].pdf](http://www.oas.org/es/cim/docs/BriefHistory[SP].pdf)>. Acesso em: 06/01/2019.

¹⁴⁶ A partir da lei 236/54, foi aprovado que as mulheres solteiras, divorciadas e viúvas possuíam os mesmos direitos civis que a lei reconhecia aos homens adultos. No entanto, as mulheres casadas ainda tinham seus direitos restringidos, na medida que, por exemplo, o marido era tido como o administrador legítimo de todos os bens do casal, era necessário o seu consentimento para que a mulher pudesse exercer qualquer profissão e o local de residência do casal deveria ser escolhido e fixado por ele. Cf. Ley N° 236 / DE LOS DERECHOS CIVILES DE LA MUJER. *Biblioteca y Archivo Central del Congreso de la Nación*, 2013. Disponível em: <<http://www.bacn.gov.py/leyes-paraguayas/983/ley-n-236-de-los-derechos-civiles-de-la-mujer>>. Acesso em: 19/02/2019.

¹⁴⁷ VALINOTTI, Ana Montserrat Barreto, op. cit., 2011b.

¹⁴⁸ SOTO, Clyde. “Un hito en el camino de la ciudadanía femenina”. In: BAREIRO, Line; MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, Mary; SOTO, Clyde (Orgs.), op. cit., 2011, p. 20.

¹⁴⁹ POTTHAST, Barbara. “La mujer en la historia del Paraguay”. In: TELESKA, Ignacio (Org), op. cit., 2010, p. 326.

possibilidades profissionais e o contato com ideias feministas provenientes da Europa e dos Estados Unidos.¹⁵⁰

O movimento sufragista, assim denominado, teria surgido em inícios do século XX, contando com a influência de algumas personalidades públicas que se engajaram na defesa da igualdade de direitos políticos para homens e mulheres; este é o caso, por exemplo, de Serafina Dávalos, a primeira mulher reconhecidamente feminista e a primeira advogada formada no Paraguai, e Telemáco Silvera, que apresentou o primeiro projeto de lei, em 1919, que buscava consagrar a igualdade civil e política das mulheres.¹⁵¹ Até meados do século XX diversas organizações feministas surgiram no Paraguai, mobilizadas principalmente na luta pelo sufrágio. A primeira delas, o *Centro Feminista Paraguayo*, foi fundada em 1920, com o objetivo de organizar o empenho para reivindicação dos direitos das mulheres e contribuir com um congresso internacional sobre o tema que ocorreria em Madri. Em relação a isso, é possível identificar um vínculo institucional importante entre algumas expressões do movimento sufragista paraguaio e o Partido Colorado, com a abertura de registros de mulheres no partido a partir de 1928, a organização da *Comisión de Damas Coloradas* em 1948 e a fundação da *Liga Paraguaya Pro Derechos de la Mujer*, em 1951, por mulheres coloradas.¹⁵²

A convergência entre os anseios das sufragistas paraguaias, o trabalho hemisférico que era realizado na CIM e o discurso democrático e liberal que predominava após a Segunda Guerra Mundial, levaram a um convênio pan-americano em 1948, no qual os países latino-americanos se comprometeram a estabelecer a igualdade jurídica e política das mulheres. O Paraguai ratificou este convênio em 1951, e neste mesmo ano foi fundada a *Liga Paraguaya Pro Derechos de la Mujer*, que pressionou para estabelecer mudanças civis e políticas para as mulheres.¹⁵³

A ratificação do convênio e a fundação da *Liga* não levaram a alterações imediatas no Código Civil paraguaio e nem ao rápido reconhecimento dos direitos políticos das mulheres. Durante o governo do colorado Federico Chaves (1950–1954) e da ditadura de Alfredo Stroessner (1954–1989), o funcionamento de “associações cidadãs” ocorria somente com uma atenta supervisão por parte do governo e uma vinculação necessária ao Partido Colorado. Assim, a *Liga Paraguaya Pro Derechos de la Mujer*, esteve fortemente vinculada aos colorados

¹⁵⁰ Ibidem.

¹⁵¹ SOTO, Clyde, op. cit, 2011.

¹⁵² MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, Mary, op. cit, 2011.

¹⁵³ POTTHAST, Barbara, op. cit., p. 331.

desde o início, reivindicando os direitos civis e políticos para mulheres paraguaias.¹⁵⁴ A proximidade com a ditadura *stronista* foi tão grande que chegou ao ponto de Ligia Mora de Stroessner, esposa do ditador, ser nomeada presidente honorária da associação.¹⁵⁵

Contando com a participação de importantes líderes feministas paraguaias em suas fileiras, como Serafina Dávalos, Mercedes Sandoval, e a escritora Concepción Leyes de Cháves, a *Liga* organizou encontros, conferências e programas de rádio, editou e fundou seu próprio periódico, denominado *El Feminista* (1953–1962).¹⁵⁶ Considerando-se representante de todas as mulheres que lutavam e lutaram para a conquista de seus direitos desde o início do século XX, *El Feminista* não entendia o feminismo de forma revolucionária, mas como uma etapa evolutiva de progresso social, no qual a inserção das mulheres na política era vista como indispensável. O periódico tinha um perfil conservador e colocava-se como defensor da democracia, com um grande apelo anticomunista.¹⁵⁷ Com apoio governamental, uma modificação significativa impulsionada pela *Liga* e por *El Feminista* foi a revisão do Código Civil paraguaio em 1954, que ampliou o direito das mulheres solteiras, mas manteve as profundas discriminações em relação às mulheres casadas.¹⁵⁸

Por meio de uma conveniente aproximação da *Liga Paraguaya Pro Derechos de la Mujer* — a organização sufragista paraguaia com maior notoriedade na época —, da instrumentalização das *residentas* e da reabilitação nacionalista de Elisa Lynch, através do apelo a um modelo de domesticidade, abnegação e submissão, a ditadura podia se prevenir de uma possível radicalização do movimento feminista, ao passo que também atendia uma demanda pelo reconhecimento da participação política das mulheres paraguaias. Com um discurso que relembra o papel atribuído às *residentas* paraguaias na Guerra da Tríplice Aliança, Alfredo Stroessner e Edgar Insfrán solicitaram que a Câmara de Representantes discutisse e aprovasse o projeto de lei 704 em 1961:

E ao discutir uma lei que aprove direitos e obrigações à mulher de nosso país, vale a pena ressaltar que a mulher paraguaia jamais fugiu das obrigações que surgiram em seu caminho. Cada página de nossa história leva impressa, com características próprias e exclusivas, a extraordinária capacidade da mulher paraguaia para o sacrifício: a prova disso são os capítulos de abnegação e valor

¹⁵⁴ MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, Mary, op. cit., 2011.

¹⁵⁵ VALINOTTI, Ana Montserrat Barreto. *Espacio de mujeres políticas: las ellas en la política paraguaya, 200 años de puertas por descubrir*. Asunción: Decidamos, 2013, p. 70.

¹⁵⁶ POTTHAST, Barbara, op. cit., p. 331.

¹⁵⁷ MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, Mary. “Los ecos de la prensa femenina en la primera mitad del siglo XX”. In: CASAL, Juan Manuel; WHIGAM, Thomas L. (Orgs.), op. cit., 2013.

¹⁵⁸ MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, Mary, op. cit., 2011.

que as *residentas* que acompanharam o marechal até Cerro Corá escreveram.¹⁵⁹

Pouco depois, em 30 de junho de 1961, o projeto foi aprovado por unanimidade na Câmara dos Representantes, o que obviamente não significa que não houvesse oposição. Nos discursos proferidos pelos representantes, foi lembrado, novamente, o importante papel atribuído às mulheres paraguaias nas contendas internacionais em que o país se envolveu, e o protagonismo do Partido Colorado na reivindicação do sufrágio feminino. Em vários discursos, a justificativa utilizada para reconhecer os direitos políticos das mulheres é o destacado papel das paraguaias enquanto mães, irmãs e esposas, sempre altruístas e patriotas, por quem os representantes guardavam “afetos, admiração e compreensão”:

A mulher é o guardião vigilante e abnegado que a natureza dá à humanidade. Ela é o gênio benfeitor que preside o lar, onde se atribuem as virtudes e se forja o caráter do homem. Ela é o guia, conselheiro na juventude, confidente e base espiritual do homem adulto.¹⁶⁰

Nessa mesma linha argumentativa, Hermógenes Maya assinalava que “não chega a fazer dez anos que lhes foi dado o direito civil, e agora lhes vamos dar o direito político”.¹⁶¹ Nesse momento, parecia coerente “dar” o direito ao voto às mulheres paraguaias; pouco se discutia se elas poderiam ocupar cargos políticos e intervir na esfera pública. No discurso de Manuel Frutos Pane, Concepción Leyes de Cháves foi definida como “uma colorada, a mãe dos colorados”.¹⁶² A maioria dos representantes não se lembrou da atuação das feministas paraguaias na luta pelo sufrágio, tanto em nível nacional quanto internacional.

Essa argumentação, no entanto, não parece configurar uma particularidade específica do debate sufragista no Paraguai. Ao discutir as propostas legislativas de reformas nos Códigos Civis do Chile, Argentina e Uruguai na primeira metade do século XX, a historiadora cubana Asunción Lavrin apontou que não existiam projetos que propusessem a mudança radical das funções sociais e familiares das mulheres. A base das mudanças propostas era, sobretudo, de vertente tradicional e nenhum dos legisladores deixava de manifestar seu profundo respeito à feminilidade e nem de louvar a maternidade.¹⁶³

¹⁵⁹ Apud: Ibidem, p. 97.

¹⁶⁰ Apud: BAREIRO, Line; MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, Mary; SOTO, Clyde (Orgs.). “La ley 704 de Derechos Políticos de la Mujer, del 5 de julio de 1961, y su decreto reglamentario”, op. cit., 2011, p. 163.

¹⁶¹ Ibidem, p. 170.

¹⁶² Apud: MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, Mary, op. cit., 2011, p. 100.

¹⁶³ LAVRIN, Asunción. “Permítase que la mujer sea igual al hombre ante la ley”. *Mujeres, feminismo y cambio social en Argentina, Chile y Uruguay (1890–1940)*. Chile: Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2005.

A conquista do sufrágio feminino “foi tanto uma vitória das lutas femininas iniciadas no princípio do século, como da conjuntura internacional e da estratégia política de Stroessner”.¹⁶⁴ A aprovação dos direitos políticos das mulheres durante a ditadura figura como um plano de Stroessner para conseguir maior apoio político, ainda que os paraguaios e paraguaias estivessem impedidos de exercer seus direitos plenamente. Diante dessa instrumentalização da demanda sufragista, não parece por acaso que o governo paraguaio tenha optado por fazer a “repatriação” dos restos mortais de Elisa Lynch, agora defendida como uma “heroína nacional”, poucos dias após a promulgação da lei 704/61. Embora a ideia inicial de depositar a urna funerária no Panteão dos Heróis tenha fracassado, a imagem difundida sobre a irlandesa não divergia, como vimos, dos símbolos de representação feminina cultuados durante a ditadura. Ironicamente, a aprovação dos direitos políticos das mulheres paraguaias parece estar vinculada ao enaltecimento aos papéis tradicionais das mulheres.

Apesar da proximidade de Leyes de Cháves com o governo colorado e de sua participação na *Liga Paraguaya Pro Derechos de la Mujer*, seu livro sobre Lynch não obteve o mesmo apoio governamental do que o escrito por Henri Pitaud. Embora não fosse uma personagem marginalizada, é importante ressaltar que María Concepción Leyes de Cháves parece ter tido suas atividades reconhecidas principalmente no âmbito internacional; recebeu, por exemplo, uma medalha de honra do Instituto Feminino de Caracas em 1958 e a Ordem Nacional do Mérito do Brasil em 1969, além de ter sido designada como assessora emérita da Comissão Interamericana de Mulheres em 1980.¹⁶⁵ Apesar de *Madame Lynch: Evocación* ter sido traduzido ao português brasileiro e ter tido duas edições portenhas, o livro não teve uma edição paraguaia antes dos anos 1990, quando a autora já havia falecido.

A militância política de seu filho, Osvaldo Cháves, certamente é um dos elementos que pode ajudar a explicar a baixa repercussão de *Madame Lynch: Evocación* no Paraguai. Como já mencionei anteriormente, depois de se opor ao segundo mandato de Stroessner e redigir a “Nota de los 17”, Osvaldo Cháves foi preso e obrigado a partir a Buenos Aires. O paraguaio também foi um membro-fundador e mentor intelectual do MOPOCO (Movimiento Popular Colorado), um agrupamento político de oposição ao regime, que foi formado principalmente por colorados exilados após a segunda “purga” colorada em 1959.¹⁶⁶ Por isso, mesmo sendo uma escritora reconhecida internacionalmente, a impossibilidade de Leyes de Cháves publicar

¹⁶⁴ POTTHAST, Barbara, op. cit., p. 331.

¹⁶⁵ VALINOTTI, Ana Montserrat Barreto, op. cit., 2011b.

¹⁶⁶ LEWIS, Paul H.. “La purga de democráticos” e “La oposición no tolerada”, op. cit., 1986.

sua obra no Paraguai provavelmente tem relação direta com as manifestações políticas de sua controversa família.

Além dos aspectos mencionados acima, é possível afirmar ainda que a leitura de Leyes de Cháves sobre a irlandesa não encontrava uma afinidade tão profunda e idílica com o nacionalismo *lopista*, muito embora estivesse em pleno diálogo com ele. A escritora também não possuía nenhum “padrinho político” como era o caso de Henri Pitaud com Juan O’Leary.

Assim, após fazer algumas considerações sobre a trajetória profissional e política da autora, e das condições nas quais o sufrágio feminino, que ela tanto almejava, foi alcançado no Paraguai, é importante também analisar as imagens que foram veiculadas por Concepción Leyes de Cháves sobre Elisa Lynch. Essa tarefa nos permitirá observar uma segunda interpretação laudatória e nacionalista sobre a irlandesa, analisar semelhanças e diferenças em relação à leitura predominante difundida no *stronismo*, além de avaliar outros usos políticos do passado que podem estar ligados à empreitada de Leyes de Cháves. Por meio da comparação textual das duas biografias, também será possível discutir por que o livro da escritora paraguaia foi preterido neste momento.

3.3.2 A constituição de Elisa Lynch enquanto “um ser pensante”

Madame Lynch: Evocación é um livro com um apelo nacionalista menos categórico do que a obra escrita por Henri Pitaud. Leyes de Cháves constrói personagens mais complexos, sem silenciar as polêmicas que rondam os protagonistas. Como comentei anteriormente, embora Leyes de Cháves tivesse uma notoriedade considerável no Paraguai, a escritora não conseguiu publicar *Madame Lynch: Evocación* no país. Apesar disso, o livro chegou a ser traduzido para o português brasileiro em 1960, sem alterações substanciais na obra, e teve edições subsequentes em espanhol. A partir da segunda edição, publicada em Buenos Aires em 1976, a autora optou por modificar o título do livro, nomeando-o como *Madame Lynch y Solano López*, deixando de destacar a evocação ao passado que “sua” Elisa Lynch faz no livro, para enfatizar o casal que, de algum modo, divide o protagonismo da obra.¹⁶⁷

O vocábulo “evocação”, que faz parte do título inicial, está “intimamente ligado com a recordação, com a memória, os fantasmas e os espíritos de um passado distante”, através do qual a autora atribui ao livro um “sentido quase onírico”.¹⁶⁸ A alteração do nome da obra,

¹⁶⁷ LEYES DE CHÁVES, María Concepción. *Madame Lynch y Solano López*. Buenos Aires: Talleres Artes Gráficas Negri, 1976.

¹⁶⁸ DIONISI, Maria Gabriella. “Lecturas y re-lecturas de la “Madama del Paraguay”: un recorrido bibliográfico”. *Estudios Paraguayos*. Assunção, v. 26-27, n. 1-2, 2008-2009, p. 4.

portanto, retira a ênfase inicial no ato de recordar, e a transfere para os principais personagens da narrativa. Mais do que a alteração no título, as duas edições paraguaias (1996, 2011) de seu livro excluíram o texto introdutório dedicado “Al Lector”.¹⁶⁹ Neste pequeno texto, a autora explicitou suas motivações e pretensões ao escrever a obra, abdicando de precisão histórica e reivindicações políticas:

Este livro não é um tratado de história nem uma tentativa de reivindicação política; é a evocação de uma época e de uma personalidade, mescla de imaginação e de relatos colhidos.¹⁷⁰

A sua renúncia de buscar veracidade histórica parece suficiente para que alguns autores definam o livro como um romance. Apesar de mostrar-se consciente de que sua obra não tinha uma ligação direta com a “verdade”, a autora também afirmou que buscava o que havia de “verdadeiro, feminino e essencial” na personalidade de Elisa Lynch. Leyes de Cháves não renunciava completamente à “verdade”, mas se prevenia de possíveis críticas quanto à veracidade de alguns episódios narrados.¹⁷¹ Para o historiador francês François Dosse, ao encontrar-se diante de lacunas documentais ou diferentes paradigmas, os biógrafos se veem diante de uma grande pluralidade de reconstruções possíveis sobre um determinado indivíduo; por isso, precisam “preencher as lacunas documentais e valer-se da intuição para ligar traços descontínuos”.¹⁷² Nesse sentido, Dosse entende que todas as biografias são, em algum nível, romanceadas, na medida que não é possível retratar uma verdade sobre a vida ou trajetória de um personagem. Dessa forma, entendo que o trecho acima não diminui o caráter biográfico do livro, uma vez que ela adota procedimentos semelhantes aos utilizados em outras biografias; o seu diferencial é que ela os explicita.

No entanto, mais do que essa questão dos procedimentos da autora e da pretensão de encontrar a “verdadeira” personalidade de Lynch, outro aspecto do texto “Al Lector” chama muito mais a atenção. Neste texto esclarecedor de apenas duas páginas, Leyes de Cháves afirmou que “a personalidade da mulher dinâmica e criadora é um fenômeno social que apenas desponta no mundo contemporâneo”. A autora identificou que a valorização das mulheres não ocorria até pouco tempo, muito embora elas pudessem estar vinculadas a grandes realizações

¹⁶⁹ LEYES DE CHÁVES, María Concepción. *Madame Lynch y Solano López*. Asunción: El Lector, 1996. e LEYES DE CHÁVES, María Concepción. *Madame Lynch y Solano López*. Asunción: Servilibro, 2011.

¹⁷⁰ LEYES DE CHÁVES, María Concepción. “Ao Leitor”, op. cit., 1960, p. 8.

¹⁷¹ DIONISI, Maria Gabriella. “Novelando se escribe la historia: De lo dramático a lo espectacular”. In: CASAL, Juan Manuel; WHIGAM, Thomas L. (Orgs.). *Paraguay en la historia, la literatura y la memoria. II Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay en la Universidad de Montevideo*. Asunción: Tiempo de Historia/Universidad de Montevideo, 2011, p. 220.

¹⁷² DOSSE, François. “A biografia é um verdadeiro romance”. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. São Paulo: Edusp, 2009, 67.

sociais. Utilizando o exemplo de Marie Curie e de Madame Chiang Kai-shek, que obtiveram notoriedade no mundo científico e político, respectivamente, a escritora paraguaia alega que essas mulheres conseguiram se firmar publicamente através da “lógica do coração”; em outras palavras, por meio dos “homens excepcionais” que as amaram.

No caso de Elisa Lynch, a escritora percebeu que nem isso acontecia e que a personagem permanecia “ignorada no seu mundo de perjúrio”, disforme e sombria. A intenção da autora, ao escrever o livro, seria evocar “uma época e uma personalidade”, sem se deter demoradamente no estudo do “homem extraordinário” que fez parte da vida de Elisa Lynch. A sua clareza enunciada em relação a pouca importância atribuída às mulheres, e a supervalorização de suas relações com “homens extraordinários” não a impede, contudo, de compor uma imagem sobre Solano López e o Paraguai simultaneamente. Não impossibilita, também, de expressar o seu alinhamento com o nacionalismo que se personificava no homem que vinha sendo aclamado como herói máximo do Paraguai desde 1936. O retrato que a paraguaia compõe sobre Solano López chega a ser mais amplo do que se supõe após a leitura desde texto introdutório, e talvez esta seja uma das justificativas para a modificação posterior do título da obra.

A autora orienta seu livro à afirmação de Elisa Lynch na “lógica do coração”, em outras palavras, ao amor que a irlandesa nutria pelo paraguaio; mas a escritora vai além e busca a imposição de Lynch à cena pública paraguaia, que vai se esboçando aos poucos na obra. A admiração de Leyes de Cháves por Lynch se estabelece de forma imediata, e como a autora entendia que a valoração positiva de Lynch perdia significado no meio político, pois era submetida aos propósitos daqueles que escolhiam caprichosamente exaltá-la ou criticá-la, afirmou ter renunciado à pretensão de fazer uma reivindicação política da irlandesa. E, no entanto, a autora faz sim uma reivindicação e instrumentalização política de Elisa Lynch, embora de uma maneira sensivelmente diferente do que fez os biógrafos estudados anteriormente.

Diferente de Henri Pitaud, Concepción Leyes de Cháves não escreveu seu livro em primeira pessoa, apesar da obra se desdobrar a partir de uma evocação sobre o passado que surge de Elisa Lynch. Para Maria Gabriella Dionisi, a auto identificação com Elisa Lynch parece clara e só existe distanciamento entre a narradora e a protagonista pelo uso da terceira pessoa e pela referência a outras fontes históricas.¹⁷³ No início do livro, há um desconfortável descompasso entre os personagens principais, através de uma profunda arrogância de Solano López e uma inquestionável submissão de Elisa Lynch. Ao longo da narrativa, porém,

¹⁷³ DIONISI, Maria Gabriella, op. cit., 2008-2009.

percebemos que, embora o desequilíbrio não desapareça completamente, ele sofre transformações substanciais. Esse é um dado importante e que difere este livro das demais biografias, que desenham os personagens de forma engessada e estática. Em *Elisa Lynch de Quatrefages*, a protagonista é definida como ambiciosa, maculada e prostituída, já em *Madama Lynch*, ela é submissa, fiel e abnegada, simplesmente. Nas obras anteriores os biógrafos optam sempre por representações extremas e não há qualquer possibilidade para transmitir imagens intermediárias sobre nenhum personagem.

O livro é orientado em um sentido retrospectivo, de forma semelhante à *Madama Lynch*. Nas primeiras páginas, observamos Lynch após a guerra, vivendo em Paris, muito doente e já ao final de sua vida. Uma visita inesperada e acidental do Conde d'Eu — comandante em chefe dos exércitos aliados no final da Guerra da Tríplice Aliança —, que confunde sua porta com a residência do retratista Vaugirard, dá início a uma discussão entre eles sobre a guerra. A jactância da irlandesa, que faz uma defesa incisiva da causa paraguaia frente ao príncipe imperial é de tamanha intensidade que ele prefere desculpar-se por contrariá-la. Diante do pedido do Conde para esquecerem aqueles “lugares abomináveis”, Elisa começou a passar mal violentamente e a sua agitação despertou-lhe a necessidade de evocar o passado, através da imagem “indestrutível” de Solano López.

Um dos elementos que mais atrai a atenção no livro é a alternância no comportamento de Elisa Lynch: em alguns momentos, ela aparece como uma mulher de ação, cujo comportamento é racional, dinâmico e coerente, mas em muitos outros, seus sentimentos por Solano López a tornam absolutamente submissa. Concepción Leyes de Cháves consegue mobilizar e conciliar de um modo muito particular algumas caracterizações básicas que os biógrafos anteriores utilizaram para compor um perfil para a personagem. Normalmente, se os biógrafos entendem Elisa como uma mulher perspicaz, automaticamente os papéis de gênero estão invertidos em sua relação com Solano López, e ela é retratada como maldosa, com caráter questionável e facilidade para manipular o paraguaio. Em *Madame Lynch: Evocación*, esse reducionismo não ocorre em nenhum momento.

Antes de conhecer o paraguaio, Elisa Lynch tinha alguns problemas familiares, que estavam relacionados especialmente com o fato de sua mãe ter se casado com outro homem após a morte de seu pai. Diferente de *Madama Lynch*, onde a irlandesa “deixou” que a casassem, neste livro a opção pelo casamento com Xavier Quatrefages foi uma escolha deliberada de Elisa, que enxergava nisso a possibilidade de se desvencilhar de seus problemas familiares. Aqui, Lynch tem consciência de que Quatrefages era “tolo”, “desdenhoso”, “tedioso” e

“ridículo”, mas optou por um casamento sem amor como uma forma de evasão. As críticas da irlandesa ao marido são frequentes no início do livro, ela rapidamente se sente infeliz no matrimônio e acaba se atraindo por Alexandre Meden, um Conde russo que ela conheceu na Argélia durante a missão militar de Quatrefages:

Era evidente que os homens se acercavam, descobriam a frieza do marido, a supunham desgraçada, se insinuavam com maior ou menor ousadia e se aprontavam para ganhar a partida. Meden era o mais perigoso de todos. Jovem, forte, sábio em amores, belo e insolente, fazia [Elisa] pensar urgentemente no amor.¹⁷⁴

Embora Lynch e Meden tivessem uma atração mútua e ele a agradasse por sua “desenvoltura” e a “irresistível simpatia”, ela preferiu não concretizar seu desejo por ele. Mais tarde, quando ela já havia conhecido López e se apaixonado por ele, Elisa revelou que resistiu às investidas do Conde russo porque ele só lhe oferecia “aventuras” e não “o amor delicado e firme”,¹⁷⁵ que ela encontrou no paraguaio. Embora ela não tivesse tido outras relações além do casamento com Quatrefages, teve sentimentos por outros homens, refletiu e fez sua escolha. Isso a diferencia significativamente da imagem pudica e quase virgem divulgada oficialmente sobre Madame Lynch durante a ditadura de Alfredo Stroessner.

Ao longo da narrativa, o presidente Solano López aparece como um grande nacionalista, cuja política externa se baseava “no amistoso equilíbrio das nações livres, juridicamente iguais”,¹⁷⁶ e que prescindia de partidos para defender os interesses de seu povo e de sua nação. Solano López, segundo Leyes de Cháves, é o único presidente conhecido por todos os paraguaios, que excita a imaginação de estrangeiros, e é constantemente lembrado no Panteão Nacional dos Heróis. Ele impulsionou a indústria, a imigração, organizou o exército, as artes e a ciência; neste livro, nada pode ser dito em termos políticos contra ele, mas quanto à relação que manteve com a Elisa Lynch, seu comportamento se mostra passível de críticas. Embora quisesse “mantê-la”, o paraguaio não era exatamente benévolo com ela e “não perdia a ocasião de fazer sentir que ele era o amo”.¹⁷⁷

Nesta obra, o casal se conheceu durante uma visita que Solano López fez às colônias militares francesas a convite de Napoleão III, de quem era um grande admirador. Em meio ao baile de recepção à Legação Paraguaia na Argélia, Leyes de Cháves sugere que o paraguaio se interessou por Elisa Lynch por causa de sua grande semelhança com a Imperatriz Eugenia.

¹⁷⁴ LEYES DE CHÁVES, María Concepción, op. cit., 1960, p. 30.

¹⁷⁵ Ibidem, p. 80.

¹⁷⁶ Ibidem, p. 216.

¹⁷⁷ Ibidem, p. 233.

Depois de convidá-la para dançar, eles conversaram e Solano estimulou o desejo que a irlandesa tinha de abandonar o marido, de forma bastante segura e até arrogante. Depois de convencê-la a “conversar a sós”, “sem testemunhas” no dia seguinte, o paraguaio começou a falar sobre a grandeza de sua pátria, afirmando que o seu desenvolvimento atual era apenas um despertar. Refletindo sobre a autoconfiança excessiva do paraguaio, a escritora afirma que ele “não tinha nenhum pressentimento de que a soberba, que aniquila os grandes, o esmagaria um dia”.¹⁷⁸

A relação entre Solano López e Elisa Lynch se inicia com uma marcante dominação da parte dele e uma profunda submissão da parte dela. Para ele, a irlandesa era o “mais precioso troféu de seu triunfal passeio pelo Velho Mundo”.¹⁷⁹ Algum tempo depois de decidir deixar a Argélia e o marido, ela se dirigiu a Londres e a Paris, e recebeu uma visita desagradável de Xavier Quatrefages, que estava profundamente irritado com a partida dela. Em seguida, Solano providenciou a quantia de dez mil patações a Quatrefages para que ele a “libertasse”, num trecho visivelmente inspirado no livro de Jacinto Villa Vicencio, também lido por Héctor Decoud. Como ficou assustada com a visita do marido e não sabia dessa transação, Lynch foi até Solano para se despedir:

— (...) Vim me despedir do ministro. Regresso a Londres – a voz de Elisa estava trêmula.

— A Londres? Para desfrutar os dez mil pesos que teu marido me tomou com o conto da separação? (...) Em última instância você me pertence, senhora. Seu marido ma vendeu. — disse López amargo e irônico.¹⁸⁰

Em seguida, o casal entrou em uma carruagem e Elisa pediu ao paraguaio que lhe promettesse fidelidade, para que ela tivesse tranquilidade para ir ao Paraguai com ele:

— Eu te advirto que nunca prometi nada sob juramento a nenhuma mulher — replicou López com um sorriso irônico. (...) Não posso me comprometer a nada. (...) A única coisa que te posso assegurar é que meu coração não está cansado.

— É pouco Francis (...) — Elisa compreendera que não conseguiria mais. Jurou a si mesma que não se converteria numa vulgar amante. Não demonstraria sua angústia e nem aumentaria, com seu desespero, os desejos de López por outra mulher.¹⁸¹

Embora o Solano López de Henri Pitaud também não fosse fiel a Elisa e sempre estivesse mais preocupado com seus afazeres públicos, Leyes de Chaves mostra que o paraguaio chegava a ser excessivamente prepotente, egoísta e orgulhoso, sempre convicto de sua influência sobre

¹⁷⁸ Ibidem, p. 44.

¹⁷⁹ Ibidem, p. 47.

¹⁸⁰ Ibidem, p. 71.

¹⁸¹ Ibidem, p. 73.

a irlandesa. Em uma crise de ciúmes por causa de uma tentativa de aproximação de Meden, Solano disse:

Nunca abracei uma mulher que pertenceu ou pertence a outro homem. *Não consigo ainda manter indiferença a respeito de teu passado.* Para dominar estes sentimentos, para evitar que nós dois sejamos derrotados, é imprescindível que tu não despertes meus ciúmes e minhas suspeitas. *Sou violento. Não domino meus acessos de fúria e nem volto atrás. Meu desprezo mata. Nunca te arrisques.*¹⁸² [Grifos meus]

Enquanto em *Madama Lynch* vemos a irlandesa preocupada por não poder oferecer seu corpo virgem a Solano López, em *Madame Lynch: Evocación*, o paraguaio se mostra extremamente ciumento e incomodado com o fato de Elisa ter sido casada — muito embora ele a tenha incentivado a abandonar o marido. Apesar dele não se “comprometer a nada”, ela decidiu acompanhá-lo até o Paraguai, numa postura submissa que guarda semelhança com o retrato pintado por Henri Pitaud. A infidelidade de Solano López aparece como natural nas duas biografias, quase sinônimo de sua masculinidade.

No contexto de publicação das obras, o discurso ditatorial difundia mensagens patriarcais, dominantes e disciplinadoras, nas quais as características atribuídas aos homens eram profundamente enaltecidas.¹⁸³ De diferentes modos, é possível alegar que as duas biografias apresentam o Marechal López como um modelo de masculinidade que se compõe, inclusive, por sua infidelidade. Em *Madame Lynch: Evocación*, o Marechal paraguaio é retratado como um líder excepcional, porém arrogante e dominador em relação às mulheres. Alinhada ao discurso oficial, a biografia *Madama Lynch* celebra Solano López como um ícone do “macho paraguaio”, desprovido de críticas. Alfredo Stroessner, autointitulado sucessor do maior herói nacional, tinha, assim, seu discurso e suas múltiplas relações extraconjugais legitimados pelo mesmo tipo de argumento que glorificava a virtuosidade e a masculinidade de Francisco Solano López.

Dando continuidade à narrativa de *Madame Lynch: Evocación*, os dois primeiros anos em que Elisa Lynch viveu no Paraguai, foram um período de adaptações e dificuldades para ela, que sofreu com a infidelidade de Solano e as hostilidades dos seus familiares e das mulheres da elite, principalmente as sempre mencionadas Pancha Garmendia e Purificación Bermejo, ambas interessadas por López, mas igualmente rechaçadas por ele nesta obra. Juana López Carrillo, mãe de Solano, desejava um casamento de conveniência para o filho e considerava Elisa, a quem ela denominava de “Lavincha” ou “Má Lynch”, sua inimiga. O paraguaio

¹⁸² Ibidem.

¹⁸³ BOCCIA PAZ, Alfredo, op. cit., 2010.

contratava espiões para garantir a fidelidade dela e a manteve reclusa numa propriedade rural — aqui denominada de “Quinta de Salinares” — para que Juana Carrillo, não se incomodasse tanto com a presença dela. A propriedade rural presenteada por Solano López a Lynch, elemento fundamental para torná-la uma “mulher paraguaia” em Henri Pitaud, aqui aparece como um meio do paraguaio mantê-la sob seu controle.

Ainda na Europa, Lynch já tinha consciência de que teria pelo menos “duas adversárias”¹⁸⁴ de seu amor, no caso Pancha Garmendia e Juanita Pessoa. Embora logo tenha percebido que não precisava se preocupar com Garmendia, Elisa notou que Solano López continuava se encontrando com Juana Pessoa e teve três filhos com ela. Apesar de ter prometido a si mesma que não demonstraria suas angústias, ela se queixava com Solano, insistiu várias vezes que ele lhe fosse fiel e reclamou do tratamento que recebia no Paraguai. Mais tarde, quando ele se tornou presidente, dois sacerdotes disseram a ele que, como Lynch era casada na Igreja Anglicana, o matrimônio com Quatrefages podia ser dissolvido e que ele poderia se casar com ela na Igreja Católica; querendo preservar sua própria liberdade, o presidente recusou a oferta, mas os julgamentos morais a respeito da união ilegítima que viviam continuaram recaindo sobre a irlandesa.

Apesar de Lynch se mostrar profundamente apaixonada por Solano, de entender que seu destino era ao lado dele e de fazer todo o necessário para manter seu entusiasmo por ela, o comportamento ciumento e dominador do paraguaio não impedia que Elisa também voltasse seus olhares para outros homens. No Paraguai, o alvo dos desejos de Elisa era o Coronel Paulino Alén, melhor amigo e “quase irmão” de Solano López. Observando-o, ela refletia:

Uma voz profunda protestava nela contra o excessivo respeito de Alén. Sabia que os homens perdem o respeito às mulheres que adoram, e inconscientemente desejava que Alén rompesse os diques. O desejo de alguns momentos preciosos compartilhados com aquele ser suave e melancólico, belo como um jovem deus, feria-lhe às vezes o coração como uma fina adaga. Mas detinha-se ante o impossível e permanente.¹⁸⁵

Os sentimentos de Elisa por Paulino Alén eram recíprocos e, como ele era absolutamente fiel à amizade que tinha com Solano, também não manifestava seus desejos de forma explícita. Em uma festa de aniversário de Solano López, onde estavam presentes vários convidados, Alén observava Elisa com desejo:

¹⁸⁴ LEYES DE CHÁVES, María Concepción, op. cit., 1960, p. 79.

¹⁸⁵ *Ibidem*, p. 279.

Naquele dia gozava do raro privilégio de ter Elisa perto. Quando a olhava, via-a livre de suas roupas, vestida unicamente de luz, e extasiava-se por momentos. Elisa o compreendia e não se zangava.¹⁸⁶

Elisa Lynch e Paulino Alén se atraíam profundamente, e os dois sabiam que nunca poderiam realizar seus desejos pela fidelidade que ambos deviam a Solano e pelas consequências de uma possível relação entre eles, já que López havia alertado Elisa de que ele era “violento” e não dominava seus “acessos de fúria”. Durante a Guerra da Tríplice Aliança, Paulino Alén tentou cometer suicídio com um tiro na cabeça, aflito com a possibilidade da fortaleza de Humaitá ser tomada de si pelos aliados. Apesar de não ter conseguido se suicidar, ele perdeu a razão e a visão e foi condenado à morte pelo tribunal militar por traição em 1868. Compadecida pela triste situação daquele homem de quem ela também gostava, Elisa entrevistou diretamente ao Marechal, pedindo que ele tivesse piedade por Alén ter sido um grande e valente militar, além de seu melhor amigo. Sem entender muito bem as motivações ocultas de Elisa, Solano respondeu irritado:

Às vezes julguei-te semelhante a mim. Confesso meu erro. As mulheres são todas iguais. Não pensam nem sentem como os homens. São sentimentais destituídas de razão.¹⁸⁷

A atração de Elisa por Alén permeia toda a obra, porém sempre ganha maior vivacidade nos vários momentos em que López se distanciava e perdia o interesse por ela. Um dos principais episódios em que esse desejo cresceu foi logo após a morte de Corinna Adelaide em 1857, quando “o amor de Francisco parecia ter declinado” e ela suportou “sozinha sua dor recente”.¹⁸⁸ Aliás, enquanto a filha estava doente, e Elisa tentava inutilmente restabelecer a saúde da criança, Solano a questionava se ela não o amava mais e insistia que ela tinha que esquecer a menina “em certas horas”.¹⁸⁹

Nesse momento específico de solidão e tristeza, ao mesmo tempo em que desejava recuperar o interesse de Solano, também se revoltava contra o amor que nutria por ele e se sentia atormentada no Paraguai, com um grande desejo de retornar à Europa. Além de voltar seus olhares novamente para Paulino Alén, recebeu também uma visita do Conde Alexandre Meden, que foi ao Paraguai somente para tentar convencê-la a voltar para a Europa com ele. Indo ao encontro daquilo que Elisa desejava naquele momento, o russo disse que a amava “loucamente”, que sabia que ela era solitária e infeliz, e fez várias críticas ao Paraguai. Em uma

¹⁸⁶ Ibidem, p. 235.

¹⁸⁷ Ibidem, p. 342.

¹⁸⁸ Ibidem, p. 177.

¹⁸⁹ Ibidem, p. 174.

atitude defensiva, ela rechaçou as investidas do Conde, mas não conseguiu afastar alguns pensamentos:

Lembrava-se que Francisco, depois de alguns dias ardentes, afastara-se possuído pela indiferença; (...) mas ela não o podia imitar porque um filho gravitava sobre sua vida.¹⁹⁰

Na biografia oficial escrita por Henri Pitaud, Madame Lynch é retratada como uma heroína imaculada, que tem um amor puro, inocente e sem críticas a Solano López e ao Paraguai. Já na obra de Concepción Leyes de Cháves existe uma diferença significativa nos sentimentos e comportamentos de Elisa Lynch. A aceitação das condições impostas por López não é desprovida de críticas e acaba por despertar outros interesses afetivos na irlandesa; além disso, Elisa também precisa sempre se mobilizar para manter e reavivar seu relacionamento com Solano López.

Leyes de Cháves mostra que Lynch não era uma mera vítima passiva, tinha algum domínio sobre suas escolhas, ainda que seu espectro de possibilidades fosse reduzido. Nesta obra, os elementos que configuram a virtude de Lynch enquanto companheira são justamente o seu autocontrole, sua contenção diante de sentimentos que a confundem, suas ações para manter seu relacionamento equilibrado e sua fidelidade a Solano.

A morte de Corinna Adelaide e o posterior desinteresse de Solano engendram uma transformação no comportamento de Elisa. Considerando-se culpada pelo afastamento dele, cujos sentimentos exigiam “vitalidade e exuberância, climas alegres e vibrantes”,¹⁹¹ ela decidiu organizar uma grande festa e convidar as famílias mais distintas de Assunção, no intuito de despertar novamente o interesse do paraguaio. A iniciativa foi bem-sucedida e novamente o casal voltou a se entender. Para Leyes de Cháves, essa atitude era uma importante ruptura com as normas impostas às mulheres de sua condição social que vivenciavam uma relação de concubinato; a autora afirma que as uniões ilegítimas eram toleradas no Paraguai, desde que se detivessem no espaço privado, por isso as críticas a Elisa começam a ganhar corpo exatamente no momento em que ela passa a se impor no espaço público:

À mulher daquele tempo não se reconhecia o direito de escolher. Contra as proibições da moral e dos códigos, Elisa se tinha concedido esse direito. Escolheu e optou pelo escolhido: aqui está sua culpa.¹⁹²

A hostilidades das elites em relação a Elisa, na verdade, já existiam antes desse momento que marca a sua entrada definitiva na esfera pública, porém se aprofundaram

¹⁹⁰ Ibidem, p. 181.

¹⁹¹ Ibidem, p. 189.

¹⁹² Ibidem.

significativamente. Como era protegida por Solano e tinha a aprovação dele nessa empreitada, ela modificou totalmente seu comportamento perante a sociedade assuncenha: concebeu e organizou um teatro amador que teve muito sucesso; passou a frequentar regularmente os mesmos lugares que a família presidencial comparecia, chegando sempre à noite, depois que eles já tinham ido embora; além disso:

Elisa não encontrava atrativos na conversa das amigas que a rodeavam, simples, com mais espírito de servidoras que de companheiras; sua preferência pela companhia masculina assustou as hipócritas.¹⁹³

A escolha de Elisa Lynch por um papel mais ativo publicamente atraía Solano López. Ela realizou transformações nos costumes da elite assuncenha, ditou moda e seu salão foi frequentado pela intelectualidade da época. Além desse envolvimento e influência no meio cultural paraguaio, Concepción Leyes de Cháves adiciona um interessante ingrediente na sua narrativa: Elisa “dedicava-se à política, ao xadrez, a tudo quanto podia conduzi-la às suas metas internas e externas”.¹⁹⁴ Novamente, Leyes de Cháves conseguiu conciliar algo inconcebível tanto para apologistas como para críticos da irlandesa: ao mesmo tempo em que ela se dedicava à política, também mantinha a postura de uma companheira fiel e dedicada. A integração de Elisa na cena pública e seu interesse em política agradavam o paraguaio e, assim:

López libertara-se pouco a pouco do conceito paraguaio de que *a mulher é um simples elemento de prazer e comodidade*. A inteligência e a capacidade de Elisa induziam-no a tratá-la como a um ser pensante, participante de seu próprio destino.¹⁹⁵ [Grifo meu]

Neste livro, Solano figura como um “homem excepcional”, mas que adotava um comportamento soberbo e arrogante no que diz respeito à forma como encarava Elisa Lynch. Se em um primeiro momento ele era absolutamente seguro de si e entendia a irlandesa como “simples elemento de prazer e comodidade”, pouco a pouco ele também a percebeu como “um ser pensante” e inteligente, e passou a compartilhar suas angústias com ela e a ouvir seus conselhos políticos durante a Guerra da Tríplice Aliança. Apesar dele começar a confiar mais na capacidade dela após a declaração de guerra, isso não significa que ele renunciasse à sua postura imperativa e nem que deixasse de se encontrar com Juana Pesoa. Após a Batalha de Riachuelo (1865), Elisa contou a Solano que recebeu informações privilegiadas que afirmavam que os aliados estavam se comunicando de forma suspeita com oficiais paraguaios, especialmente o General Robles, que liderava a tropa que ocupava Corrientes. Enfurecido com

¹⁹³ Ibidem, p. 196.

¹⁹⁴ Ibidem, p. 242.

¹⁹⁵ Ibidem, p. 261.

a denúncia, ele respondeu: “Elisa, medita na acusação que pretendes lançar sobre meus oficiais — e a mão de López agarrou o braço de Elisa.”¹⁹⁶ Tranquila, ela explicou a denúncia e, logo, o Marechal descobriu que as informações eram verdadeiras.

A resistência do Marechal em confiar na irlandesa foi muito grande; a sua conduta quando Lynch suplicou pela vida de Alén é um dos exemplos que podem ser oferecidos a esse respeito. Além disso, em meio às diversas conspirações descobertas contra a vida do presidente — que incluíam até mesmo Juana Carrillo, que teria oferecido uma *chipa* envenenada ao filho —, Solano também desconfiou de Elisa e a investigou, contentando-se por comprovar sua lealdade. A guerra deixava-o cada vez mais cansado, triste e desconfiado, mas, gradativamente, o companheirismo de Elisa o levou a confiar cada vez mais na irlandesa e a adotar uma postura menos defensiva diante dela.

De modo diferente, a relação do Marechal com Juanita Pessoa era muito mais simples, porque o paraguaio não precisava questionar a si mesmo quando estava com ela. Segundo Leyes de Cháves, Solano e Pessoa não conversavam sobre arte, história, política ou literatura, e ele a desejava por sua doçura e humildade. Em um momento de claro destaque à vida privada do Marechal, a escritora paraguaia mostra-o refletindo sobre o papel que aquelas duas mulheres tinham em sua vida:

Joanita [sic] é suave e doce, fala o idioma acariciante dos pássaros. Dá o “sal da terra” e o bem-estar dos “sapatos velhos”. A Elisa vemos, sentimos, tocamos, fundimo-nos com ela, numa ternura profunda, mas emergimos docemente insatisfeitos, angustiados e ansiosos, mais enamorados do que nunca. Francisco necessita das duas para viver. Ambas lhe davam o equilíbrio necessário para afirmar-se, para sentir-se calmo e de bom humor. Era para ele como a água e o céu, a selva escura e o sol dourado, algo exuberante e vital que lhe fortificava o espírito, lhe moderava os ímpetos.¹⁹⁷

As duas mulheres tinham funções complementares na vida do paraguaio, enquanto Juanita era uma mulher simples, humilde e que não lhe exigia nada, Lynch era exuberante e complexa. A paraguaia vivia em Vila del Pillar e apenas esperava as visitas do presidente, enquanto Elisa o acompanhava durante a guerra, refletia sobre os desdobramentos das batalhas e insistia na fidelidade de Solano. Sendo entendida, bem aos poucos, como “um ser pensante”, Elisa escutava e aconselhava o Marechal carinhosamente. Ela raciocinou sobre a guerra; questionou e refletiu sobre as escolhas dele ao designar oficiais para determinadas funções; ao percebê-lo angustiado com os rumos do conflito, tentou animá-lo, mostrando a firmeza dos

¹⁹⁶ Ibidem, p. 276.

¹⁹⁷ Ibidem, p. 297.

soldados paraguaios, e sugeriu que ele se reunisse com Mitre para tentar cessar as hostilidades. Em suma, Elisa Lynch aparece como companheira do Marechal, enquanto Juanita tinha uma relação muito mais desigual e quase servil com o paraguaio, sem nunca questioná-lo.

Apesar de Solano López figurar como um grande presidente e militar, Leyes de Cháves questiona o ânimo e a energia inabaláveis que o Marechal parece ter em livros exageradamente nacionalistas, como *Madama Lynch*:

Esse homem que impunha sua vontade a milhares de seres humanos achava-se condenado a ocultar dos demais seus desfalecimentos, as derrotas de sua fé. O comediante confiante na glória em público, juiz incorruptível de si mesmo, somente com Elisa compartilhava as ideias que escondia dos demais, as suspeitas íntimas, o que o fazia ditoso, infeliz ou desconfiado (...) Se não fora por ela, com sua capacidade de escutar, sugerir e obter confidências, o que houvera sido de López nos dois anos de permanência em Paso Pucu?¹⁹⁸

A soberba do paraguaio frente à capacidade da irlandesa, aos poucos, vai caindo por terra. A construção de Elisa Lynch enquanto uma mulher íntegra, pensante, que apoiava seu companheiro e ainda “dedicava-se à política” nos remete ao engajamento de Leyes de Cháves para a aprovação do sufrágio feminino no Paraguai. A escritora recolheu um exemplo do passado para criticar o “conceito paraguaio” de que as mulheres eram apenas instrumentos de deleite masculino. Igualmente, a resistência de Solano em confiar nela e aceitar seus conselhos políticos pode também ser encarada como uma metáfora dos homens paraguaios que rejeitavam a incorporação formal das mulheres na política.

A respeito desse “conceito paraguaio” denunciado por Leyes de Cháves, um compatriota não identificado e radicado em Buenos Aires, escreveu um texto favorável ao sufrágio em 1952. Provavelmente preocupado com a instrumentalização que o Partido Colorado fazia da causa, através da partidarização de organizações sufragistas, ele defendeu o Partido Liberal, dizendo que este:

não podia (...) tirar a mulher do tabernáculo do lar, que ela conduzia com verdadeira devoção e como heroína, (...) sem que ela por própria vontade se mostrasse disposta a assumir uma nova obrigação no campo da política.¹⁹⁹

Como demonstrei, o movimento sufragista teve suas primeiras manifestações já nas primeiras décadas do século XX,²⁰⁰ então a alegação de que era necessário esperar que as próprias mulheres se interessassem em votar, como se os homens já fossem favoráveis ao sufrágio feminino, é bastante dissimulada. Além de defender o Partido Liberal, o autor também

¹⁹⁸ Entre 1866 e 1868, Paso Pucú foi o quartel geral do exército paraguaio. Ibidem, p. 307-308.

¹⁹⁹ MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, Mary, op. cit., 2011, p. 90.

²⁰⁰ SOTO, Clyde, op. cit., 2011.

criticou diretamente Concepción Leyes de Cháves, por supostamente ter afirmado ao periódico fluminense *O Globo*, que “os homens de minha terra são muito tradicionalistas; acreditam que a mulher não deve ter direito a coisa alguma”.²⁰¹ Indignado, o autor alegou que o voto feminino não era uma questão sectária, mas nacional e que não havia nenhuma manifestação contrária a ele. Chama a atenção que o autor afirme tão veementemente que em 1952 não existia oposição ao sufrágio feminino no Paraguai, sendo que este direito só foi reconhecido legalmente quase dez anos depois, em pleno *stronismo*.

A demonstração feita por Leyes de Cháves de que uma mulher podia ter conhecimentos e reflexões políticas sem deixar de ser companheira leal de um homem, é um dos elementos que mais destoa das biografias discutidas anteriormente. A Elisa Lynch de Leyes de Cháves aparece como uma mulher virtuosa, fiel e inteligente; a atração que sentiu por Meden e Alén não diminui o seu valor, porque ela sempre se deteve firmemente e nunca traiu Solano López sob nenhum aspecto. Aliás, é necessário reforçar, os principais momentos em que a irlandesa se incomodou com os sentimentos que nutria por López e mais se sentiu inclinada por outros homens, foram quando percebeu-se preterida pelo paraguaio, que não manifestava interesse por ela, deixava de visitá-la e mantinha funcionários para espioná-la.

Em última instância, o próprio comportamento de Solano López era o que levava Lynch a questionar seus sentimentos. E, no entanto, esse antagonismo vai se implodindo aos poucos, à medida que a guerra vai se desdobrando. Assim como ocorre em *Madama Lynch*, Concepción Leyes de Cháves também demonstra que Lynch foi percebendo gradualmente que ela não era e nem deveria ser uma prioridade na vida do Marechal. A escritora não se preocupa em afirmar que Lynch “adotou o Paraguai como segunda pátria” como Henri Pitaud; seu sacrifício na guerra se deveu aos sentimentos que tinha pelo Marechal:

Os soldados paraguaios morriam pela pátria; ela morreria por Solano López. Desmoronava-se, finalmente, o secreto antagonismo. Elisa já não se preocupava em ser amada de acordo com seus sonhos.²⁰²

O que a autora sugere é que Elisa e Solano tinham formas diferentes de se amar, mas que pouco a pouco eles abriram mão de alguns princípios pessoais e o antagonismo entre eles “desmoronava”. Assim como Juana Poesa, Elisa finalmente entendeu que deveria aceitar Solano “tal como era”. À diferença da paraguaia, Lynch não esperava que Solano a procurasse, ela escolheu e insistiu em acompanhá-lo nos campos de batalha; participou da Batalha de Lomas Valentina (1868) vestida com “o uniforme de um oficial do exército” e com “uma pistola no

²⁰¹ Apud: MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, Mary, op. cit., 2011, p. 91.

²⁰² LEYES DE CHÁVES, María Concepción, op. cit., 1960, p. 353.

cinto”;²⁰³ repreendeu seu filho Panchito nos momentos em que o garoto se revoltou contra o pai, insistiu que não queria morrer com aquele “uniforme sujo” e afirmou que a guerra era um “sacrifício inútil”.²⁰⁴ Quando o Marechal pressentiu a morte com o início da Batalha de Cerro Corá e ordenou que Lynch se afastasse com as crianças, ela insistiu inutilmente que queria acompanhá-lo.

Coerente com sua consciência e sua fidelidade ao Marechal, Lynch enfrentou o Visconde do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores do Brasil, e reclamou de um soldado brasileiro que dançava sobre o cadáver mutilado do Marechal López, dizendo: “É esta a civilização que haveis trazido a canhoneiros?”²⁰⁵ Enterrou o corpo com a ajuda de Juanita Pessoa, protestou corajosamente contra os soldados que estavam “proferindo palavras obscenas e mostrando-lhes dentes arreganhados e sorrisos de desprezo”,²⁰⁶ e roubando seus bens pessoais. Ela exigiu respeito e defendeu a si e os filhos sozinha; embora já não desejasse viver sem Solano, ela “era uma mulher importante e devia tirar-se com dignidade da situação”.²⁰⁷

Anos mais tarde, quando já havia deixado o Paraguai e adotava o nome “Elisa Alicia Lynch López”, ela percebeu que, entre todas as mulheres que haviam se envolvido com os López, ela era a única que se mantinha fiel à memória do presidente. Suas irmãs e mãe o renegaram e nem ao menos quiseram ajudar a irlandesa a enterrar o cadáver do Marechal; as cunhadas do presidente se casaram e tiveram filhos com outros homens; até mesmo Juanita Pessoa decidiu também se casar:

Todas haviam abdicado daquilo que antes tinham como privilégio. Orgulho, paixão, dor, ofensas e afetos enterravam-se sob as ruínas. (...) Somente a estrangeira, apodada de calculadora e cerebral, mantinha-se fiel ao passado.²⁰⁸

E não eram apenas as mulheres diretamente vinculadas aos López que renegavam o passado, mas ex-combatentes e prisioneiros também cediam à pressão dos invasores, compreendendo “que os triunfadores exigiam deles a mentira, e mentiam para continuar existindo”.²⁰⁹ As acusações sobre o passado de Lynch obscureciam o seu presente e somente ela se mantinha firme em suas convicções. O passado estava sepultado junto com o Marechal, mas a irlandesa sabia que “quando esta tumba aureolar, o Paraguai retomará sua marcha”.²¹⁰

²⁰³ Ibidem, p. 350.

²⁰⁴ Ibidem, p. 358.

²⁰⁵ Ibidem, p. 387.

²⁰⁶ Ibidem, p. 389.

²⁰⁷ Ibidem, p. 391.

²⁰⁸ Ibidem, p. 425.

²⁰⁹ Ibidem, p. 394.

²¹⁰ Ibidem, p. 388.

De forma profética, a narrativa defende que o país só resgataria seu desenvolvimento quando Solano López se tornasse um ícone da pátria, por seu “nacionalismo” e sua defesa do “equilíbrio das nações do Rio da Prata”.²¹¹

E nesse sentido, a autora vai além da retórica de Henri Pitaud e chega a afirmar que até mesmo Enrique Solano López — filho de Elisa e do Marechal —, o General Caballero e outros “ex-amigos e generais de López” não davam atenção a ela. Segundo Leyes de Cháves, Enrique abandonou a mãe e só se aproximava dela quando queria dinheiro e nunca respondia suas cartas; era “orgulhoso”, “dilapidador” e “exaltado”. O General Caballero, “embora tendo todas as possibilidades à mão”,²¹² quando se tornou presidente do Paraguai, também havia ignorado seus pedidos para a revisão do embargo de suas propriedades reivindicadas.

O desinteresse do General Caballero na situação financeira da irlandesa contrasta com a alegação de Henri Pitaud de que ele era um grande e fiel amigo dela, chegando a visitá-la no “exílio”. Durante o *stronismo*, Bernardino Caballero era considerado o único fundador do Partido Colorado, defensor do Paraguai e o “Primeiro Reconstrutor” do país após a Guerra da Tríplice Aliança. Alfredo Stroessner considerava-se o “Segundo Reconstrutor” do país após a Guerra do Chaco e a Guerra Civil de 1947.²¹³ Embora Leyes de Cháves não faça críticas incisivas a Caballero, o simples fato dela mencionar que ele ignorou os pedidos de Lynch gera um certo descompasso entre duas figuras que se pretendiam virtuosas e heroicas durante o *stronismo*, afinal de contas se ambos supostamente defendiam o mesmo ideal, não haveria razões para inimizades.

Leyes de Cháves fez críticas a figuras relevantes do revisionismo. Como discuti no capítulo 2, no começo do século XX, Juan O’Leary deu início a um debate crítico sobre a participação do Paraguai na Guerra da Tríplice Aliança nas páginas do jornal *La Patria*, que pertencia a Enrique Solano López.²¹⁴ A autora não chega a discutir essas questões, mas a sua afirmação de que Enrique López era um “dilapidador” pode induzir o leitor a acreditar que o seu engajamento na revisão da história nacional tinha somente interesses financeiros ocultos. Como o Marechal López era considerado o principal Herói Nacional paraguaio desde 1936, sugerir que o seu filho que mais se engajou na revisão da história nacional só se preocupava com dinheiro podia soar incômodo para setores mais implacáveis.

²¹¹ Ibidem, p. 114.

²¹² Ibidem, p. 429.

²¹³ CAPDEVILA, Luc. “La ditadura del general Stroessner, um lopismo de estado”, op. cit., 2010, p. 232.

²¹⁴ BREZZO, Liliana. “¡La gran polémica continúa!”. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, n. 9, 2009.

Ao final das contas, a única pessoa que honrava o passado e a memória do Marechal López era justamente aquela mulher que foi julgada por ter tido uma união ilegítima com o presidente, por ter se inserido na cena pública e se interessado em política num momento em que esse direito era negado às mulheres. A cena inicial do livro, quando a irlandesa discute e argumenta energicamente com o Conde D’Eu, defendendo a causa paraguaia na guerra, é de grande força. A lealdade e o heroísmo da irlandesa não ocorrem por causa de uma abnegação “natural” de sua parte, ou porque o Paraguai “se tornou sua pátria”, mas por seu amor por Solano, que a fazem permanecer ao seu lado mesmo com a arrogância, ciúmes e infidelidade do paraguaio. Neste livro, o enaltecimento de Elisa Lynch perpassa por aspectos polêmicos como seus desejos por Alén e Meden, seus “conselhos” políticos ao presidente, e a fragmentação do Marechal enquanto um herói inabalável e isento de críticas.

A ênfase de Leyes de Cháves na vida privada do Marechal López, especialmente em sua prepotência ao lidar com as mulheres e a aparente desorientação do paraguaio ao perceber-se diante de uma mulher “dinâmica e criadora”, são elementos que também destoam das obras já analisadas, que limitam-se a discutir pequenos aspectos de sua vida pessoal para salientar suas atividades públicas. Leyes de Cháves mostra Solano López necessitando de Elisa Lynch e Juana Pesa “para viver”, o que marca uma certa ruptura com a sua arrogância inicial em relação às mulheres. Mais do que isso, a escritora paraguaia também mostra o Marechal cansado, triste, desanimado e recebendo conselhos carinhosos de uma mulher durante a Guerra da Tríplice Aliança, algo que também desmonta a sua imagem enquanto herói absoluto e inabalável.

Assim como a Elisa Lynch de Henri Pitaud, a irlandesa de Leyes de Cháves também nutre um amor profundo por Solano López. Diferentemente, contudo, ela não adquiriu vínculos tão profundos com o Paraguai, não adotou o país como “segunda pátria” e chegou a se aborrecer com o lugar. Neste livro, Lynch permaneceu ao lado do Marechal até o final de sua vida por amor, simplesmente. Essa interpretação diferencia-se da leitura oficial sobre a irlandesa, na qual ela figurava como virginal e absolutamente submissa. Em *Madama Lynch*, ela “era uma esposa e mãe devota”, tal como “a mulher paraguaia” durante a guerra, cuja ação altruísta em relação aos seus homens e sua pátria a consagrou como heroína nacional.²¹⁵ Um ponto nevrálgico que distancia as duas obras é a afirmação de Leyes de Cháves de que a irlandesa nutriu desejos afetivos por outros homens, envolveu-se em política e aconselhou o herói.

Embora a autora também fosse vinculada ao Partido Colorado, ela não aceitou completamente a narrativa *lopista* sobre os personagens mais célebres da Guerra da Tríplice

²¹⁵ CAPDEVILA, Luc, op. cit., 2010.

Aliança. Fez alterações pertinentes para defender seu ponto de vista. A sua afinidade com aspectos do nacionalismo *lopista* e a necessidade de manter-se próxima ao governo em sua militância política, somados ao exílio de Osvaldo Cháves, quase que a tornam colorada por conveniência. Apesar disso, como Leyes de Cháves aparentemente não fez críticas diretas ao *stronismo* e recebeu grande notoriedade internacional, não foi possível localizar registros de que ela tenha sofrido algum tipo de perseguição durante a ditadura.

É importante lembrar, isso não significa que Leyes de Cháves considere que o Marechal era um militar pouco hábil e que seu posicionamento político era questionável. Ele era um “homem excepcional” que se uniu a uma mulher “dinâmica e criadora”; a autora quase chega a afirmar que a arrogância de Solano López em relação a Elisa sintetizava o comportamento dos homens paraguaios frente às mulheres, que deveriam poder exercer seus direitos civis e políticos, sem abandonar os “bons costumes”, como defendia a *Liga Paraguaya Pro Derechos de la Mujer* e o periódico *El Feminista*.²¹⁶ Se, por um lado, a autora louva o Marechal e, de algum modo, perdoa seu comportamento em relação às mulheres, era nítido que, no presente, esse tipo de conduta já não era aceitável. Assim, ao apresentar aquilo que havia de “verdadeiro, feminino e essencial” na personalidade de Elisa Lynch, a paraguaia Leyes de Cháves chega a compor sugestivamente uma metáfora sobre a desigualdade de gênero na sociedade paraguaia de meados do século XX.

Como procurei demonstrar neste capítulo, o aprofundamento do nacionalismo *lopista*, a apropriação da história nacional enquanto um assunto de Estado no *stronismo* e a necessidade candente de instituir formalmente alguns direitos civis e políticos às mulheres paraguaias engendraram as primeiras leituras favoráveis a Elisa Lynch. Utilizada como um recurso de propaganda ideológica na ditadura *stronista*, a Guerra da Tríplice Aliança recebeu uma atenção estatal sem precedentes no país. Neste momento, novos *heróis* foram idealizados, como os soldados anônimos, as *residentas* e a sempre polêmica Elisa Lynch.

Com profundidades narrativas discrepantes, os conteúdos das duas biografias estudadas neste capítulo também trazem imagens distintas sobre os protagonistas da “Epopéia Nacional”. Enquanto a biografia de Henri Pitaud, que conformou a leitura oficial sobre a irlandesa, possui um caráter artificial, dramático e romântico, o livro de Leyes de Cháves oferece maior complexidade aos personagens. Ao mostrar o grande herói nacional como um homem falho e que necessitava de conselhos políticos de sua companheira, Leyes de Cháves certamente não

²¹⁶ VALINOTTI, Ana Montserrat Barreto, op. cit., 2013.

agradava setores mais radicais do revisionismo e ia de encontro com a estética viril da ditadura.²¹⁷

Como Henri Pitaud desfrutava de privilégios do governo para imprimir várias obras no país e contava com a insígnia de Juan O’Leary em seus escritos, não deixa de chamar a atenção que o francês tenha sido praticamente esquecido após a queda de Stroessner. Seu último livro publicado no Paraguai entrou em circulação no final da década de 1970,²¹⁸ quando o país ainda recolhia os frutos do incremento da atividade econômica estatal e da “modernização” promovida por Alfredo Stroessner.²¹⁹ Depois disso, nenhum livro de Pitaud foi editado ou reeditado no país, e pouco se sabe a respeito da trajetória desse escritor. Por outro lado, o escrito de María Concepción Leyes de Cháves se tornou muito mais relevante dentro do Paraguai após a morte da escritora (1985) e a queda de Stroessner (1989). Apesar de ter sofrido algumas alterações importantes no título e o seu texto introdutório ter sido retirado, o livro sobre Elisa Lynch teve sua primeira edição paraguaia em 1996 e depois foi republicado em 2011, por iniciativa da Secretaria da Mulher da República do Paraguai, em comemoração ao bicentenário da independência do país. Se outrora o livro não recebeu uma edição nacional, atualmente é considerado “uma obra fundamental na narrativa paraguaia do século XX”.²²⁰

Durante o *stronismo* era conveniente transmitir uma imagem mais contida e abnegada de Elisa Lynch, no intuito de servir de exemplo e conter algumas demandas de reconhecimento de direitos das mulheres; mais tarde esse tipo de estratégia deixava de ser necessária. Embora com propósitos diferentes, tanto Henri Pitaud como Leyes de Cháves mobilizaram e instrumentalizaram a memória de Madame Lynch para atingir determinados fins. A maneira como esses escritos foram introduzidos e recebidos no espaço público foram substancialmente diferentes durante a ditadura e ainda o são atualmente.

Embora o final dos anos 1980 tenha sido marcado pelo surgimento de uma renovação historiográfica a respeito da Guerra da Tríplice Aliança, que manifesta um vigoroso esforço para a superação de leituras nacionalistas sobre o confronto, isso não significa que este objetivo tenha sido plenamente alcançado.²²¹ A solicitação ao Congresso Paraguaio para transladar as cinzas de Madame Lynch ao Panteão, a republicação de obras de Juan Emiliano O’Leary e a

²¹⁷ CAPDEVILA, Luc. “La ditadura del general Stroessner, um lopismo de estado”, op. cit., 2010, p. 246.

²¹⁸ PITAUD, Henri. *Las siete caídas del Río Paraná*. Asunción: Editorial France-Paraguay, 1979.

²¹⁹ NICKSON, Andrew, op. cit., 2010.

²²⁰ LEYES DE CHÁVES, María Concepción, op. cit., 2011, p. 7.

²²¹ BREZZO, Liliana. “La historiografía paraguaya: del aislamiento a la superación de la mediterraneidad”. *Diálogos*, v. 7, 2003.

iniciativa de reeditar o escrito de Leyes de Cháves, são indícios da grande dificuldade de fazer uma leitura crítica sobre os temas vinculados à Guerra Grande até os dias de hoje.

Conclusão

Ao longo deste trabalho, procurei analisar algumas biografias e o texto autobiográfico de Elisa Lynch, relacionando essas fontes com a historiografia sobre a Guerra da Tríplice Aliança e identificando possíveis interesses políticos nas sucessivas transformações na memória sobre a irlandesa. Como discuti, a guerra se tornou o elemento central de toda a história paraguaia tanto por seus impactos decisivos no país, como pela sua instrumentalização política posterior. As imagens divulgadas pelas biografias de Elisa Lynch trazem o posicionamento dos autores em relação ao papel desempenhado pelo Paraguai na guerra, e sobre a atuação política da irlandesa, mostrando ora uma subversão aos papéis clássicos de gênero — cujas consequências teriam resultado na própria guerra —, ora um equilíbrio idílico no casal, que seria afetado por anseios imperialistas que teriam causado o confronto internacional.

Assim como seu companheiro Francisco Solano López, Elisa Lynch é uma personagem cercada por mitos; nos escritos analisados, a irlandesa aparece como uma mulher sedutora, ambiciosa e absolutamente influente na política do Marechal, ou então ressurgiu enquanto uma mulher fiel e abnegada, vitimada por oportunistas no pós-guerra. Nas leituras mais críticas sobre ela, podemos vê-la ultrapassando constantemente as fronteiras do espaço doméstico e influenciando profundamente na política do presidente, que não consegue impor sua autoridade frente a uma mulher tão ardilosa; nas leituras mais positivas, o casal se propõe a cumprir, dentro do possível, delimitações burguesas para o comportamento masculino e feminino.

Diante disso, procurei discutir as condições nas quais essas representações opostas foram criadas nos últimos anos da guerra, mas principalmente após o cessar das hostilidades. Neste momento, fiz a distinção de Elisa Lynch entre duas figuras históricas: a primeira delas, resultado de apropriações culturais sucessivas que a louvaram ou a detrataram nos termos acima mencionados; a segunda, por outro lado, nos remete à personagem histórica em si, que foi pouco estudada por historiadores profissionais.

Para compreender melhor a gestação desse modelo dicotômico, analisei alguns aspectos culturais e políticos do Paraguai da Primeira República (1811–1870), que ajudaram a determinar a conhecida inimizade entre Lynch e a elite assuncenha, e mostrei como a imprensa aliada se apropriou dessas polêmicas no contexto de guerra ao Paraguai. Em seguida, focando já no período pós-guerra, analisei dois textos fundamentais para a conformação e divulgação desse modelo interpretativo básico. Quando a guerra terminou e tornou-se necessário recriar o Estado paraguaio, a relativamente diversa elite política do país encontrou amálgama na

culpabilização consensual de Lynch e López pelas desgraças que acometiam o Paraguai. A geração daqueles que vivenciaram a guerra tinha uma leitura profundamente crítica ao papel desempenhado pelo casal. E foi a partir desses agentes históricos que surgiu a historiografia liberal sobre a Guerra da Tríplice Aliança, que simplificava drasticamente as causas do confronto internacional.

Nesse contexto de grandes hostilidades ao Paraguai, foi publicada *Elisa Lynch por Orion* (1870), a primeira biografia que reuniu e sintetizou algumas das principais críticas a respeito da irlandesa, que circulavam na imprensa platina. Enquanto aparecia como um alvo fácil para seus inimigos políticos no pós-guerra, Elisa Lynch decidiu retornar ao Paraguai em 1875, quando efetivamente se insurgiu para defender a si mesma das acusações de roubo que lhe eram imputadas, exigir a devolução das suas supostas propriedades confiscadas pelo Estado, apresentando-se como uma mulher fiel e altruísta em seu texto *Exposición y Protesta*.

Apesar de argumentar que não se envolveu em decisões políticas de seu companheiro e que se limitou a ser uma enfermeira na guerra, reforçando seu papel doméstico, Lynch certamente não se contentava com essa delimitação rígida das esferas de atuação feminina. Defendendo a causa paraguaia e a atuação militar e política do Marechal López, a irlandesa não conseguiu reaver os bens reivindicados. Como Elisa Lynch era entendida como símbolo da “tirania” de López, a sua presença incomodava e era indesejada no país, por isso foi expulsa do Paraguai rapidamente.

Nos primeiros anos do século XX, a leitura liberal sobre o confronto já não satisfazia alguns grupos sociais paraguaios, que passaram a exaltar a atuação do país na guerra e o heroísmo de seus soldados. Embora Lynch tivesse louvado a participação paraguaia em termos semelhantes, e outros autores tenham relativizado a interpretação liberal, essa leitura teve pouco espaço no Paraguai do século XIX. Ainda como discurso dissidente, o revisionismo teve um crescimento significativo nas primeiras décadas do século XX e ganhou corpo especialmente nos anos 1920, quando ocorreram comemorações do cinquentenário da Batalha de Cerro Corá e o centenário do Marechal.

Em relação a esse contexto, analisei a biografia *Elisa Lynch de Quatrefages* (1939) do escritor paraguaio Héctor Decoud, que escreveu no intuito de se contrapor ao movimento de revisão da história nacional. O paraguaio se opunha ao revisionismo profundamente, porque acreditava que o enaltecimento da participação de seu país na guerra significava uma subversão da memória nacional; ele e seus familiares foram pessoalmente perseguidos durante o governo do Marechal López, e o escritor entendia que essa revisão da história poderia levar à concessão

das propriedades pleiteadas por Madame Lynch aos seus descendentes. A preocupação com a possibilidade dos terrenos serem cedidos foi o que o motivou a escrever e é um elemento central em toda narrativa.

Repleto de mágoas e lembranças pessoais de quando vivenciou a Guerra da Tríplice Aliança, Decoud descreveu Elisa Lynch de forma virulenta, apresentando-a como uma mulher ambiciosa, “histérica”, prostituída, ladra, adúltera e até mesmo assassina. Vemo-nos aqui em diálogo com o modelo mais negativo sobre a personagem, que foi sintetizado pela primeira vez na biografia escrita por Héctor Varela em 1870. No caso de Decoud, contudo, houve um aprofundamento significativo das críticas: enquanto o paraguaio entendeu que a irlandesa estava à frente da relação, tendo uma inserção pública desmedida e influenciando totalmente a política do Marechal López, que fazia de tudo para agradá-la, Héctor Varela afirmava que Lynch apenas instigava os “instintos ferozes” de Solano, sem nunca conseguir colocar-se à frente dele. Assim, em *Elisa Lynch de Quatrefages* o desequilíbrio entre o casal é muito maior e Decoud identificava que a influência dessa mulher teria sido fundamental para a destruição do país.

Héctor Decoud não fazia um mero reforço à leitura liberal sobre a guerra, mas também defendia o legado de seus familiares, que se engajaram na resistência ao governo do Marechal e passaram a ser entendidos como “traidores da pátria” por revisionistas. Embora, tanto o engajamento revisionista, como a escrita de Decoud, estivessem permeados por várias questões familiares e pessoais, procurei explicar ao longo do texto que a argumentação ultrapassava em muito o mero interesse individual. O revisionismo histórico certamente não teria se tornado tão influente se fosse entendido apenas como fruto dos interesses financeiros de uma família; igualmente, Decoud pretendeu atingir um público mais amplo com seu relato, no objetivo de defender sua interpretação sobre a Guerra da Tríplice Aliança, que então se tornava dissidente. Havia, na década de 1920, espaço para que as duas expressões sobre o passado se manifestassem e cada uma delas atingia o público de diferentes maneiras.

Apesar da resistência, o revisionismo teve um crescimento considerável, até se tornar “história oficial” durante o *stronismo*. Dinâmico e dissidente no início do século, o revisionismo foi se convertendo em um instrumento conservador e autoritário após a Guerra do Chaco (1932–1935), atingindo seu ápice durante a ditadura de Alfredo Stroessner (1954–1989). Responsável pelo assassinato de guerrilheiros e outros opositores políticos, e por consolidar um sistema político autoritário e restritivo, Stroessner perseguiu estudantes e professores universitários,

fraudou eleições, se autointitulou sucessor de “heróis nacionais” e tornou a história nacional um assunto de Estado.

Durante o *stronismo*, a exaltação dos “heróis” não foi suficiente e novos personagens ganharam destaque na narrativa nacionalista então dominante, como soldados anônimos e as *residentas*. A evocação e celebração das *residentas*, como ícones da domesticidade e abnegação feminina na Guerra da Tríplice Aliança somava-se à ressignificação e reabilitação nacionalista da memória de Elisa Lynch. A exaltação da participação das mulheres na “Epopéia Nacional” tinha caráter moralizador, guardando uma relação importante com a conjuntura histórica que impunha a necessidade de reconhecer e aprovar o sufrágio feminino no Paraguai.

Nesse contexto, o governo paraguaio apoiou a publicação da biografia *Madama Lynch* (1958), que teve várias edições e teceu elogios ao ditador. A biografia traz uma imagem profundamente idílica de Lynch e a glorifica como companheira abnegada de López. Altruísta, fiel e profundamente apaixonada, ela passou a constituir, então, um modelo cristão e patriótico de mãe e “esposa”, que havia optado por adotar o Paraguai como pátria. Enquanto Elisa aparece “domesticada”, sem qualquer envolvimento relevante na política, López é mostrado como estadista e militar competente, ícone da masculinidade paraguaia.

O Paraguai foi o último país da América Latina a aprovar o sufrágio feminino em 1961, em pleno *stronismo*. Reconhecer o direito ao voto não implica que o seu exercício seja pleno, muito pelo contrário; a exaltação das *residentas*, a definição de espaços de atuação e limites comportamentais para as mulheres, a instrumentalização de Elisa Lynch, e a proximidade do governo em relação à principal organização que reivindicava direitos civis e políticos para as paraguaias, são indícios da tentativa de controlar as demandas e prevenir uma possível radicalização do movimento sufragista.

Dessa forma, *Madama Lynch* também traz a separação entre as esferas públicas e privadas como domínios específicos de cada gênero. Apesar de se basear no escrito autobiográfico de Lynch, a biografia silencia a postura enérgica da irlandesa no pós-guerra e a “domestifica” tanto quanto possível. A agora aclamada “heroína nacional” tinha como única missão acompanhar Solano López e lhe oferecer todo o suporte necessário na “Epopéia”. Nesse sentido, não devemos nos surpreender com o empenho do governo para tentar transladar as cinzas de Elisa Lynch para o Panteão Nacional dos Heróis, mesmo local onde foram depositados os restos mortais de Solano López. A chegada da urna funerária de Lynch ao porto de Assunção ocorreu, ainda, poucos dias após a aprovação do sufrágio feminino no país.

A iniciativa não funcionou como o esperado, porque contou com a oposição da Igreja Católica, uma vez que o Panteão também tinha funções religiosas. Esse elemento específico nos ajuda a compreender que apesar do esforço ditatorial, a narrativa nacionalista sobre Elisa Lynch não se tornou consensual e que a resistência da Igreja fez Stroessner retroceder em seus planos iniciais. Apesar de não conseguir transladar a urna funerária ao monumento, o esforço para difundir uma imagem mais contida e abnegada da personagem teve continuidade com a construção de um túmulo no cemitério *La Recoleta* para onde seus restos mortais foram levados. Em cima da sepultura foi construída uma estátua, na qual representou-se a personagem logo após enterrar Solano López e seu filho Panchito. Com isso, a ditadura sintetizava e delimitava a importância de Lynch ao cuidado dedicado ao “herói” e ao seu filho.

A rejeição a uma imagem romantizada e apolítica de Elisa surgiu também em um escrito de Concepción Leyes de Cháves, uma escritora paraguaia que se engajou no sufragismo. Ao invés de criticar a irlandesa, a paraguaia preferiu entendê-la como uma mulher “dinâmica e criadora”, utilizando-a para criticar o “conceito paraguaio de que a mulher é um simples elemento de prazer e comodidade”. Através da biografia *Madame Lynch: Evocación* (1957), Leyes de Cháves defendeu a imagem de Lynch como mulher apaixonada e inteligente, que tinha capacidade de raciocinar politicamente. No escrito, a resistência que Solano López possui para entender a irlandesa como “um ser pensante”, sintetiza o comportamento dos homens paraguaios que apenas desejavam a submissão das mulheres. Nesta obra, o desmonte do Marechal enquanto herói isento de críticas e a representação de que a irlandesa podia aconselhá-lo sobre política e escutá-lo sobre seus sentimentos frente à destruição do Paraguai difere sensivelmente do equilíbrio romântico que a relação possuía nas iniciativas oficiais do *stronismo* sobre o assunto.

Dentro de toda essa imagética elaborada sobre Elisa Lynch, as representações sobre as suas relações privadas possuem uma centralidade que destoa da imponente atribuída a Francisco Solano López na esfera pública. Os seus biógrafos mais implacáveis, como Héctor Decoud e Henri Pitaud, não admitem conciliar a ingerência de Elisa Lynch na esfera pública, com a integridade de seu caráter; um elemento anula o outro em suas biografias. No contexto em questão, somente María Concepción Leyes de Cháves — uma mulher sufragista —, percebeu a possibilidade de elaborar uma leitura mais conciliadora.

A solução encontrada pelo governo *stronista* para admitir Elisa Lynch no cânone nacionalista foi, basicamente, o silenciamento das suas demandas pecuniárias e políticas no pós-guerra e a sua contenção, tanto quanto possível, no espaço privado. Embora a ditadura não

tenha atingido o objetivo específico de transladar suas cinzas ao Panteão Nacional dos Heróis, é equivocado identificar, nisso, um fracasso total na empreitada de torná-la uma heroína nacional. A divulgação de livros, filmes, o traslado das cinzas e a edificação do túmulo parece ter atingido alguns setores da sociedade paraguaia, que insistem que as cinzas devem ser levadas ao monumento. Por outro lado, as diferentes versões que circularam sobre a irlandesa demonstram que não existia um consenso a seu respeito e que a memória sobre a personagem era um campo em disputa. Ou seja, apesar da ditadura ter empregado muitos recursos para apagar narrativas dissidentes, coexistiam memórias distintas sobre Elisa Lynch.

Como procurei demonstrar, desde o final da Guerra da Tríplice Aliança até a ditadura de Stroessner, Elisa Lynch foi reinterpretada inúmeras vezes. De alçoz do povo, Elisa Lynch chegou a ser utilizada para legitimar o sufragismo paraguaio e foi alçada ao posto de heroína nacional. Dentro do período em questão, muito pouco foi feito para tentar analisar a trajetória de Madame Lynch em sua complexidade e dentro do seu próprio período histórico. Os biógrafos se aproximam de forma mais ou menos dócil de Elisa Lynch de acordo com convicções prévias a respeito do papel desempenhado pelo casal no Paraguai durante a Guerra da Tríplice Aliança. Mais do que isso, cada intento para encontrar a verdade sobre a vida de Elisa Lynch esbarrou em interesses políticos que, de algum modo, determinaram a reelaboração da memória sobre a personagem.

Epílogo

Após discutir as construções de memórias sobre Elisa Lynch entre o final da Guerra da Tríplice Aliança e a ditadura de Alfredo Stroessner, pensemos também parte da produção biográfica mais recente. No início dos anos 1990 começaram a surgir grandes esforços para a superação das leituras nacionalistas sobre o passado paraguaio, abrindo espaço para o estudo de novas temáticas, oferecendo um olhar mais crítico para a Guerra da Tríplice Aliança e seus personagens mais lembrados. Em relação a Elisa Lynch, observamos o crescimento substancial no número de publicações sobre a irlandesa no Paraguai, mas também nos Estados Unidos, Argentina, Reino Unido e Irlanda.¹ No Paraguai, esse aumento parece estar relacionado ao crescimento da atividade editorial do país, à permanência da Guerra da Tríplice Aliança enquanto “centro nervoso” da história nacional e à existência de um “espaço biográfico”, ou seja, um interesse amplo no consumo de biografias e na produção de escritas autorreferenciais.²

Depois de ser utilizada para reforçar a autoridade simbólica do ditador, a personagem continua sendo instrumentalizada em algumas iniciativas recentes. Uma demonstração importante e exemplar disso é a biografia *Calúnia: Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai*, publicada em 2009 por Michael Lillis e Ronan Fanning, dois estudiosos irlandeses. Escrito originalmente em inglês, o livro recebeu uma edição paraguaia e brasileira e, sem dúvidas, constitui a biografia de Lynch com maior divulgação e facilidade de acesso na atualidade.

Partindo da constatação de que Elisa Lynch foi mitificada e injustiçada desde o final da Guerra da Tríplice Aliança, os autores fizeram uma extensa e exaustiva pesquisa documental e bibliográfica, procurando fazer uma reconstrução verídica de sua trajetória, tentando se afastar das supostas calúnias criadas em cima dela. Além do grande esforço de pesquisa, a biografia tem como diferencial a tentativa de discutir e conciliar as interpretações mais correntes sobre a

¹ Para Laura Izarra, o crescimento econômico do “Tigre Celta” levou ao ressurgimento de sua cultura milenar e ao estudo da presença irlandesa pelo mundo, especialmente nos países considerados atraentes durante a diáspora irlandesa no século XIX, como os EUA, a Austrália e o Canadá. Em seu estudo, a autora se dedica a analisar algumas narrativas da diáspora na América do Sul, identificando as particularidades desse sujeito diaspórico frente àqueles que se dirigiram para outras localidades. Ao analisar as narrativas mais recentes sobre esses sujeitos, especificamente as leituras sobre Elisa Lynch, a escritora relacionou o aumento na quantidade de publicações no início do século XXI com uma “diáspora inversa”, ou seja, o crescimento do fluxo migratório à Irlanda, que teria levado ao receio de uma desintegração cultural do país. Embora a autora reconheça que as representações contemporâneas sobre a diáspora feminina tenham suas especificidades, ela compreende também que as suas manifestações mais recentes dialogam com os movimentos de globalização e os processos de constituição de novas identidades. IZARRA, Laura Patricia Zuntini de. “Lecturas renovadas del pasado”. *Narrativas de la diáspora irlandesa bajo la Cruz del Sur*. Buenos Aires: Corregidor, 2011.

² ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2010, p. 60.

personagem, nas quais ela é totalmente idealizada ou desprezada. Contudo, diante da busca da “verdade” sobre a trajetória de Lynch, e por maior que seja o esforço em construir um perfil mais humano e menos idealizado, os autores acabam traçando uma imagem também unívoca e engessada de Elisa Lynch como uma mulher injustiçada, corajosa e apaixonada, numa abordagem que se assemelha com as leituras do *stronismo*.

Em relação à Guerra da Tríplice Aliança, os autores também se dedicam a discuti-la e interpretá-la, responsabilizando o Paraguai pelo início do conflito, mas também chamando a atenção dos aliados pelos desdobramentos e longa duração do mesmo. A proposta principal de Lillis e Fanning é que o Brasil reconheça o seu papel na devastação do Paraguai, para que seja possível uma reconciliação entre os dois países. Essa constatação parte de uma comparação das relações entre a Grã-Bretanha e a Irlanda durante a Grande Fome (1845–1849) — quando a última não obteve uma verdadeira assistência para enfrentar o flagelo que sofria —, e as animosidades entre o Paraguai e o Brasil por causa da guerra. Ao final da biografia, os autores fazem referência ao ato simbólico do ex-Primeiro-Ministro britânico Tony Blair, que pediu desculpas à Irlanda em 1997 por causa da omissão inglesa no século XIX. Assim, os autores recorreram a Elisa Lynch, reforçando a sua identidade como mulher irlandesa, para conectá-la com as relações internacionais entre Irlanda e Inglaterra, e Paraguai e Brasil.

Em reforço à sua nacionalidade e à necessidade de divulgar a *verdade* sobre ela, foi gravado um longa-metragem, denominado *Eliza Lynch: Queen of Paraguay* em 2013. Baseado na pesquisa de Michael Lillis e Ronan Fanning, o documentário parece também ter tido a intenção de apresentar Elisa Lynch aos irlandeses, afinal, como os autores alegaram em *Calúnia*, ela era pouco conhecida em seu país de origem.³ Referindo-se ao documentário, a jornalista irlandesa Emily Hourican alegou que:

esta não é apenas a história de uma mulher destemida e engenhosa que amava um homem perigoso, e que permaneceu ao seu lado com coragem e dignidade até o final, é — talvez mais importante — a história de um país cruelmente reprimido, que ainda espera reconhecimento por isso.⁴

³ FANNING, Ronan; LILLIS, Michael. “Prólogo”. *Calúnia: Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Terceiro nome, 2009.

⁴ HOURICAN, Emily. The extraordinary story of Eliza Lynch, the 'Queen of Paraguay'. *Irish Independent*, Irlanda, 2 de março de 2014. Disponível em: <<https://www.independent.ie/irish-news/emily-hourican-the-extraordinary-story-of-eliza-lynch-the-queen-of-paraguay-30054027.html>>. Acesso em: 09/03/2019.

As referências à Guerra da Tríplice Aliança também apareceram em uma fala de Federico Franco, então presidente do Paraguai, que fez elogios ao filme e ao gesto simbólico de Tony Blair, pedindo ao Brasil a devolução de troféus de guerra.⁵

O documentário teve uma exibição exclusiva para convidados no Paraguai em 2013, contando com a presença de Miguel Angel Solano López — bisneto de Elisa Lynch e Solano López —, Federico Franco e o irlandês Conor McEnroy, CEO do banco Sudameris e responsável por apoiar financeiramente o projeto.⁶ Posteriormente, foi exibido para um público mais amplo no Paraguai.⁷ Essa recente iniciativa de mostrar a “verdade” sobre Elisa Lynch e estabelecer comparações entre a Irlanda e o Paraguai não parece ter surgido ao acaso. Em 2010, McEnroy incentivava a imigração de irlandeses à América do Sul, especialmente ao Paraguai, como mão de obra qualificada enquanto as economias desenvolvidas se recuperavam da crise financeira.⁸ Mais recentemente, em 2017, McEnroy, agora como cônsul honorário da Irlanda no Paraguai,⁹ incentivou o estreitamento de laços comerciais entre os dois países.¹⁰ Obviamente, não tenho a pretensão de desqualificar o escrito de Michael Lillis e Ronan Fanning e o documentário resultante; é importante ponderar, de outro modo, que Elisa Lynch, mais uma vez, foi instrumentalizada, agora para fomentar relações econômicas entre a Irlanda e o Paraguai.

Além dessas sucessivas instrumentalizações de Elisa Lynch, que guardam uma certa proximidade com imagens difundidas durante o *stronismo*, visualizamos também um atual movimento ideológico de enaltecimento dos regimes militares que atingiram violentamente a América Latina entre as décadas de 1960 e 1980. Segundo o historiador brasileiro Marcos

⁵ HENNIGAN, Tom. New film celebrates Irish ‘queen of Paraguay. *Irish Independent*, Irlanda, 12 de abril de 2013. Disponível em: <<https://www.irishtimes.com/culture/film/new-film-celebrates-irish-queen-of-paraguay-1.1357802>>. Acesso em: 09/03/2019.

⁶ Ibidem.

⁷ Embora os assuncenos tenham tido a possibilidade de assistir o documentário nos cinemas, o acesso ao material ainda é restrito. Na conferência de pré-estreia do documentário no Paraguai, o produtor Stuart Switzer alegou que o longa precisava participar e vencer alguns festivais mundiais antes de efetivamente adentrar o circuito comercial. Até o presente momento, o filme ainda não foi lançado comercialmente em DVD, Blu-ray ou outra mídia digital e também não está disponível na internet. Cf. Culturalanacion. *Eliza Lynch - Queen of Paraguay 5-7 Conferencia de pre-estreno*. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OWjtsmnShWc>>. Acesso em: 28/02/2019.

⁸ HENNIGAN, Tom. Wicklow man on a mission finds success in Paraguay's banking industry. *The Irish Times*, Irlanda, 21 de maio de 2010. Disponível em: <<https://www.irishtimes.com/business/wicklow-man-on-a-mission-finds-success-in-paraguay-s-banking-industry-1.668000>>. Acesso em: 07/03/2019.

⁹ Irlanda abre oficialmente su consulado en el país. *ABC color*, Paraguay, 18 de março de 2017. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impres/politica/irlanda-abre-oficialmente-su-consulado-en-el-pais-1575021.html>>. Acesso em: 07/03/2019.

¹⁰ Conor McEnroy acerca cada vez más a Irlanda y Paraguay. *5 días. Pasión por los negocios*, Paraguay, 17 de março de 2017. Disponível em: <<http://www.5dias.com.py/2017/03/conor-mcenroy-acerca-cada-vez-mas-a-irlanda-y-paraguay/>>. Acesso em: 09/03/2019.

Napolitano, esse movimento de revisão está vinculado ao avanço do autoritarismo na América Latina. Defendendo a violência de Estado e baseada no pressuposto de uma acirrada disputa política entre a esquerda e a direita, os golpes de Estado parecem justificados para alguns grupos que não procuram evidências documentais que comprovem suas afirmações e negam qualquer diálogo com historiadores ou outros intelectuais que estudam a temática.¹¹

De muitas maneiras, é possível alegar que legado do *stronismo* ainda permanece vivo no Paraguai. Seja pela inexistência de uma política de reparação às vítimas e seus familiares, seja pela eleição de líderes políticos vinculados à ditadura, há uma dificuldade para acertar as contas com o passado ditatorial. De forma mais específica, ao observar a reedição de obras nacionalistas de Juan O’Leary, a solicitação ao Congresso Paraguai para transladar as cinzas de Madame Lynch ao Panteão Nacional dos Heróis e a republicação de suas biografias, levamos a reconhecer que o revisionismo *lopista* ainda não pôde ser completamente superado, apesar de muitos esforços terem sido concentrados em construir uma história crítica sobre a Guerra da Tríplice Aliança.

O confronto ainda desperta discussões acaloradas, que muitas vezes levam a uma necessidade de encontrar a “verdade” sobre seus personagens mais célebres. As múltiplas publicações sobre Lynch e o apoio governamental ao documentário *Eliza Lynch: Queen of Paraguay*, demonstram o quanto essas questões ainda são sensíveis e instrumentalizadas, mesmo trinta anos após Stroessner ter sido retirado do poder. Somado a isso, vivenciamos ainda um processo de revisionismo ideológico das ditaduras latino-americanas, que tende a dificultar ainda mais o pensamento crítico sobre quaisquer temas que tangenciem o período *stronista*.

É essencial reconhecer que qualquer iniciativa para evocar a memória de Elisa Lynch esbarra em uma longa tradição autoritária que precisa ser analisada criticamente. Os materiais escritos sobre ela estão em diálogo com concepções historiográficas pré-determinadas e, ao menos nos casos discutidos, estão vinculados a determinados projetos políticos. É preciso cautela ao se acercar de “heróis” e “heroínas” nacionais de tamanha envergadura; sua própria consolidação nesse posto foi um importante pilar ideológico do *stronismo*, que ainda permanece vivo no Paraguai. Mais importante do que buscar a *verdade* sobre a trajetória de Elisa Lynch

¹¹ CHARLEAUX, João Paulo. Por que há uma onda revisionista das ditaduras sul-americanas. Marcos Napolitano, doutor em história pela USP, fala ao ‘Nexo’ sobre a relativização dos crimes cometidos pelos regimes militares que governaram a região. *Nexo*, Brasil, 02 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2018/09/02/Por-que-h%C3%A1-uma-onda-revisionista-das-ditaduras-sul-americanas?fbclid=IwAR3D7eNGADLc8jtNy0V70hBggq8z_YtzCk7j_jyueZ9iNOIVChMfDxksew>. Acesso em: 04/02/2019.

ou Solano López é realizar análises críticas e compreender que nenhuma representação sobre o casal é passível de alcançar a objetividade que os biógrafos normalmente pretendem.

Fontes

Livros

DECOUD, Héctor Francisco. *Elisa Lynch de Quatrefages*. Buenos Aires: Casa editora/ Librería "Cervantes", J. Suárez, 1939.

_____. *Los emigrados paraguayos en la guerra de la Triple Alianza*. Buenos Aires: Talleres Gráficos Argentinos L.J. Rosso, 1930.

_____. *Sobre los escombros de la guerra: una década de vida nacional*. Asunción: Talleres nacionales de H. Kraus, 1925.

FANNING, Ronan; LILLIS, Michael. *Calúnia: Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Terceiro nome, 2009.

LEYES DE CHÁVES, María Concepción. *Madame Lynch. Evocação*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1960.

LYNCH, Elisa Alicia. *Elisa Alicia Lynch - Cartas y Memorias*. Asunción: Servilibro, 2011.

LÓPEZ DE DECOUD, Adelina. *Biografía de don Héctor Francisco Decoud: in memoriam*. Buenos Aires: J. Suárez, 1937.

PITAUD, Henri. *Le pain de la terre. Mémoires d'un paysan vendée au debut du XXe siècle (1982)*. Paris: J.C. Lattès, 2000.

_____. *Les Français au Paraguay*. Bordeaux: Éditions Bière, 1955.

_____. *Madama Lynch*. 3ªed. Asunción: Editorial France-Paraguay, 1970.

_____. *Paraguay, terre vierge*. Paris: Frédéric Chambriad, 1950.

_____. *Paysan et Militant. Mes chemins sauvages, souvenirs 1921-1940*. Paris: Éditions de l'Étrave, 2001.

VARELA, Héctor Florencio. *Elisa Lynch por Orion*. Buenos Aires: Imprenta de La Tribuna, 1870.

VILLA VICENCIO, Jacinto. *Dictadura del Mariscal López. O sea un cúmulo de episodios históricos del Paraguay e de las naciones limítrofes*. Buenos Aires: Imp. Del orden, 1874, tomo I.

Legislação

Constitución de 1870. *Portal Guarani*. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/690_miguel_angel_pangrazio/13203_constitucion_de_1870_compilador_miguel_angel_pangrazio_ciancio_.html>. Acesso em: 08/09/2018.

Ley Nº 236 / DE LOS DERECHOS CIVILES DE LA MUJER. *Biblioteca y Archivo Central del Congreso de la Nación*, 2013. Disponível em: <<http://www.bacn.gov.py/leyes-paraguayas/983/ley-n-236-de-los-derechos-civiles-de-la-mujer>>. Acesso em: 19/02/2019.

LEY Nº 704 / DERECHOS POLITICOS DE LA MUJER. *Biblioteca y Archivo Central del Congreso de la Nación*, 2013. Disponível em: <<http://www.bacn.gov.py/leyes-paraguayas/252/derechos-politicos-de-la-mujer>>. Acesso em: 10/02/2019.

Artigos jornalísticos

CARVALHO, José Murilo de. Um voluntário na Guerra do Paraguai. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 08 de julho de 2001, Caderno Mais. <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0807200108.htm>>. Acesso em: 25/02/2016.

CHARLEAUX, João Paulo. Por que há uma onda revisionista das ditaduras sul-americanas. Marcos Napolitano, doutor em história pela USP, fala ao 'Nexo' sobre a relativização dos crimes cometidos pelos regimes militares que governaram a região. *Nexo*, Brasil, 02 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/entrevista/2018/09/02/Por-que-h%C3%A1-uma-onda-revisionista-das-ditaduras-sul-americanas?fbclid=IwAR3D7eNGADLCC8jtNy0V70hBggq8z_YtzCk7j_jyueZ9iN0IVChMfDxksew>. Acesso em: 04/02/2019.

Conor McEnroy acerca cada vez más a Irlanda y Paraguay. *5 días. Pasión por los negocios*, Paraguay, 17 de março de 2017. Disponível em: <<http://www.5dias.com.py/2017/03/conor-mcenroy-acerca-cada-vez-mas-a-irlanda-y-paraguay/>>. Acesso em: 09/03/2019.

Culturalanacion. *Eliza Lynch - Queen of Paraguay 5-7 Conferencia de pre-estreno*. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OWjtsmnShWc>>. Acesso em: 28/02/2019.

HENNIGAN, Tom. Wicklow man on a mission finds success in Paraguay's banking industry. *The Irish Times*, Irlanda, 21 de maio de 2010. Disponível em: <<https://www.irishtimes.com/business/wicklow-man-on-a-mission-finds-success-in-paraguay-s-banking-industry-1.668000>>. Acesso em: 07/03/2019.

HOURICAN, Emily. The extraordinary story of Eliza Lynch, the 'Queen of Paraguay'. *Irish Independent*, Irlanda, 02 de março de 2014. Disponível em: <<https://www.independent.ie/irish-news/emily-hourican-the-extraordinary-story-of-eliza-lynch-the-queen-of-paraguay-30054027.html>>. Acesso em: 09/03/2019.

Irlanda abre oficialmente su consulado en el país. *ABC color*, Paraguay, 18 de março de 2017. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impres/politica/irlanda-abre-oficialmente-su-consulado-en-el-pais-1575021.html>>. Acesso em: 07/03/2019.

Madame Lynch al Panteón. *ABC color*, Paraguay, 13 de novembro de 2011. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impres/politica/madame-lynch-alpanteon-332017.html>>. Acesso em: 30/12/2017.

Bibliografia Geral da Pesquisa

- AMANTE, Adriana. *Poéticas y políticas del destierro. Argentinos em Brasil en la época de Rosas*. Buenos Aires: Fondo de cultura económica, 2010.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das letras, 2015.
- ANTZE, Paul; LAMBECK, Michael. *Tense Past. Cultural Essays in Trauma and Memory*. London: Routledge, 1996.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2010.
- BÁEZ, Cecilio. *La tiranía en el Paraguay. Sus causas, caracteres y resultados*. Asunción: Tip. de “El país”, 1903.
- BANDEIRA, Luiz Alberto de Vianna Moniz. “A Guerra do Chaco”. *Revista Brasileira de Política Internacional*. Brasília, v. 41, n.1, Jan./Jun., 1998.
- BARATTA, Maria Victoria. “Representaciones de Paraguay en Argentina durante la Guerra de la Triple Alianza, 1864–1870”. *Revista SURES*, n. 74, 2014.
- BARCO, José Vicente Peiró. *Literatura y sociedad. La narrativa paraguaya actual (1980–1995)*. 2001. 1788f. Tese (Doutorado em filologia) – Universidad Nacional de Educación a Distancia, Espanha.
- BAREIRO, Line; MONTE DE LÓPEZ MOREIRA, Mary; SOTO, Clyde (Orgs.). *Al Fin Ciudadanas, 50 años de derechos políticos de las mujeres en Paraguay*. Asunción: CDE, 2011.
- BEIRED, José Luis Bendicho. “Hispanismo e latinismo no debate intelectual ibero-americano”. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 30, n. 54, set/dez 2014.
- BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina. Da Independência a 1870*. São Paulo: EDUSP, 2014, v. 3.
- BILBAO, Manuel. *Elisa Lynch por Orion. Juicio crítico dado por el diario La República*. Buenos Aires: Imprenta, litografía y fundición de tipos, de la sociedad anónima, 1870.
- BOCCIA PAZ, Alfredo. “Represión Política y Género en la Dictadura Paraguaya”. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (Orgs.). *Gênero, feminismos e ditaduras no Cone Sul*. Florianópolis: Mulheres, 2010.
- _____; RIVAROLA, Milda. *El Paraguay Liberal. El Paraguay Contemporáneo. Historia General del Paraguay*. Tomo III. Asunción: Fausto Ediciones, 2013.
- BOCCIA ROMANACH, Alfredo. *El Paraguay independiente. Historia General del Paraguay*. Tomo II. Asunción: Fausto Ediciones, 2013.
- BORGES, Vavy Pacheco. “Grandezas e misérias da biografia”. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.
- BORM, Jan. “Defining Travel: On Travel Book, Travel Writing and Terminology”. In: HOOPER, Glenn; YOUNGS, Tim. *Perspectives on Travel Writing*. London: Ashgate, 2004.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

BREZZO, Liliana. *Aislamiento, nación e historia en el Río de la plata: Argentina y Paraguay. Siglos XVIII-XX*. Rosario: Universidad Católica Argentina, 2005, p. 273-301.

_____. “El historiador y el general: imposiciones y disensos en torno a la interpretación pública de la historia en Paraguay.” *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, 03 de dezembro de 2014. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/nuevomundo/67479>>. Acesso em: 18/01/2019.

_____. *Juan E. O’Leary: El Paraguay convertido en acero de pluma*. Asunción: El Lector, 2011.

_____. “¡La gran polémica continúa!”. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. n. 9, 2009.

_____. “La guerra de la triple alianza en los límites de la ortodoxia: mitos y tabúes”. *Revista Universum*. Talca, v. 1, n. 19, 2004.

_____. “La historiografía paraguaya: del aislamiento a la superación de la mediterraneidad”. *Diálogos*, v. 7, 2003.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2016.

CAPDEVILA, Luc. *Una Guerra total: Paraguay, 1864–1870. Ensayo de historia del tiempo presente*. Buenos Aires: Editorial Sb, 2010.

CAPELATO, Maria Helena. “O controle da opinião e os limites da liberdade: imprensa paulista (1920–1945)”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 12, nº. 23/24, 1991.

CARRERA DAMAS, Germán. *El culto a Bolívar. Esbozo para un estudio de la historia de las ideas en Venezuela*. Caracas: Universidad central de Venezuela, 1969.

CASAL, Juan Manuel; WHIGHAM, Thomas L. (Orgs.). *Paraguay: El Nacionalismo y la Guerra. Actas de las Primeras Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay en la Universidad de Montevideo*. Asunción: Servilibro/ Universidad de Montevideo, 2009.

_____. (Orgs.). *Paraguay: Investigaciones de historia social y política. III Jornadas Internacionales de Historia del Paraguay en la Universidad de Montevideo*. Asunción: Tiempo de Historia/Universidad de Montevideo, 2013.

DINIZ, Alai Garcia. “O corpo feminino no imaginário da guerra do Paraguai”. *Travessia – Revista de Literatura*, Florianópolis, n. 32, p. 39, 1996.

DIONISI, Maria Gabriella. “Lecturas y re-lecturas de la "Madama del Paraguay": un recorrido bibliográfico”. *Estudios Paraguayos*. Assunção, v. 26-27, n. 1-2, 2008-2009.

DORATIOTO, Francisco. El nacionalismo lopizta paraguayo. *América sin nombre*, n. 4, p. 18-22, 2002.

_____. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Relações Brasil-Paraguai. Afastamento, tensões e reaproximação (1889–1954)*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.

DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. *Mulheres comuns, senhoras respeitáveis. A presença feminina na Guerra do Paraguai*. 2002. 131 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados.

FERNANDES, Eurico da Silva. *A “invenção” do Paraguai: História, projetos e intelectuais na construção da nação paraguaia*. 2006. 218 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

FRANCO, Stella Maris Scatena; PRADO, Maria Ligia Coelho. “A participação das mulheres na independência da Nova Granada: gênero e construção de memórias nacionais”. In: MÄDER, Maria Elisa; PAMPLONA, Marco A. (Orgs.). *Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas: Nova Granada, Venezuela e Cuba*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

_____. “Gênero em debate: problemas metodológicos e perspectivas historiográficas” In: PRADO, Maria Ligia Coelho; VILLAÇA, Mariana (Orgs.). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas* [online]. 1ª e.d. São Paulo: Laboratório de Estudos de História das Américas (LEHA)/ Universidade de São Paulo, 2015.

_____. *Peregrinas de outrora. Viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

FREUD, Sigmund. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886–1889)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FUENTES ARMADANS, Claudio José. *La maldición del legionario. Cómo se construyó un estigma político autoritario en el Paraguay*. Asunción: Tiempo de Historia, 2016.

GARCÍA CASTAÑEDA, Salvador. “El periódico El Americano (París, 1872–74) y la independencia de Cuba”, *Romance Quarterly*, 51, n. 4, 2004.

GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

HERNÁNDEZ-PRIETO, María Isabel. “Héctor Florencio Varela en Madrid (1881–1885). Aportación a la historia del americanismo en España”. *Anales de Literatura Hispanoamericana*, Madrid, v. 9, n. 10, 1981.

HERZFELD, Michael. “Histórias”. *Antropologia: Prática Teórica na Cultura e na Sociedade*. Petrópolis: Vozes, 2014.

Historia breve de la Comisión Interamericana de Mujeres. OEA. *Más derechos para más gente*. Disponível em: <[http://www.oas.org/es/cim/docs/BriefHistory\[SP\].pdf](http://www.oas.org/es/cim/docs/BriefHistory[SP].pdf)>. Acesso em: 06/01/2019.

HOSIASSON, Laura Janina. *Nação e imaginação na Guerra do Pacífico*. São Paulo: EDUSP, 2011.

- IZARRA, Laura Patricia Zuntini de. *Narrativas de la diáspora irlandesa bajo la Cruz del Sur*. Buenos Aires: Corregidor, 2011.
- KINEALY, Christine. *The great irish famine. Impact, ideology and rebellion*. Houndmills: Palgrave, 2002.
- KOSTIANOVSKY, Olinda Massare de. *La mujer paraguaya. Su participación en la Guerra Grande*. Asunción: Escuela Técnica Salesiana, 1970.
- LAVRIN, Asunción. *Mujeres, feminismo y cambio social en Argentina, Chile y Uruguay (1890–1940)*. Chile: Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.
- LEONZO, Nanci. “A cortesã Lynch e o tirano do Paraguai”. In: BORGES, Fernando Tadeu de Miranda; PERARO, Maria Adenir (Orgs.). *Brasil e Paraguai – Uma releitura da guerra*. Cuiabá: Edufmt; Entrelinhas, 2012.
- LEVILLAIN, Philippe. “Os protagonistas: da biografia”. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- LEWIS, Paul H.. *Paraguay Bajo Stroessner*. México, D.F.: Fondo de Cultura Economica, 1986.
- _____. *Partidos políticos y generaciones en Paraguay (1869–1940)*. Asunción: Editorial Tiempo de Historia, 2016.
- LYNCH, John. “As repúblicas do Prata: da independência à Guerra do Paraguai”. In: BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina. Da Independência a 1870*. São Paulo: EDUSP, 2014, v. 3.
- MANUEL WENCESLAO CHAVES. *Portal Guarani*. Disponível em: <http://www.portalguarani.com/1663_manuel_wenceslao_chaves.html>. Acesso em: 13/12/2019.
- MARCO, Miguel Angel de (Org.). *Corresponsales en Acción. Crónicas de la Guerra del Paraguay “La Tribuna”, 1865–1866*. Buenos Aires: Librería História, 2003.
- MARTINEZ, Frédéric. “El impacto del viaje”. *El nacionalismo cosmopolita. La referencia europea en la construcción nacional en Colombia, 1845–1900*. Bogotá: Banco de la república/ Instituto francés de estudios andinos, 2001.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. “A História, Cativa da Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros/USP*, São Paulo, v. 34, p. 9-24, 1992.
- MORAES, Ceres. *Paraguai: a consolidação da ditadura de Stroessner (1954–63)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- MOREIRA, Luiz Felipe Viel (Org.). *Instituições, fronteiras e política na história sul-americana*. Curitiba: Juruá, 2007.

_____; QUINTEROS, Marcela Cristina (Orgs.). *As revoluções na América Latina Contemporânea*. Maringá: UEM-PGH-História, 2016.

_____. *As revoluções na América Latina Contemporânea. Entre o ciclo revolucionário e as democracias restringidas*. Maringá: UEM-PGH-História, 2017.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia”. In: _____ (Org.). *Culturas Políticas na História: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

NAVARRETE, Federico. “Las fuentes indígenas más allá de la dicotomía entre historia y mito”. *Estudios de Cultura Náhuatl*. Ciudad de México (México), v. 30, p. 231-256.

NICKSON, Andrew. “El Régimen de Stroessner (1954–1989)”. In: TELESCA, Ignacio (Org.), op. cit., 2010.

O’LEARY, Juan E.. *El Mariscal Solano López*. Asunción: Casa America, 1970.

_____. *Los emigrados paraguayos en la guerra de la Triple Alianza*. Buenos Aires: Talleres Gráficos Argentinos L.J. Rosso, 1930.

_____. *Recuerdos de gloria - Artículos Históricos sobre la Guerra Contra la Triple Alianza*. Asunción: Servilibro, 2014.

ORUÉ POZZO, Aníbal. *Periodismo y nación: Paraguay a inicios del siglo XX*. Assunção: Arandurã. 2008.

PAPELES de López o el tirano publicado por sí mismo y sus publicaciones. Papeles encontrados en los archivos del tirano – Tablas de Sangre y copia de todos los documentos y declaraciones importantes de los prisioneros, para el proceso de la tiranía; incluso de Madama Lasarre. Buenos Aires: Imprenta América, 1871.

PASTORE, Carlos. *La lucha por la tierra en el Paraguay*. Montevideo: Editorial Antequera, 1972.

PASTORMELO, Sergio. “Sobre la primera modernización de los diarios en Buenos Aires. Avisos, noticias y literatura durante la Guerra Franco-Prusiana (1870). In: DELGADO, Verónica; ROGERS, Geraldine (Orgs.). *Tiempos de papel. Publicaciones periódicas argentinas. (siglos XIX-XX)*. La Plata: Universidad de Nacional de La Plata, 2016.

PEDRO, Joana Maria; SOIHET, Rachel. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*, v. 27 n. 54, p. 281-300, 2007.

PELLEGRINO, Gabriela; PRADO, Maria Ligia. *História da América Latina*. São Paulo: Contexto, 2014.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

_____. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PIERRARD, Pierre. *Les laïcs dans l’Eglise de France : XIXe-XXe siècle*. Paris : Les Éditions Ouvrières, 1988.

PLÁ, Josefina. *La infortunada (Elisa Alicia Lynch)*. Asunción: Criterio Ediciones, 2007.

POTTHAST, Barbara. “La mujer en la historia del Paraguay”. In: TELESKA, Ignacio (Org.). *Historia del Paraguay*. Assunção: Taurus, 2010.

_____. *¿“Paraíso de Mahoma” o “País de las Mujeres”? - El rol de la familia en la sociedad paraguaya del siglo XX*. Asunción: Fausto Ediciones, 2011.

_____. “Residentas, destinadas y otras heroínas: El nacionalismo paraguayo y el rol de las mujeres en la Guerra de la Triple Alianza”. In: _____; SCARZANELLA, Eugenia (Orgs.). *Mujeres y naciones en América Latina. Problemas de inclusión y exclusión*. Madrid: Iberoamericana, 2001.

PRADO, Maria Ligia Coelho. “A Participação das Mulheres nas Lutas pela Independência Política da América Latina”. In: *América Latina no século XIX - Tramas, Telas e Textos*. São Paulo: Edusp, 2014.

QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. *Los males de la memoria. Historia y política en la Argentina*. Buenos Aires: Emecé, 1995.

QUINTEROS, Marcela Cristina. *Juan Natalicio González (1897–1966): um intelectual plural*. São Paulo: Tese de Doutorado em História Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RICEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RIVAROLA, Milda. “Violencia y corrupción” e “La espiral del crimen”. In: BOCCIA PAZ, Alfredo; _____ (Orgs.). *El Paraguay Liberal. El Paraguay Contemporáneo. Historia General del Paraguay*. Tomo III. Asunción: Fausto Ediciones, 2013.

RODRIGUEZ ALCALÁ, Guido. *Ideologia autoritária*. Brasília: Funag/IPRI, 2005.

_____. (Org.). *Residentas, Destinadas y Traidoras: Testimonios de Mujeres de la Triple Alianza*. Asunción: Servilibro, 2011.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da Educação*. 3ª ed. São Paulo: DIFEL, 1979.

SABATO, Hilda. *Historia de la Argentina, 1852–1890*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2012.

_____. *La política en las calles. Entre el voto y la movilización. Buenos Aires, 1862–1880*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.

SARTI, Cynthia. “A vítima como figura contemporânea”. *Cadernos CRH*, Salvador, v. 24, n. 61, 2011.

SBARDELLA, Cirilo Ramón. Las posesiones de Mme. Lynch en Formosa. In: Encuentro de Geohistoria Regional, I, 1980, Corrientes. *Resúmenes de Exposiciones...* Corrientes: IIGHI-FUNDANORD, 1980.

SCOTT, Joan W.. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.

SILVA, Alberto Moby Riberio da. *La noche de las kygua vera. La mujer y la reconstrucción de la identidad nacional en la posguerra de la Triple Alianza (1867–1904)*. Asunción: Intercontinental, 2010.

SILVA, Natania Neres da. “As imagens do jornalista Héctor Florencio Varela sobre Madame Lynch e o Paraguai no pós-Guerra da Tríplice Aliança”. *Revista Eletrônica da Anphlac*, v. 24, p. 44-71, 2018.

_____. Gênero, política e nacionalismos nas biografias de Madame Lynch. In: Encontro Internacional da ANPHLAC, XII, 2017. *Anais...* Campo Grande: UFMS, 2017.

SILVEIRA, Mauro César. *A batalha de papel. A charge como arma na guerra contra o Paraguai*. Florianópolis, UFSC, 2015.

_____. *Adesão fatal: a participação portuguesa na Guerra do Paraguai*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

SQUINELO, Ana Paula (Org.). *150 anos após – A Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*. Campo Grande: UFMS, 2016, v. 1 e 2.

STUVEN, Ana María. “Mujer, familia y república”. In: CARBÓ, Eduardo Posada; MORA, Enrique Ayala (Orgs.). *Los proyectos nacionales latino-americanos: sus instrumentos y articulación, 1870–1930*. Paris: UNESCO/ Editorial Trotta, 2008.

TORAL, André. *Imagens em desordem. A iconografia da guerra do Paraguai (1864–1870)*. São Paulo: Humanitas, 2001.

VALINOTTI, Ana Montserrat Barreto. *Elisa Alicia Lynch*. Asunción: El Lector, 2011.

_____. *Espacio de mujeres políticas: las ellas en la política paraguaya, 200 años de puertas por descubrir*. Asunción: Decidamos, 2013.

_____. *Mujeres que hicieron historia en el Paraguay*. Asunción: Servilibro, 2011.

WASSERMAN, Fabio. “La libertad de imprenta y sus límites: prensa y poder político en el Estado de Buenos Aires durante la década de 1850”. *Almanack Braziliense*, n. 10, 2009.

YORE, Fátima M.. *La Dominación Stronista: Orígenes y consolidación – ‘seguridad nacional’ y represión*. Asunción: Base-IS, 1992.

Anexo A

Abaixo segue uma lista com todas biografias e textos com pretensões ficcionais a respeito da trajetória de Elisa Lynch, que foram localizados ao longo da pesquisa de Mestrado. Os livros estão dispostos de acordo com a data da primeira edição.

VARELA, Héctor Florencio. *Elisa Lynch por Orion*. Buenos Aires: Imprenta de La Tribuna, 1870.

LYNCH, Elisa A.. *Exposición — Protesta que hace Elisa A. Lynch*. Imprenta Rural: Buenos Aires, 1875.

DOMBROWSKI, Katharina von. *Land der Frauen*. EUA: Curtis Brown Agency, 1935.

BARRETT, William Edmund. *Woman on horseback: The biography of Francisco López and Eliza Lynch*. New York: F.A.Stokes, 1938.

DECOUD, Héctor Francisco. *Elisa Lynch de Quatrefages*. Buenos Aires: Casa editora Librería "Cervantes", J. Suárez, 1939.

BLOMBERG, Héctor Pedro. *La dama del Paraguay*. Buenos Aires: Club del Libro, 1942.

KRUGER, Hilde. *Elisa Lynch o la tragedia como destino*. México: Editorial Cultura, 1946.

LEYES DE CHÁVES, María Concepción. *Madame Lynch: Evocación*. Buenos Aires: Ed. Peuser, 1957.

PITAUD, Henri. *Madama Lynch*. Asunción: Ed. SEEF, 1958.

YOUNG, Henri Lyon. *Eliza Lynch, Regent of Paraguay*. London: Anthony Blond, 1966.

SEGOVIA DE GIULIANO, Sixta. *Elisa Lynch: Biografía novelada de la heroína paraguaya*. Santa Fe: Librería y Editorial Castellvi S. A., 1968.

BRODSKY, Alyn. *Madame Lynch & Friend: A True Account of an Irish Adventuress and the Dictator of Paraguay, Who Destroyed That American Nation*. EUA: Harper & Row, 1975.

SIRI, Eros Nicola. *Por quién llora el urutaú. Francisco Solano López-Elisa Lynch y la guerra de la Triple Alianza*. Buenos Aires: Argenlibros, 1978.

BAPTISTA, Fernando. *Elisa Lynch: mulher do mundo e da guerra*. São Paulo: civilização brasileira, 1986.

GRAHAM, Shelby. *Demand the world*. UK: Barrie & Jenkins, 1990.

PAGANO, Mabel. *Martes del Final*. Asunción: Intercontinental, 1991.

SALUM-FLECHA, Antonio. *Facetas públicas y privadas en la Guerra de la Triple Alianza*. Asunción: Intercontinental, 2001.

CABAÑAS, Esteban. *El dedo trémulo*. Asunción: Arandurã, 2002.

ENRIGHT, Anne. *The pleasure of Eliza Lynch*. London: Jonathan Cape, 2002.

CAWTHORNE, Nigel. *The Empress of South America. The true story of Eliza Lynch: the Irishwoman who destroyed Latin American's wealthiest country - and became its national heroine*. London: Heinemann, 2003.

REÉS, Siân. *The shadows of Elisa Lynch: how a nineteenth century Irish courtesan became the most powerful woman in Paraguay*. London: Review, 2003.

TUCK, Lily. *The news from Paraguay: a novel*. New York: Harpers Collins, 2004.

FOURNIAL, Georges. *Elisa Alicia Lynch: guerrera contra los ingleses y la Triple Alianza*. Asunción: Servilibro, 2008.

RODRIGUEZ ALCALÁ, Guido. *El peluquero francés*. Asunción: Servilibro, 2008.

FANNING, Ronan; LILLIS, Michael. *Calúnia: Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Terceiro nome, 2009.

GODOY, Marilyn. *Una Audiencia Postergada*. Asunción: Intercontinental, 2009.

AGUILERA, Nelson. *Madame Lynch: Una reina sin corona*. Asunción: © Nelson Aguilera, Poetas Paraguayos y Matías Ferreira Díaz, 2010.

SALUM-FLECHA, Antonio. *El secreto de Elisa Lynch*. Asunción: Criterio Ediciones, 2011.

VALINOTTI, Ana Barreto. *Elisa Alicia Lynch*. Asunción: El Lector, 2011.

PAGANO, Mabel. *Elisa Lynch, una irlandesa en el Paraguay*. Argentina: Ediciones del Boulevard, 2013.

ORTIZ, Alicia Dujovne. *La Madama*. Buenos Aires: Emecé, 2014.